

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

DO CLAUSTRO À UNIVERSIDADE:
AS ESTRATÉGIAS EDITORIAIS DA EDITORA VOZES NA
GESTÃO DE FREI LUDOVICO GOMES DE CASTRO (1964-1986)

Dissertação de Mestrado

Marcelo Fereira de Andrades

Porto Alegre

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

DO CLAUSTRO À UNIVERSIDADE:
AS ESTRATÉGIAS EDITORIAIS DA EDITORA VOZES NA
GESTÃO DE FREI LUDOVICO GOMES DE CASTRO (1964-1986)

Marcelo Ferreira de Andrades

**Dissertação de mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Comunicação e
Informação.**

Orientador:

Prof. Dr. Sérgio Capparelli

Porto Alegre

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação **DO CLAUSTRO À UNIVERSIDADE: AS ESTRATÉGIAS EDITORIAIS DA EDITORA VOZES NA GESTÃO DE FREI LUDOVICO GOMES DE CASTRO (1964-1986)**, elaborada por MARCELO FERREIRA DE ANDRADES, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Daher – IFCS/UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Christa Berger – PPGCOM/UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Ida Stumpf – PPGCOM/UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa
Adriana, pelo seu carinho, apoio e
compreensão.

A meus pais, Leocides e Maria, por toda
confiança, incentivo e entusiasmo que
sempre demonstraram.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Andrea Daher, Aníbal Bragança, Christa Berger, Francisco Rüdiger, Ida Stumpf, Maria das Neves Krügger e Sérgio Capparelli, por todas as aulas, dicas, bibliografias, sugestões, orientações e colaborações.

Ao Sr. Ildefonso Luiz de Oliveira, funcionário da Editora Vozes há 58 anos, pela colaboração constante.

Aos diretores, funcionários, amigos e colaboradores da Editora Vozes pelo apoio na pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. A VOZES ANTES DA GESTÃO LUDOVICO	25
2.1. A Vozes de Petrópolis	25
2.2. De Petrópolis para o Brasil: a circulação dos livros	53
3. A TRAJETÓRIA DE FREI LUDOVICO	60
4. ESTRATÉGIAS EDITORIAIS	68
4.1. A equipe da gestão Ludovico	68
4.2. O cotidiano dos editores	81
4.3. As publicações religiosas	93
4.4. O crescimento industrial	100

4.5. A expansão comercial	107
5. CONCLUSÃO	114
6. BIBLIOGRAFIA	117
7. ANEXOS	
7.1. Anexo A: Quadros de publicações	
7.2. Anexo B: Entrevistas	
7.3. Anexo C: Correspondências	

RESUMO

Este trabalho investiga as mudanças de rumo na política editorial da Editora Vozes durante a gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro como Diretor-Geral, no período compreendido entre os anos de 1964 e 1986. Mostra a ruptura que há com a orientação editorial das gestões anteriores, que publicavam obras predominantemente católicas. Sob a gestão de Frei Ludovico, a Vozes passou a investir em obras destinadas ao público universitário – traduzindo autores consagrados no meio acadêmico e editando trabalhos monográficos, dissertações e teses de professores e pesquisadores nacionais – e em um catálogo religioso caracterizado pela ousadia e a pluralidade.

Através de um estudo de caso da gestão Ludovico são identificadas as orientações e as opções editoriais do período, de modo a determinar as estratégias que os editores utilizaram para garantir o cumprimento das opções assumidas e as condições históricas em que se deram. O trabalho esboça ainda um mapa das redes de relações tecidas entre os autores, os editores e os outros participantes do processo político-editorial buscando situá-las no interior do campo cultural e mostrar como se deram, no período, os cruzamentos entre esse campo e os campos político e religioso.

ABSTRACT

This research investigates the changings in the editorial politics inside Vozes publisher during the direction of father Ludovico Gomes de Castro as General Director, during 1964 and 1986. It shows the rupture with the editorial orientation of previous directors, that published books mainly catolic. Under father Ludovico's direction, Vozes started making investiments in books destined to university students – translating important academic writers and editing monographies, dissertations and thesis of professors and national researchers – in a religious catalogue which main characteristics are boldness and plurality.

By means of studying many cases during Ludovico's direction the orientations and the editorial options of that time are identified, in order to determine the strategies the editors adopted to guarantee the accomplishment of the decisions that were made and the historical conditions in which they took place. This research also shows a map which describes the relationship stablished among writers, editors and other participants of the policital-editorial process trying to situate them inside the cultural field and showing how they happened, at that time, the intersection between this field and the political and religious fields.

1. INTRODUÇÃO

No início dos anos 80, uma publicação da Vozes, a editora dos frades franciscanos de Petrópolis, na serra fluminense, permaneceu por mais de dois anos nas listas dos livros mais vendidos. Essa publicação não era um manual de orações, nem um documento pontifício, nem o relato da vida de um santo. Era, antes, a história de Sandra Mara (Anderson) Herzer – uma menina homossexual da FEBEM de São Paulo, que jogou-se do Viaduto 23 de Maio pouco antes do livro ser publicado – e do mundo que ela conheceu,

da pobreza no interior do Paraná, da morte trágica de seu pai, da vida de sua mãe que percebia ser de ninguém e de todos, mas que também se foi quando Herzer ainda estava na sua primeira infância; das difíceis situações que passou com seus pais adotivos; do mundo desregrado do álcool, do *optalidon*, da maconha, das aventuras dentro e fora da FEBEM; das alegres fugas e tristes retornos; da vontade de transmitir ao mundo a sua experiência¹.

Com prefácio de Eduardo Suplicy, o livro *A queda para o alto* foi publicado pela Editora Vozes, a mesma editora católica que publicou, entre 1964 e 1986, centenas de livros “universitários”², além de diversas obras de resistência ao regime

1. HERZER, Sandra Mara. *A queda para o alto*. 16 ed. Petrópolis : Vozes, 1987, p. 10. Texto extraído do prefácio.

2. A terminologia livros “universitários” é aqui utilizada a partir da terminologia empregada pela própria Editora Vozes na classificação dos livros do catálogo geral de 1977. No catálogo geral anterior (1963) e nos suplementos deste catálogo, os livros eram classificados por assuntos, tais

militar. Dessas últimas, os livros *Brasil Nunca Mais* e *1964: a conquista do Estado* terão uma importância fundamental para a história da Vozes.

Brasil Nunca Mais é o relato sintetizado de 707 processos recolhidos nos arquivos do Superior Tribunal Militar. A partir destes processos, o livro denuncia “283 formas diferentes de tortura praticadas em 242 locais do território brasileiro pelo sistema repressivo instalado com o regime militar de 1964”³. Lançado em julho de 1985, com uma tiragem inicial de 25.000 exemplares (a tiragem inicial dos demais livros da Editora era em média de 2.000 exemplares), o livro ocupou manchetes nos principais jornais e revistas do país:

“O porão iluminado” (*Veja*, 24 de julho, 1985), “Inventário do horror” (*IstoÉ*, 31 de julho, 1985), “O porão da guerra suja” (*Senhor*, 7 de agosto, 1985), “Brasil: Nunca Mais revela bastidores da tortura no país” (*Folha de São Paulo*, 11 de agosto, 1985), “Brasil: Nunca Mais, fonte de pesquisa” (*O São Paulo*, 13 a 19 de setembro, 1985)⁴.

Quinze dias depois já estava em primeiro lugar no *ranking* dos mais vendidos, mantendo essa posição durante 25 semanas, e permanecendo na lista por 91 semanas consecutivas⁵.

como “teologia”, “espiritualidade”, “psicologia e psicanálise”, “sociologia”, “formação e pedagogia”, etc..

3. PIMENTA, Ângela. “Para que nunca mais este livro precise ser escrito”. In: *Leia Livros*. São Paulo, set. 1985.

4. SYDOW, Evanize & FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 327.

5. *Id., Ibid.*, p. 328.

Lado a lado com *Brasil: nunca mais*, a obra *1964: a conquista do Estado*, de René Dreifuss, também tornou-se um *bestseller*, segundo o depoimento de Rose Marie Muraro:

René escrevera o livro originalmente em inglês. Era a sua tese de doutorado. E um mês antes do livro sair, o jornalista Galeno de Freitas fez uma entrevista com René para a *IstoÉ/Senhor*, e explodiu um escândalo. Nessa entrevista, René citava alguns conhecidos nomes da sociedade civil brasileira que tinham sido do IBAD. Por isso, quando o livro saiu, foi direto para a lista dos mais vendidos, uma coisa inacreditável! Estávamos em plena ditadura militar, só a Vozes poderia ter feito esse livro⁶.

Rose Marie Muraro era neste período a Assessora Editorial responsável pelas publicações culturais (universitárias) da Vozes. De origem judia, divorciada, feminista, militante de esquerda, leiga e, ainda assim, assessora editorial da maior editora católica do Brasil. Por causa de seu trabalho como editora cultural da Vozes, Rose Marie Muraro recebeu, em setembro de 1999, o troféu Teotônio Vilela, como a mais importante editora durante o período da ditadura militar.

Antes de Rose Marie Muraro, este cargo sempre fora ocupado por frades, exceção feita para as décadas de 1940 e 1950, quando o editorial da Vozes contou com a assessoria do Dr. Ascânio Dá Mesquita Pimentel, também leigo, “homem duma cultura invulgar, dum critério seguro e firme, baseado nos princípios da nossa santa religião”⁷.

6. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. 2ª tiragem. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 1999, p. 268.

7. CONVENTO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *Livro de Crônicas nº 5*, p. 21 verso. Petrópolis, 1943.

A produção editorial da Vozes nem sempre assumiu esse tom de vanguarda e resistência, que caracterizou o período acima descrito. O mesmo Dr. Ascânio Pimentel nos dá uma idéia de como as publicações da Vozes, antes de 1964, eram impregnadas de um catolicismo de apelo pietista e popular, em seu texto de homenagem ao 60º aniversário da Editora Vozes. Os livros e periódicos publicados pela Vozes, afirma Pimentel,

fazem chegar ao nosso povo, nas suas diversas classes e camadas, as instruções, as advertências, as súplicas maternais da Igreja e os comentários ou aplicações que da sua doutrina escrevem autorizados colaboradores e o escolhido corpo de redatores.

Essa obra é de evidente necessidade e de incontestável utilidade para um povo que é católico, deseja manter-se católico e quer aperfeiçoar-se continuamente no conhecimento e na prática da sua religião. A essa obra é que se consagrou, desde a sua fundação, a empresa franciscana que hoje se chama a “Editôra Vozes Limitada”⁸.

Por que há uma mudança de direção nas publicações da Editora Vozes no período compreendido entre 1964 a 1986?

Responder, inicialmente, a essa questão é o que visa este trabalho, identificando as orientações e as opções editoriais da Vozes no período, de modo a determinar as estratégias que os editores⁹ utilizaram para garantir o cumprimento das opções assumidas e as condições históricas em que se deram; busca ainda mapear as redes de relações que foram tecidas entre os autores, os editores e os outros

8. PIMENTEL, Mesquita. Os 60 anos da Editôra Vozes. In: EDITÔRA VOZES LTDA. *Catálogo*. Petrópolis : Vozes, 1963, p. 12.

9. Pelo termo “editores” estão sendo designados tanto o Diretor-Geral, Frei Ludovico Gomes de Castro, como seus auxiliares religiosos (outros frades) e seus assessores leigos.

participantes do processo político-editorial¹⁰. Este trabalho busca, assim, situar essas redes de relações no interior do campo¹¹ cultural e mostrar como se deram, no período, os cruzamentos entre este campo – no qual está, evidentemente, inserido o processo de produção editorial –, o campo político, marcado pelo regime militar ditatorial, pelas lutas de resistência e em defesa dos direitos humanos, e o campo religioso, caracterizado pelas tomadas de posições renovadoras assumidas nos grandes eventos eclesiais – o Concílio Vaticano II e as conferências episcopais latino-americanas de Medellín e Puebla – e o antagonismo entre progressistas e conservadores.

O presente trabalho pretende contribuir, através de um estudo de caso¹² das estratégias editoriais da Editora Vozes, envolvidas nas tensões do campo religioso e do campo político brasileiros, para uma compreensão das condições de produção e de consumo cultural no Brasil entre 1964 e 1986.

A opção pelo recorte temporal deve-se a duas razões principais. Primeiro, porque corresponde ao período de gestão de um Diretor-Geral da Editora Vozes, o

10. As estratégias editoriais e as redes de relações foram teorizadas principalmente a partir dos conceitos de Roger Chartier, explicitados no decorrer do trabalho.

11. O conceito de campo aqui utilizado foi teorizado por Pierre Bourdieu e está explicitado no decorrer do trabalho.

12. O método estudo de caso tornou-se conhecido como técnica psicoterápica utilizada para a reconstrução da história do indivíduo. Hoje, no entanto, esse método está sendo amplamente utilizado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento. O estudo de caso como método de pesquisa caracteriza-se como “um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade um pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação” (YOUNG citado por GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo : Atlas, 1996, p. 59).

Frei Ludovico Gomes de Castro¹³, o que permite calcar a análise na trajetória¹⁴ deste editor franciscano. Segundo, pela especificidade da história política brasileira, então sob o regime de ditadura militar.

A gestão de Frei Ludovico marcou a história da Editora Vozes em vários sentidos: pela sua relação com os funcionários; pela formação de um competente grupo de assessores; pelo investimento em um editorial cultural e religioso caracterizados pela ousadia e a pluralidade; pela expansão do parque gráfico e da rede de filiais da Editora; e por sua postura firme na defesa das opções da Editora frente às dificuldades enfrentadas com setores conservadores da Igreja e o governo militar repressor.

A partir dos aspectos acima mencionados, traçamos um perfil histórico do “tempo” de Frei Ludovico na Editora Vozes, com base, principalmente, nos testemunhos coletados em entrevistas com pessoas que com ele conviveram e com ele trabalharam, no exame de documentos como o Livro de Crônicas¹⁵ do Convento

13. Apesar da gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro ter iniciado ainda em 1962, o estudo das estratégias editoriais será feito somente a partir do ano de 1964, porque as obras que compõem o catálogo da Editora Vozes do ano de 1963 já estavam, na maioria, publicadas ou contratadas antes do início da gestão. Foi excluído, portanto, de nosso estudo, o catálogo de 1963 e, conseqüentemente, a análise da produção e das estratégias editoriais dos anos de 1962 e 1963.

14. O conceito de trajetória aqui utilizado foi teorizado por Pierre Bourdieu e está explicitado no decorrer do trabalho.

15. O Livro de Crônicas do Convento do Sagrado Coração de Jesus, que relata as atividades dos frades residentes no convento, apresenta muitas informações sobre a Vozes, uma vez que os frades que trabalharam na editora quase sempre residiram no convento. Este documento é de caráter privado e de circulação extremamente restrita (o livro de crônicas fica sob a guarda do superior do convento e, normalmente, só têm acesso ao livro o próprio guardião, o cronista e o superior da Província). As crônicas geralmente são escritas no fim de um período (mês, semestre, ano), a partir da memória do cronista. As informações desta fonte foram tratadas, portanto, como

do Sagrado Coração de Jesus, onde Frei Ludovico residiu no período, e as correspondências emitidas e recebidas por Frei Ludovico e seus assessores¹⁶.

A relevância do tema proposto pode ser afirmada em primeiro lugar, pela imensa massa documental sobre a atividade editorial da Editora Vozes, cuja análise pode contribuir para preencher uma lacuna deixada pela história do livro no Brasil no que se refere à história das editoras. Apesar da significativa contribuição cultural prestada pela Editora Vozes, por exemplo, pouca referência lhe tem sido feita nos trabalhos sobre história do livro. Hallewel¹⁷ dedica-lhe apenas meia página das mais de setecentas de seu “O livro no Brasil”¹⁸ e a maioria dos outros autores nem a mencionam¹⁹.

memória, considerando-se a recategorização que ocorre a cada vez que é relatado um fato. Idêntica vigilância tivemos com relação aos depoimentos coletados em entrevistas.

16. Privilegiamos o estudo de caso também devido a sua flexibilidade com relação aos procedimentos de coleta de dados. Segundo Gil, no estudo de caso geralmente utiliza-se mais de um procedimento. “É comum proceder-se a um estudo de caso partindo da leitura de documentos, passando para a observação e a entrevista e culminando com a obtenção de histórias de vida” (GIL, *Como elaborar..., op. cit.*, p. 122).
17. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : T. A. Queiroz. Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
18. Para Gilberto Mendonça Teles, professor de Literatura na PUC-RJ, o livro de Hallewell “apresenta uma história apenas descritiva, no sentido mais tradicional do termo, uma vez que trata de cada gráfica e editora separadamente, sem se preocupar com as transformações do material de impressão, do aperfeiçoamento das técnicas, da passagem do sentido comercial para o industrial, da livraria para o processo de distribuição, da geografia dessa distribuição, das regiões em que as ‘editoras’ não passam de simples gráficas que imprimem o livro, mas não têm capacidade de distribuí-lo nem pelas livrarias estaduais. É certo que fala dos estados, mas quase sempre do ponto de vista de São Paulo. É, portanto, um livro que se preocupou mais com as chamadas grandes editoras. Haja vista ao descaso com que tratou da Editora Vozes, vendo-a como uma editora do interior do Estado do Rio de Janeiro e não lhe dando um capítulo à parte, nem um lugar no índice inicial. Não podendo ignorar a sua grande produção, reconhece que se trata de ‘uma editora muito destacada, mas incomum’, sem, no entanto, explicar porque e em que sentido a considera

Excetuando-se os trabalhos de Elisabeth Torresini e Sônia Amorin sobre a Editora Globo²⁰ e a dissertação de Gisela Creni²¹, praticamente não existem trabalhos sobre a história das editoras brasileiras. Esse quadro é bem diferente em outros países: só sobre as atividades editoriais da Sociedade Tipográfica de Nêuchatel, existem pelo menos cinco livros escritos por Robert Darnton²². As editoras Gallimard, da França, Fischer e Suhrkamp, da Alemanha, Longman, da Inglaterra e Scribner, dos Estados Unidos, entre outras, já foram interesse de investigação de pesquisadores preocupados com a história e a produção cultural naqueles países²³.

Em segundo lugar, os trabalhos sobre a atividade de religiosos no Brasil são endógenos e apologéticos. A intenção aqui é apresentar um trabalho que busca

‘incomum’, deixando o leitor a ver navios ou a imaginar que existe por trás deste termo um sentido ideológico que não é o puramente científico” (TELES, Gilberto Mendonça. A celebração de um centenário: alguma coisa de especial e quase incrível. *In*: ANDRADES, Marcelo Ferreira de (Coord.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis : Vozes, 2001, p. 257-264.

19. Consultamos, entre outros: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Ática, 1996; LAJOLO & ZILBERMAN. *A formação da leitura no Brasil, op. cit.*, e HALLEWELL. *O livro no Brasil..., op. cit.*
20. TORRESINI, Elisabeth R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo : EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1999. AMORIM, Sônia: *Em busca do tempo perdido. A edição de literatura traduzida pela Livraria do Globo (1940-1950)*. São Paulo : EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1999.
21. CRENI, Gisela. *Os artesãos do livro como uma alternativa no mercado editorial brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). São Paulo : Universidade de São Paulo, 1997.
22. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo : Cia. das letras, 1990. _____. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo : Cia. das letras, 1998. _____. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo : Cia. das letras, 1992. _____. *O Iluminismo como negócio: histórias da publicação da Enciclopédia: 1775-1800*. São Paulo : Cia. das letras, 1996. _____. *Boemia Literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo : Cia. das Letras, 1989.
23. Cf: KNAPP, Wolfgang: *O que é editora*. 2 ed., rev. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 93.

analisar as atividades dos religiosos diretamente implicados na gestão da Editora Vozes, mas de uma perspectiva extra-confessional, portanto, crítica e científica.

Enquanto a maior parte da imprensa brasileira aquiesceu à invasão do imperialismo e aos mecanismos de censura do regime militar, a Editora Vozes foi, ao lado da Civilização Brasileira, uma das poucas vozes de denúncia e resistência. Estudar as estratégias e as redes de relações implicadas no trabalho político-editorial desenvolvido pela Editora Vozes neste período singular para história do Brasil certamente contribuirá para a compreensão de muitos aspectos ainda desconhecidos da vida política e cultural no período ditatorial.

No que diz respeito aos trabalhos sobre a história do livro, remetemo-nos aqui à história cultural francesa. A história do livro ficou mundialmente conhecida a partir dos estudos realizados pelos pesquisadores da *École Pratique des Hautes Études*, em especial com a publicação do pioneiro e ainda relevante “O aparecimento do livro”, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin²⁴. Estes historiadores do livro não se preocuparam apenas com detalhes da bibliografia, mas buscaram descobrir o modelo geral da produção do livro, através do estudo de períodos da história. A partir da pesquisa nas solicitações de autorização para publicação (*privilèges*), nos registros de inventários, nos leilões de bibliotecas particulares, avaliaram, de um lado, o processo de produção do livro, reconstruindo o cotidiano de livreiros, tipógrafos e impressores e, por outro lado, o processo de circulação do livro, sua posse pelos leitores, etc.

24. FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo : Hucitec, 1992.

Roger Chartier faz uma dupla crítica a esta tradição historiográfica: ela não se indaga sobre como o livro era então lido, não dá conta das práticas de leitura, apesar de definir a circulação dos livros os leitores que os possuíam; ela ignora a problemática “função do autor”, apontada por Foucault²⁵, ou relega a questão da autoria para os biógrafos ou outros especialistas.

A história do livro tem sido praticada, afirma Chartier, “como se suas técnicas e descobertas fossem irrelevantes para a história dos produtores de textos, ou como se esta fosse destituída de qualquer importância para a compreensão das obras”²⁶.

Dialogando com outros autores e teorias, especialmente com Michel de Certeau, Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Donald Mckenzie, a história cultural proposta por Chartier busca analisar o universo daqueles que escrevem o texto, assim como daqueles que produzem o livro (editores, livreiros, impressores, encadernadores, etc.), e dos leitores e suas práticas de leitura.

A partir do diálogo de Chartier com Pierre Bourdieu, é possível analisar as condições sociais de produção da obra, deslocando a análise

das leis de funcionamento e hierarquias de um determinado campo (literário, artístico, universitário, religioso, político, etc.) para as relações estruturais que situam, umas com relação às outras, as diferentes posições definidas no mesmo campo, e para as estratégias individuais ou coletivas que essas posições orientam, a respeito da tradução nas próprias obras

25. A função do autor foi amplamente trabalhada por Michel Foucault em *O que é um autor?*. Lisboa : Vega, 1992.

26. CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Brasília : UnB, 1998, p. 34.

(em termos de gêneros, de forma, de estilo) das condições sociais de sua produção²⁷.

Na obra de Roger Chartier estas tensões entre os agentes produtores de textos e os demais participantes do processo desencadeado pela transformação de um texto em livro estão bem presentes. Tanto que Chartier caracteriza o livro como um movimento impulsionado por forças, algumas vezes, antagônicas: de um lado o autor, o editor, o comentador, o censor, que desejam que o texto que eles escreveram, publicaram, comentaram ou autorizaram seja lido e compreendido conforme o sentido que eles inicialmente prescreveram.

Por outro lado, afirma Chartier, “a leitura é, por definição, rebelde e vadia”²⁸. Não obstante as convenções e regras, os leitores sabem como reformular, transgredir, desviar, buscar outros significados que não aquele “pré-estabelecido”, imposto pelo livro.

Os livros são, também para Chartier, suportes de um texto:

manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que devem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro²⁹.

A partir desta passagem, podemos localizar a tripartição que indica os cami-

27. CHARTIER. *A ordem dos livros...*, *op. cit.*, p. 35.

28. CHARTIER. *A ordem dos livros...*, *op. cit.*, p. 7.

29. CHARTIER. *A ordem dos livros...*, *op. cit.*, p. 8.

nhos metodológicos para a pesquisa em história do livro segundo Chartier: as análises das condições de escrita, das condições de produção editorial e das condições de recepção.

No interior destes caminhos entrecruzam-se as intenções e as atuações, por vezes antagônicas, dos participantes do processo: os autores, que produzem textos e com estes um desejo de que sejam lidos e compreendidos conforme o sentido que eles inicialmente prescreveram; os editores e os impressores, que realizam uma organização gráfica do texto, transformando-o em livro e os leitores, que consomem de um modo produtivo, reformulando, transgredindo, buscando outros significados não forçosamente desejados pelos demais participantes do processo. O estudo das práticas de escrita, edição e leitura, somado a um minucioso exame físico do livro como objeto, propicia ao pesquisador em história do livro uma completa visão do universo editorial.

Muitos outros autores europeus trilharam caminhos similares ao de Chartier, em artigos, livros, conferências, simpósios, etc. Citemos Jean-Marie Goulemot, Jean Hèbrard, Daniel Roche³⁰ e Guglielmo Cavallo³¹, entre outros.

30. Todos estes autores participaram do Colóquio Internacional “Práticas da leitura”, organizado por Chartier em Saint-Maximin. As comunicações do Colóquio estão reunidas em CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo : Estação Liberdade, 1996. Daniel Roche também escreveu, em parceria com Chartier, o artigo “O livro: uma mudança de perspectiva”, publicado em: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.

31. Guglielmo Cavallo organizou, com Chartier, os 3 volumes da “História da leitura no mundo ocidental”, publicados no Brasil pela Editora Ática, em 1998-1999.

Os estudos dessa vertente francesa da história do livro, em especial a obra de Roger Chartier, estimularam uma série de monografias, dissertações, teses e coletâneas de artigos sobre a história do livro no Brasil. Esta produção está relacionada principalmente ao trabalho de pesquisadores dos cursos de letras, história da educação, comunicação e história.

Um dos trabalhos mais citados pelos pesquisadores é “O livro no Brasil: sua história”, do professor da Universidade de Essex (Inglaterra) Laurence Hallewel, publicado no Brasil em co-edição pela T.A. Queiroz Editor e a Editora da Universidade de São Paulo. Com mais de 700 páginas, esta obra apresenta dados, quadros, gráficos, comentários, biografias de autores, editores e livreiros, além de histórias sobre o comércio de livros no Brasil desde o século XVII.

Junto ao Curso de Editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP, principalmente sob a orientação da professora Jerusa Pires Ferreira, surgiram diversos trabalhos sobre história do livro no Brasil. Exemplos destes trabalhos são: a coleção *Editando o Editor*, onde cada volume traça um perfil da atuação de alguns editores, como Ênio Silveira, Arlindo Pinto de Souza e Flávio Aderaldo; o livro de Sandra Reimão, *Mercado Editorial brasileiro*, que faz um importante estudo sobre a produção editorial brasileira nas décadas de sessenta, setenta e oitenta, relacionando a produção editorial e as preferências dos leitores (através das listas de mais vendidos) com o contexto social, político e cultural do Brasil, respondendo a indagações como: “Qual a relação entre produção de livros e indústria cultural?” “As preferências dos leitores no período indicam avanços ou retrocessos para a cultura brasileira?”; o livro *Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor*, de Alice

Mitika Koshiyama; *Em busca do tempo perdido*, livro de Sônia Maria de Amorim, que investiga a edição de literatura traduzida da Editora Globo, de Porto Alegre, no período entre 1930 e 1950 e a obra *Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia*, onde Aníbal Bragança conta a história da *Livraria Ideal* a partir da trajetória de seu fundador, o imigrante italiano Silvestre Mônaco, contextualizando-as no espaço geográfico e social de Niterói, RJ, cidade onde a livraria esteve situada, como importante promotora cultural.

As obras dos pesquisadores da UNICAMP relacionam-se mais com as práticas da leitura. Além dos inúmeros artigos publicados pelo Projeto “Memória de Leitura”, professores e pesquisadores ligados aos cursos de letras e história da educação da UNICAMP publicaram alguns livros, como *A formação da leitura no Brasil*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman; *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*, de Ezequiel Theodoro da Silva e *Leituras no Brasil*, antologia comemorativa ao 10º Congresso de Leitura, organizada por Márcia Abreu a partir dos anais dos congressos anteriores.

Mais relacionados com a pesquisa histórica estão os trabalhos de Elisabeth Torresini e Gisela Creni, ambas independentes dos grupos citados.

No livro *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*, Torresini disserta sobre a história da seção editora da Livraria do Globo, durante as décadas de 30 e 40, reconstruindo o trabalho de Henrique Bertaso (proprietário) e Érico Veríssimo (editor). Rico em detalhes e ilustrado com memórias de Veríssimo e de outros intelectuais da época, o livro apresenta ainda quadros comparativos da

produção editorial da Editora Globo com a produção editorial brasileira e com as condições econômicas, sociais e culturais do período no Rio Grande do Sul.

Os artesãos do livro como uma alternativa no mercado editorial brasileiro é o título da dissertação de mestrado em História Econômica na USP, defendida por Gisela Creni em 1997. Gisela analisa e descreve os trabalhos de editores artesanais, como Geir Campos e Thiago de Mello, das edições *Hipocampo*, Pedro Moacir Maia, da *Dinamene*, de Salvador e Cleber Teixeira, da *Editora Noa Noa*, de Florianópolis.

2. A VOZES ANTES DA GESTÃO LUDOVICO

2.1. A Vozes de Petrópolis

A Editora Vozes foi fundada em 1901, no porão do convento franciscano do Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis, por iniciativa do frade alemão Inácio Hinte. Frei Inácio havia trabalhado em uma tipografia³² na Alemanha, antes de entrar para a vida religiosa. Mas, o que fazia este frade alemão em Petrópolis no início do século XX?

De meados do século XVIII até os últimos anos do século XIX, os religiosos do Brasil passaram por sérias dificuldades. Perseguições, atos de indisciplina e tensões internas, fechamento de seminários, proibição de novas vocações e interferência do governo. As ordens religiosas foram definhando gradativamente. Foram mais de cem anos de “pouca estima, senão mesmo de velada hostilidade em relação às ordens religiosas tradicionais, ou seja, as de maior lastro cronológico no país”.³³ Para o historiador Elói Piva, este desprestígio social deve-se, em parte, à

32. Tipografia é processo de impressão no qual se usam formas em relevo (caracteres móveis, gravuras, clichês etc.). Lugar onde se imprime (KOOGAN, Abrahão e HOUAISS, Antônio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Delta, 2000, 4 ed.).

33. PIVA, Elói D. “Encaminhamento da restauração da OFM no Brasil” in *Vida Franciscana* (XLVI/63,1989), p. 20.

política iluminista predominante nas elites brasileiras do século XIX.³⁴ Uma das medidas que mais influenciaram para o gradativo declínio das ordens religiosas foi o Aviso do Ministro da Justiça, José Thomaz Nabuco de Araújo, de 19 de maio de 1855.

Por este Aviso o Governo suspendia a permissão que concedia às ordens para receberem noviços, até que se fizesse um acordo com a Santa Sé e neste acordo fossem estabelecidas as diretrizes que iriam nortear uma reforma nas ditas ordens. Mas, perdurando a interdição e não acontecendo o acordo, o Aviso tornou-se uma das causas imediatas da lenta extinção em ato.³⁵

Presentes desde as primeiras expedições portuguesas, os frades menores (franciscanos) estavam organizados no Brasil do século XIX em duas províncias: a Província³⁶ Franciscana de Santo Antônio do Brasil, ereta em 1657 pelo Papa Alexandre VII, com sede em Salvador, e a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, ereta em 1675 pelo Papa Clemente X, com sede em São Paulo.³⁷

34. Cf. PIVA, E.D. “Encaminhamento...”, op. cit., p. 20. Elói Piva defendeu a tese *Transição Império-República: desafio para a Igreja no Brasil* na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana, em 1985.

35. PIVA, E.D. “Encaminhamento...”, op. cit., p. 20.

36. Província é o conjunto das fraternidades (grupo de frades) de uma determinada região que constituem uma unidade com governo autônomo. O superior de cada província é chamado de Provincial (cf. WILLEKE, Venâncio. *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977).

37. CARVALHO, Diamantino Prata de. *A serviço da fé e da cultura: 90 anos da Editora Vozes*. Dissertação (Especialização em Comunicação Social). Roma: Studio Paolino Internazionale della Comunicazione Sociale, 1991.

O crescente declínio das ordens religiosas atingiu também a Ordem dos Frades Menores.³⁸ Em 1889, restavam apenas nove frades no Nordeste, da Província Santo Antônio, e um frade no Rio de Janeiro, o Frei João do Amor Divino Costa, da Província Imaculada Conceição. Com a Proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, os religiosos passaram a ter, novamente, total liberdade de ação e de organização, ou melhor, de restauração³⁹. Ajudados pela Província da Saxônia, na Alemanha, que aceitou o pedido de missionários, os franciscanos restauraram as duas províncias brasileiras.⁴⁰

38. A Ordem dos Frades Menores (OFM) foi fundada por São Francisco no início do século XII, na cidade de Assis, Itália. São Francisco fundou três Ordens: a primeira, destinada a homens celibatários; a segunda, das Clarissas, destinada a mulheres que se consagram à Vida Religiosa monacal; a terceira, a ordem secular, destinada a solteiros e casados que desejam seguir Jesus Cristo, tendo como modelo São Francisco de Assis.

39. Para mais informações sobre a decadência e a restauração das províncias franciscanas no Brasil, consultar: PIVA, Elói D. “Encaminhamento da restauração da OFM no Brasil”. In: *Vida Franciscana*. São Paulo, ano XLVI, n. 63, p. 20-31, 1989. Elói Piva defendeu a tese *Transição Império-República: desafio para a Igreja no Brasil* na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana, em 1985.

40. A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil é constituída, atualmente, pelo conjunto de fraternidades e de frades que residem e trabalham na região que abrange os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e o sul de Minas Gerais. A sede da província, também conhecida como Provincialado, fica na cidade de São Paulo, no Largo São Francisco, em prédio anexo ao convento de mesmo nome. Cf. “Estatutos da Província Franciscana da Imaculada Conceição”. Citado por: KÜLKAMP, César. *Fraternidade em Currículo. Uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis, RJ*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ, 2000, p. 31). Para se referir à Província Franciscana da Imaculada Conceição será usado, de agora em diante, apenas o termo “Província”. A Editora Vozes é uma das entidades da Província na cidade de Petrópolis, assim como o Colégio Bom Jesus Canarinhos, o Coral dos Canarinhos de Petrópolis, o convento do Sagrado Coração de Jesus e o Instituto Teológico Franciscano, onde os frades cursam teologia.

Os primeiros frades alemães missionários chegaram ao Brasil em 1891, dirigindo-se para Santa Catarina. Em 1892 chegaram à Bahia e em 1896 a Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde lhes foi confiada a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Em Petrópolis, os franciscanos construíram um convento ao lado da Igreja, que foi inaugurado em 27 de janeiro de 1897. No dia seguinte, os frades iniciaram a Escola Gratuita São José. Funcionando em duas salas do próprio convento, a Escola foi criada para alfabetizar e dar educação religiosa aos filhos dos colonos pobres de Petrópolis⁴¹.

A carência e a precariedade do ensino na época é denunciada pelo artigo de Quintino Bocaiúva no jornal *O Paraíba*, de Petrópolis, em 1858. Um dos maiores defeitos da educação brasileira é, para Quintino,

a falta absoluta de um sistema de instrução adaptado às circunstâncias peculiares de nossa divisão administrativa; a mesquinha retribuição pecuniária dos professores e a nenhuma importância que por ora se dá à profissão⁴².

Essa preocupação com a carência de livros escolares também é demonstrada pelo colonizador Major Koeller, em carta a Aureliano Coutinho, Presidente da Província do Rio de Janeiro:

41. CARVALHO, Diamantino Prata de. *A serviço da Fé e da Cultura: 90 anos da Editora Vozes*. Tese (Especialização em Comunicação Social). Roma: Studio Paolino Internazionale della Comunicazione Sociale, 1991, p. 20-23.

42. BOCAIÚVA, Quintino. A instrução na Província (I-II-III). In: SILVA, Eduardo (Org.). *Idéias políticas de Quintino Bocaiúva*. Cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados. v. I. Brasília: Senado Federal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 136-144. Citado por: LAJOLO & ZILBERMAN. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 151.

Procedi a um exame do adiantamento dos meninos que freqüentam as escolas provisórias de Petrópolis e achei que um dos maiores obstáculos para o mesmo era a falta absoluta de compêndios elementares e de trabalhos aritméticos, falta que obrigava os Mestres a lançar exclusivamente mão para o ensino da leitura de livros de rezas e bíblias, únicos existentes na Colônia⁴³.

Frei Inácio Hinte, que tinha chegado da Alemanha no ano anterior e feito o noviciado⁴⁴ na Bahia, foi um dos primeiros professores da Escola Gratuita São José. Antes de entrar para o seminário, Frei Inácio tinha trabalhado três anos em uma tipografia na Alemanha. As origens da Editora Vozes remontam ao fim do ano de 1897, quando Frei Ciríaco Hielscher primeiro guardião⁴⁵ do convento de Petrópolis, e Frei Inácio Hinte foram assistir à inauguração do jornal *O Estado*, que acabou não sendo publicado, no convento dos padres lazaristas. Naquele convento, Frei Inácio encontrou uma máquina impressora *Alauzet*, mais parecendo um amontoado de “ferro-velho”, conseguindo que fosse doada para os franciscanos. Com a autorização de Frei Ciríaco e um frete de 100.000 réis, os restos da *Alauzet* foram levados para o convento dos franciscanos. Segundo Frei Estanislau Schaette, estudante na época, uma carroça parou à porta do convento, “trazendo os objetos enferrujados,

43. KOELLER, Júlio F. Correspondência a Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho. Niterói: Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Caixa PP 2.9.1. Citado por CASADEI, Th. de O. *Petrópolis: relatos históricos*. Petrópolis : Jornal da Cidade, 1991, p. 66.

44. Noviciado é um período de provação e preparação pelo qual o candidato a religioso passa antes de professar os votos de pobreza, obediência e castidade (Cf. WILLEKE, Venâncio. *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 12.

45. Guardião é o superior de uma fraternidade. Segundo César Kùlkamp, “na concepção franciscana, o superior não assume esta função para governar, mas para guardar e cuidar de seus irmãos. Por isso não se usa, nas casas franciscanas, o termo superior e sim guardião”. Cf. KÜLKAMP, César. *Fraternidade em currículo. Uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis*. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2000, p. 32.

indicadores de glórias passadas. A carga toda não ocupou grande espaço e cabia muito bem em um cantinho debaixo da escada”⁴⁶.

Ali mesmo, debaixo da escada, com a ajuda de alguns estudantes pobres da Escola Gratuita, Frei Inácio começou a examinar e a limpar peça por peça, modelando em madeira peças em falta, que em seguida eram fundidas, segundo os moldes feitos, pelo fundidor da Leopoldina Sr. Francisco Silveira d’Ávila Jr., de modo que, ao cabo de pouco tempo, estava pronta para entrar em serviço a pequena tipografia, com suas caixas de tipos arrumadas e sua máquina de impressão montada e lubrificada⁴⁷.

O superior do convento deu total apoio aos projetos de Frei Inácio e mais de uma vez escreveu para os superiores da Província pedindo autorização para o funcionamento de uma tipografia, com o objetivo de imprimir livros para os alunos da Escola Gratuita São José. Em 5 de março de 1901, o Discretório⁴⁸ do Convento concedeu a licença para o funcionamento da oficina, com o nome de *Typographia da Escola Gratuita São José*.

Desde aquele dia, a tipografia passou a imprimir livros didáticos e religiosos. Entre os primeiros livros publicados estão *A vida e o culto de Santo Antônio, Maná*

46. SCHAETTE, Estanislau. 1901-1941: Tipografia da Escola Gratuita S. José, Vozes de Petrópolis, Editora Vozes Limitada. In: *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, p. 172, mar. 1941.

47. PIMENTEL, Mesquita. *Cinquentenário da Editora Vozes Ltda: 1901 – 5 de março – 1951*. Petrópolis: Vozes, 1951, p. 6.

48. Discretório é um conselho formado por um determinado número de frades eleitos ou nomeados para esta função. O Discretório compõe o governo de cada fraternidade (Cf. Constituições Gerais das Ordem dos Frades Menores, Art. 243 citado por KÜLKAMP, César. *Fraternidade em currículo...*, op. cit., p. 32).

(livro de orações populares), *Cecília: manual de cânticos sacros* e o *Primeiro Livro de Leitura*, publicado em 1904⁴⁹. Trata-se de um livro de alfabetização preparado pelos professores da Escola Gratuita São José para uso da própria escola, mas que foi comercializado em todo o Brasil. Segundo Jorge Deister, funcionário da Vozes na época, até o ano de 1941 foram vendidos aproximadamente 1 milhão de exemplares deste livro⁵⁰, permanecendo por mais de 70 anos em catálogo⁵¹. As obras publicadas nos primeiros dez anos de atividade estão reunidas no *Catalogo de publicações da casa*, editado em 1911, descrito em anexo.

49. É comum afirmarem, em Petrópolis, que o *Primeiro Livro de Leitura* foi o primeiro livro publicado pela *Typographia*. Mas há controvérsias: Frei Estanislau Schaette (SCHAETTE, “1901-1941: Tipografia...”, op. cit., p. 173) afirma que o referido livro só foi publicado em 1904, sendo *A vida e o culto de Santo Antônio*, de Frei Luís Reinke, e o *Manná*, de Frei Ambrósio Johanning, publicados antes. Considerando que o artigo de Frei Estanislau é a fonte mais antiga de que dispomos (foi escrita em 1941) e que ele foi protagonista e testemunha ocular dos primeiros anos da *Typographia*, enquanto que a outra fonte (ORTH, Edgar: *Histórico da Editora Vozes*. Petrópolis : Vozes, 1971, p. 7) mais citada foi escrita setenta anos depois e nem cita referências e, considerando também que, mesmo com a *Alauzet* funcionando já em 1901, os frades professores da Escola Gratuita São José precisariam de um certo tempo para escrever (ou compilar) um livro como o *Primeiro Livro de Leitura* e de mais outro tempo para imprimi-lo, é bem possível, portanto, que ele só tenha sido publicado mesmo em 1904. Os livros *A vida e o culto de Santo Antônio* e *Manná*, por outro lado, já podiam estar escritos e, assim, devem ter sido impressos primeiro.

50. Cf.: DEISTER, Jorge C. A Editôra Vozes Ltda. Influência Pedagógica de seus livros escolares. In: *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, p. 216, mar. 1941.

51. Em 1971 *O primeiro livro de leitura* estava na 59ª edição. Cf.: ORTH, Edgar: *Histórico da Editora Vozes*. Petrópolis : Vozes, 1971, p. 5.



Em 1907, os franciscanos resolveram fundar uma revista de Cultura, a “Vozes de Petrópolis”, cujo primeiro número foi impresso em julho de 1907⁵². De periodicidade mensal, a Revista “Vozes de Petrópolis” teve seu nome inspirado no nome do jornal alemão “*Stimmen der Zeit*” (Vozes do Tempo), muito lido pelos frades da época⁵³.

“Vozes de Petrópolis” era uma revista mensal, com mais de 70 páginas, no formato americano (14 X 21 cm), com ilustrações. No editorial do primeiro número, a opção plural da revista é clara:

... a Vozes de Petrópolis terá character geral e não puramente religioso. Trará a nossa revista artigos variados que terão o cunho da actualidade. Nenhuma região da sciencia e da technica da theoria e da pratica será excluida do programma.

Já nesse primeiro número apareceram artigos sobre ciência (a invenção do aerostato, os progressos do telégrafo e da telefonia sem fio); a conjuntura mundial após a Conferência de Haya, realizada naquele ano; comentários e resenhas de artigos em jornais e revistas do Brasil, da Europa e da América do Norte; recomendações de livros; história do movimento franciscano, notícias locais (Petrópolis), nacionais e internacionais; um capítulo do romance “A filha de Maria”; poesia, psicologia e literatura. Entre os colaboradores mais assíduos da revista na

52. SCHAETTE. 1901-1941: Tipografia da Escola..., *op. cit.*, p. 173.

53. CONVENTO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *Livro de Crônicas nº 5*, p. 193. Petrópolis, Vozes, 1950.

época estava o Conde de Afonso Celso, um importante intelectual do período, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁵⁴.

A revista existe, ininterruptamente, há 94 anos. Em 1966, o nome mudou para *Revista Católica de Cultura*, e a partir de 1969, teve o nome que tem até hoje de *Revista de Cultura Vozes*.

A repercussão da revista “Vozes” foi muito grande. Em pouco tempo, espalhou-se por todos os estados do Brasil, tornando conhecida em todo o país a pequena tipografia dos franciscanos de Petrópolis. Dois anos após o lançamento, a revista já contava com “1700 assinantes, fora vendas avulsas.”⁵⁵. O número de assinaturas é bem significativo, se considerarmos que apenas uma pequena parcela da população, segundo Olavo Bilac, tinha acesso à instrução escolar:

As últimas estatísticas, dando ao Brasil uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do país, todos os estabelecimentos de ensino, incluindo o ensino público e o particular, o civil e o militar, o primário, o profissional, o normal, o secundário, o superior, tinham, em 1907, ano em que se operou

54. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior era filho do Visconde de Ouro Preto. Foi agraciado com o título de Conde em 1905, pelo Papa Pio X. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1912 a 1938. Eleito quatro vezes deputado por Minas Gerais, o Conde de Afonso Celso também foi professor, jornalista e escritor. Uma de suas obras mais conhecidas é “Por que me ufano do meu país” (1901), que gerou muitas críticas e elogios e a popularidade da expressão “ufanismo”. Foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira de número 36. (Informações disponíveis na página da Academia Brasileira de Letras na Internet: <http://www.academia.org.br/cads/36/lista.htm>. Arquivo capturado em 18 de dezembro de 2000).

55. ORTH. *Histórico da Editora Vozes, op. cit.*, p. 9.

o censo, a matrícula de 624.064 alunos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino⁵⁶.

Tornou-se uma rotina receber exemplares de jornais de várias regiões do país, comunicando que haviam transcrito artigos da revista “Vozes”. Tanto que os redatores da revista até oficializaram o processo, criando uma seção na revista intitulada: *Transcrições das “Vozes de Petrópolis” pelos colegas*. Em apenas uma edição dos primeiros anos, encontram-se registradas quatro transcrições que haviam sido enviadas à redação.⁵⁷

Outro exemplo que serve para ilustrar a receptividade de que gozava a *Vozes de Petrópolis* pode ser lido no artigo “Duas Palavras”, onde o Conde Carlos de Laet, futuro Presidente da Academia Brasileira de Letras, traduz o sentimento de muitos leitores ansiosos a esperar novos textos de Frei Pedro Sinzig:

Quando das suas montanhas nos advém o laborioso, o infatigável, o portentoso escriptor, prégador, polemista, romancista, que é Frei Pedro Sinzig, sempre nos traz alguma coisa: quasi sempre livros, porque elle os sabe fazer no mesmo tempo que nós levamos a bosquejar artigos. E, intermitentes e refrigerantes, vêm as *Vozes de Petrópolis*, typo e modelo de revista que instrue e deleita sem perverter.⁵⁸

Devido ao grande sucesso da revista, em pouco tempo as pessoas começaram a chamar a tipografia que a imprimia de tipografia das “Vozes de Petrópolis”. Reconhecendo o sucesso da revista, em 1911 os franciscanos resolveram mudar

56. BILAC, Olavo. *A defesa nacional*. Discursos. Rio de Janeiro : Liga de Defesa Nacional, 1917, pp. 136-137. Citado por LAJOLO & ZILBERMAN. *A formação da leitura no Brasil*, op. cit., p. 156.

57. *Vozes de Petrópolis*, Ano X, vol. I (1916), p. 8.

58. *Vozes de Petrópolis*, Ano X, vol. I (1916), p. 9.

oficialmente o nome da empresa de *Typographia da Escola Gratuita São José* para *Administração das “Vozes de Petrópolis”*.

A Vozes é uma das mais antigas editoras do Brasil, em funcionamento ininterrupto há exatos 100 anos. Além disso, ela foi genuinamente uma “editora” desde os seus primórdios, fato que constituía uma exceção no mercado editorial da época. Segundo a pesquisadora Elisabeth Torresini, a produção editorial brasileira, antes de 1900,

apesar da existência de algumas casas editoras, não passava de uma atividade por vezes secundária de grandes livrarias que se dedicavam a alguns autores nacionais consagrados, como é o caso de José de Alencar e Machado de Assis⁵⁹.

Como se sabe, os principais editores do século XIX no Brasil foram os imigrantes franceses Laemmert, Garnier e o imigrante português Francisco Alves⁶⁰.

Baptiste Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844, instalando-se no Rio de Janeiro, à rua do Ouvidor, com uma filial da *Garnier Frères*, firma que pertencia a seus irmãos Auguste e Hippolyte. Por volta de 1852, Baptiste Louis dissolveu a sociedade com os irmãos, ficando sua firma com a razão social de *Baptiste Louis Garnier*⁶¹. Garnier foi um grande editor de romances no Brasil, atividade da qual foi pioneiro em 1860. Antes disso, os romances eram publicados sob a forma de folhetins nos periódicos. Todos os principais romancistas do século passado, como

59 TORRESINI, Elisabeth R. *Editora Globo: uma aventura...*, op. cit., p. 32.

60 HALLEWELL, Laurence: *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : T. A. Queiroz. Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 125-177.

61. *Id.*, *Ibid.*, p. 128.

José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães e Joaquim Manoel de Macedo, foram publicados por Garnier⁶², num total de 655 trabalhos de autores brasileiros⁶³. Além dos romances, Garnier publicou também poesias – de autores como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo –, livros escolares e traduções de obras francesas de ciências e de ficção. Faleceu no Rio em 1893 e, “após o inventário a firma passou para seu irmão Hippolyte, que residia em Paris, voltando assim à sua condição original de filial no Rio da Garnier Frères”⁶⁴.

A firma E. & H. Laemmert, fundada em 1838 pelos irmãos Eduard e Heinrich, foi durante muito tempo a principal concorrente de Baptiste L. Garnier⁶⁵. Os irmãos Laemmert montaram sua própria tipografia e, em fins de 1850, esta já

tinha produzido 250 títulos, no começo da década de 60 quase 400, em 1874 mais de 500 e, quando a firma abandonou a edição de livros, em 1909, ela havia produzido um total de 1.440 trabalhos de autores brasileiros e mais cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano⁶⁶.

O português Francisco Alves d’Oliveira veio para o Rio de Janeiro em 1863. Depois de trabalhar um tempo como empregado, juntou suas economias e, em 1872, montou um sebo. Dez anos depois, Nicolau Antonio Alves, seu tio, sócio da *Livraria Clássica* situada à rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), convidou-o para juntar-se à sociedade. Em pouco tempo, Francisco compra a parte dos outros sócios e assu-

62. Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 139-143.

63. Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 146.

64. *Id.*, *Ibid.*, p. 149.

65. *Id.*, *Ibid.*, p. 160.

66. *Id.*, *Ibid.*, p. 165.

me a direção da *Livraria* até 1897, quando compra também a parte do tio e torna-se o único proprietário. Francisco Alves investiu maciçamente na edição de livros didáticos, atividade timidamente iniciada pelo tio. Os livros didáticos proporcionavam, segundo Hallewell, “uma linha de vendas segura e permanente”, além de “uma vantagem sobre competidores estrangeiros, cujos produtos jamais podem adaptar-se tão bem às condições ou aos currículos locais”⁶⁷. O sucesso de Francisco Alves é visível:

Em 1893, abre uma filial em São Paulo e, em 1906, outra em Belo Horizonte. A partir daí, Alves adquire muitas editoras com seus fundos editoriais e, em 1909, compra a Laemmert e os direitos de edição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, de *Inocência*, de Taunay, além de obras didáticas importantes⁶⁸.

Francisco Alves faleceu em 1917, deixando uma grande fortuna. No seu testamento doou, com exceção de um legado mensal a sua amante, tudo o que tinha à Academia Brasileira de Letras que, na época, lutava com a falta de receitas⁶⁹.

A partir de 1911, a *Administração das “Vozes de Petrópolis”* começou a aumentar significativamente sua capacidade gráfica. A primeira máquina impressora foi substituída por outras máquinas, especialmente pela *Windsbraut*, importada da Alemanha, que aumentou em oito vezes a capacidade de produção da tipografia, pois permitia a impressão de uma folha com 32 páginas de cada vez⁷⁰.

67. *Id.*, *Ibid.*, p. 206-218.

68. TORRESINI. *Editora Globo: uma aventura...*, *op. cit.*, p. 31.

69. HALLEWELL. *O livro no Brasil...*, *op. cit.*, p. 218.

70. SINZIG, Petrus. *Jahrbuch 1910 der südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 1911, p. 15.

Paralelamente, a Editora saiu das salas no porão do convento para instalar-se em duas casas adquiridas para este fim situadas na rua em frente. Deste período em diante, a sede gráfica da Editora Vozes não parou de crescer.

Nessa época, Frei Inácio estava de volta à direção da Administração das “Vozes de Petrópolis”, juntamente com o holandês Frei Cândido Schutstal. Sob o comando destes dois frades, as oficinas gráficas

transformaram-se numa verdadeira colmeia, vê-se o pessoal activo e ouve-se o ruído monótono das máquinas, às vezes desde às 7 h. d. m. até às 20 ou 22 horas. No ano actual [1935] compraram papel no valor de 200:000#000 rs. e esgotou-se todo o depósito.⁷¹

No ano de 1935, por exemplo, as oficinas da “Vozes” produziram 68 títulos de livros, num total de 276.500 exemplares. Segue relação da quantidade de títulos e de exemplares produzidos por área:

ÁREA	NÚMERO DE TÍTULOS	NÚMERO DE EXEMPLARES
Livros escolares	7 títulos	78.000
Livros diversos	32 títulos	77.000
Reedições	8 títulos	52.500
Livros para terceiros	21 títulos	69.000

Neste mesmo ano foram despachados, para as diversas regiões do Brasil, 25.540 pacotes pelo correio, numa média diária de 90 pacotes. Além do correio, em 1935 a Vozes contratou os serviços de uma transportadora, a “Comissário Hugo”,

71. *Livro de crônicas...*, vol. 3, 1935, p. 40 verso.

especialmente para fazer as entregas na cidade do Rio de Janeiro. No primeiro ano de contrato, o “Comissário” levou 298 volumes, numa média de um volume para cada dia útil.⁷²

A produção e a venda de livros da Vozes continuou crescendo, em ritmo acelerado. A expedição total dos produtos do ano de 1939 foi de 41.724 pacotes registrados enviados pelo correio e 20 pacotes por dia entregues pelo Comissário Hugo na cidade do Rio de Janeiro.⁷³ Ao verificar o movimento de pacotes enviados pelo correio no período, percebe-se um crescimento de 151 % de 1932 a 1935 e de 310 % de 1932 a 1940. O movimento dos pacotes enviados pela transportadora aumentou 20 vezes, em apenas cinco anos.

Na década de 40, mais dois acontecimentos marcarão a Editora: por exigências do Departamento de Imprensa e Propaganda e para melhor administrar seus negócios, a Administração das “Vozes” organizou-se por cotas de responsabilidade limitada e passou a ser denominada *Editora Vozes Ltda.*; também neste período as casas que a abrigavam foram totalmente reformuladas, dando lugar a um prédio de 1500 metros quadrados, onde se instalaram, mais comodamente, as diversas seções da Editora:

oficinas de composição, de impressão, de encadernação, de douração, salas de redação e de revisão, depósitos de papel, de chumbo, de combustível e de obras impressas, escritórios de contabilidade, desenho, direção e conselho administrativo, clichéria e loja de exposição e vendas⁷⁴.

72. *Livro de crônicas...*, vol. 3, 1935, p. 40 verso.

73. *Livro de crônicas...*, vol. 4, 1940, p. 6.

74. PIMENTEL. Os 60 anos da Editôra Vozes, *op. cit.*, p. 15.

Nesse período, a Vozes também começou sua expansão. De uma pequena loja em Petrópolis anexa à gráfica, em pouco tempo a Vozes estava com uma rede de quatro lojas, atendendo no varejo a três importantes capitais: Rio de Janeiro (Rua da Quitanda, número 26) em fevereiro de 1940; São Paulo (Rua Senador Feijó, 168, onde continua até hoje), em fevereiro de 1942 e Belo Horizonte (Rua Carijós, 115), em outubro de 1957.

O balanço contábil da Editora Vozes no período julho 1952 a junho de 1953 apresentou o seguinte resultado:

PRODUTO	PRODUÇÃO	VENDAS
Livros	1.246.449 exemplares	856.531 exemplares
Catecismos	791.833 exemplares	652.784 exemplares
<i>Folhinha do Sagrado Coração de Jesus</i>	277.850 exemplares	231.479 exemplares
Total	2.737.464 exemplares	2.162.126 exemplares

Parece que os administradores e os funcionários que trabalhavam nas áreas comercial e industrial na época tinham bons mecanismos para definir a tiragem das publicações. Se se considerar que os livros e catecismos produzidos no período não precisavam ser vendidos dentro desse período, mas poderiam ser vendidos nos anos seguintes; que os jornais e as revistas geralmente eram produzidos em tiragem maior do que o número de assinantes para efeitos de propaganda e de permutas com outros veículos de comunicação e que o produto de maior tiragem - a *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus* -, teve seu estoque zerado até o fim do ano, pode-se dizer que a empresa praticamente não tinha problemas com encalhe de produtos.

A produção total da Vozes durante o ano de 1953 foi de 2.515.988 publicações. O *best-seller* continuou sendo a *Folhinha*, com 461.000 unidades impressas e mais de 100.000 encomendas que não puderam ser atendidas.⁷⁵

No ano seguinte, foram vendidos 688.753 exemplares da *Folhinha* e despachados 73.735 pacotes pelo correio e entregues 67,19 toneladas de produtos pela transportadora Comissário Hugo.

Para suportar esse movimento, os administradores fizeram alguns investimentos. Aumentaram o número de empregados na matriz para 100 pessoas. Na livraria, no térreo da Editora, atendendo no varejo aos clientes residentes em Petrópolis e na expedição dos pedidos, trabalhavam 26 funcionários; nas oficinas 70; e mais 4 pedreiros e marceneiros. Ao parque gráfico da Editora Vozes, que contava então com 79 máquinas (“41 de procedência alemã, 13 dos Estados Unidos, 4 da Inglaterra, 3 da Suécia, 1 da Itália, 1 da Suíça e 16 de fabricação nacional) foram adicionadas 51 máquinas, totalizando 130 máquinas, colocando-a entre as maiores gráficas da América Latina no período⁷⁶. O prédio da sede da Editora também teve que ser ampliado, passando a ocupar um espaço de 3784 metros quadrados de área construída.

Se a evolução de sua capacidade como indústria gráfica foi fenomenal, o mesmo não se pode dizer da qualidade (em conteúdo) de suas publicações. De um catálogo misto entre livros didáticos e religiosos nos primeiros anos de atividade, a Editora Vozes passou a publicar um número cada vez maior de livros religiosos de

75. *Livro de Crônicas*, vol. 6, 1954, p. 73 verso.

76. ORTH. *Histórico da Editora Vozes*, op. cit., p. 21.

cunho ascético, apologético e devocional e a se distanciar cada vez mais do seu embrião pedagógico e popular.

As obras publicadas nos primeiros dez anos de atividade editorial estão reunidas no *Catalogo das publicações da casa*, de 1911. Este catálogo apresenta a publicação de 65 livros⁷⁷, além de uma revista, a “Vozes de Petrópolis”. Segundo a própria classificação do catálogo, os 65 livros dividem-se em: 3 livros escolares, todos escritos pelos professores da Escola Gratuita São José; 4 livros religiosos; 2 romances; 2 “selectas” de contos; 1 biografia (do ex-presidente do Equador); 10 livros de canções populares brasileiras (músicas profanas) com partituras para piano e/ou violino, e 43 livros de música sacra, com partituras.

Frei Pedro Sinzig, que substitui Frei Inácio na direção da *Tipographia*, investiu principalmente na publicação de romances, sendo ele mesmo tradutor de várias obras européias. Também para esta tarefa contou com diversos colaboradores. Frei Antônio Schaefer e Frei Luis Reinke traduziam romances que eram publicados em capítulos na revista *Vozes de Petrópolis* e mais tarde em livros. Frei Antônio fazia a tradução de novelas e romances, como *Magna peccatrix*, que depois passavam pela revisão ortográfica e literária - pois ele também tinha chegado da Alemanha havia poucos anos - de Maria Eugênia Celso, filha do Conde de Afonso Celso. Frei Luís Reinke traduziu, entre outros, o romance *A filha de Maria*, que foi publicado em capítulos a partir do primeiro número da revista *Vozes de Petrópolis*. Ele também preparava notícias sobre Petrópolis para a revista “Vozes”. Mas logo

77. ADMINISTRAÇÃO DAS “VOZES DE PETRÓPOLIS”. *Catalogo das publicações da casa*. Petrópolis : Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1911.

essas notícias deixaram de existir, relata Frei Pedro, dando “às *Vozes de Petrópolis*, exclusivamente, o caracter de revista nacional”.⁷⁸

A prática de publicar capítulos de romances em jornais ou revistas - deixando o leitor aguardando ansiosamente a próxima edição - era corrente na época. José de Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros, iniciaram publicando trechos de seus livros em jornais ou revistas. Alguns autores do início do século XX, segundo o autor da obra *O livro no Brasil*,

recebiam salários regulares dos jornais para os quais colaboraram. Quase todos os romances de Lima Barreto apareceram inicialmente em forma seriada, e *Clara dos Anjos*, seu último, só foi publicado na forma de livro em 1948, vinte e quatro anos após sua publicação na *Revista Souza Cruz*.⁷⁹

Frei Bruno Heuser e o guardião Frei Ambrósio Johanning auxiliavam mais nas publicações religiosas, como catecismos e devocionários. O *Resumo da História Sagrada*, de Frei Bruno, e o *Manná: o alimento da alma devota*, de Frei Ambrósio, foram, com o *Primeiro livro de leitura*, *Magna peccatrix* e *A filha do diretor do circo* os primeiros *best-sellers* da Editora Vozes.

O romance *A filha do diretor do circo*, traduzido do alemão pelo mesmo Frei Antônio Schaefer, fez tanto sucesso na revista “Vozes” que foi lançado em livro com

78. SINZIG, Pedro. *Reminiscências...*, op. cit., p. 287.

79. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1985, p. 140.

uma tiragem inicial de 4.000 exemplares.⁸⁰ Essa tiragem pode ser considerada muito boa, se levarmos em conta que *Chrysalidas*, de Machado de Assis, teve uma tiragem de 800 exemplares e seus romances posteriores “1.000 ou mais exemplares”, o que era considerado “boa marca” na época.⁸¹

Esta preocupação ainda está presente no catálogo de 1923, apesar da forte inspiração religiosa para as obras de ficção. As seções do *Catálogo de bons livros e musicas sacras e profanas*, apresentadas em anexo, ilustram como a Vozes, em 1923, possuía um amplo catálogo com publicações em áreas variadas.

Conforme se pode observar a partir do quadro de publicações do catálogo de 1923, apresentado no “Anexo A”, a ênfase na publicação de obras com inspiração ou temática religiosa parece estar se consolidando neste período. Ela deverá se acentuar gradativamente nos anos seguintes. O investimento em publicações religiosas populares pode ser comprovado pela criação, em 1939, do periódico *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus*:

Para animar a piedade popular editou-se, pela primeira vez, a ‘Folhinha do Sagr. Coração de Jesus’, de lavra do snr. Jorge Conrado Deister = Celso de Alencar, edição de 30.000 exemplares, dos quaes foram vendidos mais de 29.000; fazem um bem immenso na vida familiar; sabe-se que, em muitos lares, se collecionam as folhas já utilizadas, o que é signal evidente de apreço⁸².

80. Cf.: SINZIG, Petrus (Org.). 2. *Jahrbuch der südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis (1911 und 1912)*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 1911, p. 64.

81. Cf.: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil...*, op. cit., p. 142.

82. CONVENTO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: *Livro de Crônicas nº 4*, p. 5 verso e p. 6. Petrópolis, 1939.

No ano de 1941, o cientista entomólogo⁸³ Frei Tomás Borgmeier assumiu a direção da Editora. Logo no primeiro ano de seu mandato, investiu fortemente em publicações periódicas para o público religioso, tendo fundado as revistas *REB: Revista Eclesiástica Brasileira*⁸⁴ e *Música Sacra*⁸⁵ e, seis anos depois, a revista *Sponsa Christi*.⁸⁶

No *Catálogo Geral* de 1943, o primeiro sob a razão social de Editora Vozes Ltda., a proporção é a seguinte: 762 obras declaradamente religiosas (apologéticas, devocionais, catequetéticas, etc.) e 198 “outras obras”, sendo 39 livros escolares, 25 livros recreativos, 85 peças teatrais e 49 romances, segundo a classificação expressa no catálogo. Apesar de classificados à parte, excluídos do grupo de obras declaradamente religiosas, esses romances, livros escolares, recreativos e peças teatrais apresentam – segundo a análise de suas resenhas – abordagens e temáticas claramente religiosas.

83. Entomólogo: pesquisador de entomologia, a parte da zoologia que estuda os insetos.

84. A *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) destinava-se claramente ao clero brasileiro. Era uma “revista do clero, feita pelo clero, para o clero” (REB 13, 1953, p. 127). De periodicidade trimestral, a REB é uma das revistas de teologia mais importantes da atualidade, segundo o professor Saranyana, da *Universidad de Navarra*, para quem a REB conquistou “un prestigio reconocido no solo en Brasil, sino en todo el mundo católico” (SARANYANA, Joseph-Iganasi. “Medio Siglo de la Revista Eclesiástica Brasileira (REB)”. In: *Hispanica Sacra* 48, 1996, p. 267.

85. Fundada por sugestão de Frei Pedro Sinzig, ex-diretor da Vozes, músico, membro da Academia Brasileira de Música, a revista *Música Sacra* circulou até 1959, com artigos, notícias, resenhas, partituras e composições de música sacra.

86. A revista *Sponsa Christi* destinava-se claramente às religiosas: seu objetivo era “fornecer direção espiritual, temas de meditação, esclarecimentos canônicos, entretenimento e ilustração às milhares de freiras das mais diversas Ordens e Congregações que existem no Brasil” (PIMENTEL, *Cinqüentenário da Editora...*, *op.cit.*, p. 13.). Em 1968, acompanhando os ventos de renovação soprados pelo Concílio Vaticano II, a revista teve seu nome mudado para *Grande Sinal*, nome com o qual ainda circula, bimestralmente.

No ano de 1963 passam a constar, no índice do catálogo, as seções de sociologia e pedagogia, além de livros infantis, romances, 174 peças de teatro e uma coleção chamada Biblioteca de “Cultura” Católica, em meio a inumeráveis livros religiosos. Excetuando-se, porém, os títulos infantis “Precisa-se de um rei”, de Ofélia e Narbal Fontes, que recebeu o Prêmio PEN Clube no Congresso Internacional de 1960 em São Paulo, e “Uma linda aventura”, de Odete de Barros Mott, percebemos que o teor religioso das publicações ainda é majoritário.

Na seção intitulada “sociologia” (sic) vemos os livros: Aspectos do comunismo: a caminho da anarquia; Código de moral internacional; Código de moral política; Código familiar; Código social e Reconstrução do mundo.

A transcrição da resenha⁸⁷ de dois destes títulos dá uma idéia do teor das publicações ditas de sociologia no catálogo Vozes de 1963:

Aspectos do Comunismo: a caminho da Anarquia

São páginas que procuram mostrar aos leitores os quadros de um povo dominado pelos comunistas, com o fim de preveni-los contra a infiltração vermelha!

Código familiar

O Código Familiar é apresentado aos católicos no intuito de, mais do que nunca, chamar a atenção para a importância das realidades familiares. “Poucas necessidades são hoje em dia tão urgentes como a obrigação de reforçar a família cristã” (PIO XII).

87. EDITORA VOZES LTDA. *Catálogo*. Petrópolis : Vozes, 1963, p. 85.

Com relação aos livros de “pedagogia”, a tônica não é diferente. Os livros de pedagogia estão agrupados em divisões de acordo ao público para o qual são destinados, nesta seqüência: livros para sacerdotes e candidatos ao sacerdócio; livros para as famílias católicas; livros para a juventude em geral; livros para os moços e livros para as moças. Vejamos a resenha de três títulos dos chamados livros de pedagogia para moças⁸⁸:

Formação da donzela, do padre José Baetemar

Analisa as almas para disciplinar as vidas. Feito para agradar e para arrastar. – O autor mostra um profundo conhecimento da alma feminina, tão complexa e tão variada. – Cativa a atenção das jovens leitoras e ensina-lhes a viver por um grande ideal.

Hei de ser freira?, do padre jesuíta Daniel A. Lord

Encarece a beleza e a sublimidade da vida do claustro. Destina-se a meninas e mças de coragem e de sentimentos nobres, merecendo por isso ampla divulgação.

A virgem cristã na família e no mundo, de Maria Luísa Chaveut

A virgem cristã e sua missão nos tempos atuais. Também a virgindade no mundo é verdadeira vocação instituída por Deus. Provam-no à evidência os inúmeros privilégios e as glórias do título de virgem, apontadas e apresentadas nesta obra. Um livro para as jovens católicas.

Há ainda, no catálogo de 1963, uma coleção chamada “Biblioteca de Cultura Católica”⁸⁹ feita especialmente para intelectuais. A coleção é assim apresentada:

88. *Id.*, *Ibid.*, p. 80-82.

89. *Id.*, *Ibid.*, p. 175.

Uma coleção de Cultura, especialmente planejada para intelectuais. Assuntos vários, desenvolvidos por autores de reconhecida competência. Considerações valiosas sôbre os mais profundos problemas humanos, apresentadas com clareza e objetividade....

Não obstante a escolha do título “Biblioteca de Cultura” e a declarada intenção dos editores de publicar uma coleção “especialmente planejada para intelectuais”, os livros “culturais” desta coleção também estão imbuídos de forte inspiração religiosa. Depois de uma rápida análise das resenhas dos livros da coleção Biblioteca de “Cultura”, concluímos que também estes livros poderiam ser classificados como religiosos.

Na coleção há obras de “psicologia” como *A doutrina de Freud*, escrito pelo bispo D. Antônio d’Almeida Morais Júnior, volume 7 da coleção:

Esclarecimentos às almas dos jovens, que em vários colégios, são orientados por mestres freudianos, apaixonados pela nova doutrina e distanciados de todo e qualquer trabalho crítico sobre a matéria⁹⁰.

Obras de “filosofia política” como o livro *Filosofia do comunismo*, escrito pelo bispo Dom Agnelo Rossi, volume 13 da coleção:

Um breve curso de “Filosofia do Comunismo”, que pretende fornecer as linhas mestras do marxismo (comunismo), acompanhando-as de uma rápida refutação⁹¹.

E Obras de “economia” como *A Bíblia e a economia política*, escrita pelo Conde de Champagny, volume 20 da coleção:

90. *Id., Ibid.*, p. 176.

91. *Id., Ibid.*, p. 176.

Uma orientação segura sôbre assuntos econômicos, firmada nos Livros Sagrados, que vem a propósito, e merece ser lida e relida com grande proveito pelos alunos do Curso Técnico de Contabilidade⁹².

A produção editorial da Vozes nas suas seis primeiras décadas foi, como vimos, predominantemente religiosa (católica) e, ainda assim, de um catolicismo conservador. Exemplo significativo dessa produção é a obra *Através dos Romances: guia para as consciências*, de Frei Pedro Sinzig⁹³, publicada pela Vozes em 1915. Nesta obra de 1034 páginas, Sinzig analisa 11.863 livros de 5.150 autores⁹⁴ partindo, segundo Aparecida Paiva, do pressuposto de que

os livros são perigosos, mas o mais grave é que os leitores católicos são fracos e freqüentemente inocentes. O livro e a imprensa tornam-se, então, duplamente perigosos porque podem alcançar ‘todo mundo’, explicitando os vetores principais de uma crise de valores e de costumes que deixa entrever um mundo cuja cultura poderia, de maneira definitiva, não mais se ordenar ao redor da crença religiosa e da ordem católica. Daí a necessidade de triá-los, para que funcionassem como dispositivo de propagação da fé cristã e de seus valores, assegurando a existência pública da Igreja face aos adversários ou diante dos indiferentes⁹⁵.

O livro *Casa de Pensão*, de Aluísio de Azevedo, por exemplo, é censurado por Sinzig apenas com o adjetivo: “imoral”, e *O Mulato*, do mesmo autor, com a

92. *Id.*, *Ibid.*, p. 177.

93. Selecionamos este livro do Frei Pedro Sinzig para ilustrar a produção da Vozes nos seus primeiros 60 anos porque, além do livro ser uma amostra da censura católica à leitura, Frei Pedro foi um dos autores que mais publicou pela Vozes neste período, além de ter coordenado a Editora de 1908 a 1914.

94. Na segunda edição do livro, publicada pela Vozes em 1923, já são 21.553 livros e 6.657 autores.

95. PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997, p. 67.

sentença: “O que se pode conceber de mais pornographico”⁹⁶. Sobre *Werther*, de Goethe, Sinzig escreve: “A leitura deste livro extremamente sentimental já causou muitos suicídios, e não pode ser recommendado de maneira alguma”⁹⁷ e *O Guarani*, de José de Alencar, é condenado porque

descreve scenas ardentes e apaixonadas que só podem ser lidas por temperamentos muito calmos e affeitos ás coisas do romance. Infelizmente o typo mais nojento do livro, verdadeira aberração humana, é um... frade! Não queremos contribuir, pela recommendação do *Guarany*, para que se faça uma falsa comprehensão das ordens monasticas⁹⁸.

Enquanto a Vozes publicava seus “livros para donzelas” e censurava os livros “malditos”, outras editoras brasileiras investiam nas traduções de grandes nomes da literatura universal como Proust, Balzac, Poe, no caso da Editora Globo⁹⁹ ou publicavam obras de importantes autores nacionais, como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Gilberto Freyre, como é o caso da José Olympio, por exemplo¹⁰⁰.

A pequena porcentagem das publicações não declaradamente classificadas como religiosas nos catálogos da Vozes até o ano de 1963, obedecia, ainda assim, a uma orientação católica. Seus livros escolares, por exemplo, foram escritos pelos professores da Escola Gratuita São José sob a coordenação de um religioso, o Frei

96. SINZIG, Pedro. *Através dos romances: guia para as consciencias*. Petrópolis: Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1915, p. 89-90.

97. *Id.*, *Ibid.*, p. 346.

98. *Id.*, *Ibid.*, p. 62.

99. Cf.: TORRESINI. *Editora Globo: uma aventura...*, *op. cit.* e AMORIM, Sônia: *Em busca do tempo perdido. A edição de literatura traduzida pela Livraria do Globo (1940-1950)*. São Paulo : EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1999.

100. Cf. HALLEWELL. *O livro no Brasil...*, *op. cit.*, p. 333-397.

Bruno Heuser, OFM. Estes livros surgiram como oposição aos livros de orientação positivista/materialista que dominavam na época:

A tipografia dos franciscanos tratou de suprir esta falta. Os professôres da Escola Gratuita São José foram convidados a escrever os livros indispensáveis ao seu ensino. Em breve estavam prontos os compêndios de gramática e de aritmética, os livros de geografia e de história do Brasil, os silabários e os livros de leitura. E em todos, no correr das lições ou à guisa de exemplos, vinham discretamente lembradas as verdades fundamentais do catolicismo¹⁰¹.

Mesmo a gramática *Ars Latina*, de 1937, destinava-se, na visão dos primeiros diretores da empresa, aos professores e estudantes dos seminários católicos, segundo o que consta na ata da reunião do Conselho Editorial da Vozes de 12 de abril do mesmo ano, que aprovou o envio de exemplares da obra, como divulgação, para os seminários de São Leopoldo, Pirapora, Belo Horizonte, Mariana, São Paulo, Fortaleza e para os Cardeais do Rio de Janeiro e de Lisboa¹⁰².

101. PIMENTEL. 60 anos de Editora Vozes, *op. cit.*, p. 12.

102. CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA VOZES. *Livro de Atas* (1936-1961). Tradução de Ênio P. Giachini. Petrópolis, 2000, p. 11 (mimeo).

2.2. De Petrópolis para o Brasil: a circulação dos livros

A rede de divulgação dos produtos da “Vozes” foi sendo criada principalmente através da divulgação nas próprias publicações. Além das resenhas, indicações de livros e campanhas feitas na revista *Vozes de Petrópolis*, em outras revistas da Editora e nos próprios livros (com pequenas resenhas e cupons de pedidos nas últimas páginas), o catálogo geral de obras publicadas também era um ótimo meio de divulgação dos produtos da “Vozes” e um canal de comunicação com o cliente. O catálogo da *Administração das “Vozes de Petrópolis”* de 1932, por exemplo, apresenta 128 páginas com informações sobre títulos, autores, preços, tamanhos dos livros, formato, comentários sobre as obras, público-alvo e, é claro, informações sobre a empresa e as condições de comercialização. Estes catálogos eram enviados a todos os bispos, paróquias e clientes cadastrados.

As iniciativas descritas acima apontam pistas para entender, também, como era feita a comercialização dos livros e revistas da “Vozes” pelo Brasil. Com o mínimo de recursos - as próprias publicações e os colaboradores voluntários -, a *Administração das “Vozes”* montou, na época, uma grande rede de distribuição e circulação, enviando seus livros e revistas para todas as regiões do país.

O apoio obtido por parte dos bispos e vigários foi fundamental para a criação e manutenção dessa rede. Presentes em todas as regiões do Brasil, eles viram na “Vozes” a solução para o problema da carência de publicações religiosas em língua

portuguesa e, mais ainda, de publicações que pudessem recomendar aos fiéis, sem receio de perturbar-lhes a fé. Os livros e revistas da “Vozes”, por outro lado, atendiam a estas expectativas.

Os demais leitores da revista *Vozes de Petrópolis* também foram chamados, assim como os religiosos, para colaborar na “multiplicação” da rede de assinantes, divulgadores e potenciais compradores das publicações da editora. Já no primeiro ano de circulação (julho de 1907 a junho de 1908), a revista lançou uma promoção interessante: “Pedimos a fineza de indicar-nos o endereço de pessoas que talvez se interessem por nossa revista, para que possamos mandar-lhe um numero”.¹⁰³

A recepção da campanha foi ótima e o retorno imediato. Menos de um mês depois do lançamento da campanha, a revista *Vozes* publicou trechos de várias cartas recebidas dos assinantes:

Pelo ultimo numero das “Vozes de Petropolis”, aqui chegado, vi que V. Revmas. desejam augmentar o mais possível a circulação d’aquella tão util revista; e por isso, (...) peço permissão para lhes apresentar, sem responsabilidade alguma minha, a inclusa lista de (97) pessoas que a podem apreciar, pagar e propagar...

A excellencia das “Vozes de Petropolis” e o preço insignificante me permitirão arranjar, alem das 17 cujos nomes vão junto, ainda muitas assignaturas. Um professor de musica, a quem mostrei os suplementos musicaes, entusiasmado só por elles já pediu uma assignatura.¹⁰⁴

Entre outras, chegaram cartas com listas de potenciais assinantes das cidades

103. *Vozes de Petrópolis*, maio de 1908, p. 740.

104. *Vozes de Petrópolis*, junho de 1908, p. 665.

de Ouro Preto, MG, Itaipicirica, SP, Ponte Nova, MG, Santarém, PA, e Palhoça, SC. Além disso, as revistas sempre trouxeram comentários - e até capítulos inteiros - sobre livros, preparando, assim, a recepção dos livros.

Mas a grande inovação no atendimento ao cliente foi o Código de “serviço telegraphico”, lançado no catálogo geral de 1932. Criado com o fim de “facilitar e baratear aos nossos fregueses a comunicação rápida com esta Administração”, o código telegráfico era de fácil utilização e permitia agilizar os pedidos por meio do telégrafo. Para um cliente pedir 50 exemplares do *Segundo catecismo da doutrina christan*, por exemplo, ele precisaria enviar apenas um telegrama com a palavra “madunos” e seria rapidamente atendido pela Vozes. “Madu” é o código para o título daquele livro e “nos” é o código de quantidade para 50 exemplares.

O catálogo geral explica como o código deve ser usado:

Cada obra e suas especies indicadas neste catalogo estão precedidas de uma palavra impressa á margem.

Este termo servirá de palavra telegraphica no pedido que se fizer e substituirá o título do livro que se deseja adquirir.

Portanto, em vez de pedir, “O zelo pela perfeição religiosa”, basta telegraphar simplesmente *Ago*. E aqui já sabemos de que livro se trata.¹⁰⁵

Para determinar a quantidade de exemplares desejados pelo cliente, a “Vozes” criou uma tabela de códigos (sílabas) que deveriam ser acrescentados no fim de cada

105. *Catalogo de bons livros e musicas sacras e profanas*. Petrópolis: Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1932, p. 4.

palavra-título. Assim, no exemplo anterior, se o cliente quisesse pedir quatro exemplares do livro *O zelo pela perfeição religiosa*, ele precisaria apenas acrescentar o código *qua* após o código *Ago*, telegrafando *Agoqua*. O catálogo explicava como os clientes deveriam utilizar a tabela de quantidades para fazer o pedido:

Para pedir:

1 exemplar citar simplesmente a palavra telegraphica.

2 exemplares – basta acrescentar o sufixo dois

3 exemplares – basta acrescentar o sufixo tres

4 exemplares – basta acrescentar o sufixo qua.¹⁰⁶

E assim sucessivamente, 12 exemplares = “zia”; 20 = “pe”, 30 = “te”; 50 = “nos”; 200 = “do”; 300 = “mi”; 800 = “si” e 1.000 = “mil”. Com este processo, a Vozes conseguiu implantar rapidez e agilidade no atendimento, em uma época (nos anos 30) em que o telefone era raro privilégio de poucos e as correspondências levavam dias para ser entregues. Com o uso do telégrafo para o pedido de produtos, aqueles ousados frades e seus colaboradores estavam dando os primeiros passos para o comércio de livros no varejo virtual.

Nas primeiras décadas, a distribuição dos livros e revistas era feita especialmente, ou quase que totalmente, pelo correio, através de pacotes registrados enviados a partir de Petrópolis. Durante o ano de 1932, as “Vozes” despacharam 10.159 pacotes registrados pelo correio. No primeiro semestre de 1933, foram

despachados 8.000 pacotes e no ano de 1934 esse número aumentou mais ainda. Foram despachados 20.743 pacotes, uma média de quase 70 encomendas para cada dia útil.¹⁰⁷ Um crescimento de mais de 100 % em apenas dois anos.

Para atender a demanda de pedidos, a “Vozes” importou mais duas máquinas dos EUA ainda no ano de 1934. Uma nova *Intertype* para composição e uma nova impressora, a *Liliput*, que imprimia 4.000 folhas por hora. Desta vez, a compra foi feita apenas com recursos próprios da “Administração”, sem auxílio de benfeitores.¹⁰⁸

Frei Constantino Koser¹⁰⁹, na época estudante em Petrópolis, contou que um funcionário enchia o carrinho de mão da Vozes com os pacotes e conduzia esse carrinho pelas estradas de terra até o prédio dos correios, na Avenida XV de Novembro (atual Rua do Imperador), no mesmo local onde está hoje a agência central dos correios em Petrópolis. Assim foi até 1935, quando a Vozes comprou seu primeiro automóvel, um velho *Ford bigode*.

106. *Catalogo de bons livros... op. cit.*, p. 4.

107. Dados extradidos do *Livro de crônicas...*, vol. 3, 1934, p. 13.

108. Ao contrário, a “Vozes” é que passa a ser benfeitora das escolas gratuitas. Se bem que desde o início do século, a “tipographia” sempre auxiliasse financeiramente a Escola Gratuita São José, no ano de 1935 ela assume a manutenção total das dessa escola e também da Escola Gratuita de Santo Antônio, no bairro Alto da Serra. “As ‘Vozes’ de Petrópolis” pagaram ao corpo docente das nossas Escolas Gratuitas no ano de 1935 a quantia de 20:040#000 rs. Acrescentando despesas de consertos necessários, limpeza das ‘aulas’ e pátios, serviço de pintura das ‘aulas’, colocação de janelas e encanamento para água potável, a despesa total monta em 24:000#000 rs” (Cf. *Livro de crônicas...*, vol. 3, 1935, p. 40 verso).

109. Frei Constantino Koser. Entrevista concedida a Marcelo Fereira de Andrades em julho de 2000, gravada em fita cassete.

Em todo esse período pré-Frei Ludovico Gomes de Castro, os frades franciscanos residentes em Petrópolis sempre tiveram uma grande atuação nas decisões da Editora Vozes.

Frei Matias Heidemann foi contador e subgerente da Vozes por 20 anos, assessorando vários diretores. Nesse período, também participou do Conselho Editorial, efetuou mudanças nos procedimentos administrativos e contábeis, organizou publicações internas, como o Manual de Normas e Procedimentos da Vozes, entre inúmeras outras atividades. Foi participante ativo de diversas atividades de classe, tendo sido presidente da Associação de Contabilistas de Petrópolis, diretor da Associação de Contabilistas de Petrópolis, diretor da Associação Comercial e Industrial de Petrópolis, membro efetivo da Academia de Ciências Contábeis do Rio de Janeiro e do Conselho Federal de Contabilidade, onde presidiu a comissão que elaborou o Código de Ética Profissional dos Contabilistas do Brasil, em 1950.

Frei Frederico Vier trabalhou de 1934 a 1973, tendo sido redator, revisor, censor e gerente. Foi um dos maiores colaboradores do Concílio Vaticano II, organizador da coleção Documentos Pontifícios e do volume Compêndio do Vaticano II. Ficou famoso como revisor de textos, tanto em português como em latim, grego, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano e holandês, além de impressos com partituras musicais.

Frei Anselmo Thiele foi chefe das oficinas principalmente na década de 50. Foi também responsável, simultaneamente, pelo setor de compras e pelas filiais do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Teve participação especial na compra da máquina PAVEMA, fabricada na Alemanha a pedido da Vozes para a confecção da

Folhinha do Sagrado Coração de Jesus, na época com uma média anual de 1.000.000 de exemplares vendidos. Viajou para a Alemanha a convite da fábrica, para acompanhar a montagem da máquina e testar seu funcionamento, embarcando com ela para o Brasil.

Muitos outros frades trabalharam na *Vozes* em posições de comando. Além dos acima citados, destacaram-se também Frei Boaventura Koppenburg (hoje Dom Boaventura, bispo emérito de Novo Hamburgo, RS), Frei Paulo Evaristo Arns (hoje Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns, arcebispo emérito de São Paulo), Frei Constantino Koser (ex-Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores, falecido em dezembro de 2000) e Frei Desidério Kalverkamp (na época superior do convento de Petrópolis) na formação de um Conselho Editorial, que orientou a *Vozes* especialmente durante a gestão de Frei Aurélio Stulzer como Diretor-Geral, de 1956 a 1962.

3. A TRAJETÓRIA DE FREI LUDOVICO

A noção de trajetória “como uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço social ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”¹¹⁰, proposta por Pierre Bourdieu, pode apontar para a lógica das posições tomadas por Frei Ludovico Gomes de Castro como Diretor-Geral da Editora Vozes. Enquanto os diretores que o antecederam tinham que prestar contas de seus atos ao Discretório do Convento e sofriam a influência e a ingerência de diversos outros frades, Frei Ludovico Gomes de Castro conquistou total autonomia de trabalho:

Quando assumi a Vozes a pedido do então Provincial, procurei dedicar à tarefa as forças que Deus me deu. Pedi apenas que tivesse liberdade de agir e prestasse contas unicamente ao Provincial, pois, como Empresa, Vozes deveria ter uma direção firme e única. Foi-me concedido o que pedira. Graças a Deus encontrei uma equipe que soube colaborar. Apesar das dificuldades econômicas do País, vencemos e crescemos. E Vozes continuou a tarefa que seus idealizadores lhe marcaram.¹¹¹

Tanto Frei Ludovico quanto seus antecessores estavam inseridos em um mesmo campo de produção cultural, lugar onde é proposto, segundo Bourdieu,

um *espaço de possíveis* que tende a orientar sua busca definindo o universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais

110. BOURDIEU, Pierre: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1997, p. 81.

111. Frei Ludovico Gomes de Castro, Diretor-Geral da Editora Vozes. Correspondência emitida a Frei Estêvão Ottenbreit, ministro provincial, em 26 de dezembro de 1986. São Paulo: Arquivo Provincial, Pasta 551.

(freqüentemente constituídas pelos nomes de personagens-guia), de conceitos em ‘ismo’, em resumo, todo um sistema de coordenadas que é preciso ter em mente – o que não quer dizer na consciência – para entrar no jogo¹¹².

Frei Ludovico Gomes de Castro, porém, traçou um caminho distinto daqueles trilhados pelos que o antecederam. Para Bourdieu, cada agente cultural (produtor, escritor, editor, artista, etc.) constrói sua criação a partir das possibilidades disponíveis que ele percebe, oferecidas pelas

categorias de percepção e apreciação, inscritas em seu *habitus* por uma certa trajetória e também em função da propensão a acolher ou recusar tal ou qual desses possíveis, que os interesses associados a sua posição no jogo lhe inspiram¹¹³.

As tomadas de posição destes agentes envolvidos nas tensões do campo¹¹⁴ dependem, segundo Bourdieu,

da *posição* que eles ocupam na estrutura do campo, isto é, na distribuição do capital simbólico específico, institucionalizado ou não (reconhecimento interno ou notoriedade externa), e que, através da mediação das disposições constitutivas de seus *habitus* (relativamente autônomos em relação à posição), inclina-os seja a transformar a estrutura dessa distribuição, logo, a perpetuar as regras do jogo ou a subvertê-las¹¹⁵.

112. *Id., Ibid.*, p. 53.

113. *Id., Ibid.*, p.64.

114. No caso da análise citada, trata-se do campo literário, mas aplicável a todo e qualquer campo de produção cultural.

115. *Id., Ibid.*, p. 63-64.

A trajetória de Frei Ludovico Gomes de Castro, mesmo antes de assumir a direção da Editora Vozes, tem como eixo central a sua atuação no campo religioso e no campo político, na administração dos destinos da Província.

Frei Ludovico nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1909, filho de Ernesto Gomes de Castro, carioca, e Guiomar Mourão de Castro, mineira, que lhe deram o nome de Miguel. Seus pais tiveram 12 filhos, sendo que uma irmã sua também foi religiosa consagrada, da Congregação das Irmãs Sacramentinas.

Iniciou seus estudos no Colégio Werneck, em Petrópolis. Em 1920, foi terminá-los no seminário franciscano de Blumenau, SC. Fez o noviciado em Rodeio, SC, onde recebeu o nome de Frei Ludovico, em 1927. Coursou Filosofia em Curitiba, PR, e Teologia em Petrópolis, onde foi ordenado sacerdote em 17 de dezembro 1932.

Seu primeiro trabalho depois de ordenado foi como professor e vice-reitor do seminário de Rio Negro, PR, onde permaneceu até 1934. Junto com outros três professores, Frei Ludovico escreveu nesta época a gramática de latim *Ars Latina*¹¹⁶, em 4 volumes, cujo primeiro volume ainda continua em catálogo, na 32ª edição.

No ano de 1934 foi enviado à Alemanha para cursar o doutorado em Teologia Dogmática na Universidade de Friburgo, onde assistiu aulas de Martin Heidegger.¹¹⁷ Concluiu o doutorado em 1938, defendendo a tese *A Doutrina Trinitária de Gregório de Nissa*.

116. CASTRO, Ludovico Gomes de; BERGE, Damião; MÜLLER, Reinaldo; e ROMAG, Dagoberto. *Ars Latina*. Petrópolis: Vozes, 1934. 4 volumes.

117. Cf. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, *op. cit.*, p. 195.

Este período o marcou e gostava de falar dele como verdadeiro noviciado de sua vida, no qual aprendeu a amar a liberdade e a amar os outros. Os anos de convivência com o nazismo alemão deixaram-lhe profundas marcas na memória e costumava dizer, muito mais tarde, que a pior das torturas é a da disciplina sem liberdade.¹¹⁸

Ao voltar para o Brasil, Frei Ludovico foi nomeado reitor do seminário Rio Negro, PR, em 1939, “período que é muito lembrado por seus confrades como profundamente severo e disciplinador”.¹¹⁹

Dois anos mais tarde foi eleito definidor da Província e, no ano de 1945, com 36 anos de idade, foi eleito ministro provincial. Foi reeleito em 1948 e, no Capítulo seguinte, em 1952, ficou como vice do ministro provincial Frei Heliodoro Müller. No período em que foi provincial e vice-provincial, iniciou a construção do Seminário de Agudos, com capacidade para 500 estudantes. Terminado seu último mandato, foi guardião do convento de Agudos e responsável pela conclusão do seminário.

Sua atuação como Ministro-Provincial é sintetizada pelo depoimento de Frei Ildfonso Silveira, autor de diversas obras sobre franciscanismo, na época seu confrade: Frei Ludovico “era positivo e inflexível no cumprimento do dever. Ele simplesmente apelava para os compromissos assumidos pelo frade. Para mim, ele era duro, mas não injusto”.¹²⁰

118. TONIN, Neylor *et al.* “Frei Ludovico Gomes M. de Castro, OFM” in *Vida Franciscana*, 1994, p. 306.

119. *Id.*, *ibid.*, p. 306.

120. Citado por TONIN, Neylor. “Frei Ludovico...”, *op. cit.*, p. 308.

Em 12 de janeiro de 1962 foi nomeado diretor geral da Editora Vozes, função que exerceu até 1986. Sua gestão na Vozes foi marcada por uma abertura maior aos profissionais leigos nos processos de decisão da empresa; pelo investimento na publicação de livros leigos (com ênfase nos universitários) e religiosos caracterizados pela ousadia e a pluralidade; pela expansão do parque gráfico e da rede de comercialização.

Sobre a sua atuação à frente da Editora Vozes há inúmeros depoimentos. Para dar uma idéia de como trabalhava o diretor Frei Ludovico Gomes de Castro, será apresentada, a seguir, uma seleção de testemunhos de pessoas que ocuparam diferentes posições durante sua gestão e que com ele se relacionam de diferentes maneiras.

Para Frei Basílio Prim, na época Ministro-Provincial,

Frei Ludovico era homem de discernimento. De discernimento culto e elegante. Isso se manifestava nas horas mais difíceis, de censura grande e pequena que recebia, sobretudo face ao seu gigantesco trabalho na Editora Vozes. Com serenidade e paz acolhia as críticas, até as menos benévolas (...). Com equilíbrio, com realismo, com alto grau de esperança foi capaz de julgar as coisas com discernimento, analisando o que vem do homem, das situações, das coisas.¹²¹

Para Frei Neylor Tonin, que trabalhou com ele como redator da revista *Sponsa Christi (Grande Sinal)*, Frei Ludovico

121. Frei Basílio Prim, ex-ministro provincial. Correspondência a Frei Neylor Tonin em 18 de março de 1993. São Paulo: Arquivo Provincial, Pasta 3.4.95.

sabia escolher as pessoas que o assessoravam e não as escolhia para que o aplaudissem, mas para que o enriquecessem nas decisões a serem tomadas. Escolhia-as pela competência que demonstravam, sem cobranças risíveis de lealdade. A decisão final, é certo, era dele, mas antes não só permitia como fomentava as discussões e os entrechoques das opiniões. Cercou-se, por isso, de pessoas inteligentes, alimentado a Vozes com quadros humanos de alta relevância intelectual e prática.¹²²

Entre aqueles que com ele tiveram uma relação de patrão-empregado, paira uma aprovação unânime como atestam, respectivamente, os depoimentos de Rose Marie Muraro, editora, Carlos Alberto Drummond, engenheiro e Milton Lischt, chefe do setor de acabamento:

Foi no fim dos anos 60 que frei Ludovico começou a assumir o lugar de grande profeta de futuro que havia sido deixado vago por dom Hélder (...), famoso no mundo inteiro, mas aqui no Brasil, sob censura absoluta (...). Frei Ludovico veio a ser o dom Hélder ao contrário, o grande transgressor que possuía o sopro do Espírito e, por isso, continuou a construir o mundo novo. Na minha opinião, ele foi mesmo o maior produtor cultural do século XX aqui no Brasil.¹²³

Em determinadas circunstâncias, eu e o José Nicolay ficávamos até mais tarde trabalhando e, de repente, sentíamos uma mãozinha nas costas. Era o Frei Ludovico, que vinha nos visitar e ficava presente, perguntando o que aconteceu, porque a máquina quebrou, como nós estávamos, enfim, queria participar... Ele conhecia todos os funcionários da sede. Chamava a todos pelo nome. Na maioria das vezes, conhecia até os nossos familiares. Se você não estivesse bem, ele percebia e perguntava: “O que houve?”. Você dizia, por exemplo: “Meu filho está doente”. Ele respondia: “Não se preocupe, logo ele vai melhorar!” Dias depois, quando você já nem

122. TONIN, Neylor. “Frei Ludovico...”, *op. cit.*, p. 311-312.

123. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, *op. cit.*, p. 195.

lembrava mais do ocorrido, ele vinha e perguntava: “Seu filho melhorou?”.¹²⁴

Frei Ludovico era uma pessoa durona. Não admitia ser enganado por ninguém, mas sabia perdoar na hora que errasse. Ele estava sempre correndo dentro das seções, o que ele visse que estava fora do lugar, que não estivesse de acordo, chamava a atenção. Nós tivemos um erro, certa vez, quando um funcionário trocou um caderno de um livro de inglês. Quando foi 21:00 horas ele entrou na seção, eu me dirigi a ele e falei: “Frei, eu errei, trocamos o caderno”. Ele falou para mim: “Filho, vai dormir, que amanhã é outro dia. Amanhã a gente acerta”.¹²⁵

A carta que enviou em resposta a uma correspondência de Dom Lucas Moreira Neves ilustra a coragem e a convicção de Frei Ludovico:

A Vozes acolheu generosamente as mudanças propiciadas pelo Vaticano II... Se temos publicado em nosso editorial leigo livros de autores que vêm do mundo da cultura contemporânea, séria e bem pensada, é no sentido de darmos espaço a todos os que ajudam na descoberta da verdade (...).

Não devemos separar as áreas no mundo em que nos inserimos. Como não existe sindicato de advogados católicos e simplesmente sindicato de advogados, assim também existe o sindicato dos editores e não dos editores católicos.

Você pergunta a quem está atrelada a Vozes? Eu lhe diria: a ninguém! Atrelada significa amarrada contra a vontade, sem adesão livre e

124. Carlos Alberto Drummond, na época engenheiro do Departamento de Engenharia e Manutenção. Entrevista (4/10/2000).

125. Milton Lischt, chefe do Setor de Acabamento. Entrevista (outubro/2000).

consciente. Nem o próprio Deus quer um povo atrelado a ele e sim ligado pela inteligência e pelo amor.¹²⁶

Ao sair da Editora Vozes, em dezembro de 1986, Frei Ludovico pediu para ser transferido para o convento de Niterói, RJ, onde teria facilidade de participar das reuniões do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, do qual era membro.¹²⁷ Mais tarde mudou-se para a sede da Província, no Convento São Francisco, em São Paulo, onde faleceu no dia 22 de agosto de 1992, com 82 anos.¹²⁸

126. Frei Ludovico Gomes de Castro, diretor da Editora Vozes. Correspondência emitida a Dom Lucas Moreira Neves em 15 de outubro de 1985. São Paulo: Arquivo Provincial, Caixa 4.7.

127. Frei Ludovico Gomes de Castro. Correspondência enviada a Frei Estêvão Ottenbreit, ministro provincial, em 26 de dezembro de 1986. São Paulo: Arquivo Provincial, Pasta 551.

128. Cf. TONIN, Neylor. “Frei Ludovico...”, *op. cit.*, p. 303-321.

4. ESTRATÉGIAS EDITORIAIS

4.1. A equipe da gestão Ludovico

No Capítulo Provincial¹²⁹ de dezembro de 1961 Frei Ludovico Gomes Mourão de Castro foi nomeado Diretor-Geral da Editora Vozes. Exerceu a função por 25 anos, até dezembro de 1986, enfrentando momentos conturbados da história da Vozes, do Brasil e da Igreja Católica. Foi a gestão mais longa da história da Editora Vozes.

Uma das primeiras preocupações de Frei Ludovico ao assumir a direção da Editora Vozes foi a formação de um competente time de assessores. Ao mesmo tempo em que buscou orientação, para tanto, no mercado editorial e no mundo acadêmico, Frei Ludovico foi deixando aos frades apenas as tarefas ligadas ao editorial religioso. Trouxe para os cargos-chaves da administração da Editora profissionais experientes, com os quais podia contar, incondicionalmente, para os desafios que previa enfrentar.

129. “Capítulo Provincial”, realizado a cada três anos, é a assembléia formada pelo Ministro Provincial, juntamente com os demais membros representantes do conjunto de frades da Província, para eleger os novos superiores e definir os rumos para a mesma Província (cf. WILLEKE, Venâncio. *Franciscanos...*, *op. cit.*, p. 11).

Assim, o setor de contabilidade foi confiado ao leigo¹³⁰ Antônio Lázaro Ferreira:

O Frei Matias era contador-geral da Editora Vozes. Pouco depois da chegada de Frei Ludovico, ele foi substituído por um leigo: Antônio Lázaro Ferreira. Esse rapaz foi muito importante na organização da contabilidade da Vozes, porque até aquela época, a Vozes tinha uma contabilidade mais caseira, mais familiar. O Frei Ludovico deu à Vozes um caráter de empresa, deixou de ser uma firma religiosa, para ser uma empresa, na realidade. E esse Antônio Lázaro Ferreira foi o contador que resolveu uma série de problemas e de situações que poderiam criar problemas para a Vozes no futuro.¹³¹

Para a assessoria jurídica e para representá-lo junto às entidades do meio editorial, bem como conduzir as reuniões com grupos de funcionários, foi convidado o Dr. Manoel Machado dos Santos. Advogado de renome e professor da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Dr. Machado cresceu profissionalmente junto com Frei Ludovico e a Editora Vozes: chegou a ser vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), secretário do Sindicato Nacional dos Editores e Livreiros (SNEL), reitor da UCP e reitor emérito do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), sempre sem deixar de trabalhar na Vozes.

Frei Ludovico confiava plenamente no Dr. Machado, como mostra a declaração por ele assinada em 1973:

130. “Leigo” é aquele que não tem ordens sacras, que não é eclesiástico (cf.: KOOGAN, Abrahão e HOUAISS, Antônio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4 ed. Rio de Janeiro: Delta, 2000).

131. Ildelfonso de Oliveira. Entrevista concedida a Marcelo Fereira de Andrades em 5 de setembro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

... declaro que o Sr. MANOEL MACHADO DOS SANTOS é nosso representante, na qualidade de membro do Conselho de Administração desta Editora, estando no exercício da atividade editorial desde 1963.¹³²

Na área comercial, José Klôh Filho, “um ex-vereador, que trabalhou anteriormente na fábrica de tecidos *Werner*, uma empresa tradicional de Petrópolis”¹³³, ficou como chefe do escritório de vendas, auxiliado pelo sub-chefe Ildfonso de Oliveira. Pouco tempo depois, José Klôh assumiu a secretaria do editorial (departamento de direitos autorais) e Ildfonso ficou como chefe do escritório. O zelo desses funcionários pela *Vozes* era motivo de admiração dos frades que colaboravam com Frei Ludovico, como lembrou Frei Almir Ribeiro Guimarães quando lhe foi pedido para citar nomes de funcionários que marcaram sua passagem pela *Vozes*:

Seria injusto se deixasse ao menos de mencionar o nome de José Klôh Filho, antigo seminarista franciscano, morador do Bingen, responsável pelos direitos autorais e tradutor de textos do alemão. Não saía da *Vozes* um tostão indevido (...). Mencionaria ainda os dedicados, competentes e fiéis Arnaldo Fecher e Ildfonso Luiz de Oliveira.¹³⁴

Para a área editorial, Frei Ludovico foi “pedir ajuda ao Antônio Olympio, irmão do José Olympio, que lhe deu muitas dicas”¹³⁵, mas foi na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), situada à época no Rio de Janeiro, que ele

132. Miguel Gomes Mourão de Castro (Frei Ludovico). “Declaração” emitida em 1º de outubro de 1973.

133. Ildfonso de Oliveira. Entrevista (5/9/2000).

134. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Correspondência emitida a Marcelo Ferreira de Andrades em 4 de novembro de 2000.

135. Rose Marie Muraro. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 13 de dezembro de 2000.

encontrou a grande produtora cultural que a Vozes estava procurando: Rose Marie Muraro. Ela mesma conta:

... apareceu na CNBB Frei Ludovico, o novo diretor da Vozes, pedindo um escritor! “A escritora é ela”, responderam. E ele me levou para a Editora.¹³⁶

Rose Marie trabalhava com Pe. Hélder Câmara na CNBB e também editava a revista *Painel Brasileiro*, ligada aos franciscanos de Ipanema, no Rio:

Na Editora, comecei traduzindo livros porque precisava. Mas o *Painel Brasileiro* foi tão importante que desde o começo Frei Ludovico me deu o que ele chamava de *Coleções* para eu organizar, porque eu conhecia todo mundo. Comecei a editar livros. Uma coleção com o Pe. Gregori, que enfocava a parte sociológica da Igreja. Outra com o padre Paiva, que era uma coleção de catecismo modernizado. Em suma, levei para a Vozes a linha progressista da Igreja. Havia também uma coleção sobre educação, por intermédio do Osmar Fávero. E uma literária com a JUC (Sílvio Gomes de Almeida) em que se falava de metalinguagem, renunciando o estruturalismo (...).¹³⁷

Na época, eu trabalhava com a Ação Católica Francesa e trouxe uma pequena agenda, com fotos e frases, que começou vender bem. Primeiro fizeram 10.000 exemplares. Depois disso, 20.000. Depois chegou até 50.000. Vendia, vendia, vendia. Era muito bonito!¹³⁸

Frei Ludovico e seus assessores, como Rose Marie, elevaram a Vozes à categoria de uma das maiores e melhores editoras culturais do país. Durante a Semana do Livro do ano de 1971, recebeu da Câmara Brasileira do Livro o título de

136. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher....*, op. cit., p. 106.

137. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher....*, op. cit., p. 106.

138. Rose Marie Muraro. Entrevista (13/12/2000).

Editora do Ano, “pela destacada atividade desenvolvida neste ano, no setor a que se dedica”.

A época de ouro do livro cultural foi com Frei Ludovico. Os primeiros grandes assessores de Frei Ludovico nessa área do livro cultural foram o Osmar e Neusa Fávero, que lançaram a coleção *Educação e tempo presente*. Foi, digamos, a introdução, a entrada da Vozes na linha cultural. Depois, eles foram trazendo outras pessoas que foram criando outras coleções, outros títulos. (...) Eu não saberia dizer quem os indicou a Frei Ludovico. Deve ter sido a Rose.¹³⁹

Na área industrial, Frei Ludovico era assessorado principalmente por Arnaldo Fecher, com quem o autor teve a oportunidade de conversar diversas vezes, pelo fotógrafo Raul Lopes e o engenheiro Nílson de Almeida.

Quando eu cheguei na Vozes, em 1965, o Arnaldo era o sub-chefe. Quem era o chefe era o Raul Lopes, depois vinha o Arnaldo. Mais tarde tivemos o engenheiro Dr. Nilson de Almeida.¹⁴⁰

Pessoalmente, me entendia muito bem com Nílson de Almeida, engenheiro das máquinas e de produção. Era um jovem valente. Vozes era uma grande família. A firma, na década de 70, ia se consolidando, sendo uma empresa eficiente, adquirindo novas máquinas.¹⁴¹

Além de aconselhar Frei Ludovico na modernização do parque gráfico, o engenheiro Nílson de Almeida também investia em treinamento para os funcionários, como testemunha José Casadio Neto, na época funcionário do setor de impressão:

139. Ildfonso de Oliveira. Entrevista (5/9/2000).

140. José Luiz de Castro. Entrevista concedida a Marcelo Fereira de Andrades em 10 de outubro de 2000, gravada em fita-cassete, com transcrição revista pelo entrevistado.

141. Frei Almir R. Guimarães. Correspondência (4/11/2000).

Tive a oportunidade de fazer estágios em outras gráficas, como no SENAI, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quem me deu a oportunidade foi o Dr. Nílson de Almeida. Esse tipo de experiência é muito importante, porque além de conhecer pessoas diferentes, você conhece a estrutura de outra gráfica. Às vezes, você está tão habituado em fazer a mesma coisa, que nem sempre é a melhor, enquanto um companheiro acaba fazendo melhor e você aprende e traz.¹⁴²

Indicado por Rose Marie Muraro, Eduardo Chuahy começou a trabalhar na Vozes. Militar cassado, de esquerda, Chuahy havia trabalhado na editora Civilização Brasileira, com Ênio Silveira, na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e no gabinete militar do ex-presidente João Goulart. Tinha, portanto, muitos contatos, conhecia muitas pessoas.

Ele conhecia Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré, conhecia as melhores cabeças da militância teórica de esquerda.¹⁴³

Eduardo e Rose Marie convidaram inúmeros intelectuais brasileiros para serem autores da Vozes. Mas Chuahy era um estrategista financeiro:

Chuahy era também um bom homem de finanças. Foi ele que ajudou Frei Ludovico, no começo dos anos, 70 a fazer da Vozes uma editora profissional. Ele era muito bom para essas coisas.¹⁴⁴

Mais tarde vieram outros, como Edgar Orth, na editoração, e Gilson Gióia no departamento de pessoal.

142. José Casadio Neto. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em outubro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

143. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 188.

144. Rose Marie Muraro. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 3 de janeiro de 2001.

Nos anos 70, Frei Ludovico já colocava em prática um organograma bem moderno, no qual já não existiam funções como: assessoria da presidência, diretor financeiro, diretor industrial, diretor editorial, diretor comercial, gerente administrativo, diretor auditor e outros cargos de chefes de departamento - isto quer dizer uma pirâmide para cima. Com ele era: encarregado do Setor de Vendas, Ildefonso Luiz de Oliveira; encarregado do Departamento de Pessoal, Gilson José Gióia; contador, Oscar Gonçalves de Moura Filho; engenheiro industrial, Nílson de Almeida (...); e redator consultivo, Edgar Otilo Orth. Este era Frei Ludovico, muito esperto e conhecedor de tudo.¹⁴⁵

Também foram chegando outros frades para auxiliar na redação das revistas e da *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus*, na edição de livros religiosos e catequéticos. Em ordem cronológica aproximada, nos 25 anos da gestão de Frei Ludovico vieram para a Vozes Frei Carmelo Surian, Frei Almir Ribeiro Guimarães, Frei Clarêncio Neotti, Frei Neylor José Tonin, Frei Leonardo Boff, Frei Ludovico Garmus, Frei Gentil Avelino Titton, Frei Antônio Alexandre Nader e Frei Arcângelo Raimundo Buzzi, destacando-se aqui apenas os que trabalharam mais diretamente na Editora, sem contar os outros redatores de revistas.

Das gestões anteriores, apenas Frei Aurélio Stulzer trabalhou até 1966, na redação da revista *Vozes de Petrópolis*, e Frei Frederico Vier, revisor, que continuou trabalhando até seus últimos dias de vida. Internado no Hospital Santa Teresa, com câncer, Frei Frederico ainda revisou as provas paginadas do livro *Cantos e orações*, conforme testemunhou José Luiz de Castro, atual chefe da gráfica:

Quando ele já estava internado no hospital, veio de São Paulo o Frei José Luiz Prim, músico, com a missão de montar o livro *Cantos e orações*, o

145. Sílvio César Lopes dos Santos. Correspondência emitida a Marcelo Fereira de Andrades em outubro de 2000.

antigo *Cecilia*. Eu levei para o hospital as provas do livro inteiro. Aí o Frei Frederico levantou, pegou uma tesoura e começou a ensinar o Frei José Luiz Prim como deveriam ser montadas as páginas do livro *Cantos e orações*, da primeira à última página, com partituras. Era um trabalho artesanal. Mas foi um momento que marcou muito para a gente.¹⁴⁶

Em 1963, Frei Carmelo Surian entrou para a Vozes, vindo do convento de Ipanema.¹⁴⁷ Como a família Surian era muito amiga de Frei Ludovico Gomes de Castro - conta Frei Carmelo - Lea Surian, sua irmã, pediu que Frei Ludovico o convidasse para trabalhar na Vozes:

Ele respondeu mandando um teste para mim: há tempos se encontrava na Editora um pacote com recortes de jornais, revistas e livros sobre Deus. O senhor que o fizera urgia na publicação do livro. Pagaria à vista, mas aquilo não passava de um amontoado de papel! Cabia ao candidato transformá-lo num livro. Graças a Deus, de pronto ocorreu-me boa inspiração: ler atentamente cada texto, e aos poucos separá-los em contextos temáticos: a bondade de Deus, a sabedoria, a justiça, ... dessa forma não foi difícil obter vários capítulos sobre Deus.¹⁴⁸

Frei Carmelo foi responsável pela *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus* e pela revista *Voz de Santo Antônio (Renovação cristã)*. Em 1968, Frei Carmelo foi enviado para o norte da França, para fazer estudos de atualização na cidade de Lille. No mesmo ano, Frei Almir Ribeiro Guimarães retornou de Paris, onde havia feito estudos de especialização em catequese. Uma vez no Brasil, foi logo para Petrópolis, sua terra natal.

146. José Luiz de Castro. Entrevista (10/10/2000).

147. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1963, p, 109 verso.

148. Frei Carmelo Surian. Correspondência emitida a Marcelo Fereira de Andrades em 25 de outubro de 2000.

Chegando a Petrópolis, recebi uma *obediência* do Provincial, o saudoso e querido Fr. Walter Kempf, que me designava para ser auxiliar da Vozes e professor de catequese no Instituto de Teologia do Sagrado. Frei Carmelo Surian, que dirigia a *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus* e a revista *Renovação cristã*, iria estudar na Europa e eu assumiria, na Editora, a coordenação destas duas publicações.

No momento em que eu assumia a coordenação da *Folhinha*, lembrei-me de D. Albertina Knibel, que eu chamava de Vó Bertina e que morava na Av. Portugal, no bairro Valparaíso, Petrópolis. Lembro-me ainda hoje das cucas alemães que ela fazia e de seus gestos bondosos. Vó Bertina era uma santa. Todos os natais ela presenteava nossa família com a *Folhinha*. Fui responsável por esta publicação durante 17 anos, mesmo morando no exterior, sendo pároco em Sorocaba, SP, ou em Niterói, RJ. Não coordenava apenas o trabalho, mas batia e rebatia artigos. Com um funcionário da Vozes, vivia parte da vida em função da *Folhinha* no tempo das máquinas de escrever, das *Remington, Ollivetti* ou *Adler*.¹⁴⁹

Em janeiro de 1966, Frei Aurélio Stulzer deixou a Editora Vozes, sendo transferido para Niterói, no Rio de Janeiro. Para substituí-lo na redação da revista *Vozes de Petrópolis* veio do seminário de Agudos, em São Paulo, o Frei Lírio (Clarêncio) Neotti.¹⁵⁰

Logo no primeiro ano de Frei Clarêncio como redator, a revista *Vozes de Petrópolis* teve seu nome mudado para *Revista Católica de Cultura Vozes*. Três anos depois, em 1969, foi tirado o termo “católica” do nome ficando como *Revista de Cultura Vozes*.¹⁵¹ Frei Clarêncio trabalhava em tempo integral na Editora, onde foi

149. Frei Almir R. Guimarães. Correspondência (4/11/2000).

150. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1966, p. 160.

151. Para mais informações sobre a revista *Vozes de Petrópolis*, suas mudanças de nome e de linha editorial, conferir: BENEDETTI, Luiz Roberto: “Vozes”: uma revista afinada com o seu tempo.

responsável também pela organização do *Diário Vozes*¹⁵² e participou de diversos eventos em nome da Editora. Em 1976, durante o *V Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC)*, realizado em julho na cidade do Rio de Janeiro, com o tema “Descaracterização da cultura popular”, Frei Clarêncio Neotti foi eleito presidente da entidade.¹⁵³ Em 1978, Frei Clarêncio foi reeleito presidente, no *VI Congresso da UCBC*, realizado em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.¹⁵⁴

Frei Neylor José Tonin chegou para trabalhar na *Vozes* em outubro de 1966, substituindo a Frei Paulo Evaristo Arns, que fora nomeado bispo auxiliar de São Paulo, na redação da revista *Sponsa Christi*. Sua primeira missão na Editora foi encaminhar o processo para a mudança do título da revista, adaptando-o às novas orientações do período pós-Concílio Vaticano II.

Assumi o trabalho em outubro daquele ano e já no primeiro número estampava a seguinte chamada: “Irmã: E a sua sugestão para o novo título da nossa Revista? Mas... atenção: Ele deverá refletir a nova espiritualidade conciliar, fruto do sopro primaveril que perpassa hoje - no dizer de João XXIII - a Igreja de Deus”.¹⁵⁵

Frei Leonardo Boff¹⁵⁶ chegou em 1970, logo após ter concluído os estudos de doutorado em teologia na cidade de Munique, Alemanha. Na *Vozes*, iniciou como

In: ANDRADES, Marcelo F. (Coord.): Editora Vozes: 100 anos de história. Petrópolis : Vozes, 2001, p. 296-300.

152. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1977, p. 88.

153. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1976, p. 23.

154. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1978, p. 125.

155. *Grande Sinal*, nov./dez 1966, p. 768.

156. Estes nomes estão sendo grafados da forma como as pessoas eram conhecidas na época. Assim, por exemplo, Frei Leonardo Boff, para Leonardo Boff de hoje; Frei Boaventura Kloppenburg,

coordenador do editorial religioso e auxiliar de Frei Boaventura na redação da *REB*. Em fins de 1971, Frei Leonardo assumiu também a direção da revista *REB*, função vaga pelo pedido de renúncia de Frei Boaventura Kloppenburg:

Resolvi renunciar à direção da *REB*, para entregá-la a mãos mais jovens. (...) Frei Leonardo Boff, OFM, que como diligente e atencioso estudante de teologia em 1964 muito me ajudara, desde 1970, quando retornou doutor da Alemanha, trabalhava ao meu lado e sob minha responsabilidade na direção da revista. Ele seria o novo chefe. Desde que voltara da Europa, não me entendia mais com ele. (...) Em carta ao padre provincial, Frei Valter Kempf, OFM, que tinha sido meu colega de curso e casualmente estava em Petrópolis, expliquei: “Não consigo mais acompanhar os avanços da teologia no nosso ambiente petropolitano e não quero lançar a Revista numa direção reacionária”.¹⁵⁷

Mais tarde, Boff assumiu também a edição da revista internacional *Concilium*, traduzida pela Vozes desde 1970. Frei Leonardo entrou num ritmo tão intenso de atividades, que ficou difícil para o cronista do convento até mesmo enumerá-las, quanto mais relatá-las, como depõe Frei Clarêncio, cronista, no ano de 1977:

Difícilmente um frade de nossa Província, no presente e no passado, será ou terá sido mais solicitado para conferências e assessoramento do que Fr. Leonardo. Não vou poder colocar aqui o número de conferências que deu, porque nem ele sabe nem nunca se preocupou em anotar. Neste ano deu cursos em Salamanca, Madri (...), Caracas, Montreal, Rio, Curitiba, São Paulo, Salvador e uma porção de outras cidades. Leciona no CEFEPAL e no CETESP (Rio, curso da CRB, de aperfeiçoamento e atualização teológica). Assessora a CRB, a CNBB, o CIMI e a CLAR. Aqui em casa

para Dom Frei Boaventura Kloppenburg; Frei Paulo Evaristo Arns, para Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns; Frei Guilherme Baraúna, para Luiz J. Baraúna.

157. Dom Frei Boaventura Kloppenburg, Bispo Emérito de Novo Hamburgo, RS. Correspondência emitida a Marcelo Fereira de Andrades em outubro de 2000.

leciona Teologia Sistemática. E ainda é consultor para a parte teológica dos livros da Editora Vozes, e redator da *REB* e da edição portuguesa-brasileira da *Concilium*.¹⁵⁸

Frei Ludovico Garmus, atual diretor industrial da Vozes, após retornar do doutorado em Teologia Bíblica no *Studium Biblicum Franciscanum*, em Jerusalém, assumiu, na Editora, a função de assessor para assuntos bíblicos. Frei Garmus revisou a tradução do *Novo Testamento*, feita por Frei Mateus Hoepfers, e coordenou a edição da *Bíblia Sagrada*, traduzida diretamente a partir dos originais¹⁵⁹ e publicada em 1982. Além destes trabalhos, também coordenou a edição brasileira do livro *O Evangelho Querigmático segundo Marcos*, impresso na Itália em 1977, e organizou, no mesmo ano, o *Calendário Bíblico*.

Frei Gentil Avelino Tilton começou a trabalhar na Editora Vozes por volta dos anos 70, substituindo a Frei Frederico Vier na revisão, atividade que ainda hoje exerce. Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Academia Gregoriana, de Roma, e professor no Instituto Teológico Franciscano (ITF), Frei Gentil foi, segundo o cronista do convento, o censor dos livros da Vozes, especialmente dos religiosos, e também exerceu, nos anos 70, a função de vice-diretor da Editora:

Frei Gentil cuida de um modo especial da última revisão dos livros litúrgicos e teológicos. (...) Herdou de Frei Frederico o costume de trabalhar até madrugada no escritório, sempre que há revisão urgente, o

158. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1977, p. 84 e 84 verso.

159. Para mais informações sobre o *Novo Testamento* e a *Bíblia Sagrada*, conferir: GARMUS, Ludovico: Fidelidade ao texto original e à linguagem atual: os bastidores da tradução da “Bíblia Vozes”. In: ANDRADES, *Editora Vozes: 100 anos...*, op. cit., p. 312-321.

que acontece todos os dias. Calmo por natureza e graça, ninguém sabe que ele há quatro anos é o vice-diretor da Vozes.¹⁶⁰

Nos anos 80, mais para o final da gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro, vieram trabalhar com ele o Frei Antônio Alexandre Nader e o Frei Arcângelo Buzzi. Frei Antônio Nader relata sua chegada à Editora Vozes em 1983:

Exerci no início a função de promotor do Ensino Religioso e da Catequese, percorrendo vários estados do Brasil, fazendo promoções nessas áreas. E também promovendo a *Folhinha*, *Minutos de Sabedoria* etc. Promovi e consegui vender com antecedência o novo livro *Oração do tempo presente* (o antigo Breviário). Foi vendida a primeira edição somente com contatos pessoais e telefônicos.¹⁶¹

O grupo de frades e funcionários que trabalhavam com Frei Ludovico formava uma “verdadeira orquestra”, como compara Frei Almir Ribeiro Guimarães:

Essas e outras pessoas eram os membros de uma grande orquestra que, naquela ocasião, tinha como maestro a figura de Frei Ludovico Gomes de Castro, meio ou muito autoritário, meio ou muito independente, mas eficiente.¹⁶²

160. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1977, p. 89.

161. Frei Antônio Alexandre Nader. Correspondência emitida a Marcelo Fereira de Andrades em 28 de novembro de 2000.

162. Frei Almir R. Guimarães. Correspondência (4/11/2000).

4.2. O cotidiano dos editores

No relatório encaminhado à Província em dezembro de 1985, Frei Ludovico Gomes de Castro deixou bem claro quais foram as opções editoriais assumidas durante seu mandato de diretor da Editora Vozes: a produção da Vozes consistiu basicamente em duas linhas editoriais: a leiga e a religiosa. Na linha leiga foi dada ênfase à publicação de livros para o público universitário, mas também houve a preocupação com o leitor médio. Na linha religiosa, foram publicados principalmente livros que apresentavam um “pensamento de vanguarda e/ou obras de envergadura”.¹⁶³ Exemplos dessa primeira tendência são os livros de Frei Leonardo Boff e da coleção *Teologia e Libertação*; e da segunda, as publicações sobre o Concílio Vaticano II.

Foi exatamente na gestão de Frei Ludovico que a Vozes começou a publicar livros “de cunho universitário nas áreas de pedagogia, sociologia, psicologia, comunicação, lingüística etc.”¹⁶⁴

A ênfase na publicação de livros “universitários” na Editora Vozes durante as décadas de 1970 e 1980 foi tamanha que a Vozes lançou, em 1977, um catálogo em separado, de 116 páginas, exclusivamente para os “livros universitários”. Um outro

163. Cf.: *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1985, p. 337.

164. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1985, p. 337.

catálogo, também de 116 páginas, foi lançado para os “livros religiosos”.¹⁶⁵ É visível o investimento em publicações das áreas de Antropologia, Economia, Administração, Educação, Comunicação, Tecnologia, História, Filosofia, Línguas, Linguística e Teoria Literária. Foram publicados trabalhos monográficos, dissertações e teses de pesquisadores nacionais e traduzidas obras de autores consagrados no mundo científico.

Trechos das memórias de Rose Marie Muraro, na época assessora editorial da Vozes, mostram a intensa produção editorial universitária da Editora no período:

Trouxemos quase todos os grandes intelectuais brasileiros para a Vozes. Por exemplo, tínhamos uma coleção de lingüística que publicou o maior lingüista do Brasil, Mattoso Câmara, trazido por Miriam Lemle, e também Noam Chomsky. Publicamos Michel Foucault e os sociólogos do Cebrap, entre os quais o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (...)

Darcy Ribeiro levou sua obra para lá. Roberto Da Matta fez uma coleção em que publicamos livros de Lévi-Strauss, Victor Turner, Irwing Goffman. E Nelson Werneck Sodré levou sua obra... (...).¹⁶⁶

Através das indicações de intelectuais brasileiros e do trabalho dos novos assessores “leigos” da divisão editorial, a Editora Vozes passou a traduzir Michel Foucault, Jean Piaget, Claude Lévi-Strauss, Noam Chomsky, Roland Barthes, Peter Berger, Humberto Eco, Roland Corbisier, Peter Drucker, Pierre Furter, Paul Ricouer, Júlia Kristeva, Carl Gustav Jung, Immanuel Kant, Bronislaw Malinowski, Rollo

165. As divisões aqui mencionadas entre “livros universitários” e “livros religiosos” obedecem à terminologia adotada pela própria Editora Vozes nos catálogos do ano de 1977.

166. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 196-197.

May, Tzvetan Todorov, Victor Turner, Irwing Goffman e Herbert Schiller, entre muitos outros.

Pesquisadores e professores brasileiros também encontraram espaço na *Vozes* para a publicação de seus artigos e teses. Entre outros, os autores Florestan Fernandes, Muniz Sodré, Leonardo Boff, Rose Marie Muraro, Darcy Ribeiro, René Armand Dreifuss, Moacyr Cirne, Joaquim Mattoso Câmara, Isabel Adrados, Rubem Alves, Ângela M. Biaggio, Newton Freire-Maia, Octávio Ianni, Nelson Werneck Sodré, Luís Costa Lima, Maria Tereza Maldonado, Pierre Weill, Roberto Da Matta, Luis Carlos Bresser Pereira, Affonso Romano de Sant'Anna, Eduardo Matarazzo Suplicy, José Ramos Tinhorão, Gilberto Mendonça Teles e Ziraldo foram publicados e divulgados pela Editora Vozes para todo o país.¹⁶⁷

Na seção de periódicos da *Vozes*, Joaquim Mattoso Câmara editou uma revista de lingüística de projeção internacional. A *Revista de Cultura Vozes*, por sua vez, passou a publicar números temáticos com artigos mais ligados à área universitária. Só sobre “comunicação de massa”, por exemplo, *Cultura Vozes* publicou 242 artigos entre 1970 e 1976, sem contar as resenhas de livros sobre o assunto e os artigos sobre cultura popular, cultura erudita, semiótica, linguagem, arte, antropologia, teoria social, sociologia, economia, literatura e educação. Em 1968, também foi fundada uma outra revista de crítica literária, a *Bibliografia Classificada*, dirigida por Frei Arcângelo Buzzi e redigida por Breno Schumann.¹⁶⁸

167. *Catálogo Vozes 1977*. Petrópolis: Vozes, 1977.

168. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1968, p. 180.

O lançamento do livro *Teoria da informação*, do professor Marcello Casado d’Azevedo, coedição da Vozes com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1971, mostra que o casamento da Editora com a produção universitária brasileira estava concretizado:

A primeira coedição da Editora Vozes com o Departamento Editorial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul não é outra coisa senão um instrumento de trabalho e veículo de cultura. O livro do professor Marcello Casado d’Azevedo nasceu na experiência em salas de aula e agora, impresso, retorna à sala de aula. Ao mesmo tempo em que é pleno instrumento de trabalho, é veículo, é semente de cultura.¹⁶⁹

A Vozes foi também uma das primeiras editoras brasileiras a abordar temas polêmicos e em defesa dos direitos de categorias excluídas da sociedade, como o feminismo, a sexualidade e os direitos humanos.

Rose Marie Muraro, além de trabalhar como editora, captando originais e buscando contatos com intelectuais e pesquisadores, também era autora. Seu primeiro livro foi lançado pela Vozes em 1966: *Mulher na construção do mundo do futuro*. Quem lhe sugeriu escrever esse livro foi o próprio Frei Ludovico: “Filhinha, você é mulher... Porque não escreve um livro sobre mulher?”¹⁷⁰

Rose Marie dedicou o livro ao Papa João XXIII:

Na primeira página, citei uma frase dele: “Este é o século da libertação dos países subdesenvolvidos, da classe operária e das mulheres”. Isso foi no início dos anos 60, antes de se sonhar com o feminismo ou a Teologia

169. NEOTTI, Clarêncio. “Os 70 anos da Editora Vozes” in *Vida Franciscana*. São Paulo, n. 43, out. 1972, p. 23.

170. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 118.

da Libertação! E a frase mexeu muito comigo. Na época eu nem sabia da existência de Betty Friedan, que já havia publicado *A mística feminina*.¹⁷¹

Rose Marie escreveu, em seguida, *Automação e o futuro do homem*, publicado pela Vozes em 1969:

Esse livro falava especificamente do que era a opressão dos países desenvolvidos sobre os países subdesenvolvidos. E, depois, do que era a opressão do sexo masculino sobre o sexo feminino, estabelecendo a ligação entre as duas.¹⁷²

Em pouco tempo, os livros *Mulher na construção do mundo do futuro* e *Automação e o futuro do homem* eram adotados na maioria das escolas particulares administradas por religiosas. *Automação e o futuro do homem* vendeu 10.000 exemplares em três meses: “Foi o segundo livro mais vendido da Editora Vozes, sem nenhuma promoção, sem nada. Foi o boca-a-boca”.¹⁷³

Logo depois a Vozes publicou, nessa mesma temática, os livros de Heloneida Studart, *Mulher: objeto de cama e mesa*; de Marta Suplicy, *Conversando sobre sexo* e *De Mariazinha a Maria*; de Sandra Mara Herzer, *Queda para o alto*; a grande pesquisa organizada por Rose Marie Muraro, *Sexualidade da mulher brasileira*; e traduziu *Mística feminina*, de Betty Friedan.

171. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 118.

172. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 119.

173. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 119.



COSMOVISÃO 6 - VOZES

mulher objeto de cama e mesa



heloneida studart

A publicação do livro *Mística feminina*, em 1971, coincidiu com as comemorações dos 70 anos da Editora Vozes, quando Frei Ludovico queria trazer um autor internacional para dar conferências no Brasil. Rose Marie sugeriu e a Editora Vozes convidou então Betty Friedan para vir ao Brasil. A repercussão foi imensa:

Ela ganhou as páginas amarelas de *Veja*, deu uma entrevista ao *Pasquim*, a *TV Globo* fazia enquetes de opinião pública em cada esquina do país, tal era o interesse e o medo que a população brasileira tinha das feministas.
174

Betty Friedan fez o lançamento do livro do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo; deu entrevistas aos principais jornais, revistas e canais de televisão do país. Um ano depois, Frei Clarêncio Neotti, redator da *Revista de Cultura Vozes*, avaliava¹⁷⁵:

A estadia dela entre nós, por seu comportamento e por suas idéias e pelas opiniões que os jornalistas lhe atribuíram, foi muito contestada, mais do Rio do que em São Paulo. Embora o livro tenha tido apenas êxito relativo (vendemos uma só edição), a discussão em torno dele e de sua autora ajudaram a colocar o nome da Vozes em colunas e ambientes onde não podíamos entrar por preconceitos de que na Vozes benzíamos todos os livros com *imprimatur*¹⁷⁶.

Frei Leonardo Boff, na época editor religioso da Vozes, também registra que

174. Rose Marie Muraro. Entrevista (3/1/2001).

175. NEOTTI, Clarêncio. “Os 70 anos da Editora Vozes” in *Vida Franciscana*. São Paulo, n. 43, out. 1972, p. 20.

176. “*Imprimatur*: permissão da autoridade religiosa para imprimir texto que foi submetido à sua censura” (Cf.: MAZZUCO, Vitório (Coord.) e outros, *Léxico...*, *op. cit.*).

a Editora sofreu muitas acusações nesse período:

Tais acusações provinham de bispos, de grupos e de intelectuais cristãos ainda vinculados ao velho paradigma eclesiocêntrico. Especialmente insistente se fez a crítica por ocasião da publicação de obras como a do biólogo Jacques Monod, *O acaso e a necessidade* (1971); ou as obras ligadas à libertação feminista, tais como *A mística feminina*, de Betty Friedan (1971), ou *Mulher: objeto de cama e mesa*, de Heloneida Studart (1974), ou toda a obra de Rose Marie Muraro, que fazia um diálogo aberto entre a concepção humanística e a visão científica da natureza e da sociedade da automação; e o conjunto das obras da Teologia e Libertação, o primeiro ensaio de teologia sistemática feito a partir da periferia.¹⁷⁷

As 500 páginas de *Sexualidade da mulher brasileira* apresentam o resultado de uma pesquisa de campo coordenada por Rose Marie Muraro com a participação de pesquisadoras como Yeda Wiarda, Maria Bethânia Dávila, Sônia Correa e Albertina Duarte e o auxílio financeiro da Fundação Rockefeller.¹⁷⁸ Elas entrevistaram homens e mulheres da “burguesia” do Rio de Janeiro, “porque era o seu comportamento que era passado como modelo nas novelas de TV para as outras classes sociais”, das regiões rurais de Pernambuco (o estado com a maior concentração de população rural na época) e das cidades industrializadas do estado de São Paulo, o maior estado industrial do país.

A repercussão do livro começou com a entrevista que dei à *Playboy*, em julho de 1981, e que quase acabou com meu emprego. Depois que o livro saiu, tive cinco páginas de *Veja*, doze páginas de *IstoÉ*. Também o *Los Angeles Times* e o *Miami Herald* noticiaram. (...) O livro teve tanta repercussão que foi direto para a lista de *best-sellers*, teve cento e sessenta reportagens. (...) Dez anos depois, recebi um recado do Felix Guattari

177. BOFF, Leonardo: As duas pilastras que sustentam o sonho da Editora Vozes: o testemunho agradecido de um ex-editor In: ANDRADES, *Editora Vozes: 100 anos...*, op. cit., p. 265-268.

178. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 257-266.

através do Gregório Barenblitt, em que ele dizia que achava um dos livros mais importantes que já lera. “Nós deliramos na Europa e vocês fizeram a pesquisa de campo, que validou as nossas teorias”.¹⁷⁹

Diferente do feminismo norte-americano, a preocupação principal de Rose Marie e de outras autoras publicadas pela Vozes não era a satisfação sexual:

A sexualidade era totalmente secundária. A gente se preocupava com a exclusão em geral. A gente já sabia que entre os excluídos havia alguém mais excluído que o homem, que era a mulher. A Vozes publicou muita coisa étnica, como, por exemplo, o *Quilombismo*, de Abdias do Nascimento; os *Contos crioulos da Bahia*, do Mestre Didi;¹⁸⁰ tudo isso que era tão importante quanto o feminismo. Éramos contra racismo e sexismo. Enquanto não se mexesse nessas duas coisas, não se libertaria o pobre.¹⁸¹

A Editora também ficou conhecida, nesse período, como uma das únicas vozes de resistência ao regime militar ditatorial que instalou-se em 1964. Foram publicadas inúmeras obras denunciando as atrocidades cometidas pela ditadura militar, e não poucas vezes funcionários e frades da Editora foram ameaçados, como relata Lucílio de Castro, na época gerente da filial de Belo Horizonte:

No auge da repressão militar, na década de 1970, a nossa *Agendinha* de bolso foi considerada pelos militares como “subversiva”. Pois bem, eis que, numa bela manhã, pára na porta da nossa loja uma viatura do exército, com três oficiais. Logo adentraram e imediatamente me colocaram num jipe dizendo que, a partir daquele momento, deveríamos recolher todas as agendas que porventura estivessem nas livrarias. Saímos em carreata recolhendo todas as agendas nas livrarias que haviam

179. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher...*, op. cit., p. 259-261.

180. Para mais informações sobre esse tema, conferir: SERRA, Ordep. O pensamento da comunidade negra. In: ANDRADES, Editora Vozes: 100 anos..., op. cit., p. 354-357.

181. Rose Marie Muraro. Entrevista (3/1/2001)

adquirido. Isso durou o dia inteiro. Finalmente, depois de cumprida a missão, levaram-me para o antigo DOPS, onde o delegado de plantão começou um longo interrogatório. E para convencer a referida autoridade que não era eu que havia escrito, editado e impresso a agenda foi uma luta.¹⁸²

Brasil: nunca mais foi uma das obras mais importantes publicadas pela Vozes no período. A partir de relatos de processos recolhidos nos arquivos do Superior Tribunal Militar, o livro denuncia “283 formas diferentes de tortura praticadas em 242 locais do território brasileiro pelo sistema repressivo instalado com o regime militar de 1964”.¹⁸³

A decisão de publicar este livro ilustra a coragem e compromisso de Frei Ludovico e seus assessores com a verdade, como testemunham Dom Paulo Evaristo Arns, autor do prefácio e principal mentor da obra, e José Luiz de Castro, na época funcionário responsável pela gráfica:

Quando só o Reverendo Jaime Wright e eu éramos os únicos a sabermos da publicação do *Brasil: nunca mais* - mesmo o texto estando pronto, ninguém mais estava a par do que havia sido feito e de como havia sido feito -, nós combinamos que seria publicado pela Editora Brasiliense, pela qual eu já tinha publicado alguns livros. Eu fui falar com o diretor da Brasiliense, ele leu o texto, ficou muito comovido e disse que não tinha coragem de publicá-lo. Então eu ofereci a Frei Ludovico e ele mandou que o Leonardo Boff lesse o livro e o Leonardo logo disse: “O livro deve ser publicado, porque é um livro histórico, que vai marcar época em toda

182. Lucílio de Castro. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em outubro de 2000.

183. PIMENTA, Ângela. “Para que nunca mais este livro precise ser escrito” in *Leia Livros*. São Paulo, set. 1985.



a história do Brasil e vai ser um dos livros mais indispensáveis para entender o que se passou com o golpe militar”.¹⁸⁴

No dia que o livro ia ficar pronto, Frei Leonardo Boff foi na minha sala e disse: “José Luiz, como é que está o livro *Brasil: nunca mais?* Eu respondi: “Frei, amanhã ele sai. Vamos encapá-lo hoje e amanhã de manhã estará pronto”. Ele falou: “Não sei, não... Vamos na sala do Ildfonso telefonar”. Eu não tinha telefone na minha sala, só interfone. Chegando na sala, o Ildfonso pediu uma ligação para o Rio. Era uma quinta-feira e Frei Ludovico ficava todas as quintas e sextas-feiras atendendo na loja do Rio de Janeiro. Frei Leonardo pediu licença a mim e ao Ildfonso para falar em alemão e disse ao Frei Ludovico que o livro estava saindo e ele sugeria que levássemos a edição para o convento. Ele tinha medo de que os militares invadissem a Vozes, porque o livro diz o nome dos torturadores, cita os porões da ditadura, detalhes das torturas etc. Então Frei Ludovico respondeu: “O livro fica na Editora Vozes. E qualquer eventualidade liguem para mim, se tiver que prender alguém, que prendam a mim”.¹⁸⁵

184. Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 26 de outubro de 2000.

185. José Luiz de Castro. Entrevista (10/10/2000).

4.3. As publicações religiosas

A linha de publicações religiosas caracterizou-se, segundo o próprio Frei Ludovico, por “um pensamento de vanguarda” (como o que era veiculado pelos livros dos teólogos da libertação) e por “obras de envergadura”, como as publicações sobre o Concílio Vaticano II.

A participação da Vozes na recepção e na divulgação das idéias do Concílio Vaticano II foi surpreendente.¹⁸⁶ A *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* publicou milhares de páginas com crônicas, resultados, debates, artigos, atas e documentos do Concílio em tempo real. Além da *REB*, a Vozes também publicou artigos sobre o Concílio em suas revistas *Sponsa Christi*, *Revista de Cultura Vozes* e *SEDOC (Serviço de Documentação)*, esta última criada em 1968 com o objetivo de reunir e divulgar no Brasil os principais documentos da Igreja no mundo e na América Latina.

Em forma de livro, a Vozes publicou em torno de 20 volumes durante o Concílio, alguns com mais de 1000 páginas. Os livros eram editados pela Vozes e em seguida, ou até simultaneamente, traduzidos para diversos idiomas. Só para citar um exemplo, o livro *A Igreja do Vaticano II*, de 1965, com 1331 páginas, coordenado por Frei Frederico Vier e elaborado em conjunto com 57 especialistas de renome

186. Para mais informações sobre este tema, conferir: PIVA, Elói D. A Editora do Concílio. In: ANDRADES, *Editora Vozes: 100 anos..., op. cit.*, p. 322-331.

internacional, foi publicado simultaneamente em português (Vozes), inglês, francês, alemão, holandês, espanhol e italiano.

Apesar de sua periodicidade trimestral, a *REB* foi, a seu modo, o veículo que por primeiro levava a informação detalhada e de fonte bem informada, que tecia ponderações sobre o Concílio.¹⁸⁷

Uma explicação possível para esta agilidade na publicação é o fato de que o redator-chefe da *REB*, Frei Boaventura Kloppenburg, era também o chefe da Seção de Imprensa para a Língua Portuguesa do Concílio Vaticano II e teólogo conciliar, isto é, teólogo perito nomeado pelo Papa para assessorar as sessões do Concílio.

Frei Boaventura contou, em entrevista ao autor, alguns detalhes sobre sua atuação no Concílio:

Eu fui nomeado para a propagação do Concílio em Língua Portuguesa, encarregado de transmitir aos jornalistas o que estava acontecendo no Concílio. Fiquei menos de um mês neste ofício, porque não gostei. Preferi dedicar-me completamente à função de perito do Concílio. Então continuei a trabalhar na comissão teológica, na comissão doutrinal, o que me dava direito a ir todos dias na aula conciliar. Eu ficava até altas horas da noite trabalhando para fazer a crônica. Tinha que escrever alguma coisa a cada dia. E a *Vozes* publicava rapidamente. Por exemplo, o Concílio começou em outubro de 1962 e em dezembro já saía o último número da *REB* do ano com materiais sobre o Concílio que eu tinha mandado para o Frei Constantino, que estava em Petrópolis.¹⁸⁸

187. PIVA, Elói D. *Análise do Concílio Vaticano II na Editora Vozes*. Petrópolis, 1992, p. 8 (mimeo).

188. Dom Frei Boaventura Kloppenburg, Bispo Emérito de Novo Hamburgo, RS. Entrevista (13/11/2000).

Segundo o professor Joseph-Ignasi Saranyana, da *Universidad de Navarra*,

tales crónicas constituyen hoy todavía un lugar obligado de referencia, por la fidelidad de los datos ofrecidos y por la gran abundancia de información. Puede decirse que *REB* familiarizó al clero brasileño con el Vaticano II, que pudo seguir con muchísimos pormenores de sus páginas, y con una excelente orientación teológica.¹⁸⁹

As crônicas de Frei Boaventura sobre o Concílio logo foram publicadas em uma coleção de cinco livros:

O primeiro volume era de preparação para o Concílio, esse primeiro volume saiu antes do começo do Concílio, quando se falava, quando se propagava o Concílio. Ao começar o Concílio, o primeiro volume já estava impresso. Depois, em março de 1963, veio o segundo volume, sobre a primeira sessão, que terminou em dezembro de 1962. Cada volume tinha 300 ou 400 páginas, porque estávamos ainda num regime excessivamente severo de segredo. Muitas coisas a gente sabia e não podia dizer. Eu tinha um amigo em Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, que me animou a publicar assim mesmo.¹⁹⁰

Além de Frei Boaventura, a atuação ímpar da Editora Vozes na divulgação do Concílio deve-se ao trabalho em equipe de outros frades franciscanos, diretamente ligados à Editora Vozes e ao Instituto Teológico Franciscano (ITF), como Frei Guilherme Baraúna, ex-redator da revista *Sponsa Christi*, também nomeado perito na Comissão Teológica, assessor dos bispos brasileiros e organizador de diversos livros sobre o tema; Frei Constantino Koser¹⁹¹, professor do ITF, autor, tradutor e colabora-

189. SARANYANA, Joseph-Ignasi. “Medio siglo de la ‘Revista Eclesiástica Brasileira (REB)’” in *Hispanica Sacra* 48 (1996), p. 267.

190. Dom Frei Boaventura Kloppenburg. Entrevista (13/11/2000).

191. Falecido em 19 de dezembro de 2000.

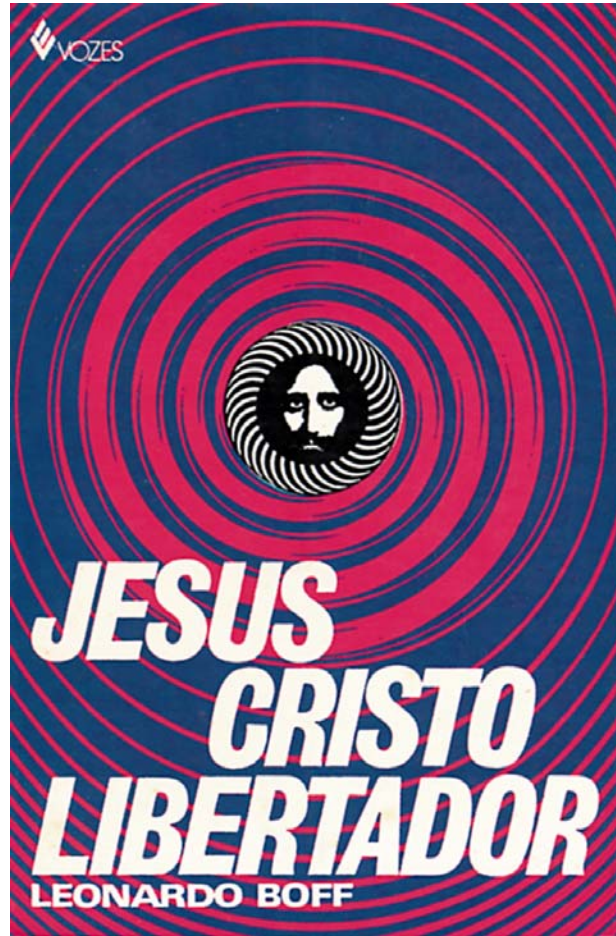
dor da Vozes, eleito durante o Concílio ministro geral da Ordem dos Frades Menores, cargo máximo dos franciscanos no mundo, tendo, desta forma, participado de sessões do Concílio e produzido textos e artigos para a Vozes; Frei Ludovico Gomes de Castro, diretor da Editora Vozes, que acreditou e financiou as publicações do Concílio; Frei Frederico Vier; revisor da Editora, que revisou, traduziu e organizou diversas obras do Concílio; Frei Paulo Evaristo Arns, redator da revista *Sponsa Christi* e professor do ITF; e Frei Leonardo Boff, que tornou-se um dos principais divulgadores do período pós-Concílio. Segundo Dom Paulo Evaristo Arns,

O Concílio Vaticano II deve, no Brasil, a sua difusão unicamente à Vozes. Porque os textos eram enviados imediatamente e nós mesmos iniciávamos a tradução. Eu próprio passei um mês inteiro no meio da serra, só traduzindo, de manhã até a noite o material e os documentos do Concílio que o Frei Boaventura nos passava quando ele voltava de Roma.¹⁹²

A partir do Concílio Vaticano II e da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que aconteceu em Medellín, Colômbia, no ano de 1968, novas temáticas e novas abordagens foram sendo produzidas, principalmente na América Latina. O livro *Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff, marca, segundo Piva, “o início de uma nova consciência”.¹⁹³ Boff e diversos outros autores começaram a escrever – e a Vozes a publicar – livros e artigos sobre a situação histórica do catolicismo no Brasil, a situação econômica do continente latino-americano, libertação, catolicismo popular, a relação centro-periferia, culturas, opressão, justiça, pecado social, pobreza, miséria, exclusão, Comunidades Eclesiais de Base, secularização, alteridade, povo, romanização, pluralismo cultural etc.

192. Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns. Entrevista (26/10/2000).

193. PIVA, *Análise...*, *op. cit.*, p. 18.



Esta mudança nas publicações religiosas garantiu à Editora reconhecimento internacional também no campo religioso e a tradução de dezenas de títulos de autores brasileiros para diversos idiomas, em especial de Leonardo Boff¹⁹⁴.

Hoje em dia temos mais de sessenta títulos traduzidos e publicados na América Latina, Estados Unidos, França, Holanda, Bélgica, Espanha, Áustria, Alemanha, Itália, Polônia, Iugoslávia, Japão e Inglaterra. Note-se que esse êxito é devido em grande parte aos livros de Frei Leonardo Boff.

¹⁹⁵

Após a publicação do livro *Igreja, carisma e poder*, em 1982, Frei Leonardo Boff foi chamado a Roma para dar explicações sobre seu livro à Congregação para a Doutrina da Fé:

No dia 7 de setembro de 1984, foi-me concedida a honra forçada de sentar na cadeira esquentada por Galileu Galilei. Antes de sentar nela, cumprimentei-a com um solene gesto reverencial, coisa que irritou o Cardeal Inquisidor Joseph Ratzinger. Por três horas sofri o interrogatório dele...¹⁹⁶

Em maio de 1985, Boff foi condenado pelo Vaticano a um ano de “silêncio obsequioso”. Não podia lecionar, dar entrevistas ou publicar textos. No ano de 1986,

194. Para mais informações sobre a atividade editorial e intelectual de (Frei) Leonardo Boff conferir: GOLDSTEIN, Horst. Leonardo Boff: libertação dos pobres, libertação da terra. *In: A ANDRADES, Editora Vozes: 100 anos..., op. cit.*, p. 396-400; e BOFF, Leonardo. As duas pilastras que sustentam o sonho da Editora Vozes: o testemunho agradecido de um ex-editor. *In: ANDRADES, Editora Vozes: 100 anos..., op. cit.*, p. 265-268.

195. *Livro de crônicas*, vol. 9, 1985, p. 338.

196. BOFF, Leonardo. “Balanço aos sessenta: Entre a Cátedra de Pedro e a Cadeira de Galileu Galilei” in UFJF. *Numen. Revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v.2, n. 2, p. 149-150, 1999.

foi obrigado a deixar o cargo de redator-chefe da *Revista Eclesiástica Brasileira*. Continuou na Vozes, assumindo o cargo de redator-chefe da *Revista de Cultura Vozes* até 1991, quando foi afastado.¹⁹⁷

Mais para o final da gestão de Frei Ludovico, a Editora Vozes começou a investir na publicação de livros para catequese e ensino religioso, especialmente coleções em co-edição com dioceses ou arquidioceses. Exemplo dessas publicações é a coleção *Crescer em Comunhão*, co-editada com a Arquidiocese de Curitiba, até hoje em catálogo, com milhões de exemplares vendidos. Além das coleções, eram também editados livros avulsos para Primeira Eucaristia e Crisma.

A responsabilidade pelas publicações da área de catequese ficou com Frei Antônio Alexandre Nader, na época também vice-diretor da Editora Vozes. A importância desses livros de catequese é destacada por Frei Ludovico no relatório de 1985:

À guisa de ilustração, para se ver a importância dada à catequese, eis a estatística dos livros vendidos no exercício de 1984/85, separados em três linhas:

livros da área leiga: 368.719 exemplares;

livros da área religiosa, sem serem de catequese: 691.849 exemplares;

livros de catequese: 1.626.376 exemplares.¹⁹⁸

197. Para mais informações sobre as condenações de Frei Leonardo Boff, consultar os seguintes fascículos da *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*: 179, 1985, p. 595-604; e 203, 1991, p. 704-707.

198. *Livro de crônicas*, vol. 9 (1985), p. 337 verso.

4.4. O crescimento industrial

Quando Frei Ludovico Gomes de Castro assumiu a empresa, preocupou-se não somente com a qualidade da produção editorial, mas também com a ampliação do parque gráfico e o crescimento comercial. Logo nos primeiros meses de sua gestão, encaminhou um processo para a importação de uma máquina *offset*, da Alemanha¹⁹⁹, que aumentou a capacidade de produção da gráfica, permitindo a impressão de um caderno de 64 páginas de cada vez.²⁰⁰

Então quando eu cheguei na Vozes, era uma escola de artes gráficas. Por quê? Ela tinha uma linotipia como ponto principal. Tinha nove máquinas. O chefe da linotipia era José Antônio da Rocha Filho.

Antigamente, para paginar um livro, você pegava do granel, uma caixa de madeira onde nós colocávamos as composições e você ia compondo e tirava uma prova chamada primeira prova de paquê. Era uma prova sem paginação. Depois nós pegávamos essa prova e paginávamos o livro. O livro era paginado no chumbo (...) Era só trabalho manual. A única máquina que existia no setor era uma serra, usada para cortar o lingote de chumbo. Às vezes o lingote era maior e você precisava dar um corte nele ou raspar ali embaixo. (...) Saindo da paginação, (...) você imagina o que era imprimir um *Missal romano*, por exemplo. A primeira impressão deste livro foi feita na impressão tipográfica. Eu acho que são 1.152 páginas e com muitas cores rodadas na impressão tipográfica. Se havia um livro em duas cores, a gente rodava tudo que é preto e tirava as linhas para rodar a outra cor. Hoje com uma máquina bicolor ou quadricolor, você roda as duas ou as quatro cores ao mesmo tempo. O *Missal romano*

199. Cf.: *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1962, p. 99.

200. José Luiz de Castro. Entrevista (10/10/2000).

foi rodado todo na impressão tipográfica, com tiragem inicial de 3.000 exemplares, todo em duas cores. Primeiro a gente imprimia tudo que era preto, depois voltava para máquina para imprimir só as chamadas, as notas de rodapé e, às vezes, aquelas entradas em vianegro, que era a cor tradicional.

A máquina *Intertype* transformava a linha de chumbo em letrinhas, que caíam dentro de uma caixa e essas caixas caíam dentro de um espaço chamado compoledor. De lá iam para uma caldeira de chumbo que fazia a fundição. O pote de linha caía e depois um braço pegava as letrinhas e jogava para dentro outra vez, nas casinhas de A a Z.²⁰¹

A inauguração da nova máquina *offset* foi no dia 28 de novembro de 1963, com a Editora em clima de festa:

Finalmente se concretiza um velho sonho, que já era de Frei Inácio Hinte. A máquina montada e testada podia rodar, podia receber a bênção oficial para ensaiar sua atividade. Organizou-se festa na nova área das máquinas, modernizada, ampla, luminosa, abrigando lá também a nova presença esperançosa. Muitos amigos foram convidados: confrades vieram da Baixada e do Rio, confrades ligados à Editora, como Frei Tomás Borgmeier, Frei Mansueto Kohen, aliás, mais de perto Frei Matias Heidemann etc., etc. Irmãos dos conventos daqui, representantes. Os operários presentes; os mais veteranos receberam nesta oportunidade as palmas, recompensas e celebração de até *50 anos* (!), de dedicada colaboração na Editora como operários dignos de admiração. Salgadinhos, guaraná. (...) Frei Aurélio evocou nomes e todo mundo se alegrou e conversou. Também senhores das classes produtoras (Petrópolis) estiveram. Foi uma hora de satisfação e esperanças. Ressaltou-se a imprensa católica. Dia seguinte, 29, a Editora ofereceu às famílias dos que nela trabalham um passeio ao Rio (Gávea) em ônibus especiais.²⁰²

201. José Luiz de Castro. Entrevista (10/10/2000).

202. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1963), p. 125.

Dois anos depois, necessitando aumentar ainda mais sua capacidade de produção, bem como torná-la mais econômica, a Vozes importou outra máquina *offset*, desta vez menor do que a anterior.²⁰³

Em 1975, a Vozes importou mais uma máquina impressora *offset*, da marca Müller. A máquina foi inaugurada em 10 de janeiro de 1976, com um almoço festivo oferecido aos diretores das editoras com sede no Rio de Janeiro.

Frei Ludovico Gomes de Castro saudou a todos. Acrescentou que a inauguração da máquina era apenas a ocasião para um encontro informal há muito desejado. “O que desejamos de fato - disse Frei Ludovico na alocução - é a aproximação humana entre os nossos funcionários, entre nós e os clientes, entre nós e os fornecedores, quer financeiros, quer industriais, entre nós e o mundo brasileiro, o mundo universal”.²⁰⁴

Essa máquina aumentou em 20% a capacidade de produção da Editora Vozes. Assim que a máquina começou a operar em dois turnos, o aumento foi de 35%.

Mas a maior importação do período foi no fim da década de 70, quando a Vozes adquiriu a máquina *Planeta Super Variant P-26*, da Alemanha, que imprime em duas cores, na velocidade de 10.000 folhas por hora. A *Planeta* comprada pela Vozes foi a 50ª unidade dessa máquina produzida pela fábrica alemã e a primeira a ser montada na América Latina. A Vozes estava, portanto, à frente na evolução do setor gráfico do mercado editorial brasileiro.

203. Cf. *Livro de crônicas...*, vol. 8, 1966, p. 160.

204. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1976, p. 4 verso.

Ainda durante a gestão de Frei Ludovico, foram importadas diversas outras máquinas: a dobradeira *Brehmer*, que pode dobrar 900 cadernos²⁰⁵ por hora; a máquina de costura *Bukmer*, que pode costurar 2.500 livros por hora e o conjunto de máquinas *Müller Martini Pony 5*, composto de encadernadora e alceadeira automáticas com 12 estações, que podem encadernar 2.000 livros por hora.²⁰⁶ Estas últimas máquinas modificaram completamente o setor de acabamento dos livros da Editora Vozes, como testemunhou Milton Lischt, atual chefe do setor, funcionário da Editora desde 1951:

A colocação de capa hoje é na máquina, o alceamento é na máquina, dobra na máquina. Antes era manual. As máquinas de costura eram muito antigas, a maior parte das máquinas eram margeadas, não eram automáticas. A pessoa pegava a folha, empurrava a folha para dentro da máquina, margeando. Hoje melhorou, está tudo modificado.²⁰⁷

Além destas importações principais, relatadas no *Livro de Crônicas*, aconteceram diversas outras. Máquinas de imprimir capas a cores da *Heidelberg*, dobradeiras *Polygraph*, guilhotinas, ambientadores de papel e lavadora de rolos *Ricall*, por exemplo, foram algumas das máquinas importadas. “Todas estão aqui conosco. Apesar de velhinhas, estão funcionando normalmente”, depôs o

205. “Caderno: folha impressa, anverso e verso, que, depois de dobrada, resulta em 4, 8, 16, 32 ou 64 páginas. Dependendo da forma de dobrar, pode haver caderno de 6, 12 e 24 páginas” (MAZZUCO, Vítório (Coord.); SGARBOZZA, Joel; e MÜNCHEN, Edgar. *Léxico Vozes*. Petrópolis: Vozes, 1999).

206. Cf.: *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1980, p. 175.

207. Milton Lischt, chefe do acabamento. Entrevista concedida a Marcelo Fereira de Andrades em outubro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

engenheiro-chefe do Departamento de Engenharia e Manutenção da Editora, Carlos Alberto Drummond Costa.²⁰⁸

No atual parque gráfico da Editora Vozes existem máquinas da década de 40 funcionando normalmente, como a antiga impressora *Kelly*, adaptada para vincar capas. O segredo dessa longevidade apóia-se em dois princípios básicos de cuidado: a limpeza e conservação das máquinas feita por seus próprios operadores e a manutenção preventiva feita pelo Departamento de Engenharia e Manutenção.

Quem visitar a gráfica da Vozes às 17:00 horas, final do expediente, vai encontrar, entre outros, o Sr. Nilton Klôh, funcionário há 52 anos, com uma flanela nas mãos limpando, cuidadosamente, cada cantinho da *Heidelberg* que ele opera. O cuidado com a conservação das máquinas, hábito herdado de Frei Inácio Hintze, que restaurou os restos da impressora *Alauzet* em 1901, é partilhado por chefes e funcionários.

A limpeza preventiva é feita por nós. De tempo em tempo, quando eu era supervisor da área de impressão, procurava o José Luiz, chefe da gráfica, e combinava um período para deixar uma máquina parada para fazer uma manutenção geral. Ele perguntava: “Quanto tempo você precisa ficar com a máquina parada?” Eu perguntava para o Drummond em quantos dias daria para fazer esta manutenção, e ele dizia que, para ficar 100%, precisava deixar uns três dias parada. Eu então falava com o José Luiz e ele me dava três dias para fazer esta manutenção.²⁰⁹

Esse hábito de cuidar e conservar as máquinas causa admiração até para os fa-

208. Carlos Alberto Drummond da Costa. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 4 de outubro de 2000, com transcrição revista pelo entrevistado.

209. José Casadio Neto. Entrevista (outubro/2000).

bricantes das máquinas, conta Drummond:

Temos um cuidado muito especial com a conservação e a manutenção das máquinas, apesar de não termos tido oportunidade, no passado, de fazer cursos para a manutenção das novas máquinas que eram compradas. Sempre tivemos que aprender com poucos recursos, consultando os catálogos, tirando dúvidas por telefone etc. Certo dia, apareceu aqui na Editora, sem nenhum aviso, o Sr. Gunther Ritzinger, alemão, técnico da *Man Müller*, empresa fabricante de uma de nossas impressoras. Ele ficou muito surpreso com o fato de que nós fazíamos a manutenção das máquinas, muito bem feita, sem termos cursos específicos. Durante a visita, ele localizou uma peça com desgaste na máquina *Müller 05-13* e falou: “Essa aqui não tem jeito. Vocês terão que importar uma peça nova”. Eu falei para ele que não precisava, que uma peça dessas nós mesmos faríamos aqui na nossa oficina mecânica, em pouco tempo. Ele não sentiu muita firmeza e, para seu espanto, nós fizemos a peça em pouco mais de duas horas e a máquina voltou à condição de nova.²¹⁰

Frei Ludovico Gomes de Castro já se preocupava, em 1985, com a implantação de um sistema de computadores, inicialmente para atender os pedidos e controlar as vendas das filiais:

Com a expansão comercial, há a necessidade de se introduzir o controle por computador. Já se iniciaram os trâmites para a aquisição dessa aparelhagem.²¹¹

O resultado dos investimentos de Frei Ludovico Gomes de Castro na melhoria do parque gráfico pode ser constatado no crescimento gigantesco da capacidade de produção da Editora Vozes durante a sua gestão: a marca de 6.500.000

210. Carlos A. Drummond da Costa. Entrevista (4/10/2000).

211. *Livro de crônicas...*, vol. 9, 1985, p. 337.

livros produzidos no ano-exercício²¹² de 1985 mantiveram a Editora Vozes permanentemente classificada entre as três maiores editoras do Brasil, conforme o *ranking* divulgado no boletim *Leia-Livros*.²¹³

Comparando a capacidade de produção da Editora Vozes em 1985, com a capacidade de produção da Vozes na gestão anterior²¹⁴, mesmo depois de instalada a grande máquina Pavema, o crescimento foi de 127,55%.

212. O ano exercício de 1985 abrange o período compreendido entre 1º de julho de 1984 a 30 de junho de 1985.

213. Conferir, por exemplo, as edições de março de 1980 e março de 1986 do boletim *Leia Livros*, publicado pela editora Brasiliense, de São Paulo. Na edição de 1980, o artigo "Quem é quem no mercado editorial", de Caio Túlio Costa, aponta a Vozes como a maior editora do país com 216 títulos publicados nas diversas áreas das ciências humanas. Em 1985, Vozes figurou como terceira, ficando abaixo da Record e da Brasiliense. Enquanto gráfica, no entanto, a Vozes deve ter sido a maior, pois não eram computados no *ranking* os 1.200.000 exemplares da *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus* e os livros produzidos para outras editoras, em especial para a própria Record, Rocco, Nova Fronteira, Fundação Getúlio Vargas e José Olympio. Só em 1985, a gráfica da Vozes imprimiu 2.212.997 livros para outras editoras.

214. Para esse cálculo foram utilizados os dados do ano exercício de 1958, quando foram produzidos 2.856.489 livros na Editora Vozes (cf.: *Vida Franciscana*, vol. 23, 1958, p. 45).

4.5. A expansão comercial

De Petrópolis, Rio de Janeiro, sede da Editora, os livros publicados pela Vozes foram sendo comercializados para todas as principais cidades brasileiras - através da venda direta ao leitor feita pelas filiais, da distribuição para outras livrarias feita pelas filiais e pelos representantes comerciais e da venda por reembolso postal feita diretamente pela matriz para as regiões mais distantes - e exportados para os países de língua portuguesa. De agosto de 1970 a maio de 1971, por exemplo, “foram exportados 15.085 livros, de 304 títulos diferentes”.²¹⁵ De acordo com Ildfonso de Oliveira, na época chefe nacional do setor de vendas:

Até meados da década de sessenta, 50% da produção da Vozes era escoada diretamente pela Sede, em Petrópolis, através do sistema de reembolso e do despacho para as diversas livrarias localizadas no país, que recebiam a mercadoria em conta firme, isto é, como compra, com prazo normal de pagamento e sem direito à devolução para troca, salvo por defeito de fabricação. Os contatos com os clientes mais distantes eram feitos por telefone ou correspondência. Os outros 50% da produção eram comercializados pelas filiais do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Cada uma das três filiais atendiam aos seus estados e estados limítrofes.²¹⁶

Em julho de 1968, fui convidado por Frei Ludovico para fazer uma viagem ao Nordeste, para um trabalho de promoção e venda de nossos produtos. A principal finalidade era tentar retomar a venda da *Folhinha*

215. ORTH. *Histórico da Editora Vozes, op. cit.*, p. 22.

216. Ildfonso Luiz de Oliveira. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 21 de agosto de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

do Sagrado Coração de Jesus. Iniciamos essa viagem exatamente no dia 15, saindo daqui, passando por Minas, pela Bahia, e fomos subindo, chegando até São Luís. Corríamos não só as capitais, mas especialmente o interior, onde se concentrava a maior quantidade de clientes da *Folhinha*. Ficamos 35 dias em viagem, voltamos exatamente no dia 19 de agosto. Fui eu, acompanhado de um motorista, Aloísio Barbosa. Essa viagem foi muito difícil para mim, porque eu jamais tinha me ausentado de casa mais de três dias, e deixei duas filhas, uma com 14 anos e a outra com 10. Ficaram com minha esposa e com a minha mãe e eu só podia com elas me comunicar através de correspondência, porque não existia DDD.²¹⁷

O contato dos clientes com a Editora Vozes e vice-versa era feito principalmente através de correspondência, como testemunhou o atual supervisor da Vozes em Manaus, AM, Jorge Loureiro Pinto, que naquele período trabalhava no setor de vendas da matriz, em Petrópolis:

Trabalhei no setor de vendas, com o seu Ildfonso. O setor do seu Ildfonso abrangia vendas, depósito, expedição e as lojas. E eu comecei a trabalhar com ele no setor. Lá nós atendíamos todas as cartas recebidas. Nós recebíamos cerca de 100, 150 cartas por dia. O serviço era abrir essas cartas, protocolar e colocar o número do cliente. Cada cliente tinha um número, tinha uma pasta do cliente com o número e atendia o cliente através de um transcrito (que seria hoje um romaneio). A gente fazia o pedido dele em um transcrito, mandava o transcrito para o depósito, o depósito preparava o material e mandava para o cliente. (...) Nessa época, a gente recebia muitas cartas do pessoal do interior. Eles mandavam uma cartinha e as garotas mandavam fotos. Tem uma foto que eu lembro até hoje: a garota debaixo de um pé-de-goiaba, aquela menininha bonitinha assim,... Tinha um muralzinho onde a gente colocava a foto, com uma legenda: “Namorada de fulano, namorada de sicrano...”. Aquela época era

217. Ildfonso Luiz de Oliveira. Entrevista (5/9/2000).

muito divertida. Inclusive eu atendia uma loja aqui de Manaus, a Livraria Nacional, em 1977, e hoje eu estou aqui e conheço o dono.²¹⁸

Em 1968, a Editora Vozes abriu sua quarta filial, desta vez no extremo sul do país, na cidade de Porto Alegre, RS. Tinha início uma nova política de comercialização dos produtos:

A partir de 1968, com a inauguração da filial de Porto Alegre, iniciamos uma política mais agressiva de vendas, seja pela abertura de novas filiais, seja pela formação de um corpo de divulgadores e vendedores, que passaram a visitar os locais mais distantes do Brasil, o que fez com que nos aproximássemos mais dos nossos clientes.²¹⁹

Além da filial de Porto Alegre, inaugurada em 1968, mais oito novas filiais da Editora Vozes foram abertas na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro: Brasília (1974); Recife I, na Rua do Espinheiro (1976); Curitiba (1976); Rio de Janeiro II, na zona norte, em Madureira (1978); Recife II, na Rua da Concórdia (1978); São Paulo II, na Rua Haddock Lobo (1979); Fortaleza (1983); e Campo Grande (1985).

Após a abertura das primeiras filiais, Frei Ludovico passou a contar também, em seu *staff* de assessores, com um grupo de experimentados e desbravadores gerentes. Nas visitas às filiais, por cartas, por telefone, ou nas reuniões, esses gerentes entravam em sintonia com Frei Ludovico e seus assessores de Petrópolis, principalmente com Ildefonso, responsável pelo setor de vendas, Rose Marie Muraro, responsável pelas publicações culturais e Frei Leonardo Boff, responsável pelas pu-

218. Jorge Loureiro Pinto. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 9 de outubro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

219. Ildefonso Luiz de Oliveira. Entrevista (21/8/ 2000).

blições religiosas. O atual Editor Cultural da Vozes relembra:

Comecei na Vozes em 1973, na função de promotor e vendedor para capital e interior. Trinta dias de Vozes fiz minha primeira viagem. Saí de Porto Alegre num ônibus e fui a Joinville, SC, para de lá, voltando, fazer vendas até Porto Alegre, passando por Florianópolis, Tubarão, Criciúma, Araranguá, Torres e Osório. Fui promotor e vendedor da capital até dezembro de 1974. Em janeiro de 1975 assumi a função de gerente, substituindo Ênio Furlan, na qual fiquei até dezembro de 1996, quando assumi a função de Editor Cultural.

A administração da Vozes era descentralizada. Os gerentes das lojas tinham autonomia de gestão e prestavam contas à Sede, que era administrada por um frade. No período de Frei Ludovico Gomes de Castro, a administração teve uma marca de confiança pessoal do diretor com o gerente.²²⁰

Jair Canizela, hoje empresário em São Paulo, era na época um dos mais atuantes gerentes da Vozes. Em entrevista concedida para esse estudo, Jair apresentou cada um de seus companheiros de gerência:

Falo do Lídio, de Porto Alegre. Ele era um gerente intelectual da nossa época, um homem com quem nós discutíamos o conteúdo do livro; só que ele aproveitava os conhecimentos comerciais meus e do Ildefonso. Ele era esperto, sabia ser intelectual e ser comercial. Do Lucílio, que era um gerente mais calmo, mais mineiro, muito esperto. Lucílio foi o homem que soube fazer grandes lançamentos de livros da Vozes. Do Lorenzetti, de Curitiba, um homem bom. Nós tínhamos o Alcício, que foi para Fortaleza e o Adolfo, de Recife, que foi um gerente extraordinário. Os dois deram uma abertura enorme para a Vozes no Norte e Nordeste. No Rio de Janeiro tínhamos o senhor Euclides, em Brasília o Lessa, em Cuiabá o Serafim e em Campo Grande o Henrique. Era um bom time. Foi o maior time de gerentes de qualquer Editora ou qualquer distribuidora. Nosso time de gerentes era constantemente assediado por outras Editoras.

220. Lídio Peretti. Correspondência emitida a Marcelo Fereira de Andrades em novembro de 2000.

A grande vantagem nesse grupo é que era um grupo que conhecia a empresa, que gostava do que fazia, gostava do livro, gostava da Vozes.²²¹

As reuniões de gerentes eram anuais. Nelas eram discutidos todos os problemas e as novidades com negócios da Editora Vozes. A reunião de Ipanema, que aconteceu em meados da década de 70, foi uma das reuniões mais lembradas. Na opinião de Jair Canizela, essa reunião não foi a primeira, mas

foi a mais importante. Nessa reunião foi onde começou mesmo a administração Frei Ludovico. Nesse momento, ele apresentou a Rose Marie Muraro, que ele tinha contratado como editora, o Eduardo Chuahy como administrador de empresas - hoje é o presidente do Detran-RJ - e o Dr. Nílson de Almeida, engenheiro, como gerente gráfico. Nesse dia, inclusive, o Frei Ludovico assumiu o compromisso de dar uma Bíblia para a Vozes.²²²

O atual coordenador nacional de Vendas da Editora Vozes, Alcício José Rambo, depois de ter trabalhado como vendedor externo e promotor da filial de Porto Alegre por muitos anos, foi gerente da filial de Fortaleza e participou de várias reuniões.

Na reunião de gerentes nós discutíamos todos os nossos negócios. Havia uma ótima troca de experiências. Era muito enriquecedor, porque cada um tinha uma experiência, cada um se adequava um pouco conforme a região em que atuava, em que trabalhava. Então, nesse sentido, acho que a gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro foi muito marcante, foi a gestão que deu maior impulso à Vozes em termos comerciais.²²³

221. Jair Canizela. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 26 de outubro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

222. Jair Canizela. Entrevista (26/10/2000).

223. Alcício José Rambo. Entrevista concedida a Marcelo Ferreira de Andrades em 8 de outubro de 2000, gravada em fita-cassete. Transcrição revista pelo entrevistado.

Além das reuniões anuais, os gerentes também realizavam viagens com os freis que trabalhavam na Vozes. Na carta intitulada *Caixeiros-viajantes ou missionários?* Frei Almir Ribeiro Guimarães recordou algumas dessas viagens:

Frei Ludovico queria que nós acompanhássemos os gerentes em viagens promocionais através de todo o país. Uma das finalidades dessas viagens era divulgar a *Folhinha*, conversar com os bispos e animar os grandes clientes da casa. Tive a alegria de conhecer pessoalmente os grandes compradores e vendedores da *Folhinha* no interior. Lembro-me sempre de um homem paupérrimo de Arapiraca, Alagoas, que vendia folhinhas colocadas em cestos, no lombo dos jegues. (...) Numa cidade do sul, certa vez, militares pediram que fôssemos até um quartel. Revistaram tudo o que tínhamos na perua Chevrolet Veraneio. Depois de constatar que não havia nada, um militar disse que tínhamos pinta de subversivos.

Pessoalmente devo confessar que tinha muita alegria em fazer essas viagens com nossos gerentes e representantes. Conversávamos muito. Trabalhávamos doze horas por dia. (...) Imaginávamos publicações que deveriam ser inventadas, procuradas ou criadas para serem sucessos editoriais. Amávamos as Vozes, queríamos que seu nome fosse projetado, queríamos que as vendas melhorassem sempre mais e que pudessem ser abertas novas lojas. Lembro-me de viagens que eu diria inesquecíveis com Jair e Henrique de São Paulo, Lídio de Porto Alegre e Lucílio de Belo Horizonte.²²⁴

A postura gerencial de Frei Ludovico Gomes de Castro ficou para sempre gravada na memória dos funcionários que trabalharam com ele, do porteiro aos gerentes das filiais. É o que se pôde constatar quando da coleta de depoimentos para esta dissertação. Os depoimentos a seguir, do porteiro da sede da Editora, em Petrópolis, e do gerente da filial de Fortaleza na época, podem dar uma idéia da dimensão dessa representação.

224. Frei Almir R. Guimarães. Correspondência (4/11/2000).

Frei Ludovico Gomes de Castro foi uma ótima pessoa. Ele estacionava o carro na garagem que era perto do refeitório, saía do refeitório, passava pelo acabamento, corria todas as seções e só depois vinha para a sala dele.²²⁵

A gestão de Frei Ludovico foi marcante para mim, pela postura dele em relação ao negócio Vozes, pela visão gerencial que ele tinha, de dar autonomia gerencial para as pessoas, deixar que elas realmente trabalhassem e produzissem. Para mim, isso foi muito marcante, porque tive a possibilidade de me desenvolver gerencialmente, de crescer, com erros e acertos naturalmente.²²⁶

225. Orlando Bissoli. Entrevista concedida a Marcelo Fereira de Andrades em 6 de novembro de 2000, com transcrição revista pelo entrevistado.

226. Alício J. Rambo. Entrevista (8/10/2000).

5. CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou mostrar como se deram as mudanças de rumo na política editorial da Editora Vozes durante o período compreendido entre 1964 e 1986, quando a editora esteve sob a direção de Frei Ludovico Gomes de Castro. Tentou-se identificar os aspectos estratégicos das decisões tomadas pelos editores, participantes do processo de produção editorial, e como estas decisões e as redes de relações a partir das quais devem ser entendidas estiveram intrinsecamente relacionadas com o campo político e o campo religioso, caracterizados respectivamente pela repressão militar e as lutas de resistência e em defesa dos direitos humanos e da democracia e pelo clima de renovação nas posições assumido desde o Concílio Vaticano II (1962 a 1965) e pelas subseqüentes disputas entre progressistas e conservadores.

A formação de um competente time de assessores leigos, profissionais em suas áreas de atuação, que provocou uma ruptura com o hábito das gestões anterior de confiar apenas a confrades os cargos vitais da empresa; o investimento em publicações religiosas caracterizadas pela ousadia e a pluralidade; o investimento em obras destinadas ao emergente público universitário, tanto na tradução de consagrados autores estrangeiros como na publicação de milhares de professores e pesquisadores nacionais; a expansão da rede de circulação nacional e internacional dos livros produzidos e a postura de firmeza, coragem e convicção na defesa das opções assumidas pela editora frente às dificuldades enfrentadas com setores

conservadores da Igreja e com o governo militar, foram todas estratégias da gestão Ludovico que buscamos abordar neste trabalho.

A trajetória de Frei Ludovico Gomes de Castro no campo religioso e administrativo da Província, entidade-mãe da Editora Vozes foi determinante para que ele conquistasse total autonomia de trabalho como diretor da editora. Doutor em teologia pela Universidade de Friburgo, onde fora aluno de Heidegger, quando voltou ao Brasil Frei Ludovico galgou postos de comando como reitor de seminários, Ministro-Provincial por dois mandatos consecutivos e depois vice-Ministro, administrando as principais obras, bens e problemas da Província por mais de 20 anos. Essa carga de experiências acumuladas garantiu-lhe serenidade para enfrentar os problemas encontrados na administração da Vozes. Graças a essa serenidade, Frei Ludovico pôde comandar a Editora por mais de 25 anos com total e única aprovação do Ministro-Provincial, sem ter que prestar contas nem sofrer a ingerência de outros frades a ele próximos.

Este trabalho buscou investir, ainda, numa via de análise, situando a Editora Vozes em meio à própria história cultural e política do Brasil no período ditatorial. A reflexão teórica sobre essa perspectiva histórica foi construída principalmente com base nas contribuições da história do livro e das práticas de leitura, em especial nos escritos de Roger Chartier e de Pierre Bourdieu. Segundo Chartier, as “estratégias de publicação” são fundamentais para a pesquisa em história do livro e das práticas de leitura²²⁷.

227. Ver, por exemplo: CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no Ocidente”. In: ABREU, Márcia (Org.): *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil. São Paulo : Fapesp, 1999, p. 30-31.

É evidente que ainda resta fazer um trabalho abarcando os 100 anos de atividade editorial da Vozes apontando, é claro, para as diferentes estratégias assumidas por diferentes gestores em função do lugar por eles ocupado no campo dos possíveis. A gestão Ludovico poderá, então, ser inserida em um âmbito maior, relacionando suas estratégias, suas posições e as redes de relações tecidas com os acontecimentos, as posições e as diversas redes de relações, mapeando os possíveis cruzamentos, clivagens e aproximações entre as intenções e as estratégias dos autores, dos editores e dos leitores.

Visivelmente, as especificidades da história da Vozes naquele período conturbado da história do país e da Igreja, podem contribuir para uma melhor compreensão das condições sócio-históricas da produção cultural e, especificamente, da produção editorial brasileira. Os materiais coletados, dos quais uma amostra pode ser observada nos anexos a esta dissertação, a recepção dos primeiros resultados da pesquisa, o apoio das instituições envolvidas, bem como o interesse demonstrado pelos protagonistas e outros interlocutores para que esta história seja contada e a preocupação dessa pesquisa com a busca contínua de construção de um objeto científico indicam que o trabalho deve continuar.

6. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia (Org.). *Leituras no Brasil*. Antologia comemorativa pelo 10º COLE. Campinas : Associação de Leitura no Brasil. Mercado de Letras, 1995.
- AMORIM, Sônia Maria. *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo : EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1999.
- ANDRADES, Marcelo Ferreira de (Org.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis : Vozes, 2001.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. 2 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. Brasília : Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ARIÈS, Philippe. CHARTIER, Roger. *História da Vida Privada - volume 3*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro : Editora Contraponto, 1996.
- BERGER, Christa. *Campos em confronto. A terra e o texto*. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1998.
- BOFF, Leonardo e outros. *O que ficou... Balanço aos 50*. Petrópolis : Vozes, 1989.

- BOFF, Leonardo. Balanço aos sessenta: Entre a cátedra de Pedro e a cadeira de Galileu Galilei. *In: UFJF. Numen. Revista de estudos e pesquisas da religião. Juiz de Fora, v. 2, n. 2, 1999.*
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação.* 1 reimp., com alterações do autor. Campinas : Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, P. CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. *In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da leitura.* São Paulo : Estação Liberdade, 1996.
- BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. *Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia.* Niterói : Edições Passárgada. EDUFF, 1999.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800.* São Paulo : Cia. das Letras, 1989.
- CABRINI, Conceição. *Flávio Aderaldo.* São Paulo : Com-Arte. EDUSP, 1992.
- CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. *Diagnóstico do setor editorial brasileiro.* São Paulo : CBL. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, 1993.
- CARVALHO, Diamantino P. *A serviço da fé e da cultura: 90 anos da Editora Vozes.* Tese (Especialização em Comunicação Social). Roma : Studio Paolino Internazionale della Comunicazione Sociale, 1991.
- CERTEAU, Michel De. *A escrita da história.* 2 ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.
- _____. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer.* v. 1, 4 ed. Petrópolis : Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel De e outros. *A invenção do cotidiano. Morar, cozinhar*. v. 2. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1998.

CHARTIER, Anne-Marie & HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura*. São Paulo : Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *El orden de los libros: lectores, autores, bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII*. Barcelona : Editorial Gedisa, 1996.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1998.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa : DIFEL. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro : FGV, n. 13, jun., 1994.

_____. Textos, impressos e leituras. *In: HUNT, Lyn (Org.). A nova história cultural*. São Paulo : Martins Fontes, 1995.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo : Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. *In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. História: novos objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.

CHARTIER, Roger. LE GOFF, Jacques e REVEL, Jacques (Org.). *Nova História*.
Coimbra : Almedina, 1990.

CHARTIER, Roger. CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo
ocidental*. v. 2. São Paulo : Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no Ocidente”. *In*: ABREU, Márcia
(Org.): *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP : Mercado de Letras:
Associação de Leitura do Brasil. São Paulo : Fapesp, 1999.

CRENI, Gisela. *Os artesãos do livro como uma alternativa no mercado editorial
brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). São Paulo :
Universidade de São Paulo, 1997.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São
Paulo : Companhia das Letras, 1998.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo : Companhia
das Letras, 1990.

_____. *Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São
Paulo : Companhia das Letras, 1992.

_____. *O Iluminismo como negócio: histórias da publicação da Enciclopédia: 1775-
1800*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

_____. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São
Paulo : Companhia das Letras, 1989.

- _____. A leitura rosseauista e um leitor “comum” do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*: São Paulo : Estação Liberdade, 1996.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa. Os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo : Ática, 1998.
- FEBVRE, Lucien. MARTÍN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo : Hucitec. UNESP, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Livros, editoras e projetos*. São Paulo : Com-Arte. São Caetano do Sul : Ateliê, 1997.
- _____. *Arlindo Pinto de Souza*. São Paulo : Com-Arte. EDUSP, 1992. .
- _____. *Enio Silveira*. São Paulo : Com-Arte. EDUSP, 1992.
- FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*: Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa : Veja, 1992.
- FRAISSE, Emmanuel e outros. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo : Ática, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo : Atlas, 1996.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : T.A. Queiroz Editor. Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- HERZER, Sandra M. *Queda para o alto*. 16 ed. Petrópolis : Vozes, 1987.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. v. 1. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro. MEC, 1967.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. v. 2. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro. MEC, 1967.

KNAPP, Wolfgang. *O que é editora*. 2 ed., rev. São Paulo : Brasiliense, 1992.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo : Ática, 1996.

LAKATOS, Eva. MARCONI, Marina. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo : Atlas, 1991.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.

LOPES, Maria Imacolatta V. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo : Loyola, 1997.

LUCAS, Fábio. *Crepúsculo dos símbolos: reflexões sobre o livro no Brasil*. Campinas : Pontes, 1989.

McKENZIE, Donald F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Paris : Éditions du Cherche de la Librairie, 1991.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2 ed., il., rev. e aumentada. São Paulo : Ática, 1996.

- MATOS, Henrique C. J. *Aprenda a estudar. Noções metodológicas para o estudo*. 7 ed. Petrópolis : Vozes, 2000.
- MELLO, José Barboza. *Síntese histórica do livro*. Rio de Janeiro : Leitura, 1972.
- MELLO, José Marques de. *Sociologia da imprensa brasileira: a implantação*. Petrópolis : Vozes, 1973.
- MIGUEL, Salim. *Variações sobre o livro*. São Carlos : EDUFSCar, 1998.
- MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro : Record. Rosa dos Tempos, 1999.
- NEOTTI, Clarêncio. Os 70 anos da Editora Vozes. *In: Vida Franciscana*. São Paulo, ano XLIX, n. 43, out., 1972.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- ORTH, Edgar (Org.) *Histórico da Editora Vozes*. Petrópolis : Vozes, 1971.
- PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte : Autêntica, 1997.
- PAIXÃO, Fernando (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo : Ática, 1996.
- PIVA, Elói D. *Análise do Concílio Vaticano II na Editora Vozes*. Petrópolis, 1992 (mimeo).
- PIVA, Elói D. Encaminhamento da restauração da OFM no Brasil. *In: Vida Franciscana*. São Paulo, ano XLVI, n. 63, 1989.

REIMÃO, Sandra. *Mercado Editorial brasileiro (1960-1990)*. São Paulo : Com-Arte. FAPESP, 1996.

RÜDIGER, Francisco R. *Paradigmas do estudo da história. Os modelos de compreensão da ciência histórica no pensamento contemporâneo*. Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro. Cachoeirinha : Igel, 1991.

RUDIO, Franz V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 3 ed. Petrópolis : Vozes, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1966.

SYDOW, Evanize. FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns. Um homem amado e perseguido*. Petrópolis : Vozes, 1999.

SINZIG, Pedro. *Através dos romances. Guia para as consciências*. Petrópolis : Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1915.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Livro sobre livros*. São Paulo : Hucitec, 1978.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis : Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 3 ed. Petrópolis : Vozes, 1999.

TORRESINI, Elisabeth R. T. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo : EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1999.

UNESCO. *O negócio da edição de livros. Um curso de treinamento gerencial*. São Paulo : Atlas, 1992.

UNESCO. *Promoção, venda e distribuição de livros*. São Paulo : Atlas, 1992.

VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. Porto Alegre : Globo, 1973.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis : Vozes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel T. da (Orgs.): *Leitura. Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo : Ática, 1998.

SUMÁRIO

7. ANEXOS

7.1. ANEXO A – QUADROS DE PUBLICAÇÕES	6
7.1.1. Anexo A-1: Catálogo de 1911	7
7.1.2. Anexo A-2: Catálogo de 1923	8
7.1.3. Anexo A-3: Catálogo de 1928	10
7.1.4. Anexo A-4: Catálogo de 1932	11
7.1.5. Anexo A-5: Catálogo de 1934	12
7.1.6. Anexo A-6: Catálogo de 1942	13
7.1.7. Anexo A-7: Catálogo de 1943	15

7.1.8. Anexo A-8: Catálogo de 1953	17
7.1.9. Anexo A-9: Catálogo de 1963	19
7.1.10. Anexo A-10: Catálogo de 1977 – Universitário	21
7.1.11. Anexo A-11: Catálogo de 1977 – Religioso	22
7.1.12. Anexo A-12: Catálogo de 1983/84	24
7.1.13. Anexo A-13: Catálogo de 1985/86	26
7.2. ANEXO B – ENTREVISTAS	28
7.2.1. Anexo B-1: Entrevista com Alício Rambo	29
7.2.2. Anexo B-2: Entrevista com José Casadio Neto	48
7.2.3. Anexo B-3: Entrevista com Dom Paulo Evaristo Arns	56
7.2.4. Anexo B-4: Entrevista com Carlos Alberto Drummond Costa	72
7.2.5. Anexo B-5: Entrevista com Dom Frei Boaventura Kloppenburg	81
7.2.6. Anexo B-6: Entrevista com Frei Constantino Koser	95
7.2.7. Anexo B-7: Entrevista com Ildefonso de Oliveira	107
7.2.8. Anexo B-8: Entrevista com Jair Canizela	129
7.2.9. Anexo B-9: Entrevista com Jorge Loureiro Pinto	144

7.2.10. Anexo B–10: Entrevista com José Luiz Castro	152
7.2.11. Anexo B–11: Entrevista com Lídio Peretti	162
7.2.12. Anexo B–12: Entrevista com Milton Lischt	166
7.2.13. Anexo B–13: Entrevista com Orlando Bissoli	174
7.2.14. Anexo B–14: Entrevista com Rose Marie Muraro (Parte I)	179
7.2.15. Anexo B–15: Entrevista com Rose Marie Muraro (Parte II)	187
7.2.16. Anexo B–16: Entrevista com Sílvio César Lopes Pinto da Silva	200
7.3. ANEXO C – CORRESPONDÊNCIAS	204
7.3.1. Anexo C–1: Modelo de correspondência padrão enviada	205
7.3.2. Anexo C–2: Correspondência de Frei Aloísio Scharf	208
7.3.3. Anexo C–3: Correspondência de Frei Carmelo Silva	213
7.3.4. Anexo C–4: Correspondência de José Lucílio de Castro	224
7.3.5. Anexo C–5: Correspondência de Frei Boaventura Kloppenburg	229
7.3.6. Anexo C–6: Correspondência de Frei Almir Ribeiro Guimarães	239

ANEXO A

Quadros de Publicações

ANEXO A-1 (1911)

Seção	Nº de Títulos
Livros Escolares ¹	3
Religiosos	4
Romances	2
Selectas de contos ²	2
Biografia ³	1
Canções Populares ⁴	10
Música Sacra ⁵	40
Obras sobre Theoria Musical ⁶	3

1 Todos escritos pelos professores da Escola Gratuita São José, geralmente frades.

2 Ambas de Frei Pedro Sinzig.

3 Trata-se do livro *Uma glória sul-americana: Garcia Moreno*, que foi Presidente do Equador de 1821 a 1875.

4 Músicas profanas, com partituras para piano e/ou violino.

5 Missas, ladainhas, motetes, “hymnos”, oratórios e marchas, a maior parte de autoria de Frei Pedro Sinzig e Frei Basílio Röwer.

6 Dois manuais de cânticos sacros conhecidos como *Cecília* (o segundo trata-se de uma edição revista e ampliada) e um manual de acompanhamento de órgão ou de “harmonium” para os manuais *Cecília*.

ANEXO A-2 (1923)

Primeira Parte – Obras Literárias

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Universal ⁷	25
Romances e contos	24
Livros instrutivos ⁸	14
Biographias e vidas de santos	8
Devocionários e livros religiosos	9
Biblioteca Ascética ⁹	8
Livros Escolares (Didáticos)	15
Livros Escolares (Catequese)	4
Peças Theatraes ¹⁰	24

7 Contém “narrativas e contos, estudos historicos, scientificos e sociaes, dramas e comedias, etc.”.

8 Orientações católicas sobre diversos assuntos, desde a leitura de romances a relatos sobre guerra e livros de auto-ajuda.

9 Destinados aos leitores que “ao lado do grande número dos amantes de leitura mundana (...), estendem a sua mão a um livro que lhes fala á alma e lhes seja um guia no caminho para Deus” (p. 46).

10 Dramas, comédias, operetas, cantatas e variedades.

Segunda Parte – Músicas Sacras e Profanas

Músicas Sacras ¹¹	65
Músicas Profanas ¹²	12
Obras sobre Theoria Musical ¹³	3

11 Com partituras, a maioria de Frei Pedro Sinzig e Frei Basílio Röwer.

12 Com partituras para piano ou violino.

13 *Os segredos da harmonia* e *Sei compôr*, de Frei Pedro Sinzig, e *Musica Sacra*, de Frei Basílio Röwer.

ANEXO A-3 (1928)

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Ascética	18
Devocionários	10
Livros apoloéticos e doutrinários	10
Folhetos de propaganda religiosa	4
Vida dos santos e biografias	15
Livros instrutivos	16
Poesias	1
Livros Escolares	26
Peças Teatrais ¹⁴	44
Publicações periódicas	4
Romances e contos	50
Músicas Sacras ¹⁵	58
Músicas Instrumentais	7
Músicas Profanas	13

14 Coleção *Palco Juvenil* (16); dramas (8) e comédias (20).

15 Músicas (26); ladainhas (12) e missas (20).

ANEXO A-4 (1932)

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Ascética	32
Devocionários	29
Livros apologéticos e doutrinários	20
Folhetos de propaganda religiosa	6
Vida dos santos e biografias	21
Livros instrutivos	22
Poesias	1
Livros Escolares ¹⁶	35
Peças Teatrais ¹⁷	48
Publicações periódicas	4
Romances, contos e novelas	55
Músicas Sacras ¹⁸	46
Músicas Instrumentais	5
Músicas Profanas	9

16 Livros de Religião (7); Língua Materna (9); Outras Línguas (1); Aritmética e geometria (12); Ciências Natu-rais (2); Programas de Ensino (1); Material didático (3).

17 Coleção *Palco Juvenil* (28); outras peças e variedades cênicas (20).

18 Músicas (29); ladainhas (7) e missas (10).

ANEXO A-5 (1934)

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Ascética	32
Devocionários	36
Livros apologéticos e doutrinários	34
Folhetos de propaganda religiosa	6
Vida dos santos e biografias	44
Livros instrutivos	23
Poesias	1
Livros Escolares ¹⁹	41
Peças Teatrais ²⁰	53
Publicações periódicas	2
Romances, contos e novelas	56
Músicas Sacras ²¹	47
Músicas Instrumentais	5
Músicas Profanas	7

19 Livros de Religião (9); Língua Materna (10); Outras Línguas (1); Aritmética e geometria (14); Ciências Na-turais (2); Programas de Ensino (1); Material didático (4).

20 Coleção *Palco Juvenil* (35); outras peças e variedades cênicas (18).

21 Músicas (30); ladainhas (9) e missas (8).

ANEXO A-6 (1942)

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Ascética	117
Liturgia	31
Devocionários	71
Livros apologéticos e doutrinários	68
Folhetos de propaganda religiosa	10
Vida dos Santos e Biografias	88
Livros para sacerdotes ou candidatos	35
Livros Instrutivos	66
Obras religiosas em séries ²²	40
Poesias	2
Religião ²³	70
Livros Escolares ²⁴	40
Peças Teatrais ²⁵	86

22 Coleção *Francisco* (10); coleção *Pequenos na Terra – Grandes no Céu* (6); Coleção Popular de Formação Espiritual (15); *Sal Terrae – Lux Mundi*, para o clero (9).

23 Teologia (9); Obras para o Ensino Religioso (33); Obras para catequistas (28).

24 Língua Materna (14); Língua Latina (4); Aritmética e geometria (12); História (1); Ciências Naturais (2); Solfejo e Canto (3); Programas de Ensino (1); Material Didático (3).

25 Palco Juvenil (71) e Outras peças e variedades cênicas (15).

Livros recreativos para crianças	24
Romances, contos e novelas	57
Músicas Sacras ²⁶	62
Músicas Instrumentais	5
Músicas Profanas	7
Publicações Periódicas	8

26 Músicas (45); Ladainhas (8) e Missas (9).

ANEXO A-7 (1943)

Seção	Nº de Títulos
Biblioteca Ascética	119
Liturgia	34
Devocionários	75
Livros apologéticos e doutrinários	83
Folhetos de propaganda religiosa	7
Vida dos Santos e Biografias	98
Livros para sacerdotes ou candidatos	37
Livros Instrutivos	66
Obras religiosas em séries ²⁷	51
Poesias	2
Religião ²⁸	12
Obras para o Ensino Religioso ²⁹	63

27 Biblioteca apologética (3); Coleção Franciscana (10); Coleção *Pequenos na Terra – Grandes no Céu* (6); Coleção Popular de Formação Espiritual (16); *Sal Terrae – Lux Mundi*, para o clero (9); Coleção *Os Santos Sacramentos* (7).

28 Teologia (8); História da Igreja (4).

29 Compêndios para a mão do aluno(36); Obras para catequistas(27).

Livros Escolares ³⁰	40
Peças Teatrais ³¹	87
Livros para crianças e a mocidade ³²	56
Romances, contos e novelas	49
Músicas Sacras ³³	81
Músicas Instrumentais	5
Músicas Profanas	7
Publicações Periódicas	6

30 Língua Materna (15); Língua Latina (4); Aritmética e geometria (11); História (1); Ciências Naturais (2); Solfejo e Canto (3); Programas de Ensino (1) e Material Didático (3).

31 Palco Juvenil (74) e Outras peças e variedades cênicas (13).

32 Religioso (20); Sobre Vocações (6); Coleção Missionária (5); Recreativos (25).

33 Músicas (57); Ladainhas (9) e Missas (15).

ANEXO A-8 (1953)

Seção	Nº de Títulos
Sagrada Escritura	3
Estudos Bíblicos	10
Teologia e Direito Canônico	19
História da Igreja	13
Liturgia	20
Ascética	114
Devocionários	62
Formação e Pedagogia ³⁴	112
São Francisco de Assis e suas Ordens	54
Ação Católica	10
Apologética	36
Sociologia	10
Biografias	68
Romances e contos	44
Literatura Infantil ³⁵	29

34 Para Todos (43); Para Sacerdotes e Candidatos ao Sacerdócio (37) e Para a Mocidade (32).

35 De fundo recreativo (19) e De fundo religioso (10).

Livros Escolares para o Curso Primário ³⁶	13
Livros Escolares para o Curso Secundário ³⁷	17
Livros Escolares – Ensino de Religião ³⁸	61
Livros Apologéticos	9
Coleção Biblioteca de Cultura Católica	24
Coleção Popular de Formação Espiritual	33
Obras completas de Ancilla Domini	8
Coleção <i>Sal Terrae – Lux Mundi</i>	14
Coleção <i>Pequenos na Terra, Grandes no Céu</i>	9
Coleção Missionária	14
Coleção Documentos Pontifícios	88
Coleção Palco Juvenil	114
Músicas Avulsas	74
Separatas da revista <i>Música Sacra</i>	144
Para uso do Clero ³⁹	26
Para a Ordem III de São Francisco	6
Folhetos	65
Periódicos	18

36 Português (3); Matemática (9) e Ciências (1);

37 Português (6); Castelhana (1); Latim (3); Canto Orfeônico e Livros de Música (7).

38 Curso Primário (27); Curso Superior (11) e Obras para os catequistas (23).

39 Para Secretaria Paroquial (10); Missa (4); Ofícios para o Breviário (4); Sacras e outros auxiliares (8).

ANEXO A-9 (1963)

Seção	Nº de Títulos
Sagrada Escritura e Estudos Bíblicos	29
Teologia	40
Cristologia	15
Mariologia	38
Direito Canônico e Eclesiástico	4
Apologética	27
História da Igreja	41
Liturgia	45
Ascética e Mística	148
Devocionários	32
Formação e Pedagogia	272
Ação Católica	34
Sociologia	43
Livros Escolares	143
Hagiografia e Biografias	113
Romances e contos	69
Literatura infantil	53

Palco Juvenil	358
Vozes em Defesa da Fé – Estudos	5
Vozes em Defesa da Fé – Cadernos	56
Vozes em Defesa da Fé – Folhetos	3
Documentos Pontifícios	141
Documentos Eclesiásticos	9
Biblioteca de Cultura Católica	32
Coleção Popular de Formação Espiritual	42
Coleção Missionária	13
Obras completas de Ancilla Domini	8
Separata Selecta	8
Perfis Franciscanos	7
Orações	83
Sacras e outras auxiliares	22
Missas e Ofícios	21
Periódicos	5
Músicas	232

ANEXO A-10 (1977 – UNIVERSITÁRIO)

Seção	Nº de Títulos
Administração e Sistemas	18
Economia e Método Quantitativo	21
Área Tecnológica	17
Antropologia e Sociologia	89
Epistemologia e Filosofia	37
História e Historiografia	33
Pedagogia / Educação	60
Psicologia / Psicanálise	77
Comunicação	52
Línguas ⁴⁰	128
Periódicos	5

40 Latim (4); Alemão (3); Inglês (14); Português (11); Lingüística (33); Teoria Literária e Literatura (31); Teatro (32).

ANEXO A-11 (1977 – RELIGIOSO)

Seção	Nº de Títulos
Sagrada Escritura	10
Teologia Bíblica	75
Catequese e Pastoral Bíblica	24
Dicionários	3
Teologia	53
Cristologia	17
Pneumatologia	1
Mariologia	8
Eclesiologia	30
Documentos Pontifícios	49
Concílio Vaticano II	3
Pastoral	35
Pastoral Ministerial	25
Pastoral Familiar	21
Pastoral Sacramentária	4
Planejamento Pastoral	11
Sociologia Religiosa	9

Catequese – Didáticos	28
Livros para Catequistas	31
Catecismos	9
Formação de Jovens e Adultos	35
Para pessoas idosas	6
Celebrações	1
Espiritualidade	73
Franciscanismo	16
Biografias	5
Devocionários	4
Liturgia	13
Ritos e Rituais	27
Novenas	6
Músicas Sacras	26

ANEXO A-12 (1983/84)

Seção	Nº de Títulos
Administração e Economia	29
Antropologia e Sociologia	61
Comunicação	15
Filosofia	11
História e Geografia	49
Letras e Literatura	29
Línguas e Lingüística	34
Pedagogia e Educação	62
Política e Ecologia	25
Psicologia e Psicanálise	67
Serviço Social	7
Obras Universitárias – Várias	10
Animação Espiritual	6
Crescer em Comunhão	5
Catequese	95
Educação Religiosa Ecumênica	8
Educação Religiosa Escolar	34

Documentos Pontifícios	52
Espiritualidade	68
Franciscanos	35
Liturgia e Devocionários	50
Pastoral	34
Sagrada Escritura	72
Teologia Moral e Igreja	114
Vários	24
Revistas	6

ANEXO A-13 (1985/86)

Seção	Nº de Títulos
Administração e Economia	35
Antropologia e Sociologia	87
Comunicação	12
Filosofia	14
História e Geografia	57
Letras e Literatura	20
Línguas e Lingüística	33
Literatura Infantil	22
Pedagogia e Educação	73
Política e Ecologia	41
Psicologia e Psicanálise	103
Serviço Social	10
Coleção Fazer – Vozes / IBASE	19
Vários	11
Animação Espiritual	6
Catequese	111
Educação Religiosa Ecumênica	19

Educação Religiosa Escolar	33
Documentos Pontifícios	52
Espiritualidade	86
Franciscanos	37
Liturgia e Devocionários	56
Pastoral	46
Sagrada Escritura	87
Teologia Moral e Igreja	149
Vários	22
Revistas	7

ANEXO B

Entrevistas

ANEXO B-1

Entrevistado: Alício José Rambo, Coordenador Nacional de Vendas¹

Data: 8 de outubro de 2000

Vamos começar com seus dados pessoais...

Alício: Eu sou Alício José Rambo, nasci em Chapada, no Rio Grande do Sul, uma cidade pequena de 16.000 habitantes e sou filho de imigrantes alemães. Estudei em seminário e entrei na Editora Vozes em 1977. Sou formado em Filosofia e tenho especialização em Marketing. A minha idade hoje é de 46 anos, sou casado e tenho uma filha apenas e, como eu falei eu entrei na Editora Vozes em 13 de abril de 1977, tendo hoje 23 anos de trabalho na empresa.

Marcelo: Que imagem você tinha da Vozes antes de trabalhar nela?

Alício: Antes de trabalhar na Vozes a minha relação com a Vozes era em função dos livros da área de Filosofia e Teologia que, como estudante de Filosofia em seminário a

¹ Todas as entrevistas estão gravadas em fita K-7 e suas transcrições foram revistas pelos entrevistados.

gente lia. Então a visão que eu tinha da Editora Vozes como apenas uma editora religiosa. Eu desconhecia um pouco as outras áreas. Sabia que ela era de franciscanos e vim a trabalhar nela, porque, no dia da minha formatura em 1976, o Lídio, gerente de Porto Alegre nessa época, veio me convidar pra fazer uma entrevista com ele e trabalhar com a Editora Vozes e nessa época eu trabalhava em Porto Alegre na Enciclopédia Britânica do Brasil, já trabalhava com venda de livros, mas mais aquela venda de porta a porta.

Marcelo: E seu início na Editora, como foi?

Alício: Bom, a entrevista com o Lídio foi muito engraçada. A Enciclopédia Britânica exigia que a gente trabalhasse de gravata. Então eu cheguei lá e os funcionários me receberam muito mal, principalmente porque eles sabiam que era um candidato que estava chegando e de repente um candidato todo engravatado. Mas foi muito boa a entrevista, nós praticamente fechamos que eu iria trabalhar com a Vozes, mas eu dependia da saída de um funcionário que vinha para Curitiba que era o Alcindo Lorenzetti que ia assumir a nova filial. Eu fiquei então de entrar no lugar dele e como foi prorrogado o prazo de entrada na Vozes eu acabei entrando na PUC, trabalhei na PUC antes como secretário da área de medicina durante dois meses. Foi o tempo que o Lídio me chamou novamente e eu vim trabalhar na Vozes. A minha entrada na Vozes ela foi na função de vendedor externo, vendedor viajante. As viagens nessa época todas eram feitas pela principais cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estados que a Vozes de Porto Alegre atendia. Eram viagens de venda mesmo, todas de ônibus.

Marcelo: Você lembra os nomes dos outros colegas de trabalho da época?

Alício: Sim, tinha o Jayme Marcon, Jayme Coriadi Marcon foi o vendedor que me substituiu nas vendas e o João Batista Zanatta que era um vendedor praticista na época,

além disso, tinha o pessoal do escritório o Mario Hofman e Ilcemar Pros Marx que era o contador da filial nessa época que depois saiu, foi trabalhar na Varig. Tinha o André, não me lembro o sobrenome dele, trabalhava no estoque e a Maria Agostini também era colega e o Nilton Natel Leite que hoje também já não trabalha mais na editora.

Marcelo: Isso tudo era na Rua Ramiro Barcelos?

Alício: Tudo era na Rua Riachuelo, a Vozes nessa época em Porto Alegre só tinha essa filial na Riachuelo e funcionava ali o atacado, o varejo tudo num único local. No centro da cidade. Ali funcionava tudo, era o atacado, o varejo, tudo. Tinha uma escadinha, embaixo da escada era o escritório do vendedor. Lá tinha uma equipe muito boa na época. Embora meu contato fosse mais de final de semana, de sábados e segundas-feiras, era uma equipe muito entrosada, pelo menos na área de vendas assim tinha uma equipe boa, bem preparada.

Marcelo: Conte-nos sobre as atividades que você exerceu, os setores que você trabalhou. Você começou como vendedor externo...

Alício: Eu trabalhei dois anos como vendedor externo e passei a fazer a divulgação. Passei a trabalhar como promotor na cidade de Porto Alegre e grande Porto Alegre, que envolve São Leopoldo e aquelas regiões vizinhas.

Fiquei como promotor até 1983. Em maio de 83 o Frei Ludovico me convidou para abrir a filial em Fortaleza e gerenciar aquela unidade. Foi quando eu fui pra Fortaleza e abri a filial lá na Rua Tristão Gonçalves, que hoje já não existe mais.

Marcelo: Depois a gente volta a falar de Fortaleza. Conta mais como era o trabalho de promotor no Rio Grande do Sul.

Alício: O trabalho de promotor era um trabalho interessante porque visava naturalmente as adoções de livros. Então essas adoções elas eram feitas através de contato com todos os professores das áreas de Ciências Humanas, Filosofia e Sociologia principalmente, que era uma área mais forte da Vozes nessa época. E tinha também uma disciplina que chamava Realidade Social Brasileira, que adotava muitos livros da Vozes, porque a Vozes explorava muito essa questão mais política da realidade brasileira. Nossos trabalhos eram de um contato pessoal muito grande e realmente a Vozes teve nesse período bastante sucesso em termos de adoções. Além de fazer a divulgação de livros, fazíamos também um trabalho de trazer os professores até a loja para conhecerem a Vozes. Mas ultimamente a gente também sempre estava atento em conseguir alguns originais que pudessem eventualmente ser bons livros e com boa vendagem em nível nacional. Também a gente visitava as paróquias e contactava com os padres, com as coordenações das paróquias, coordenações de catequese e também da área familiar.

Marcelo: E imprensa também?

Alício: Imprensa também. Nessa época, no Rio Grande do Sul tinha o Correio do Povo que era muito forte, e a Zero Hora. Além disso, nós tínhamos um espaço dentro de um canal de televisão que era o canal 10 onde eu, como promotor, ia lá e divulgava os livros. A seção de livros quem fazia na televisão era eu. Comentava livros novos e a Folhinha, produtos que interessavam o público em geral e as novidades que a Vozes lançava.

Marcelo: A filial tinha quantos vendedores e divulgadores?

Alício: Tinha dois vendedores e um divulgador que era eu, não tinha um divulgador do interior, só da capital. O vendedor do interior também fazia a divulgação. Então geralmente no interior nós trabalhávamos durante o dia no mercado, nos livreiros, e à noite íamos até a Universidade fazer o trabalho de divulgação junto aos professores universitários.

Marcelo: Depois desse trabalho no Rio Grande do Sul você aceitou o convite-desafio de desbravar o Nordeste.

Alício: É, exato. Foi na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro que eu aceitei esse desafio de ir para o Nordeste. Para mim realmente nessa época significou uma mudança muito grande, porque de uma cultura gaúcha, com tradicionalismo, mais germânica e italiana, eu fui até o Nordeste que é uma realidade totalmente diferente. Foi um desafio bonito eu aceitei e acho que aprendi muito em Fortaleza justamente com a característica de ser um povo diferente, um povo mais, eu diria, mais aberto que nós gaúchos. Um povo mais afetivo também; na questão ética mais solto. Nós somos mais rígidos na ética no rio Grande do Sul e eles não são assim. Eles pensam mais no dia-a-dia, enquanto que nós nos preocupávamos mais com o futuro.

Marcelo: Você chegou em Fortaleza em qual ano, em 1983?

Alício: Foi em maio de 1983. Um pouco antes da inauguração da loja, porque eu fui para lá para escolher o ponto. Achamos um ponto e a partir do ponto então nós tivemos que fazer uma reforma e a filial começou a funcionar somente em agosto.

Marcelo: O Frei Ludovico acompanhou esse processo de escolha de ponto?

Alício: Ele viajou para lá, também. Estivemos juntos, inclusive nós nos encontramos em Petrópolis. Eu tinha visto Frei Ludovico só uma vez, quando eu fui para o Rio de Janeiro quando ele tinha me convocado pra fazer a entrevista e para ver se eu aceitava. E quando eu cheguei em Fortaleza ele já não lembrava mais de mim.

Então eu cheguei no hotel tinham três pessoas sentadas, eles disseram que iam estar me esperando lá, eu me identifiquei, na portaria do hotel, e eles também estavam suspeitando que podia ser eu, de maneira que eu me encontrei com eles e fomos localizar um ponto. Ficamos uns dois ou três dias e já localizamos um ponto junto a uma Igreja lá, que era dos padres sacramentinos, a Igreja São Benedito. A livraria ficaria ao lado da Igreja São Benedito, na Avenida Tristão Gonçalves, nº 58.

E iniciamos ali um trabalho de desenvolver uma filial. No primeiro mês trabalhei ali com dois funcionários: um no depósito e uma pessoa na loja.

Marcelo: Lembra os nomes?

Alício: Era Raimundo Nonato dos Santos no depósito, na livraria era a Edna... não lembro o sobrenome dela. Já no segundo mês em diante eu tive que aumentar para quatro funcionários. Contratei um vendedor externo também. Meu primeiro vendedor foi o Sérgio Torres que tinha trabalhado em Recife com o Adolfo. Ele já era vendedor, mas era um vendedor meio avulso, não era contratado. Então eu contratei e ele passou a ser vendedor externo e logo na seqüência eu já contratei um vendedor viajante pra fazer os Estados do Piauí e Maranhão e o interior do Ceará. Conforme eu tinha acertado com Frei Ludovico eu iria atender Ceará, Piauí e Maranhão todo. Diante disso eu já estruturei a filial no segundo mês e ela ficou com cinco funcionários até o final do ano,

além do gerente que era eu. Raimundo Nonato, o Sérgio e o Abelardo que eu também não lembro o sobrenome, a Edna e contratei também o Romero depois.

Marcelo: Então o Romero é o mais antigo que ainda está na atividade?

Alício: Sim, o Romero é mais antigo do pessoal lá. O Anastácio entrou posteriormente, mas também foi contratado por mim. Da equipe inicial só o Romero trabalha lá ainda. O Romero entrou um pouco depois, ele entrou depois dos vendedores. O Nonato não dava mais conta de atender os pedidos, então eu contratei o Romero.

Marcelo: Para trabalho interno?

Alício: Ele começou como auxiliar de estoque. E o Abelardo era vendedor viajante. Também fazíamos tudo de ônibus nessa época e um fato curioso que eu me lembro que em uma viagem dessas que ele fez à Imperatriz, no Maranhão, ele chegou lá e tinham roubado a mala e ele ficou sem roupa, sem nada. Teve que comprar roupas lá para poder trabalhar.

Marcelo: E aí quanto tempo a loja ficou no endereço da Tristão?

Alício: A loja ficou nesse endereço até 1990. Eu acho que foi em 88 que eu abri a loja da Rua Major Facundo, 730. Mesmo assim a Tristão continuou. Ficava uma livraria no centro e mais a distribuidora. E essa distribuidora durou até 92 quando o Frei Vicente assumiu e fez aquelas mudanças.

Em 92 então foi fechada a loja da Tristão Gonçalves e permaneceu só a Major Facundo. Na Major Facundo eu já tinha feito uma reforma também. Tinha feito um segundo piso, para poder receber estoque, com capacidade para 1.200 quilos por metro quadrado. Era um prédio grande. Acho que 360 metros quadrados de loja.

Marcelo: É uma loja grande. Começou com quantos funcionários?

Alício: Ela começou com cinco funcionários. No início era o Mauro, que era supervisor e tinha mais quatro funcionários, um deles era a Teresinha, que ainda hoje está lá. E tinha o Sid Syde.

Era uma equipezinha boa. O Sid Syde mais a Teresinha com o 2º grau, mas eu a estimulei a fazer o superior. Hoje ela já está fazendo até mestrado. Esse grupo eu treinei ele muito bem eu me empenhei muito nesse sentido, para que a equipe fosse bem atenciosa. Realmente, acho que influenciou bastante, que a Vozes conseguiu entrar com certa facilidade no mercado em função do atendimento e da capacidade de resposta às necessidades do mercado lá da livraria.

Marcelo: Acho até que se tornou uma referência, a melhor livraria na área de Ciências Humanas.

Alício: Com certeza. Eu acredito que ainda hoje ela deve continuar lá assim. Ela se tornou sim uma livraria de referência na área de Ciências Humanas como uma livraria para cursos superiores, de pesquisa também e tudo.

Marcelo: E tem mais algumas mudanças ou fatos interessantes do período da Major Facundo que você queira lembrar?

Alício: Acho que o que firmou ela realmente era que a gente promovia muitas ações culturais dentro da livraria. Por exemplo, nós fazíamos lá dentro um esquema de lançamento que nós não fazíamos em outros lugares. Não eram só livros Vozes. Por exemplo, quando saía um livro importante, em Fortaleza no meio universitário principalmente, nós convidávamos um professor pra ler a obra e depois convidávamos o

meio universitário para assistir o professor comentando, dando uma palestra sobre aquele livro, sobre a importância daquela obra em nossa loja.

Era interessante porque nós conseguíamos atrair realmente muita gente para a livraria. Isso naturalmente fortaleceu a livraria como ponto de encontro, principalmente aos sábados. Ou então nas sextas-feiras à tardinha. A gente fazia lá um licor de jenipapo ou alguma coisa assim e algumas coisas para comer também, uma coisa típica como a castanha de cajú, que é muito acessível lá em Fortaleza. As pessoas vinham lá se fazia um pequeno colóquio e a partir desse pequeno colóquio se fazia então alguns questionamentos para a pessoa que estava falando sobre o livro.

Marcelo: E esse negócio de ponto de encontro no sábado continua até hoje?

Alício: Continua até hoje. É uma coisa muito boa porque atrai as pessoas por lá, para ficarem lá. Sempre tivemos também um bom jornal lá, como o jornal *O Povo* e a *Folha de São Paulo*. A assinatura da *Folha* contribuía para que as pessoas ficassem lá.

Nesse período a gente já trabalhava muito com livros importados de Portugal e mesmo da Espanha, através das distribuidoras de São Paulo. Uma coisa que eu lembro que ajudou muito na implantação da Vozes lá foi um seminário que a gente fez de três dias onde levamos o Leonardo Boff e a Rose Muraro. Tivemos a presença do Patativa do Assaré, que foi uma figura marcante da Vozes. Nós levamos ele para declamar uma poesia sobre a abertura da loja

Marcelo: Ele já era autor Vozes?

Alício: Já era autor Vozes. Nessa época nós já vendíamos muito o livro “Cante lá que eu canto cá”. Na sequência, com meu contato com ele, nós publicamos “Ispinho e Fulô”, um outro livro dele.

Marcelo: Depois você voltou para o sul, para a cidade de Curitiba. Quando foi isso?

Alício: Em 1990, com a saída do Alcindo, de Curitiba, que montou uma distribuidora nos mesmos moldes da Vozes, eu vim substituí-lo. Vim para Curitiba em novembro de 1990, quando a loja ainda era na Rua Alferes Poli.

No ano seguinte eu mudei a filial para a Rua 24 de Maio, ao lado do Colégio Bom Jesus. Eu construí ali um prediozinho, onde hoje funciona a biblioteca do Colégio Bom Jesus. Foi um prédio também construído para suportar 1000 quilos por metro quadrado ou até mais. E então já em março do ano seguinte, a gente mudou para lá.

Marcelo: Quando você chegou em Curitiba já existia a filial da Rua Alferes Poli e a filial da Rua Voluntários da Pátria. Você assumiu como gerente das duas?

Alício: Como gerente das duas não, das três, porque Blumenau também era subordinado à Curitiba. Eram três unidades, o que na época dava em torno de 47 funcionários.

Marcelo: Era muita coisa. Então nesse caso eu não te pediria para falar o nome dos 47, só de alguns que foram marcantes.

Alício: Eu posso te falar. A Juceli estava na Voluntários da Pátria como chefe de papelaria. O Candeu era supervisor de loja e trabalhava comigo também o Miguel.

Marcelo: Em Blumenau tinha o Oswaldo Parreira.

Alício: Tinha a Maria Aparecida Hope também, que trabalhava na loja ali na 24 de Maio. E a Márcia que também trabalhou conosco um tempo, a irmã do Primo, a Beth também trabalhava lá quando eu cheguei. E tinha o Silva. Silva era um funcionário que trabalhava junto com a gente que cuidava do estoque.

Em 92 fechou a Voluntários da Pátria e ficamos só com a 24 de Maio. Aí em 95 eu assumi a Gerência Nacional de Vendas, porque a divisão de vendas mudou-se para São Paulo. E aí então fechamos a 24 de Maio de uma hora para outra e mudamos lá para a Rua Dr. Faivre e reabrimos a loja da Voluntários. Fomos para a Dr. Faivre com a parte de estoques, do atacado, mas eu vi como necessidade manter uma loja no centro na cidade, então foi que reabrimos a Voluntários da Pátria.

Marcelo: Antes de falar de São Paulo, a filial Londrina já existia nessa época?

Alício: Londrina abriu já um pouco antes disso. Fui eu quem abri a loja de Londrina. Abrimos até em 15 dias, aliás, foi no mês de agosto, acho que foi em 93. A Juceli foi a primeira gerente lá de Londrina. Ela contratou pessoas e ficou com autonomia lá.

Marcelo: Aí então você foi pra São Paulo, quer dizer, você continuou em Curitiba e em São Paulo?

Alício: É. Continuei a gerenciar Curitiba e ao mesmo tempo eu assumi a Gerência Nacional em São Paulo mas fiquei nesse esquema somente três meses. Aí vi que não dava para sustentar as duas coisas. Foi onde eu conversei com a direção e optamos por eu assumir só a Gerência Nacional. A Divisão de Vendas começou a funcionar em São Paulo com a seguinte estrutura: o Gerente Nacional era Alício, daí tinha o Gerente de Lojas, que foi Frei Estevão, tinha o gerente das Distribuidoras que era o Pereira. Tinha também o gerente de Marketing, que era o Romildo. Já era essa estrutura em São Paulo até o final de 96, acho, com a saída do Frei Vicente. Em novembro de 96, quando eu voltei da Feira de Frankfurt foi decidida a saída do Frei Vicente.

Aí então com a entrada do Frei Estevão como diretor nós analisamos e achamos que o custo de manter a Divisão de Vendas em São Paulo era muito elevado, então decidimos

que ela mudaria para Petrópolis. Eu passei a trabalhar em Petrópolis como assessor do Frei Estevão, Assessor da Presidência, que funcionava quase que como um diretor-executivo, porque o Frei Estevão viajava muito e então quem ficava tomando conta lá, tocando as coisas era eu.

Marcelo: Você ficou na assessoria da presidência até...

Alício: Até julho de 97 com a mudança de Diretor-Presidente. Frei Gilberto, o novo Presidente, nomeou-me Diretor de Novos Negócios.

Voltaram a abrir um escritório em São Paulo e eu passei a trabalhar em São Paulo então.

Era importante que politicamente eu fosse a São Paulo. Para não atrapalhar as coisas em Petrópolis. Fiquei até maio de 98, quando eu fui para Portugal, para assumir a filial lá e implantar comercialmente a editora lá.

Marcelo: Fale um pouco ainda sobre o trabalho na Divisão de Novos Negócios...

Esse trabalho se restringia mais a buscar novos produtos, possibilidades de novos negócios em outras áreas, mas estava mais voltado a novos produtos do que a novos negócios assim no sentido mais amplo.

Em Portugal foi uma experiência totalmente nova, porque comecei a ter que lidar com exportação e importação. A filial lutava com muita dificuldade no início, porque havia sido concebida para funcionar apenas como livraria. E eu mudei o conceito para uma distribuidora, que era justamente o que ia dar o lastro para ela se manter lá em Portugal. Já em outubro, eu tive que dispensar os distribuidores (porque a Vozes mantinha dois distribuidores lá, era a Dinalivros e a Multinova) e nós assumimos a distribuição. Naturalmente é um mercado muito diferente, mas é um mercado bom, que tem espaço

para a Vozes. A idéia da Vozes sempre foi estar mais perto da comunidade européia, no sentido de ter com maior antecedência informações sobre livros que fazem sucesso lá, no sentido de traduzir essas novidades no Brasil.

Foi interessante a Vozes se estabelecer em Portugal porque hoje nós conseguimos atender os mercados que falam a Língua Portuguesa na África e na Europa. Nós atendemos clientes lá em Moçambique, que é um mercado mais estável, porque Angola e Guiné Bissau são mercados muito instáveis, não dá para vender a prazo pra eles lá. Também Macau na China. Temos clientes lá de Macau que compram em Portugal.

Nesse sentido acho que a Vozes teve um ganho significativo, porque começamos a negociar mais com o mercado europeu e nossa loja atende lá por reembolso qualquer parte da Europa.

Nós conseguimos criar um intercâmbio muito maior para os nossos autores também em Portugal. Nós servimos como ponto de apoio lá. Então aproveitávamos também a ida de cada autor nosso à Europa para que ele passasse em Portugal e a gente fazia promoção de alguma palestra algum colóquio dentro das universidades e sempre que possível a gente apoiava os autores da Vozes sempre que iam a Portugal no sentido de colocação do livro e também em termos de assessoria de imprensa.

Tivemos lá uma visita muito importante que eu acho, lá em Portugal, que foi o Presidente da Academia Brasileira de Letras, na pessoa do Arnaldo Niskier, que esteve lá na loja deu várias entrevistas. Tivemos a freqüência em participações em seminários internacionais de vários autores brasileiros dentre eles eu poderia citar Muniz Sodré, Pierre Weil junto à UNIPAZ e o Leonardo Boff. Sempre com palestras, seminários e a participação da Vozes com exposição de livros. Logo depois contratei o primeiro vendedor externo que era Jorge Arderius.

Hoje, se você entrar no mercado português, em qualquer livraria que você entre vai encontrar livro da Vozes. Antes não era assim, porque os distribuidores além deles distribuírem a Vozes eles também distribuía mais umas 12, 15 editoras...

A Vozes teve uma grande aceitação, boa aceitação lá. No início, com certas dificuldades, certas restrições as nossas traduções, mas que nós conseguimos fazer a mudança, porque na verdade eram pré-conceitos já enraizados em Portugal de que nossas traduções não eram boas. Mesmo sem ler já diziam que não era boa ou nem tinham lido o original e já diziam que a tradução era ruim, o que era pior ainda. Isso mudou bastante.

Nosso êxito maior se deu em função da participação na 26ª Feira do Livro de Lisboa, que a Vozes participou com uma presença muito significativa, onde nós distribuimos cerca de 10.000 catálogos feitos especificamente para a Feira de Lisboa. Então todo o cliente que andava na Feira andava com o catálogo da Vozes na mão. E uma coisa curiosa é que os portugueses não faziam isso, a distribuição massiva de catálogos.

Fomos novidade na Feira, porque todo mundo carregava nosso catálogo na mão. E eu já vi agora na outra Feira, esse ano todo mundo fazia a mesma coisa. Os portugueses despertaram lá.

Também foi interessante para Vozes a parceria com a comunidade franciscana. Eles têm duas livrarias lá e uma editora que funciona no Porto e a Vozes tem um bom entrosamento com eles. Nós utilizamos no Porto principalmente a livraria deles pra ter o nosso material, criamos uma parceria lá de consignação de material então isso facilita bastante para que as pessoas encontrem quase todos os nossos livros na cidade de Porto também.

Marcelo: E a aceitação da Vozes pelo público religioso?

Alício: Bem, a aceitação do público religioso é bem mais baixa do que eu esperava, porque a Igreja portuguesa nesse sentido é bem tradicional e a visão que eles têm da Vozes de uma editora progressista voltada para a Teologia da Libertação.

Então tem uma certa reserva aos livros que a Vozes publica na área teológica, mas mesmo assim, na área devocional e na área de ética a gente consegue colocar um bocado de livros.

Marcelo: Você ficou em Portugal até final de 99?

Alício: É até final de 99, porque em setembro a Sede sinalizou para mim que eu devia estar de volta em Petrópolis para assumir a função em que estou hoje, que é a Coordenação Nacional de Vendas. Eu deveria voltar em janeiro e preparar uma pessoa para me substituir lá.

Em setembro o Frei Moser me ligou dizendo: “Olha, queremos que você esteja de volta em janeiro. Prepara um pessoa pra substituí-lo”, e aí eu imediatamente comecei um trabalho de preparação para uma pessoa que me substituísse lá.

Marcelo: O Ozias já era funcionário lá?

Alício: O Ozias nessa época ele não era funcionário, ele era contratado como *free-lance*. Ele era jornalista e fazia assessoria de imprensa para mim lá em Portugal. Mas além do trabalho de assessoria de imprensa ele se entrosou tão rápido com a nossa equipe que ele permanecia na loja ajudando a trabalhar, atendimento de loja tudo, então, a facilidade de relacionamento maior e também uma visão diferente da dos portugueses foi o que me levou a fazer a opção de escolher ele como gerente da unidade.

Aí trabalhei com ele até o final do ano, treinando, passando tudo para ele já em dezembro ele tava assumindo tudo.

Marcelo: Foi surpresa para você quando o Frei Moser ligou em setembro?

Alício: Foi surpresa. Porque eu sempre trabalho com metas pessoais. Minha meta pessoal era permanecer três anos em Portugal, aí, mesmo que a empresa não me convidasse para voltar eu ia fazer uma solicitação para retornar ao Brasil.

Marcelo: Três anos por quê?

Alício: É porque é o período que eu julgava necessário para fazer o trabalho de implantação e fixação da editora, porque eu tinha uns projetos interessantes ainda para desenvolver lá. A minha proposta quando eu fui pra Lisboa era de inicialmente implantar a distribuição da Vozes, no segundo momento alavancar a livraria, a loja. Por que a distribuição? Porque ela daria inicialmente a base financeira para a subsistência lá; e a livraria precisava de uma implantação porque num local que nunca teve uma livraria você não faz a livraria de um ano pra outro. Eu não trabalhei a implantação da livraria, porque ela iria acontecer agora nesse período, com um acervo maior eu imaginava entrar até com edições portuguesas da Editora Vozes. Só que eu não consegui concluir esse projeto. Editar origina uma série de compromissos e mesmo de visão comercial, porque interessaria para nós publicar coisas que também tivessem mercado aqui na América Latina. Então esse projeto ficou pela metade, eu não consegui concluí-lo.

Marcelo: Em janeiro de 2000 você assumiu Petrópolis?

Alício: Em janeiro eu assumi Petrópolis com a Coordenação Nacional de Vendas, e eu venho realizando um trabalho mais diretamente junto à gerência, um planejamento mais

efetivo da Vozes pensando, juntamente com a diretoria da empresa, os caminhos que a Vozes virá a trilhar daqui para diante. Rotinas como a fixação de preços dos livros, análise de originais sob o ponto de vista comercial, atendimento comercial na Sede, ajuda à assessoria de Marketing (há uma relação muito forte entre Marketing e a área comercial), supervisiono a parte de eventos que as unidades fazem, controlo as reedições com a assessoria do Gustavo e ajudo a planejar ações comerciais da empresa. São estratégias de venda de produtos e também o controle gerencial das unidades, o acompanhamento dos resultados, a análise dos resultados e a capacitação de funcionários através de treinamentos.

Marcelo: Pelo que você descreveu parece que você faz vários trabalhos em conjunto com Frei Volney, Diretor Comercial.

Alício: Sim, nós trabalhamos conjuntamente, principalmente o planejamento. O planejamento da venda, a análise dos resultados e o acompanhamento da compra de produtos alheios. Pensamos juntos as grandes linhas comerciais, a criação de novas filiais, a parceria comercial com algumas franquias que estão em teste, também o trabalho de alguns vendedores autônomos, nós estamos testando em regiões onde nós temos dificuldades de chegar então estamos fazendo praticamente isso.

Marcelo: Ainda sobre o setor, a livraria virtual, quer comentar alguma coisa?

Alício: Outra experiência interessante foi a implantação da livraria virtual, onde nós temos geralmente clientes de regiões onde a voz não mantém livraria ou onde o livro é mais de difícil acesso.

Nosso objetivo maior é mesmo de divulgação. Nesse sentido nós criamos parcerias interessantes com universidades, com revistas, com bancos, como o Bradesco e o Banco

do Brasil, onde tem um banerzinho pra que o cliente possa acessar a nossa livraria Nós utilizamos muito pra esse tipo de parceria que beneficiam os cliente de outros sites e que eventualmente podem visitar a livraria da Vozes.

Marcelo: Você tem participado da Feira do Livro de Frankfurt quase todos os anos?

Alício: Desde 95, são seis anos que já estou indo lá.

Marcelo: Além de Frankfurt você participou de outras Feiras internacionais?

Alício: Sim. Fui na Feira do Livro da Colômbia e Buenos Aires, na Líber (Espanha), na Feira de Bolonha, na Feira de Paris, entre outras. A Feira de Frankfurt é a maior feira de livros do mundo, só que ela é uma feira exclusivamente de vendas de direitos, de tradução. Não se vendem exemplares, vendem-se direitos de publicação. E toda a Feira do Livro de Frankfurt ela gira em torno disso. Já a Feira de Bolonha é uma Feira um pouco mais voltada para o público infantil e a Feira Líber ela é uma feira mais voltada para profissionais, mas mais das editoras espanholas. Os portugueses participam, mas em muito pequena quantidade. A Feira de Paris é uma Feira de maior público e a Feira de Livro de Lisboa é aberta ao público, bem popular, que funciona em barracas de metal. No mesmo estilo que são feitas aquelas de Porto Alegre. Buenos Aires é uma Feira muito parecida com as nossas feiras e bienais. Também a nossa participação lá nunca foi com estande. Só ficamos conhecendo, observando. Eu penso que no futuro agora a gente deveria começar a participar da Feira com estande próprio em Buenos Aires. Acho que seria interessante, é uma feira bastante longa.

A Feira da Colômbia, em Bogotá, é uma Feira grande, no estilo de nossas bienais, onde tem a participação de muitos estudantes. São vários pavilhões também, mais ou menos no tamanho da Bienal do Rio.

Marcelo: Eu gostaria agora que você comentasse um pouco sobre a gestão de Frei Ludovico como Diretor.

Alício: Eu acho que a Vozes fez muitas mudanças nos últimos anos, mas, a gestão que mais marcou foi a de Frei Ludovico. Foi sem dúvida o Frei Ludovico, pela postura dele em relação ao negócio Vozes, quer dizer, a visão gerencial que ele tinha, de dar autonomia gerencial para as funções, os cargos, deixar que as pessoas realmente trabalhassem e pudessem produzir. Para mim isso foi marcante porque deu possibilidade de eu me desenvolver gerencialmente naturalmente com erros e acertos. Além de ser essa pessoa que deixava a gente trabalhar ele tinha um outro aspecto humano que falava muito forte e é isso que marcou profundamente todos os funcionários que o conheceram e que trabalharam com ele.

Marcelo: E editorialmente?

Alício: Editorialmente também porque a Vozes tinha grandes publicações, porque tinha dois bons assessores. Na área cultural era a Rose Muraro e na área teológica o Leonardo Boff. Então realmente era uma equipe muito bem montada. A equipe gerencial também se encontrava anualmente para discutir todos os problemas.

A reunião de gerentes era anual. Nós discutíamos todos os nossos negócios e trocávamos experiências. Nesse sentido acho que foi uma gestão muito marcante, a gestão que deu maior impulso à Vozes em termos comerciais no meu modo de ver.

ANEXO B-2

Entrevistado: José Casadio Neto

Data: 2 de dezembro de 2000

Marcelo: Conte-nos como você começou na Editora Vozes.

Casadio: Eu entrei aqui na Vozes em novembro de 1965. A minha 1ª atividade na Vozes foi na impressão tipográfica. Comecei a trabalhar como auxiliar de tipografia, mas eu tinha muita vontade de crescer, de caminhar e Vozes naquele momento tinha uma impressora *offset* que foi adquirida em 62, quando eu cheguei ela já tinha três anos na Vozes. E às vezes quando não tinha nada na tipologia, que naquela época o trabalho era muito esforçado, nesse tempo de folga eu ficava rondando essa *offset*, até que um dia o Arnaldo Fecher, que era o gerente da impressão, me chamou e perguntou se eu gostaria de trabalhar na *offset*, e eu disse que sim. Eu já tinha dois anos de casa e ele me deu um período de 90 dias de experiência na *offset*. Hoje é mais fácil. Naquele tempo, profissional de *offset* era muito inseguro e não gostava de passar informações. Eu comecei limpando máquinas por fora, limpando chão e felizmente eu tive uma chance de ser o 2º auxiliar de *offset* por um período, para depois ser 1º auxiliar, meio-oficial, até

que cheguei a oficial. Em média tive em torno de sete anos para cada função, de auxiliar para meio oficial no período de 7 anos; de meio-oficial para oficial, mais esse período; 14 anos para chegar a profissional de *offset*. Naquele tempo não tinha oportunidade, realmente não tinha, porque a Vozes não tinha maquinário, depois que ela adquiriu outras máquinas, deu oportunidades a outras pessoas. Quando foi em 1980, a Vozes comprou uma nova *offset*, essa Planeta Super Variant com reversão e eu tive a felicidade de ser convidado para trabalhar nessa máquina. Para mim foi um grande passo e ali eu trabalhei um bom tempo como operador. Um tempo depois tive oportunidade de chegar à sub-chefia da área de impressão. Atuei junto com o meu chefe, que naquele momento era Pedro Noel, por um período. Depois infelizmente ele foi demitido da Vozes e eu assumi a chefia e fiquei até a 1 ano e 2 meses atrás, quando eu fiz um acordo com a Vozes. A Vozes me deu uma grande oportunidade. Ao sair da Vozes ela me deu a oportunidade de me tornar um microempresário da Vozes, faço a plastificação de capas, o acabamento.

Marcelo: Quais eram as pessoas que trabalhavam contigo nos teus primeiros anos de Vozes?

Casadio: Meu 1º chefe foi o Ivo Lisch, ele foi meu chefe no setor de impressão tipográfica. Também trabalharam comigo na tipografia: Almir, Carlos Silveira, Valdir Bessa e o Dorival Eckart. Quando eu fui para *offset*, eu trabalhava com o responsável pela máquina que era o Preguinho, que hoje tem uma gráfica e também trabalhava conosco o já falecido Hélio Weber e o Moacir Kappaun, era esse o grupo que estava na *offset* naquele momento. Depois chegou uma máquina nova, a 0526, então o Nilton Klôh foi trabalhar nessa máquina. Depois chegaram o Gabriel da Silva, o Nelson e o José Luiz. Depois veio trabalhar aqui o Manoel Roberto, como auxiliar.

Marcelo: Gostaria que você contasse que imagem você tinha da Vozes antes de trabalhar aqui.

Casadio: Estudei aqui na Escola Gratuita São José, então já conhecia a Vozes naquela época. Meu interesse foi talvez por uma necessidade de trabalho. Não conhecia ninguém daqui. Cheguei na portaria e procurei pelo responsável na área de produção. Ele vinha e dizia: “Volta depois”. Só que eu chegava aqui às 7:00 horas da manhã para falar com ele e ele me mandava voltar depois. Quando era meio dia eu voltava novamente, foi uma luta muito grande, até que um dia no mês de novembro eu cheguei aqui numa 6ª feira pela manhã e ele falou assim: “Olha não vai dar para você agora, só ano que vem”. Aí eu pedi para ele: “Será que você não pode me ajudar, eu já tenho alguma noção”. Então ele disse: “Você já conhece alguma coisa? Então você vai fazer um teste na 2ª feira”. Eu fiz o teste, fui aprovado e fiquei este tempo todo.

Marcelo: E você tinha mesmo alguma noção?

Casadio: Eu tinha uma noção de tipologia. Quando eu saí da escola, eu consegui trabalhar numa empresa, aqui em Petrópolis, na Cartonagem Imperial, que era na época no centro da cidade, e lá eu trabalhei de 14 anos até aos 18 anos e eu entrei aqui na Vozes com 20-21 anos, lá eu aprendi alguma coisa de tipografia, já era quase um profissional na área tipográfica, mas eu não podia dizer que sabia tudo, porque a gente não sabe tudo na vida. Aí quando eu disse para ele que eu conhecia um pouco, ele me deu essa oportunidade, fiz um teste e fiquei na Vozes até agora, foram 34 anos super importantes na minha vida. Porque aqui eu cheguei solteiro, me casei e criei os meus 3 filhos, tudo trabalhando na Vozes. A Vozes pra mim foi uma grande empresa que me deu apoio. Sempre que eu tive algum problema sério, eu tive companheiros ao meu lado. Eu perdi meu filho de 19 anos de idade, as pessoas aqui na Vozes, todas elas

conheciam meu filho, muito legal mesmo. Naquele momento foi muito difícil na minha vida, então eu tive muito apoio dos companheiros, muitos amigos me deram a maior força, acho que eu superei até em parte graças a esse grupo, se não fosse esse grupo a me dar esse apoio, eu não teria superado fácil. Hoje até consigo falar com uma certa facilidade, nesse momento eu consigo porque já se passaram treze anos.

Marcelo: Quando você chegou na Vozes o diretor era Frei Ludovico?

Casadio: Sim. Frei Ludovico foi um grande diretor da Vozes. Era um homem dinâmico, era amigo do grupo. Eu já comentei com alguns diretores da Vozes que nem sempre o salário é importante, é importante sim, mas às vezes um diretor passa pela área de impressão ou passa pelo acabamento e nem cumprimenta. Frei Ludovico conhecia as pessoas pelo nome, chegava e falava com as pessoas. E Frei Ludovico tinha bons assessores. Tinha o Dr. Nílson de Almeida, que era tipo um gerente geral e tinha o Antônio Scheffer só na área de produção. Se a empresa fosse comprar maquinário, Dr. Nílson estava sempre à frente de tudo. Foi ele que me deu uma chance na Vozes, me deu uma oportunidade de crescimento. Quando ele saiu, ele já tinha me indicado para a sub-chefia da área quando houvesse necessidade. Quando o falecido Hélio foi embora, ficou a linha aberta para essa sub-chefia, mas houve uma briga entre meu chefe, o Carlos Felipe (Preguinho) e o Scheffer. O Scheffer queria me indicar para a sub-chefia, só que o Preguinho não quis. Ficou aquela briga mas eu não guardei nenhum rancor. Realmente o Preguinho é meu amigo até hoje, e ele foi homem o suficiente porque depois de passado algum tempo, ele teve a coragem de me pedir desculpas por tudo que fez comigo.

Marcelo: Na ocasião indicaram outra pessoa?

Casadio: Sim, indicaram outra pessoa. Aquele rapaz que parece ser primo dele de 2º grau, alguma coisa assim, um menino, era meu 1º auxiliar de *offset*. O Preguinho tirou ele para colocar na sub-chefia, de 1º auxiliar de *offset* passou a ser meu sub-chefe, fiquei em uma situação complicada, fiquei até meio chateado, magoado. Mas ele não sobreviveu porque não foi aceito pelo grupo, ele não tinha experiência e o grupo já dizia para ele quando ele ia questionar algum trabalho. Depois esse menino acabou me indicando para sub-chefia e ele saiu logo depois. Ele foi demitido assim por telefone, não o chamaram. Ele estava de férias, ligaram para dizer que ele não precisava mais vir. Eu até achei uma atitude um pouco estranha, mais foi feito assim.

A partir daí o grupo sempre me aceitou. Até hoje, quando chego eles me chamam de chefe, eles tem uma consideração muito grande por mim, e esse grupo era tão bacana comigo que eles nunca me negaram nada, se eu chegasse às 17:00 horas na máquina e dissesse: “Estou com problema, preciso entregar isso amanhã. Não dá para você fazer hora extra?” Eles não diziam não para mim. Então realmente eu tinha um grupo que trabalhava comigo muito legal. O grupo era: Roberto, Foquinha-Evaristo, Klôh, Zé Bundinha, Marcos Pires, Marquinho Chorão, Bodinho. Era o grupo nota 1.000, não digo 10 porque era 1.000 mesmo. Agora eu tinha um grande defeito, quando o meu grupo queria alguma coisa eu corria, eu pedia, eu mostrava da necessidade de atender, eu falava por eles e normalmente eu conseguia alguma coisa, mesmo no tempo do Frei Vicente, que não posso reclamar nada dele, porque para mim foi um diretor dinâmico. Ele fez muitas mudanças, e gostaria de ter feito mais, mas infelizmente faltou ter o apoio de alguém, se fosse pela cabeça dele a Vozes não estaria com este maquinário que temos aqui. Mas ele não teve chance. Em 1995, eu tive a felicidade de crescer profissionalmente, porque eu fui à Alemanha com ele e mais um grupo, José Luiz,

Omar, Avelino, Frei Vitório, Frei Estevão. Nós visitamos a Feira e chegando lá nós decidimos que tipo de máquina nós íamos comprar para a Vozes. Estava definido.

Mas o Frei Vicente era um cara teimoso. Se o Frei Vicente chegasse e aqui e dizia que queria isso, o pessoal corria e fazia. Inclusive tem uma passagem comigo aqui que não aceitei, eu tentei por um bom período não fazer, eu relutei, depois fui forçado a fazer pelo meu gerente de área, porque “O homem queria”. Frei Vicente queria que fizesse dois turnos com dois homens em cada máquina. Eu falei para direção e gerência que era impossível, porque nossas máquinas eram obsoletas demais, e para você fazer um acerto, você dependia de abrir 16 parafusos, tudo manual, e fechar os 16 parafusos, tudo o que você ia fazer dependia do homem, dependia da ferramenta. Se nós tivéssemos uma máquina automatizada seria diferente, você acionaria um botão e ela fecharia tudo rápido. Com dois homens numa máquina dessa você consegue produzir, mas se você tem dois homens em uma máquina de parafuso você não consegue produzir. Precisa no mínimo três. Eu falei naquele momento que não dava para fazer, mas “O homem quer”. Se o homem quer está bom, então vamos fazer, mas não vai dar certo. Eles me forçaram e eu fiz, mas escrevi um memorando informando o que ia acontecer: que íamos perder quantidade, qualidade e com risco de acidentes. Em três meses aconteceram essas coisas, aconteceram acidentes, a produção caiu muito, e por não ter pessoas capacitadas a qualidade também caiu. Aí reconheceram o erro e voltaram atrás.

Quando Frei Vicente entrou na Vozes, uma das coisas que ele tentou acabar foi com o grupo unido, ele não gostava de ter pessoas unidas, acho que ele gostava de mandar sozinho em tudo, ele não gostava de pessoas unidas e nós temos aqui uma associação de funcionários que ainda existe, ele fez tudo para acabar com ela. Eu era sócio-fundador e fiquei na presidência da AFEV (Associação dos funcionários da Editora Vozes) e foi um bom negócio. Com esse grupo unido nós chegamos ao consenso de dar direito ao

aposentado, que não tinha mais direito ao sair da Vozes de usar a AFEV, eu achava que era uma coisa errada, porque no momento que você saiu da Vozes e está aposentado, é o momento de maior necessidade, quando você estava aqui, você tinha plano de saúde e quando sai, não tem mais. Então eu trouxe de volta o aposentado, consegui modificar um pouco o estatuto e o aposentado voltou e a ter direito à Associação. Naquele momento a marca AFEV juntou Frei Vicente e Gilson Gióia. O Gilson sempre elogiou a AFEV, que foi criada por nós, foi sócio-fundador também, ele mudou a cabeça do Frei Vicente. Frei Vicente queria trazer a Unimed para a Vozes. E graças a Deus conseguimos manter a AFEV até hoje, ela é muito importante para nossos funcionários.

Marcelo: Uma coisa que você comentou antes e tem muito a ver com a história da Vozes, é o cuidado com os livros, o cuidado com as máquinas, apesar das máquinas estarem obsoletas, elas ainda funcionam.

Casadio: Sem dúvida. Máquinas do tempo de 1940 funcionam. Um pouco adaptadas, mas funcionam. A manutenção das máquinas da Vozes sempre foi muito importante, sempre tivemos um cuidado de fazer periodicamente uma manutenção preventiva, o que é feito pelo Drummond. Além disto tem a limpeza preventiva, que é feita por nós, porque de tempo em tempo, quando eu era supervisor da área, procurava deixar um período para parar a máquina e fazer uma manutenção, no mínimo a cada 90 dias. Perguntava ao Drummond em quantos dias daria para fazer esta manutenção, ele dizia que para ficar 100% uns três dias parado, eu dizia ao José Luiz e ele me dava três dias para fazer esta manutenção. A gente procurava mostrar o problema antes de acontecer um acidente.

E o cuidado também na hora de utilizar a máquina, era uma tradição da Vozes. Era uma tradição criada por esse amigo meu que faleceu, o Hélio Weber, que sempre teve

carinho especial com a máquina. Eu também sempre achei muito chato, muito frio, o camarada bater na lateral da máquina. Eles sabiam, se alguma chave caísse, eles levavam bronca. Eu dizia: “Presta atenção, tenha cuidado com a máquina” Tem pessoas que criticam a gente. Às vezes os meninos estavam lavando alguma coisa, eu que era operador limpava o rolo, hoje se você olhar, vai ver que tem tinta, eu deixava limpo, sem tinta. Aí os companheiros gritavam assim: “Vai vender para Alemanha?” É, depois que eu passei para supervisão, eu passei a brincar com eles: “Tá vendo você me sacaneavam tanto por limpar a máquina, que agora eu não preciso mais limpar e vocês vão continuar limpando”. Quando você faz uma coisa boa, alguém está te observando, alguém vai ver o que você está fazendo, é igual a um faxineiro. Eu costumo às vezes dizer que um bom faxineiro não pode simplesmente varrer. Ele tem que chegar aqui, puxar seu armário e varrer, varrer tudo e bem. Se ele é um faxineiro e quer uma oportunidade para subir, ele tem que ter uma flanela no bolso, varrer e depois tirar o pó do móvel. Alguém vai observar isso e ele pode ter uma oportunidade melhor.

Outra coisa que digo é a respeito de informações. Qualquer cursinho que aparecia eles perguntavam: “Casadio você quer ir?”. Eu dizia: “Sim, eu quero”. Tive a oportunidade de fazer estágios em outras gráficas, como Senai, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quem me deu a oportunidade foi o Dr. Nilson de Almeida. Esse tipo de experiência é muito importante, porque além de conhecer pessoas diferentes, você conhece a estrutura de outra gráfica. Às vezes, você está tão habituado em fazer a mesma coisa que nem sempre é a melhor, enquanto um companheiro acaba fazendo melhor e você aprende e traz.

ANEXO B-3

Entrevistado: Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns, Arcebispo Emérito de São Paulo

Data: 26 de outubro de 2000

Marcelo: Dom Paulo, em que períodos o senhor trabalhou na Editora?

Dom Paulo: Bom, como estudante, eu passei em Petrópolis alguns anos muito importantes, por exemplo, o ano de 1944 e 1945 (ano em que me ordenei) e depois em 1947, antes de ir para a França. O Diretor era Frei Tomás Borgmeier e ele descobriu logo que eu sabia alemão e que sabia outras línguas e então ele me confiava os livros para corrigir as traduções, revisar as traduções, etc. Esse foi um período pré-oficial, enquanto estudante, colaborador ocasional.

Depois, eu voltei para a Editora Vozes no ano de 1956 e fiquei até 66, fiquei dez anos aí trabalhando mesmo só em favor dos estudantes, eu era Mestre dos Estudantes, depois Vice-Provincial e Prefeito de Estudos, mas todo o tempo livre eu dediquei às revistas: a REB, que foi fundada no meu tempo de estudante e que depois se tornou o veículo natural sobretudo para apreciação de livros, comunicações e também alguns artigos.

Alguém aqui, quando eu fiquei bispo, examinou todas essas revistas e encontrou mais de 500 colaborações minhas, portanto, deve ter sido um tempo de intensa colaboração. A mesma coisa na revista Vozes e depois na revista *Sponsa Christi*. A revista *Sponsa Christi* me foi confiada quando eu deixei de ser Mestre dos Clérigos e fiquei Vice-Provincial e Prefeito de Estudos de toda a província, aí eu fui redator-chefe da revista *Sponsa Christi*, que hoje é *Grande Sinal* e também do boletim CIC, que era muito mais importante do que a própria revista, porque nós chegávamos a ter mais de 500 assinantes de rádios e jornais que se comprometiam não só a publicar mas também a informar-nos o quanto publicavam, de maneira que de vez em quando nós fazíamos levantamento da publicação e do tipo de noticiário que eles publicavam. Esse foi o período mais intenso. Nessa época eu publiquei alguns livros mais pequeninos na Editora Vozes.

Marcelo: No tempo que Dom Boaventura ficou trabalhando como Perito no Concílio, o senhor ajudou também na REB, que era responsabilidade dele...

Dom Paulo: A responsabilidade principal era do Frei Constantino Koser, mas a gente naturalmente estava à disposição e todo o tempo livre era ocupado para ajudar nas revistas e ajudar também em qualquer outra emergência que surgisse.

Marcelo: Eu gostaria que o senhor comentasse um pouco como a Vozes era vista nos ambientes que o senhor viveu: Seminário de Rio Negro, depois Curitiba, depois Petrópolis mesmo, dentro do Instituto, como o senhor viu e os confrades viam a Vozes?

Dom Paulo: A Vozes era certamente um grande incentivo para a vocação sacerdotal. A gente sempre dizia que a Vozes percorria o Brasil inteiro, portanto, quem colaborava na Vozes estava também destinado a ser um missionário em terras brasileiras e mesmo

também em todo o lugar onde houvesse quem falasse o português. Porque as revistas naquele tempo estavam todas a serviço ou eram todas editadas pela Editora Vozes.

Marcelo: Depois, em Paris, o senhor também tinha essa mesma visão da Editora?

Dom Paulo: Em Paris eu tinha essa mesma visão e até uma visão ainda mais respeitosa da Editora Vozes não só porque eu recebia as revistas, que eram fontes importantes depois da guerra (fiquei em Paris de 1947 a 1952), mas também porque Frei Mansueto Kohen e todos aqueles colaboradores que eram grandes amigos me enviavam a literatura brasileira para que eu não me desacostumasse da língua portuguesa e dos costumes e fatos do Brasil.

Marcelo: Depois, como vice-provincial, como o senhor via a Editora Vozes?

Dom Paulo: Bom, o Provincial era do mesmo curso que eu, éramos colegas de curso, Frei Walter Kempf era o Provincial e eu fui durante cinco anos vice-provincial dele. Nós éramos um só coração e uma só alma e ele me designou logo para voltar “às Vozes” e ao Instituto e não ficar em São Paulo. Ele só me chamava do Instituto de Teologia para São Paulo na hora em que ele viajava pela província, então eu vinha tomar conta aqui em São Paulo. Nós podemos dizer que nós dois éramos não só colaboradores no sentido de dar apoio, mas éramos colaboradores também no sentido de escrever constantemente nas revistas ou pela Editora Vozes.

Marcelo: O senhor acredita que a chegada de Frei Ludovico, em 1962, representou uma mudança nas grandes linhas editoriais da Vozes?

Dom Paulo: Não. Eu fiquei bispo em 1966, já. Naquele momento, eu era vice-provincial e estava aqui, Frei Ludovico foi meu reitor, foi meu provincial durante todo o tempo e foi quem me designou para os estudos, então, nós tínhamos para com o Frei

Ludovico não só o maior respeito, mas também o gosto de colaborar e retribuir um pouco aquilo que ele fez por nós.

Marcelo: Para a sua tese na Sorbonne, o senhor estudou também a produção e a circulação dos livros na época de São Jerônimo. A partir destes seus estudos, como o senhor via a circulação dos livros da Vozes na época em que o senhor colaborava com ela? Era uma circulação mais interna, entre religiosos, ou era mais ampla?

Dom Paulo: Bem, não se pode comparar o século IV e V, que eu descrevi na minha tese *La Technique du livre après S. Jeronyme* com o que aconteceu com a Editora Vozes, porque, na difusão dos livros da antiguidade o que valia era a amizade, o relacionamento e depois há os centros culturais que levavam a copiar os livros (à mão) e a difundir a doutrina que era muito mais assimilada e decorada do que hoje em dia, porque hoje em dia a gente lê o livro com mais facilidade e encosta-o e acabou, naquele tempo, não, naquele tempo eles procuravam memorizar tudo e quanto mais memorizasse mais eles poderiam aproveitar para difundir. O que havia naquele tempo e que era muito perigoso era o livro ser de alguma forma prejudicado em sua autenticidade porque falsificavam muito os livros e davam a assinatura de um autor e ele não tinha como reclamar porque como era copiado à mão ninguém sabia se era autêntico ou não, então era a grande luta para garantir a autenticidade do livro e a segunda luta era para que a penetração dos livros fosse feita através dos grandes promotores da cultura religiosa que nos séculos IV e V chegou ao seu período áureo em todo o primeiro milênio. Nesses séculos, o livro tinha uma influência enorme sobre a pregação e também sobre a vida pública mesmo a vida civil como também a vida religiosa, porque os grandes escritores católicos eram praticamente os únicos que publicavam mesmo.

Marcelo: Como o senhor viu que acontecia a circulação dos livros da Editora Vozes nas décadas de 40 e 50. O senhor acredita que nos anos 60 houve uma mudança nessa circulação?

Dom Paulo: De fato, houve um momento em que, em 55 e até 60, a Editora Vozes teve um baque, sofreu uma influência assim a ponto de chegar a imprimir livros de outras editoras porque ela própria não conseguia mais vender ou difundir os próprios livros. Foi no tempo de Frei Aurélio. Mas com a chegada do Frei Ludovico, ele recomeçou toda a organização e a difusão com a inauguração de muitas filiais e também agregando-se a outras difusoras e usando os meios mais modernos e também os temas mais modernos para chegar a todos os leitores de norte a sul do Brasil. Podemos dizer que, então, o primeiro período áureo foi o tempo de Frei Tomás Borgmeier, no tempo em que ele fundou a REB, levantou a Vozes e chamou também muitos colaboradores de fora. Num segundo período, que eu achei extraordinariamente fértil foi o período de Frei Ludovico Gomes de Castro.

Marcelo: Cujo início de gestão coincide com o Concílio Vaticano II.

Dom Paulo: Bem, o Concílio Vaticano II deve, no Brasil, a sua difusão, unicamente à Vozes. Porque os textos eram-nos enviados imediatamente, nós mesmos iniciávamos a tradução, eu próprio passei um mês inteiro no meio da serra, só traduzindo, de manhã até a noite, o material do Concílio que o Frei Boaventura nos passava quando ele voltava de Roma. Eu passei um mês inteiro traduzindo praticamente a metade de todos os documentos do Vaticano II. O Concílio deve a sua difusão em primeiríssimo lugar à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e esta, então, confiou à Editora Vozes a primeira tradução, que ela depois reviu, antes de publicar, e depois a grande publicação que até hoje está na Editora Vozes (o Compêndio do Vaticano II) que é certamente um

dos livros que mais se difundem, porque ele é fundamental para a época nova do cristianismo.

Marcelo: Eu gostaria que o senhor falasse também de outros colaboradores... o Frei Frederico Vier, por exemplo...

Dom Paulo: O Frei Frederico Vier era certamente o coração e a inteligência da Editora Vozes por muitos anos. Em primeiro lugar, ele tinha um grande amor à Editora e uma capacidade invulgar, era um homem inteligentíssimo, e também muito interessado e talvez o maior leitor que eu tenha conhecido na vida. Ele lia tudo e comentava tudo conosco. Nós tínhamos uma ou duas reuniões de chimarrão, de manhã ou à tarde, e era sempre para comentar o que saía do Concílio e o que era traduzido e publicado pelas nossas revistas. Por exemplo, mal saiu o Documento sobre os religiosos, eu já lancei no primeiro número da *Sponsa Christi*. Assim eles faziam também com a REB e a difusão era imediata e era procuradíssima porque o Brasil, naturalmente como o mundo inteiro, estava ansioso por manter-se à altura dos acontecimentos de Roma.

Marcelo: Além de Frei Frederico, o senhor lembra de outros colaboradores, leigos ou frades?

Dom Paulo: Quem colaborou muito nesse tempo foi o Dr. Manoel Machado, que já faleceu, e que foi meu colega no bairro Itamaraty. Ele trabalhou comigo dez anos e meio nos morros e em toda parte, depois foi Reitor da Universidade Católica de Petrópolis, mas nunca deixou de trabalhar pela Vozes. Desde que eu o convidei e o Frei Ludovico o aceitou, ele se apaixonou pela Editora e deu o seu talento e a sua colaboração com muita generosidade ao povo brasileiro.

Marcelo: O senhor conheceu outros frades que trabalharam na Editora, como o Frei Inácio?

Dom Paulo: Claro que eu conheci o Frei Inácio. Quando eu cheguei na Editora como estudante, ele ainda estava vivo e muito ativo. Ele todos os dias bem cedinho tomava o café conosco e ia para a Editora e ele tinha uma qualidade que é rara em gente que comanda, ele era muito acessível, muito afável, muito amigo e com isso, nós todos gostávamos do Frei Inácio, fundador da Escola São José e fundador da Editora Vozes e também o primeiro que levantou a Editora Vozes e fez dela uma Editora nacional, de maneira que Frei Inácio Hinte merece uma estátua na cidade de Petrópolis e em quase todas as nossas grandes cidades onde a Editora Vozes chegou primeiro.

Ele se distinguiu por livros didáticos, que era a paixão dele, para a Escola São José, e depois por livros religiosos e entre os livros religiosos, nós podemos distinguir sobretudo a narração bíblica feita por Frei Bruno Heuser, que ficou muito afamada e correu o Brasil inteiro e foi o meu livro de leitura quando criança. Depois, quando nós chegamos a trabalhar nas Vozes, o Frei Mateus começou a nova tradução da Bíblia a partir dos originais, e pelo Novo Testamento, eu tive até a honra de fazer a primeira revisão de toda a tradução dele porque eu acabava de me doutorar em língua grega e latina na Sorbonne, na França, e ele então me confiou todos os manuscritos, eu me lembro que durante o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, eu passei nesse convento de São Francisco, todos os dias trancado em um quarto, como também durante toda a semana seguinte, para rever, frase por frase, e para não dizer, palavra por palavra, a tradução do Frei Mateus e depois discutir com ele o significado moderno.

Então em favor do Brasil e que deve ser considerada pioneira e por isso também como incentivadora da publicação ulterior que houve da Bíblia de Jerusalém, que é

extraordinária, que houve também da parte da LEB (Liga Bíblica) e também que houve da parte da Editora Ave-Maria, que recebeu de Frei João José Pedreira de Castro, que foi meu professor de Bíblia durante cinco anos, uma tradução que ele fez do francês, que era a melhor tradução que existia naquele tempo, mas sempre cotejando com o original. Frei Paulo Avelino, aluno dele e meu colega de classe, continuou depois esse trabalho e eu acho que é a Bíblia mais difundida no Brasil e que levou o povo a ter o gosto pelo sabor da própria palavra de Deus, porque ela foi traduzida num português muito fluente e muito agradável aos ouvidos e muito palatável, quer dizer, muito gostoso de saborear a Palavra de Deus, embora ela não tivesse o valor de outras Bíblias bem mais modernas, que se basearam sobre as pesquisas mais recentes.

Marcelo: O senhor saberia dizer porque motivos essa Bíblia não foi publicada pela Vozes?

Dom Paulo: Não, eu não tenho idéia, porque nunca falei a esse respeito com Frei João José. Quem poderia saber é o Frei Paulo Avelino, que está aqui, no convento do Pari. Mas penso que a Editora Ave-Maria teve primeiro a licença de publicar aquela edição francesa, que era na França a que mais agradava ao ouvido francês e também à crítica francesa, e talvez eles, por motivos comerciais, tenham chegado a adquirir primeiro os direitos e então convocaram o exegeta de maior nome, que na época era Frei João José Pedreira de Castro, para fazer a tradução brasileira, porque ele era um verdadeiro poeta, além de um místico e um grande devoto da Palavra de Deus.

Marcelo: Além de Inácio, Frei João José, o senhor conheceu outros frades que colabavam com a Vozes?

Dom Paulo: Eu conheci também Frei Pedro Sinzig, porque, quando voltei da Europa eu convivi com ele meio ano no Rio, mas também já conhecia a revista *Música Sacra*

quando era estudante em Petrópolis. Convivi também com Frei Basílio Røewer, que é outro grande divulgador da história franciscana no Brasil, ou melhor, da documentação para a história franciscana, porque ele não era propriamente historiador, ele procurava sempre as fontes e reproduzia tanto quanto possível as fontes. Isso é de uma vantagem muito grande para os historiadores que depois sabem unir todos os fatos àqueles fatos relatados no documento. Frei Basílio foi certamente um dos maiores incentivadores de nossa literatura brasileira escrita naquele tempo.

Marcelo: E Frei Cândido Schutstal?

Dom Paulo: O Frei Cândido era mais conhecido como técnico, e tinha pouco relacionamento conosco, os estudantes, porque ele era um homem muito ocupado e depois um homem muito compenetrado no seu ofício. Mas éramos sempre muito amigos e eu me lembro até que ele teve que arranjar a minha passagem para eu poder voar, porque foi um dos primeiros vôos depois da guerra, eu fui de avião para a França, porque era muito perigoso fazer a viagem por mar, por causa das muitas minas colocadas no mar para explodir os navios. Eu recebi a ordem de dar ao Frei Cândido a missão de ele cuidar de minha passagem aérea, eu voei então do Rio até Paris, em 68 horas, porque paramos em tudo quanto é lugar.

Marcelo: O senhor lembraria de outros freis que trabalharam na Vozes?

Dom Paulo: Bom, eu cheguei como estudante em Petrópolis só em 1943, aí já era o Frei Tomás. Nós tínhamos um relacionamento muito grande com Frei Tomás porque ele nos procurava para trabalhos mais caseiros, mais de confiança dele, por exemplo, para a apreciação de livros que podiam ser traduzidos ou então para revisão das traduções feitas do alemão, eu sabia bem o alemão, como sabia bem também o francês e era

especialista em grego e latim, então ele nos confiava muitas vezes a revisão desses textos, mas isso era uma coisa caseira, assim, um trabalho de cozinha.

Marcelo: O senhor colaborava na equipe que tomava decisões sobre o que devia ou não ser publicado?

Dom Paulo: Certamente, ele confiava a nós o julgamento sobre certas obras que deviam ou não ser publicadas e quais as vantagens e desvantagens, e como ele era cientista, ele era muito exato e pedia então toda a fundamentação, e a gente aprendeu muito a trabalhar com ele. Depois, quando eu defendi tese na universidade mais exigente da Europa, que era a Sorbonne, eu vi que tinha aprendido muito com Frei Tomás para buscar a exatidão das informações e da documentação de tudo o que se escrevia.

Marcelo: O senhor poderia descrever um pouco mais como eram os critérios de decisão, de seleção de obras?

Dom Paulo: Bom, eu não sei, porque nunca falamos sobre isso e o Frei Tomás era um homem de pulso muito forte, mas era um pouco considerado como o ditador da Editora Vozes, quer dizer, ele decidia e o que estava decidido por ele era definitivo, mas ele sempre teve aquela simplicidade franciscana de buscar opinião quando a gente tinha que fundamentar a opinião. O que interessava a ele era que a obra fosse absolutamente ortodoxa, quer dizer, católica, e que ela fosse útil para a evangelização do Brasil e que ela tivesse uma difusão boa.

Eu me lembro muito que naquele tempo o Frei Henrique Golland Trindade que era um escritor muito apreciado por causa do estilo e também por causa da poesia, o Frei Henrique Golland Trindade publicava sobre liturgia, etc., isso se vendia como pãezinhos frescos, porque o povo adorava essa maneira de seguir a missa com facilidade em

pequenos cadernos e com explicações dadas de maneira popular e poética. Frei Henrique Trindade é considerado um dos maiores oradores do Brasil, porque foi ele que pronunciou o panegírico aqui, na inauguração da catedral de São Paulo, em 1954. Eles podiam escolher, de todo o Brasil, quem pudesse enaltecer o trabalho dessa catedral, que é a catedral gótica mais bela da América Latina, escolheram a Frei Henrique Golland Trindade, que era um simples bispo de Botucatu, que naquele tempo ainda não era arcebispo. Eu me lembro que eu estava próximo a ele e que ele se queixava que os repórteres não lhe davam sossego, nem em momentos em que ele não estava em ofício ou pregando. Ele elaborou o panegírico de São Paulo e da Catedral de São Paulo.

Marcelo: Interessante é que essas publicações de renovação litúrgica já eram publicadas dez anos antes do Concílio...

Dom Paulo: É, tudo o que se fazia na Vozes era realmente num espírito novo, porque a renovação se fazia em grande parte pela Ação Católica, na Igreja de São Bento, dos beneditinos aqui de São Paulo, mas se fazia sobretudo pela Alemanha, por Trevis e por muitos outros lugares. Como nós éramos bastante dependentes da literatura alemã então, a renovação litúrgica pela Vozes foi influenciada tanto pela ação católica, que exigia uma renovação constante, como também pela pesquisa dos liturgistas de Trevis, na Alemanha. Até mesmo muitos dos que ensinavam em Roma eram da Alemanha.

Marcelo: Essa posição de vanguarda continuou depois, no tempo do Frei Ludovico, também com o feminismo e outros temas...

Dom Paulo: É, nós podemos dizer que a Editora Vozes incentivou o Brasil inteiro a renovar-se junto com a ação católica, porque a ação católica teve uma influência muito grande na renovação de tudo o que se passava no Brasil.

Marcelo: E depois, em 1972, o então Frei Leonardo Boff publica “Jesus Cristo Libertador” e logo surgiram outras obras na perspectiva da Teologia da Libertação...

Dom Paulo: É, na Teologia da Libertação eu devo confessar a você que eu não estava mais na Editora Vozes, porque eu fui feito bispo em maio de 66, mas tinha sido enviado a Roma em fevereiro de 66, para adaptar as Constituições Franciscanas ao texto do Concílio Ecumênico. Então, eu estive fora desde fevereiro de 1966 e não voltei mais para a Editora Vozes. Só que depois, a Editora Vozes me pediu, por intermédio do Bispo de Petrópolis, que eu desse o *Imprimatur* dos livros da Teologia da Libertação, porque eles eram muito observados ou criticados por diversas correntes da América Latina, que tinham muita influência em Roma. Então, um *Imprimatur* dado por um Cardeal, e dado em São Paulo, e dado após o exame da Comissão da Doutrina da Fé da CNBB, tinha um grande valor, um valor quase definitivo. Mesmo mais tarde quando um dia o Secretário do Papa me chamou para conversarmos a esse respeito, ele sempre dizia que, figurando o meu nome como aquele bispo que deu o *Imprimatur*, então era muito respeitado, porque eu mandava observar estritamente aquilo que a Comissão de Doutrina recomendava, eu dizia que o autor poderia falar comigo em caso de dúvida, mas que não poderia nunca fugir ao que a Comissão de Doutrina achasse útil naquele momento, porque Teologia e Magistério andam juntos.

Marcelo: O senhor acompanhou Boff quando Roma chamou a atenção pelo livro “Jesus Cristo Libertador”?

Dom Paulo: Claro, eu fui para Roma diversas vezes sem que Frei Leonardo soubesse, fui falar a favor dele em Roma, sempre que eu podia, e também fui acompanhá-lo, junto com Dom Aloísio, quando ele foi chamado a justificar-se em Roma. Estávamos nós dois

ao lado dele. Eu pedi licença ao Secretário do Papa, licença estrita e pessoal, de estar junto, e ele telefonou para o Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé e esse concordou, então fomos lá nós dois e vimos o final do encontro entre o Frei Leonardo e o Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé.

Marcelo: Frei Constantino Koser falou-me que foi uma leitura um pouco equivocada do livro “Jesus Cristo Libertador”. Parece-me que não entenderam o espírito dialético de narração que o Frei Leonardo Boff usou. O senhor concorda com essa hipótese?

Dom Paulo: Não só concordo, como eu ouvi, do próprio Prefeito da Congregação, que ele (Leonardo Boff) em vez de ser teólogo, muitas vezes era jornalista e eu disse que para um povo simples como o brasileiro e um povo que gosta da narrativa, um povo que tem uma capacidade enorme de verbalizar os sentimentos, o Frei Leonardo Boff é realmente um escritor de primeira mão para difundir a doutrina autêntica da Igreja em forma jornalística que o senhor parece reprovar, mas eu aprovo e eu acho que a minha experiência nos dez anos e meio dos morros de Petrópolis, e depois o meu trabalho pela operação periferia aqui em São Paulo me deu a autoridade de dizer o que o povo apreciava e entendia da parte da Bíblia e da parte da interpretação da vida cristã nos dias de hoje. E o Frei Leonardo Boff tratava bem dessa ansiedade do povo de estar sempre em concordância com o plano de Deus para o tempo de hoje, sobretudo após Medellín e Puebla.

Marcelo: Depois, mais recentemente, em 1992, a Editora Vozes passou por mais intervenções, quando Frei Leonardo foi dispensado do cargo de Redator da Revista Vozes e as demais revistas ficaram sob a responsabilidade direta da Província. O senhor teria algo a comentar sobre esse episódio?

Dom Paulo: Certamente, eu senti uma baixa na aceitação de tudo o que vinha da Vozes depois que houve esse abandono de Frei Leonardo Boff e também uma renovação na Editora Vozes. Mas isso acontece com todas as editoras, e altos e baixos fazem parte da vida humana como fazem parte também de toda a divulgação na Igreja Católica, nós temos os momentos fortes e temos os momentos fracos para a difusão como também para a aceitação.

Marcelo: No momento da publicação do livro *Brasil: Nunca Mais*, , o senhor primeiro preferiu uma outra editora que não fosse religiosa, a Editora Vozes foi a segunda opção...

Dom Paulo: Quando só o Reverendo Jaime Wright e eu éramos os únicos a sabermos da publicação do *Brasil: Nunca Mais* (mesmo o texto estando pronto, ninguém mais estava a par do que havia sido feito e de como havia sido feito, só o Reverendo Wright e eu), então nós combinamos que seria publicado pela Editora Brasiliense, pela qual eu já tinha publicado alguns livros, que tinham uma enorme saída. Então eu fui falar com o Diretor, ele leu o texto, ficou muito comovido e disse que não tinha coragem de publicá-lo porque provavelmente seria confiscado, ele seria preso, etc. Bom, eu não fui mais a outros. Depois, o Frei Ludovico veio me ver, a meu pedido, então eu ofereci a Frei Ludovico e ele mandou que o Leonardo Boff lesse o livro e o Leonardo logo disse: “O livro deve ser publicado, porque é um livro histórico, que vai marcar época em toda a

história do Brasil e vai ser um dos livros mais indispensáveis para entender o que se passou com o golpe militar”.

Mas o Frei Ludovico foi extremamente esperto. Ele me obrigou a assinar um documento onde toda a responsabilidade pelo que se publicava não era da Editora Vozes, mas era minha, pessoal. Eu não queria onerar a Arquidiocese de São Paulo, apesar de ser Arcebispo Metropolitano e de ter todo o Conselho de Presbíteros e o Conselho de Leigos a meu favor, mas eles nada sabiam do livro, então eu assumi sozinho a responsabilidade e, de fato, tive dois processos. Um movido em Petrópolis contra mim, por um médico psiquiatra que queria que fosse retirado o nome dele entre aqueles que aprovavam a tortura, e ele ganhou a ação em Petrópolis, porque substituíram a Juíza naquele dia. Então eu apelei para a segunda instância, no Rio, onde eu ganhei de três a zero. E foram as únicas reclamações que vieram, de fato, diretamente, a mim, enquanto que 444 pessoas que praticaram a tortura estão com os seus nomes publicados naquele livro e também sofrem restrições para ocupar cargos de direção, desde aquele tempo e talvez para todo o resto da vida deles. Eu lastimei muito que muitas famílias sofressem, mas as pessoas que colaboraram diretamente, seja na tortura, ou seja na entrega dos inocentes que lutavam por uma causa justa, desejei que esses também fossem devidamente examinados e, se culpados, que sofressem as conseqüências pelo que fizeram.

Marcelo: O senhor acredita que essa exigência de Frei Ludovico demonstra uma falta de apoio da Vozes à causa dos direitos humanos?

Dom Paulo: Não, foi uma esperteza de uma editora. Querer jogar por cima de um Cardeal uma responsabilidade que poderia não ser respeitada pelas autoridades que naquele tempo eram muito arbitrárias, eram muito inclinadas a condenar qualquer

cidadão que não tivesse grande respaldo, e um Cardeal, embora diversas vezes eu fosse ameaçado de prisão e tudo o mais, eles sempre diziam: “Não se pode tocar no cardeal”. Porque, pelo protocolo brasileiro firmado com a Santa Sé, um Cardeal tem a mesma função que o Vice-presidente da República e não se pode tocar no Vice-Presidente da República sem que haja uma causa muito séria e aceita pela legislação brasileira.

Eu não levei a mal, porque achei que ele queria defender-se e que a minha possibilidade de defesa e de assumir a responsabilidade sozinho era maior. Nem o Reverendo Jaime Wright, ninguém mais assinou, só eu tive que assumir toda a responsabilidade e até hoje não me arrependo porque as pessoas que lá são contempladas, elas quando foram vítimas sofreram muito mais do que eu poderia sofrer em qualquer ocasião, por isso, pensando nas vítimas, eu assumi a responsabilidade total pelo que foi publicado no livro.

Marcelo: Com a saída do Frei Ludovico, em 1986, a Vozes parece ter tomado outros rumos. Como o senhor viu essa mudança?

Dom Paulo: A gente sentiu um pouco que a Vozes assumiu a publicação de livros que normalmente eram editados pelas editoras não-religiosas, mas isso pode ser bom, pode ser discutido, eu nunca discuti isso com os padres e os padres nunca falaram disso a mim, de maneira que a Editora Vozes sempre foi muito considerada aqui, tanto pelo clero de São Paulo, quanto também pelo povo simples de São Paulo, que é influenciado pela espiritualidade franciscana.

ANEXO B-4

Entrevistado: Carlos Alberto Drummond Costa, Gerente do Departamento de Engenharia e Manutenção

Data: 4 de outubro de 2000

Marcelo: Drummond, comece se apresentando...

Drummond: Meu nome é Carlos Alberto Drummond Costa, 45. Sou formado em Engenharia Mecânica pela UCP; fiz especialização em Engenharia Elétrica pela Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro. Sou natural de Petrópolis, casado com Márcia Laura Chauffaille Drummond, industriária, e pai de Andréa Chauffaille Drummond, 18, estudante de jornalismo da PUC-RJ e de Alexandre Chauffaille Drummond, 16, estudante da 2ª série do 2º grau.

Além dos estudos convencionais, participei de palestras, cursos e seminários na área de manutenção e outras, somando aproximadamente 80 cursos de atualização.

Sou professor da Escola de Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis, desde 1990, onde leciono a disciplina “Manutenção de Equipamentos” no curso de Engenharia

Mecânica e a disciplina “Planejamento e Controle da Manutenção” no curso de Engenharia Elétrica.

Também sou professor no Curso Técnico de Eletrotécnica no Colégio Werneck, desde 1977, onde leciono Matemática, Física, Mecânica, Projetos e Organização e Normas. Em 1997, assumi também a função de Coordenador do Curso.

Marcelo: Que imagem você tinha da Vozes antes de trabalhar nela?

Drummond: Antes de trabalhar na Vozes, eu trabalhava apenas como professor. Como não tive experiência anterior em empresas de uma forma geral, não tinha nenhuma imagem formada sobre a Vozes.

Marcelo: Como foi seu início na Editora Vozes?

Drummond: Fui admitido como estagiário de engenharia em 19 de março de 1979. Foi meu primeiro estágio, jamais havia tido qualquer contato com empresas. Na ocasião da entrevista, Frei Miguel Gomes Mourão de Castro (Frei Ludovico) fez a seguinte pergunta: “Filho, você tem vontade de trabalhar?” Respondi: “Tenho!”. E Frei Ludovico acrescentou: “Só que quando você se formar, não vai poder continuar, porque nós já temos um engenheiro”. Respondi: “Tudo bem”. Então Frei Ludovico falou ainda: “Antes de contratá-lo, vou procurar saber de você lá na faculdade”. Explico: é que na época o Reitor da Universidade Católica de Petrópolis era o professor Manoel Machado dos Santos, assessor jurídico da Editora Vozes.

Fiquei no estágio até julho de 1979, quando formei-me em Engenharia. Para minha surpresa, na segunda-feira, 16/07, logo após a minha formatura, quando cheguei na Editora, Frei Ludovico mandou me chamar. Imaginei que seria dispensado na mesma hora. Ele começou perguntando se eu tinha alguma coisa em vista, outro trabalho...

Respondi que não, que eu iria começar a procurar. Aí, ele perguntou se eu queria ser efetivado como Engenheiro da Vozes. Isso era tudo o que eu queria ouvir. Ele explicou que tinha me observado bem nesses 4 meses e achou que eu tinha sido muito responsável (apesar de muito jovem) sentia em mim uma vontade de crescer na Vozes, que minhas atitudes no serviço tinham lhe agradado.

Na época, como estagiário, eu fazia o acompanhamento da manutenção nas máquinas e equipamentos em geral. O setor era chefiado pelo engenheiro Manoel Carlos Pereira Muniz e o encarregado da Mecânica era José Hermano Nicolay (o filho, provavelmente, de Antônio Nicolay), um ótimo mecânico e amigo (atualmente reside em São Paulo). Eu acompanhava o serviço com a intenção de aprender.

A chegada na Vozes foi muito boa. Fui recebido pelo Sr. José Luiz Castro (porque o setor de engenharia era agregado à produção). José Luiz levou-me para a sala dele e bateu um papo comigo para me deixar à vontade. O chefe da produção era na verdade Antônio Schaeffer, que estava em reunião. José Luiz era o auxiliar dele. Quem me indicou para a Vozes e marcou minha entrevista com Frei Ludovico foi o Sr. Ildefonso Luiz de Oliveira, amigo da família e a quem devo parte do que sou hoje.

Marcelo: Fale sobre sua trajetória na Vozes.

Drummond: Logo após a conversa com Frei Ludovico, fui efetivado, em 01/09/1979, como Engenheiro Assistente do Engenheiro de Manutenção e Instalações Industriais. Frei Ludovico até brincou comigo: “Filho, o nome é grande, mas é que a empresa é modesta, então precisa explicar bem”. Nessa época, eu comecei a participar mais efetivamente da manutenção de máquinas e equipamentos e por auto-recreação comecei a me preocupar também com a manutenção predial da Vozes, que na época, estava um pouco abandonada.

Quando a Engenharia foi desvinculada da Produção, em 1984, foi criado o Departamento de Engenharia de Manutenção e Instalações Industriais, época em que fui efetivado como engenheiro e, finalmente, em 01/07/1990, assumi o cargo de Engenheiro-Chefe de Manutenção.

A partir dessa data, comecei a implantar uma metodologia própria de manutenção, organizei um sistema preventivo que visava reduzir o número de máquinas quebradas. Os mantenedores começaram a receber treinamentos e participar de cursos fora, para se adequarem à nova metodologia. Organizamos também um setor próprio para a manutenção predial, sendo que os mantenedores desse setor também tiveram oportunidade de aperfeiçoamento. Com isto se queria evitar rivalidade entre o pessoal da manutenção mecânica e manutenção predial. Enfim, a engenharia começou a ter sua vida própria na empresa, a gerar os recursos necessários para dar maior garantia para a Produção.

Marcelo: Como os setores estavam organizados, fisicamente?

Drummond: Fisicamente, o setor era assim: aqui (local onde foi feita esta entrevista) era a sala do Frei Ludovico Gomes de Castro (atualmente é a minha sala, faço questão de conservar a mesa, o sofá e a cadeira que ele usava). O Frei Ludovico tinha que passar por dentro da oficina mecânica para chegar até a sala. Lá fora, próximo à garagem, funcionava a carpintaria (no mesmo lugar onde é hoje, com a diferença de que o prédio era todo em madeira).

Mais tarde, já na minha gestão como engenheiro-chefe, melhoramos o *lay-out* da oficina mecânica, construímos um espaço próprio para o setor de solda e um banheiro com ducha para todos os funcionários do setor de manutenção, com a preocupação de proporcionarmos um melhor ambiente de trabalho.

Nesse período, cada vez mais procuramos buscar melhores soluções e procedimentos para que a manutenção da Vozes tivesse um resultado positivo, o que felizmente até hoje acontece, acompanhando, inclusive, a evolução tecnológica.

Marcelo: Falando nisso, como começou a informatização na Editora Vozes?

Drummond: A informatização começou na verdade, no fim da gestão do Frei Ludovico, quando ele comprou um grande computador SID, que foi colocado na sala onde hoje é a informática. Esse computador foi comprado especialmente para o controle de estoque e o endereçamento (postagem). Havia um suporte técnico da área de informática da Universidade Católica de Petrópolis pois a Vozes não possuía ninguém com as qualificações necessárias.

Marcelo: A automação atingiu também o setor de engenharia e manutenção?

Drummond: Em parte sim. O interessante é que praticamente não houve mais mudanças de máquinas aqui no setor desde a gestão de Frei Ludovico. No fim de sua gestão, Frei Ludovico ainda comprou uma freza (antes, todo o serviço de freza tinha que ser terceirizado); um torno novo (o que existia aqui foi mandado para o Seminário de Agudos), uma segunda plaina, mais moderna e uma serra mecânica elétrica (antes, tínhamos que serrar tarugos de ferro, aço, etc... com grandes diâmetros na mão, ocasionando uma grande perda de tempo, além da imprecisão).

Marcelo: O setor de engenharia e manutenção acompanhou a compra de máquinas novas para a gráfica?

Drummond: Sim, nosso setor participou de todas as aquisições de máquinas, acompanhando do transporte à inauguração da máquina. Temos um cuidado muito especial com a conservação e a manutenção das máquinas, apesar da empresa não ter

investido, no passado, em cursos para a manutenção das novas máquinas que eram compradas. Sempre tivemos que aprender com poucos recursos, consultando os catálogos, tirando dúvidas por telefone, etc.. Sobre isso, vou contar um fato curioso: um certo dia, apareceu aqui na Editora, sem nenhum aviso, o Sr. Gunther Ritzinger, alemão, técnico da Man Müller, empresa fabricante de uma de nossas impressoras. Veio fazer uma visita de cortesia a mando da fábrica e ao mesmo tempo, inspecioná-la. Ele ficou muito surpreso com o fato de que nós fazíamos a manutenção das máquinas, muito bem feita, sem termos cursos específicos. Durante a visita, ele localizou uma peça com desgaste na referida máquina Müller 05-13 e falou: “Essa aqui não tem jeito, vocês terão que importar uma peça nova”. Eu falei para ele que não precisava, que uma peça dessas nós mesmos faríamos aqui na nossa oficina mecânica, em pouco tempo. Ele não sentiu muita firmeza e, para seu espanto, nós fizemos a peça em duas horas e a máquina voltou à condição de nova, guardadas as proporções.

Marcelo: Como eram feitas as compras de máquinas na gestão de Frei Ludovico?

Drummond: Ele comprava a máquina e só depois comunicava que tinha comprado e que a máquina iria chegar tal dia. Lembro, inclusive, de dois problemas que nós enfrentamos por essa falta de comunicação da parte dele. Primeiro: ele comprou uma máquina de costura programável, de fabricação italiana. Quando a máquina chegou, verificamos que toda a parte elétrica estava para 380V, quando nossa tensão (voltagem) é de 220V. Ele pediu e nós conseguimos resolver o problema, apesar dos transtornos e despesas adicionais.

Segundo fato: quando ele comprou a *Planeta Super Variant* logo marcou uma data para a inauguração (se não me engano, isto aconteceu em março de 1980). Dois dias antes da inauguração, a máquina apresentou um defeito elétrico. Nesse caso, nós não podíamos

mexer porque a máquina estava na garantia. Ele mesmo ligou para a fábrica que possuía um representante em São Paulo (Dafferner) e nada comentou. Só ficamos sabendo quando um técnico alemão chegou, no dia seguinte, já trazendo uma peça nova (cartão de programação), trocou a peça e tudo voltou ao normal. Foi um alívio geral. A inauguração aconteceu na data prevista. A grande renovação do parque gráfico da Vozes foi durante a gestão de Frei Ludovico. Tive o prazer de receber outras máquinas, tais como: uma colocadora de capas (Pony), uma alceadeira (Müller), duas máquinas de costura (Brehmer), além da citada acima, uma dobradeira (Polygraph), uma guilhotina (Ricall), dois ambientadores de papel (Ricall), uma lavadora de rolos (Ricall); todas ainda hoje aqui conosco, apesar de velhinhas, estão funcionando normalmente. É bem provável que eu esteja esquecendo de algumas, peço minhas desculpas. Realmente, Frei Ludovico revolucionou a Empresa, além das muitas Filiais que abriu por este Brasil afora. Foi uma época áurea.

Marcelo: Favor citar algumas pessoas que marcaram sua passagem pela Vozes.

Drummond: Frei Miguel Gomes Mourão de Castro (Frei Ludovico), por tudo o que já dissemos. José Hermano Nicolay, meu colega e um profissional exemplar, que me deu muito apoio quando iniciei minhas atividades, ainda com estagiário. Luis Henrique Oliveira da Costa, hoje Encarregado da Oficina Mecânica, que começou comigo como aprendiz e foi subindo de função, com merecimento. Adilson Alberto Nunes, encarregado da Manutenção Predial, que sabe tudo sobre madeira, é um artista, e uma pessoa que sempre procura ajudar, mesmo fora da área da madeira. Suas idéias são fantásticas.

Marcelo: Favor citar fatos que marcaram sua passagem pela Vozes.

Drummond: Na gestão do Frei Ludovico, em períodos de catástrofe em Petrópolis (inundações, por exemplo), se a casa de algum funcionário da Vozes fosse atingida, o Frei imediatamente me chamava e pedia para que eu fosse ao local “ver o que a Vozes poderia fazer para ajudar”. Eu comprovava, trazia as informações para ele e a ajuda sempre vinha. Às vezes eram alguns sacos de cimento, pedra, areia e coisas similares, um reparo no telhado, etc...

Ainda durante a gestão do Frei Ludovico, em determinadas circunstâncias, eu e o José Nicolay ficávamos até mais tarde trabalhando e de repente, sentíamos uma mãozinha nas costas. Era o Frei Ludovico, que vinha nos visitar e ficava presente, perguntando o que aconteceu, porque a máquina quebrou, como nós estávamos, enfim, queria participar...

Ele conhecia todos os funcionários da sede. Chamava a todos pelo nome (na maioria das vezes, até conhecia os nossos familiares). Se você não estivesse bem, ele percebia e perguntava: “O que houve?”. Você dizia, por exemplo: “Meu filho está doente”. Ele respondia: “Não se preocupe, logo ele vai melhorar!” Dias depois, quando você já nem lembrava mais do ocorrido, ele vinha e perguntava: “Seu filho melhorou?”

Um certo domingo, véspera de minha saída de férias, Frei Ludovico ligou para minha casa e pediu se eu podia vir até a Editora. Peguei o fusca do meu sogro emprestado e fui. Como estava chovendo muito, fiquei mais de uma hora parado próximo à Praça da Liberdade, impedido de continuar. Quando cheguei à Editora, o Frei estava na porta me esperando com um grande guarda-chuva. Fomos para a sala da Diretoria e ficamos conversando sobre assuntos diversos. Na verdade, só queria conversar. Quando lembrou

que era domingo e que eu sairia de férias, ele pediu desculpas por tomar o meu tempo e dispensou-me. Ele tinha uma preocupação muito grande com o ser humano, com a vida do funcionário. Mas também era rígido quando fosse necessário. Os funcionários nem se incomodavam, pois sabiam que ele era justo. De certa forma, um puxão de orelha dele era uma satisfação. Ensinou-me muito. Que Deus o tenha no lugar que fez por merecer.

ANEXO B-5

Entrevistado: Dom Frei Boaventura Kloppenburg, ex-Redator da Revista REB

Data: 13 de novembro de 2000

Marcelo: Frei Boaventura, no tempo em que o senhor foi Diretor da REB, havia alguma comissão editorial na revista?

Frei Boaventura: Olha, não havia nenhuma comissão editorial naquela época. Era o diretor, então na época como eu era diretor, eu consultava os colegas professores da época, mas quem mandava mesmo era eu. Não havia uma autoridade, não havia uma comissão editorial. Agora sim, eles tem comissões, mas isso não existia na minha época. Era simplesmente publicada pela Editora Vozes, mas a responsabilidade era do convento dos franciscanos, dos professores. Um de nós, era eu no caso, dirigia a revista.

É claro, tinha na REB manuscritos que eu dizia: “Esse aqui nem se discute, não vou publicar de jeito nenhum”. Só teve um artigo que eu recusei e que depois foi publicado. Era um artigo do Frei Evaristo sobre as citações de Santo Agostinho e as obras de São

Boaventura, mas esses são uns temas que não interessam a ninguém. Uma vez eu pedi para ele fazer a REB e então ele publicou. Mas não era o que a gente queria. Eram especulações que só interessavam a revistas altamente especializadas. E a REB não queria ser altamente especializada nesse sentido, ela era uma revista de Teologia em geral.

Agora esse tipo de especialização (por exemplo: Como é que se ordenavam os bispos na época do século III na Igreja da Síria?) Ora, mesmo que o artigo seja bom, isso não interessa. A gente respondia a todos aqueles que mandavam artigos, informando que tinha recebido, mas sem um compromisso de publicá-lo.

Marcelo: Que outros critérios eram adotados para aceitação ou rejeição de um texto na REB?

Frei Boaventura: Eram critérios inteiramente meus, pessoais, de fidelidade à doutrina da Igreja. Eu não admitia nunca artigos escritos por um ex-padre, nunca. A REB no meu tempo publicou um ou outro artigo escrito por um leigo, isso até se admitia, mas ex-padre não entrava de jeito nenhum. E durante todos estes anos eu não recebi uma carta de algum bispo que tivesse discordado da orientação da revista, nenhuma vez. Discordavam às vezes de algum artigo que talvez tivesse sido melhor não publicar, isso sim. Mas nunca recebi nenhuma repreensão da Santa Sé, nunca me repreendeu, nunca me chamou, nunca me calou, nunca.

A coisa começou com o Leonardo, ele não era padre, e deve ter sido em 66, 65 então ele escreveu um artigozinho sobre a inquisição, esse artigo é que causou problemas. Ele era estudioso, claro que ele tem exatamente 20 anos a menos que eu, então eu tenho 80 ele deve estar com 60. Apesar dele estar todo revestido de barba ele não é assim tão velho, então ele evidentemente como um estudioso ele estava sempre aberto às coisas novas,

então certas novidades entusiasmavam, por exemplo, quando se afirma que a ressurreição acontece no ano da morte não é preciso esperar até o fim do mundo para a ressurreição da carne, a ressurreição da carne acontece na hora da morte. Isso não. Mas ele gostava um pouco assim dessas coisas meio avançadas. Eu também sempre gostei disso, mas em primeiro lugar meu critério é a ortodoxia. Até hoje eu sou satisfeitíssimo com o catecismo da Igreja Católica, lá tem tudo e se o catecismo não aceita então também eu não aceito. Eu juro pelo catecismo.

Marcelo: O senhor teve colaboradores na preparação da revista REB?

Frei Boaventura: Tinha um irmão que é natural lá de Petrópolis que eu o tinha escolhido para ser o secretário da revista. Eu podia escolher dentre os estudantes um ou outro como secretário, ele era inteligente e eu o escolhi para me ajudar na redação da REB, sem ganhar nada, porque ele era franciscano, nem eu não ganhava nada, a gente trabalhava tudo pelo amor de Deus. Mas aí ele desistiu de ser padre e depois também desistiu de ser franciscano, mas continuou sendo nosso secretário da revista. Estou falando do Ephraim Ferreira Alves, que é secretário de redação até hoje.

Além dele, tinha o Frei Frederico, um grande amigo, e o Frei Evaristo, que foi outro grande amigo, a gente tomava chimarrão lá em cima. Na verdade o Frei Evaristo não ajudava muito na preparação da REB porque ele tinha outra revista era “Grande Sinal”, era aquela revista mais de espiritualidade. Tinha também o Frei Aleixo e o Frei Constantino, que ajudavam respectivamente com as respostas aos casos de moral e os esquemas de sermões.

Marcelo: Frei Boaventura, conte-nos um pouco sobre a atividade apologética que o senhor exerceu nos anos 50.

Frei Boaventura: Bom, eu era professor de teologia desde 51, isso significa 11 anos antes do Concílio. Então o que eu ensinava no ano de 51 não podia ser coisa do Concílio, então eu evidentemente ensinava matérias no estilo, digamos assim, pré-conciliar, não tinha outro jeito. Depois de dois ou três anos como professor, eu estava num Congresso de Teologia em Curitiba em 1954, então eu já tinha escrito artigos sobre espiritismo na REB, então os irmãos Maristas de Curitiba me pediram para fazer uma conferência para o povo sobre espiritismo e eu aceitei. Acontece que boa parte da nata do espiritismo de Curitiba estava presente na minha conferência. Foi minha primeira conferência pública sobre espiritismo e a nata do espiritismo de Curitiba estava ali e eles começaram a me bombardear. Houve todo um debate mas enfim, eu me saí bem, apesar do improvisado. Todo mundo, os padres, etc. me deram parabéns e então eu disse: “Bom, pior não pode ser”. E eu comecei a fazer conferências com relação a qualquer espírito no Brasil inteiro.

Eram conferências de manhã num colégio, à tarde noutro colégio e de noite para o povo. De manhã num colégio eu fazia a mesa dançar, etc., à tarde a mesma coisa. A criançada que estava lá no colégio que via a mesa dançar fazia a propaganda em casa com os pais e à noite não tinha mais sala que coubesse toda a gente que estava interessada. Isso foi um fenômeno que se repetiu no Brasil inteiro. Sempre sala cheia, cheia, cheia. Nunca cobrei entrada. Só uma vez, em Anápolis, os frades não tinham salão e alugaram um grande salão de cinema e cobraram a entrada para cobrir os nossos gastos de aluguel. O que aconteceu foi que quando eu cheguei não só a sala estava cheia como lá fora havia filas de gente que queria entrar também e não tinha mais lugar. Então eu prometi:

“Muito bem, eu vou falar durante uma hora e meia para os que estão lá dentro. Se vocês que estão aí tiverem paciência vão entrar de graça e eu falo outra vez uma hora e meia pra vocês. A sala ficou cheia duas vezes.

Como acontecia a distribuição e a circulação dos livros e artigos “apologéticos” nesse período de 1951 a 1960?

Frei Boaventura: Olha esses livros saíam de uma maneira espetacular. Todo mundo estava desejando, eram edições péssimas, de capas feias. Eram capas que não tinham ilustração nenhuma, mas o livro saía, a gente tirava 4.000, 5.000, 10.000 exemplares e os livros saíam. Eu ao mesmo tempo fazia propaganda, eu fazia conferência em todo o Brasil, em toda parte eu levantava a mesa, fazia toda essa bruxaria e isso atraía muita gente e então ao mesmo tempo esses livros estavam aí.

A dona Rose Marie fala mal dessa época até 61, ela despreza isso, mas ela não conhecia o problema que na época tinha sido suscitado por mim. Fui eu que abri os olhos da CNBB para o problema através dos artigos que eu comecei a publicar em 51, 52 na *Revista Eclesiástica Brasileira*. Então com esse apoio, assim, oficial, quase que uma espécie de mandato da CNBB e com o apoio absolutamente indiscutível do Frei Frederico e de Frei Aurélio na direção da Editora Vozes nós estávamos lá nesse período que você chama de apologético e eu chamo de defesa da fé.

Marcelo: Tudo bem. Eu coloquei entre aspas por isso, como um nome provisório.

Frei Boaventura: Mas quanto à distribuição e à circulação, a Editora não tinha as filiais que tem hoje, tinha poucas filiais, uma no Rio, outra em São Paulo era só isso que a gente tinha. A Vozes era conhecida através de suas revistas, sobretudo a *Revista Eclesiástica Brasileira*. Eu não tenho os dados, mas quando eu assumi a REB ela tinha

em torno de 2.000 assinantes e chegou a 6.000 na minha época. Quer dizer, de 2.000 para 6.000 há uma diferença muito grande. Ela circulava na mão dos vigários, porque isso é uma revista para padres, não era uma revista para meios sociais, rapazes. Então aqui, por exemplo, no Rio Grande do sul, era obrigação, cada paróquia devia assinar a REB. Você vai em todas essas paróquias lá nos arquivos você encontra a ficha da REB. Em todas as paróquias do Rio Grande do Sul entrava a REB e naqueles anos a REB justamente publicou os artigos apologéticos sobre o espiritismo, ocultismo, exoterismo, maçonaria, umbanda, tudo. Ela teve uma aceitação inesperada, eu também não esperava um apoio ostensivo por parte dos bispos e do clero. Com isso se deu uma difusão ampla e fácil desse tipo literatura que não tinha arte, digo, beleza estética nenhuma. Era conteúdo.

Marcelo: O senhor afirmou que as pessoas que compravam a REB eram mais os vigários e os bispos. E essas coleções “em defesa da fé” eram só para o clero ou para o povo em geral?

Frei Boaventura: Era para o povo. Quando eu fazia um conferência quando tinha 1.000 pessoas cada uma recebia de graça “Porque o católico não pode ser espírita”, nós tiramos mais de 1 milhão de exemplares. Os organizadores da conferência compravam e distribuíaam gratuitamente, mas a editora fornecia evidentemente um bom desconto. A Editora não lucrava com isso, era mais um apostolado, que hoje seria inimaginável, mas naquela época antes do Concílio, havia todo o perigo do protestantismo.

Então eu assumi a direção da “Campanha de esclarecimento dos católicos sobre o espiritismo”, era assim mesmo que se chamava. Eu não queria usar a palavra “apologética” porque eu era professor de teologia fundamental e sabia que a palavra

apologética tinha sido abolida da teologia. Eu não usei nunca porque eu não gostava, isso é mais de desprezo do que aprovação.

Marcelo: Conte-nos um pouco sobre sua atuação no Concílio Vaticano II.

Frei Boaventura: Eu fui nomeado para a propagação do Concílio em Língua Portuguesa, encarregado de transmitir aos jornalistas o que estava acontecendo no Concílio. Fiquei menos de um mês neste ofício, porque não gostei. Preferi dedicar-me completamente à função de perito do Concílio. Então continuei a trabalhar na comissão teológica, na comissão doutrinal, o que me dava direito a ir todos dias na aula conciliar. Eu ficava até altas horas da noite trabalhando para fazer a crônica. Tinha que escrever alguma coisa a cada dia. E a Vozes publicava rapidamente. Por exemplo, o Concílio começou em outubro de 1962 e em dezembro já saía o último número da *REB* do ano com materiais sobre o Concílio que eu tinha mandado para o Frei Constantino, que estava em Petrópolis. Frei Constantino aproveitou e fez um especial na *REB* sobre o Concílio.

As crônicas que eu escrevi sobre o Concílio logo foram publicadas em uma coleção de cinco livros. O primeiro volume era de preparação para o Concílio, esse primeiro volume saiu antes do começo do Concílio, quando se falava, quando se propagava o Concílio. Ao começar o Concílio, o primeiro volume já estava impresso. Depois, em março de 1963, veio o segundo volume, sobre a primeira sessão, que terminou em dezembro de 1962. Cada volume tinha 300 ou 400 páginas, porque estávamos ainda num regime excessivamente severo de segredo. Muitas coisas a gente sabia e não podia dizer. Eu tinha um amigo em Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, que me animou a publicar assim mesmo.

Naquele período, eu me meti de corpo e alma no Concílio, eu já não me dedicava mais a essa questão apologética anterior que o povo tanto gostava. Tudo isso eu deixei de lado, acabou, acabou, eu não queria mais saber de espiritismo, era só mesmo o Concílio.

Marcelo: Como os documentos do Concílio Vaticano II foram sendo publicados pela Vozes?

Frei Boaventura: Os documentos apareciam pouco a pouco. Quer dizer, cada sessão se publicava dois documentos, três documentos e esses documentos eram imediatamente traduzidos e aí o Evaristo ajudou muito, eram imediatamente traduzidos para o Português e publicados na coleção de Documentos Pontifícios em folhetos. Depois, quando todos os documentos estavam prontos, então fizeram a edição conhecida como *Compêndio do Vaticano II*.

A Vozes foi de fato a Editora do Concílio porque era pela Editora Vozes que o Brasil católico tomava conhecimento do Concílio.

Marcelo: Antes mesmo de outros países publicarem os documentos?

Frei Boaventura: Nos outros países não havia coisa nem parecida com aquilo que nós fizemos na Editora Vozes com os documentos do Concílio. Foi realmente um trabalho extraordinário e muito ágil. Aí, sim, Evaristo e outros ajudaram, todo corpo de professores que tinham algum jeito ajudaram na tradução dos textos de Latim para o Português. Como a gente queria que o texto tivesse um certo caráter oficial, na CNBB tinha a comissão litúrgica, então nós dizíamos para eles: “Leiam e corrijam o texto, para que possa ser aprovado também em nome da CNBB”. Tudo isso era feito mais ou menos a machado, e os documentos documentos foram saindo rapidamente.

Eu era a alma desse trabalho. Tinha as coisas na minha mão. Eu saía do Concílio, em vez de fazer um passeio em Roma, eu dizia: “Vamos agora traduzir isso, que tem que estar pronto em março, tem que sair um livro...”. Então os companheiros compreendiam e ajudavam.

Marcelo: E depois do Concílio, como continuou sua relação com a Editora Vozes?

Frei Boaventura: Como eu já lhe escrevi na carta, entreguei a direção da REB em 1971. Um pouco depois, quando eu estava em Medellín trabalhando no CELAM, eu tinha um livro que era muito vendido pela Vozes: *O cristão secularizado*. Porém, por influência do Leonardo, a Vozes me comunicou: “Seu livro não vai ser mais comercializado, se o senhor quiser comprar tudo nós lhe damos 60, 70% de abatimento”. Então eu comprei. Quando eu voltei como Bispo em 82, passei em Petrópolis e perguntei onde estavam os livros que eu tinha comprado e ninguém tinha idéia desses livros. Quando eu voltei mais uma vez, afinal descobrimos num quarto lá no convento dos franciscanos os livros todos amontoados, fora do comércio, porque não entravam na Teologia da Libertação.

Eu nunca na minha vida encontrei um censor mais terrível que o Leonardo Boff. Ele que não aceita censura, a mim censurou de uma maneira tremenda. O próprio Ephraim me disse que lá no elenco dos artigos que publicam ao longo ano, qualquer artigo meu não podia entrar nessa lista. Era proibido publicar o meu nome na *Revista Eclesiástica Brasileira*. Leonardo Boff mandou tirar da Editora Vozes os meus livros, não queriam publicar nada e os que tinham foram confundidos com papel velho.

Marcelo: Como o senhor viu a atuação de Frei Tomás na direção da Vozes?

Frei Boaventura: Frei Tomás era um grande senhor, um cientista, especialista em formigas. Ele levantou a Editora Vozes, deu-lhe um patamar elevado. Foi ele quem iniciou a *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), isso em 1941, diante da guerra, quando nós não podíamos receber mais nada da Europa, estava tudo cortado por causa da guerra. Ele teve a coragem de abrir uma revista que saía cada vez com quase 300 páginas em 1941, quando eu ainda estava no Seminário, em São Leopoldo. Foi aí que eu me entusiasmei pela Editora Vozes.

Quando eu cheguei lá em Petrópolis, em 1943, ele logo botou o olho em mim e me pediu para ajudá-lo na REB.

Marcelo: E os outros diretores? Frei Aurélio, Frei Ludovico?

Eu até tenho uma certa culpa na nomeação do Frei Aurélio. Ele dirigia um jornalzinho em Lages, era um pouco ecumênico, mas escrevia muito bem. Eu achava ele brilhante, ao menos no ato de escrever. Então nesse período o Frei Tomás tinha que sair, ele estava doente, então eu propus Frei Aurélio e ele de fato foi nomeado, mas não foi o que a gente esperava. Ele não brilhou, não fez grande coisa. O Frei Aurélio praticamente deixava a gente fazer o que quisesse. Quem mandava mesmo era o Frei Frederico. O Frei Frederico era o único que liderava as coisas na Editora Vozes.

O Frei Ludovico naturalmente introduziu uma outra mentalidade. Ele tinha sido Provincial e por isso eu o venerava. Era um provincial muito sério, muito severo, da ala administrativa, vindo da Alemanha. De repente, foi nomeado diretor da Editora Vozes, num momento em que a Editora estava com dificuldades financeiras. Frei Ludovico foi lá e tomou as rédeas na mão. Ele foi um diretor de peso, mas se deixou levar por outras

peças que eu não apreciava, sobretudo havia lá uma senhora, uma tal Muraro. Ela era sem dúvida nenhuma inteligente e queria levar as coisas e Frei Ludovico se deixou guiar um pouco por essa mulher e eu não gostava. Então isso me distanciou de Frei Ludovico. Claro, ele era o diretor, eu sempre o respeitei, mas por causa dessa Muraro eu fiquei mais distanciado. Depois veio o Leonardo com as mesmas idéias ou mais até do que a Muraro e o Ludovico abraçou os dois, a Muraro e o Frei Leonardo e eu fiquei de fora, não participei.

Marcelo: O que o senhor acredita que a Editora vozes representou para o ITF, para a CNBB, para o CELAM, para a PUC-RS e para a Diocese de Novo Hamburgo, nos períodos em que o senhor esteve coordenando ou colaborando com estas instituições?

Frei Boaventura: Olha, a Editora Vozes evidentemente era uma Editora dos franciscanos e o pessoal do ITF também a dirigia. Eram os freis do ITF que faziam as coisas, então não havia uma separação, era uma comunidade só. A Editora Vozes, o Convento dos franciscanos, o Instituto Teológico... Com as mudanças, o ITF rompeu e então os franciscanos pararam com a REB, pararam com os artigos, pararam de fazer apreciações de livro na REB e a gente não podia chatear. O Frei Simão, por exemplo, ele era bom, mas ele só escrevia chateando, chateando afinal ele escrevia em outros veículos, não mais na REB. O Frei Aleixo, que antes publicava toda uma seção de moral casuística, parou de colaborar, e a moral casuística passou a ser desprezada.

Marcelo: A REB em três tempos (Frei Tomás e o senhor); Leonardo Boff e Frei Elói Piva? Quais as principais mudanças na redação e na recepção da revista?

Frei Boaventura: É preciso mesmo lembrar que naquela época a REB era de fato a única revista que era um pouco maior. O clero hoje tem seis, sete revistas, então a REB

tem que concorrer com as outras revistas e isso não é fácil. Eles tem concorrentes, eu ainda era um rei naquela época. Depois havia outra coisa, a REB tinha uma seção que se chamava documentação, que era boa, mas depois do Concílio a documentação era tão ampla que a gente não podia mais publicar. Então havia uma revista em francês chamada *La documentation católica* e eu disse “Vamos fazer uma assim em português”. Então fizemos revista SEDOC, que ficou bem conhecida. Quanto às mudanças na redação, no meu tempo eu adotei inteiramente a estrutura que a revista tinha recebido de Frei Tomás. Depois tiramos a seção de documentação.

A REB de hoje, você toma agora a de setembro desse ano, digamos, e a compara com setembro de 68, é outra coisa! No meu tempo havia muito mais trabalho de redação na Revista do que hoje, hoje não tem muito trabalho de redação na Revista.

Mas nesse meio tempo, a REB como as demais revistas da Editora Vozes enveredaram para a Teologia da Libertação, então era tudo Teologia da Libertação e outras coisas não fossem simplesmente não tinham mais vez nem voz lá. Acabou, acabou. Era mais ou menos nesse esquema até que a crise veio. Depois, o Leonardo foi vítima dessa crise, porque afinal com a queda do muro de Berlim a Teologia da Libertação perdeu um pouco a sua esperança, porque a esperança deles era conseguir a libertação mediante o socialismo, o socialismo mais ou menos cristão, não aquele comunista. Mas eu sou completamente contra o socialismo por ser um sistema econômico que não funciona e supõem gente concebida sem pecado original e nós todos somos concebidos com o pecado original, por isso todo mundo nasce mais egoísta do que altruísta. O socialista bom de verdade é um altruísta, mas um altruísta você tem que procurar, ele não anda por aí, todo mundo na medida do possível quer só para si.

Eu não entendo muito até hoje o Frei Ludovico, a modificação que ele teve na cabeça. Ele era um homem tão bom, tão bom, só que deixou levar por essa tendência que afinal balançou toda a Editora Vozes. Tanto que ele mesmo chegou um dia a me dizer que a Vozes não era mais editora católica. Ele me falou isso. Tudo por influência da Gebara, dessa Muraro e outras influências que então tiveram e a Editora toda entrou em crise profunda. Boa parte do bispado não aceitou mais, o clero não aceitou mais e a Editora de pouco em pouco foi diminuindo, diminuindo isso até foi como um livro. Quando eu entreguei a REB, então eu escrevi ao Ludovico: “Olha, no dia em que a REB tiver que passar outra vez a 2.000 assinantes e precisar de uma mão segura chama-me que eu volto”. Eles não me chamaram e nem eu voltei, nem eu voltei.

E logo que o Leonardo foi nomeado Redator da REB saiu um decreto da Igreja do Rio Grande do Sul que liberou as paróquias da obrigação de assinar a REB. Não eram mais obrigatoriamente assinantes da REB e assim pouco a pouco as assinaturas da REB foram caindo, caindo pra mais da metade eu não tenho exatamente as estatísticas, mas deve estar lá na Editora, caiu muito porque sugeriram outras que começaram a competir com a *Revista Eclesiástica Brasileira*.

Marcelo: O senhor acha que foram critérios comerciais que levaram a Editora Vozes a buscar outras linhas de atuação, como os livros para universitários?

Frei Boaventura: A Vozes começou a publicar livros que não eram nada religiosos, livros que eu acho que a Editora Vozes nem publicar não devia e publicava; livros de protestantes. Hoje em dia, por exemplo, você vai lá tem um livro, o autor chama-se Moltman mas não diz que aquele autor é protestante. Você fica sem saber se esse Moltman é católico. É um livro sobre teologia, mas se um leigo quer comprar Moltman, ele pensa: “Bom, a editora é católica, então Moltman também é católico”. Mas não é. A

Vozes acaba publicando livros que a gente não fica sabendo se está comprando um livro católico ou um livro protestante.

ANEXO B-6

Entrevistado: Frei Constantino Koser, ex-Ministro Geral da OFM

Data: 10 de julho de 2000

Marcelo: Frei Constantino, por favor comente sobre o vosso relacionamento com os frades que trabalharam na Vozes, o trabalho desses frades... O senhor conheceu Frei Inácio Hinte, Frei Tomás Borgmeier?

Frei Constantino: Sim. Convivi com ele até 1954. Em 38 fazia 38 anos que ele tinha começado a Vozes. Bom, Frei Inácio Hinte era um homem muito quieto, mas muito simpático, realizou muitas coisas. Uma delas foi que ele tirou da miséria o Convento Santo Antônio lá do Rio, que estava uma ruína. Militares tinham estado lá dentro e estragaram e foram embora. Aí foi confiscado pelo governo, e ele conseguiu que restituíssem a Província e restaurou.

Depois ele veio aqui para a Vozes, para Petrópolis, então estava aqui na Fundação. Ele fundou a Editora para as crianças da Escola Gratuita São José. O que faltava lá eram livros para a Escola. Em alemão e português. Então Frei Inácio teve a idéia de fazer

livros. Os professores fizeram livros para a escola. Livros de aritmética das quatro operações, gramáticas e começaram o livro da História Sagrada que ainda hoje a Vozes publica. Você conhece a máquina *Alauzet*?

Marcelo: Sim. Ela está aqui no corredor protegida com uma redoma de vidro.

Frei Constantino: Ela ainda funciona?

Marcelo: Sim.

Frei Constantino: Foi com essa máquina que ele começou ali na sala na frente onde está agora a sala dos frades, aqui no convento. Lá do outro lado não tinha nada, isso foi comprado mais tarde. Também isso o Frei Inácio que fez. Que seria para rezar. Ele tinha muito jeito para administração. Quietinho. Frei Inácio nunca fez muito barulho. Eu conversei muito com ele, durante esses anos, e ele me contava as coisas como foram.

Marcelo: A fundação da *Revista Vozes de Petrópolis* ele também acompanhou?

Frei Constantino: Foi ele que teve a idéia. Uma revista Católica. Mas não era propriamente de cultura, era uma revista de narrativas pequenas e almanaque, diria popular. Ela tomou essa formação assim mais elevada mais tarde. Quando eu cheguei aqui em 38 o Frei Inácio estava construindo essa frente toda. Eles tinham construído o prédio do convento do outro lado da rua e não iam passar disso e essa ala aqui, isso já estava. Ele derrubou toda essa frente até lá encima e construiu essa.

Aí eu me lembro quando eles contavam as artimanhas para conseguir o dinheiro. Ele fez toda a frente. Hoje o prédio da Vozes está do jeito que ele fez. Sempre o que ele fazia era bem feito. Muito bom diretor em obra, estava lá e cuidava que fizesse... Não sei se você sabe, mas já naquele tempo ele fez usar o sistema de laje. Era uma grade de ferro,

um quadrado e aí uma espécie de cesto. Ele estava a par do que existia de técnicas para essas coisas. Já naquele tempo. E foi arranjando uma maquinazinha atrás da outra. Quando eu cheguei aqui tinha vindo uma máquina grande da Alemanha que trabalhou uns 50 anos, a *Windsbraut*. Ele gostava daquela máquina, ele cuidava muito dela.

Marcelo: Tem uma foto no livro de crônicas do convento de 1935 que aparece um caminhãozinho estacionado aqui depois que terminou essa fachada, essa parte frontal. É um caminhão da época, com um letreiro onde está escrito “Vozes de Petrópolis”. O senhor conheceu-o?

Frei Constantino: É, antes tinha aqui um funcionário. Era um pobre coitado, não tinha inteligência, tinha uma pancada na cabeça. Ele empurrava um carrinho do Correio. Esse caminhão substitui aquele carrinho. E lá, quando veio aquele caminhão, na hora de descarregar, não tinha calçamento lá no Correio, só tinha lama. Então, Vozes fez o calçamento até no Correio.

Marcelo: Além do Frei Inácio, tinha outros freis que trabalhavam na Vozes?

Frei Constantino: É! Tinha o Frei Aduino Schumacher, que ainda vive lá. Este lia as provas, corrigia as provas e produzia também uma porção de artigos para as revistas e controlava as edições. E depois tinha um irmão que fazia a administração, a contabilidade. Cândido. Cândido Schutstal. Ele cuidava da contabilidade.

Marcelo: Frei Pedro Sinzing teve atividade muito grande...

Frei Constantino: Ele escrevia muito. Era autor. Ele tinha uma porção de iniciativas lá no Rio de Janeiro. Ele também fundou a revista de Música Sacra.

Marcelo: E Frei Basílio Röwer trabalhou diretamente na Editora?

Frei Constantino: Bom, ele fez a *Cecília*. Trabalhou assim cooperando. Mas não trabalhou aqui dentro. Seu relacionamento com a Editora era porque trazia material e também fazia a propaganda dos livros, como os outros frades.

O Frei Inácio Hinte também fundou a *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus*. Foi ele que idealizou. Eu lembro que Frei Inácio trabalhou muito para ter toda a técnica para fazer a folhinha, cortar, ele conseguiu fazer com centenas de milhares de tiragem. Eu fiz muita colaboração com artigos para a *Echo Seráfico*, para a REB, a COR também. Na REB eu tenho mais ou menos uns 40 artigos de pesquisa. Fiz a coluna *Esquemas de Sermões* por alguns anos. E algumas centenas de resenhas de livros. Quase todo número eu tinha alguma. Neste sentido eu colaborei com as Vozes. Também dava opinião se convinha ou não convinha alguma coisa, se estava certo ou estava errado, quando vinham me perguntar.

Marcelo: Neste tempo, até 1940, a Vozes era mais ligada ao convento? Vozes, Escola Gratuita e Paróquia eram mais ligados?

Frei Constantino: Olha, estavam todos aqui dentro do convento. Conviviam, conversava-se muito sobre as coisas. Mas Vozes já era administração separada. Estava com Frei Cândido. Uma vez por semana ele viajava ao Rio para fazer as contas por lá. Para finanças.

Marcelo: Parece que sempre teve um Frei mais responsável para fazer uma leitura (censura) do conteúdo da obra a ser publicada. O senhor também ajudou neste trabalho?

Frei Constantino: Manuscritos, não. Mas traduções, eu ajudei bastante. Recomendava se valia a pena traduzir ou não. Isso era um trabalho que nós padres fazíamos. A maior contribuição foi de Frei Aleixo Völkert. As respostas às questões. Ele escrevia na REB páginas e páginas... verdadeiros tratados. Ele era celeberrimo.

Marcelo: Então, o senhor fez algumas avaliações de livros?

Frei Constantino: Veio aquele tempo da questão dos movimentos mais modernos, menos conservadores. Aí tinha o Pimentel, esse já é do tempo do Frei Tomás Borgmeier. O Mesquita Pimentel era muito rigoroso. Ele escreveu “Os 4 evangelistas”, aquele livro. Aí nós professores daqui achávamos que ele puxava para trás demais. E deu uma luta, Frei Tomás tomou o partido do Pimentel e aí nós barramos. O Pimentel ficou muito ofendido. Ele tinha um volumão grosso contra Alceu de Amoroso Lima e essa gente toda da Ação Católica. Mais do que tudo era uma oposição ao grupo da ação católica, que naquele tempo fazia a figura que modernamente fizeram os teólogos da libertação.

Marcelo: A avaliação dos professores era de que a obra não devia ser publicada?

Frei Constantino: É. Aí foi o ponto final da crise. Naquele tempo eu estava no Conselho Editorial. E nós barramos, não deixamos publicar. Frei Tomás foi muito ofendido.... E o livro não foi publicado. Frei Tomás Borgmeier puxou para Vozes o Pimentel. De modo que nós tivemos conflitos com o Frei Tomás.

Marcelo: Pelo que eu li parece que Frei Tomás esteve envolvido em vários conflitos.

Frei Constantino: O que acontece é que Frei Tomás deu um nível mais elevado à Vozes. Tanto na área cultural, quanto na área religiosa. Ele fundou COR, que depois ficou Revista Eclesiástica Brasileira e deu a ela o caráter que ela tem hoje. Ela tem até hoje a divisão de grandes artigos. Só a capa não, hoje ela tem uma capa mais moderna. A de Frei Tomás era uma capa cinzenta, de simples estilo, ele dizia: “Nós não somos uma revista de moda, uma *Veja* ou coisa assim”. Agora ele era um pouco polêmico. Teve essa crise por causa do Pimentel.

Marcelo: E Frei Frederico Vier?

Frei Constantino: Frei Frederico Vier ficava sentado lá em cima e lia as provas, cuidava de contatos com a imprensa, era ali que ele trabalhava. Como o Frei Tilton hoje. Ele trabalhava muito. Ele cuidou para que a *Revista Eclesiástica* estivesse no Correio sempre no dia marcado. E com isso o Frei Frederico cobrava as resenhas, os artigos, etc. Era absolutamente pontual. A revista nunca atrasou enquanto ele estava lá. Depois, também, a *Grande Sinal* foi montada naquele tempo. Também foi Frei Tomás quem começou.

Esse foi o relacionamento que eu tive com Vozes. Em 1963 eu fui para Roma. Em 63 eu fui eleito Definidor Geral da Ordem para América Latina e fui transferido para Roma.

Marcelo: E nesta época Frei Ludovico estava chegando aqui na Editora.

Frei Constantino: É. Ele chegou em 1962.

Marcelo: E Frei Boaventura Kopplenburg?

Frei Constantino: Ele foi redator da REB e manteve o nível que Frei Tomás tinha introduzido. Era um férreo rejeitador de artigos que não tivessem um nível suficiente, ele não deixava passar. Eu lembro que em um congresso de Teologia, em Salvador, tinha um sacerdote que perguntou porque os diocesanos não tinham vez na revista REB. Aí o Frei Boaventura perguntou: “Quantos artigos o senhor escreveu?”. “Nenhum”. Nós sempre tínhamos o apoio da biblioteca aqui, um instrumentário qualificado. E depois, nós dominávamos várias línguas; isso, o clero secular naquele tempo só sabia português e latim. E também não tinha biblioteca boa para eles, nas suas paróquias...

O Frei Matias trabalhou aí também. O prédio lá atrás, onde está a biblioteca, isso foi obra do Frei Matias. Ele cuidou da construção. Eu era Prefeito de Estudos da Província, eu é que ajudei a fazer o projeto com os engenheiros, empurrei; bloquearam a construção quando eu fui para Roma.

Marcelo: A Vozes ajudava financeiramente o Instituto Teológico?

Frei Constantino: Esse tipo de apoio, sim. Já com o Frei Inácio Hinte, pagar contas do convento, etc., com o lucro das Vozes. Isso bastante vezes. Eu acho que nas finanças da Vozes o convento nunca ajudou, ajudou com o trabalho dos professores, nós nunca tivemos salário, você deve ter visto. Nós tínhamos os livros, por exemplo, que enriqueceram a biblioteca... Nossa biblioteca aqui o maior valor está nas revistas. E aí, eu não me lembro o ano, mas o Frei Evaristo Arns estava aqui como estudante e eu comecei a biblioteca. Recolhi os livros e arrumei a biblioteca, conseguir reunir uns 6.000 volumes que estavam aqui e comecei a permuta das revistas. Eu dei um começo e encarreguei o Frei Evaristo de fazer todo o trabalho de correspondência, etc., cuidar

disso. Eu acho que não existe nenhuma biblioteca eclesiástica no Brasil que tenha uma seção de revistas como a nossa. Eu combinei naquela época com o Diretor da Vozes que, pelo trabalho que nós fazíamos, ele nos dava grátis os exemplares para permuta.

Marcelo: De livros e revistas?

Frei Constantino: Não, os livros vinham para apreciação. Isso as editoras fazem. Existe um certo número de exemplares para recensão ou apresentação do livro. Isso fazíamos também nós. Pedíamos, quando havia uma obra que interessava, pedíamos um exemplar, eles mandavam de graça. Porque a *Revista Eclesiástica* foi recorde aqui no Brasil. Chegou a 6.000 exemplares. Não tinha comparação aqui no Brasil. Tem no Rio, agora, uma Revista Eclesiástica, tem uma posição maior, mas não tem tantos exemplares. Hoje ela [a REB] está diminuída muito. E diminuiu em consequência da Teologia da Libertação.

Marcelo: Depois que saiu o Frei Boaventura...

Frei Constantino: O clero e os bispos não seguiram a orientação da Teologia da Libertação e suspenderam as assinaturas. E na época, o que não era Teologia da Libertação não entrava. Eles fizeram aí uma clausura e com isso perderam.

Marcelo: O senhor acha que, mais recentemente, com o Frei Elói Piva isso foi recuperado?

Frei Constantino: Sim, mas muito pouco, porque foram fundadas outras revistas. Agora tem concorrentes, não é mais “a revista”, mas eu ainda acho que não tem nenhuma desse nível. E ela ficou com uma fama de Teologia da Libertação, que muitas dioceses não aceitavam. Foram muito poucos bispos do Brasil que entraram nesse movimento. O Boff fechou a revista. O que não era Teologia da Libertação não entrava.

Eu estava em Porto Alegre, de passagem, uma vez com o Cardeal Scherer e ele se queixou: “Antes a gente tinha confiança na Vozes, os livros que vendiam a livraria de Vozes e as revistas, a gente podia entregar ao clero sem medo. Agora a gente fica com medo...”.

Marcelo: E no tempo do Frei Tomás?

Frei Constantino: Ah! Ele também não deixava entrar o que ele não gostava. Eu me lembro quando eu organizei o 1º Congresso Teológico do Brasil, foi lá em Salvador. E lá me ajudou o frade que tem a casa de retiro. Ele nos deu alojamento grátis. E depois editaram os trabalhos. Eu falei com Frei Tomás e propus que fosse um número da *Revista Eclesiástica* que expusesse aquelas teses que foram apresentadas. Ele não quis, na hora. Ele aceitou, sim, depois, quando eu disse a ele que eu tinha o dinheiro para fazer. É que uma senhora me tinha dado o cheque para publicar.

E outra anedota é que tinha aí um artigo sobre a Santíssima Trindade e eu já não lembro mais porque o Frei Tomás se pôs numa posição que para o mistério da Santíssima Trindade pessoa e indivíduo são sinônimos, aí eu disse para ele: “Você pode dizer que a Santíssima Trindade tem três pessoas mas não três indivíduos, porque três indivíduos é trideísmo e não Trindade”. Então, isso acontece, mas a gente conviveu bem.

O Frei Tomás vivia pouco na comunidade e quando ele estava lá, ele tinha feito lá em cima um gabinete para ele lá, ele não vinha ao refeitório, não vinha para a comunidade. Ele ficava três dias por semana e depois descia para o Rio, para o trabalho dele lá em baixo. Ele tinha fundado um instituto de ceguinhas, meninas cegas, lá em Jacarepaguá, acho que era. E lá ele também tinha o gabinete dele. Então, praticamente ele não conviveu conosco dentro da comunidade. Só quando estava lá nas Vozes ... O mérito dele é elevar o nível da Editora.

Marcelo: E quando ele não estava, quem respondia mais era o Frei Frederico?

Frei Constantino: É, o Frei Frederico era fidelíssimo. Se Frei Inácio dizia que “dois e dois são cinco”, ele também dizia.

Marcelo: Frei Aurélio Stultzer, ele também trabalhou na Vozes, primeiro como crítico literário e depois como diretor...

Frei Constantino: Frei Aurélio estava interessado por literatura... pelo campo literário. Ele cultivava e entendia, era uma autoridade reconhecida.

Marcelo: Na época dele como diretor começam a surgir publicações não-religiosas...

Frei Constantino: Literárias, teatro sobretudo... Frei Inácio Hintze também tinha publicado uma série de romances, traduções... Eu me lembro de *A filha do diretor do circo*, que tinha boa saída. O que aconteceu foi que com os livros escolares Vozes tinha um apoio de venda muito grande, porque quando o livro era adotado em uma escola, um certo número de exemplares tinha venda garantida. E Frei Tomás achou que não era digno da Vozes aqueles “livrecos” que existiam, de aritmética e... não se fez mais. Houve também um problema com a *História Sagrada*. Ele achou também que não era no nível condizente com o que ele queria que a Editora tivesse. E depois, cada vez mais, elevou-se o nível aqui no Brasil, com esses livros assim acadêmicos, de tiragens pequenas.

Falta à Vozes uma tiragem grande. Quer dizer, a Vozes teve uma tiragem grande de obras de catequética, depois do Concílio. Foram 20 ou 30 obras de catequética, cada uma delas com 40 ou 50.000 exemplares. E isso sustentava a Editora, agora tá faltando isso. *A Folhinha do Sagrado* também dava sustento, agora hoje acho que não, o custo

está muito alto. Ela também dava um lucro bom, dependendo da quantidade da tiragem. Os livros, quanto maior a tiragem, mais barato fica. E os livros que o Frei Tomás queria tinham tiragens grandes. Mas encalhavam...

Marcelo: Fazendo um estudo dos catálogos, vemos que de 1930 até 1960, a predominância é de livros religiosos... A mudança para o universitário começa só em 1964. O que o senhor acha que orientou essas mudanças?

Frei Constantino: O que a Vozes perdeu foram livros de maior tiragem garantida. Recuperou depois do Concílio com as obras de catequética. Agora, também essas grandes tiragens sumiram porque cada diocese fez o seu próprio catecismo... mas a Vozes ainda tem uma tiragem discreta do *Pequeno Catecismo: perguntas e respostas*. Então vamos fazer uma prova: “Por que você está no mundo?”

Marcelo: Por que Deus me criou.

Frei Constantino: E para quê? “Para conhecer, amar e servir a Deus e assim poder entrar no céu”. Resposta pronta. Sabe qual é a vantagem? É que por toda a vida a pessoa sabe qual é a resposta, e hoje não, em vez de aprender catecismo eles fazem joguinhos, danças para cá e para lá... não tem fórmula. A criança não consegue calcular. E isso pedagogicamente é um erro. Eu acho que essas fórmulas são necessárias para a vida. Senão, fica tudo muito confuso, como os carismáticos, não tem precisão. Tem uma enorme emocionalidade, mas não tem precisão. E isso esse catecismo dá. Não sei se ele ainda tem muita tiragem.

Eu acho que a Vozes deveria penetrar de novo no campo de livros didáticos, universitários, porque se esses livros são adotados como manuais de aula, aí garante a tiragem. A Vozes nunca conseguiu penetrar no Ministério da Educação, tentem penetrar

lá. Se se consegue que um livro editado por Vozes seja adotado pelas escolas, já tem uma tiragem de um milhão garantida. E aí vai para a frente. O custo do livro é baixo, mas pela quantidade o lucro é alto. E aí podem ser editados até livros que dêem prejuízo. Agora, para penetrar lá teria que ter um pistolão...

ANEXO B-7

Entrevistado: Ildefonso Luiz de Oliveira, assessor cultural da Editora Vozes

Data: 5 de setembro de 2000

Marcelo: Favor falar seu nome, idade, dados pessoais (família, filhos).

Ildefonso: Meu nome é Ildefonso Luiz de Oliveira. Idade: 70 anos completados em 16 de março. Sou casado, com Maria Celeste de Oliveira; tenho duas filhas Maria Regina e Vera Lúcia; um casal de netos, Beatriz e Carlos André; meu pai chamava-se Luis Martim de Oliveira e minha mãe, Sílvia Capão de Oliveira. Meu pai era de origem humilde, era motorista de um armazém de secos e molhados e minha mãe, doméstica.

Como eu disse, tenho 70 anos, nasci em 16 de março de 1930, em Petrópolis, na mesma rua e bairro onde moro hoje, que é a Rua Mosela. Estudei até o 5º ano primário na Escola Gratuita São José e depois, fiz o complemento (o que se equipararia ao ginásio, que era na época o Comercial Básico) e também contabilidade no Colégio Carlos Werneck, situado no centro da cidade.

Meu ingresso na Editora Vozes foi relativamente curioso. Como eu disse acima, meu pai era de origem bem humilde e não podia pagar estudos complementares para mim. E, tão logo terminei o quinto ano primário saí à procura de emprego e a minha primeira investida foi exatamente na Editora Vozes, onde trabalhava um irmão de minha avó materna, José Machado da Costa e Silva, que era à época Gerente da Editora. E aqui cheguei no dia 30 de março de 1943, por volta das 9:00 horas da manhã, solicitando emprego. Qual a minha surpresa quando, após fazer um rápido e pequeno teste, convidaram-me para começar a trabalhar no mesmo dia, no segundo expediente.

Minha primeira atividade na Editora foi o que se chamava de faturista, emissão de notas fiscais e tal, e eu comecei para, dois dias depois, substituir o antigo funcionário, que exercia o cargo e que estava saindo para trabalhar num banco recentemente instalado em Petrópolis, que era o Banco Fluminense. Então, efetivamente no dia 1º de abril eu fiquei sozinho, com a missão de tirar as notas fiscais ou fatura, como eram chamadas, e esse trabalho era bem complexo, porque, veja só, a Vozes tinha só duas filiais, uma no Rio e outra em São Paulo, que atendiam exclusivamente no varejo, então todo o serviço, o atendimento de reembolso, que na época era muito movimentado e o faturamento a prazo era atendido de Petrópolis para todo o Brasil, inclusive Rio de Janeiro e São Paulo. Tínhamos um movimento enorme de notas fiscais a serem extraídas por dia e o que é importante ressaltar, na época era muito comum que seminários, institutos religiosos, paróquias e tal, pedissem um livro de cada publicação da Vozes, um exemplar de cada do catálogo, que à época deveria ter cerca de 700, 800 títulos. Então, veja que, ao chegar um pedido dessa natureza, nas notas fiscais cabiam no máximo em torno de 20 títulos, você tinha normalmente que, emitir cerca de 40 notas só para um freguês. Isso era muito comum acontecer.

Marcelo: Como foi sua recepção na Vozes? Pelos colegas, pelos frades?

Ildefonso: A recepção foi muito boa. A maioria dos funcionários eram jovens, aí em torno de 17, 18, 20 anos de idade, e eu me lembro bem que tinham 4 ou 5 senhores com idade um pouco mais avançada, que eram os senhores Francisco Inácio Schimidt, que foi também professor da Escola Gratuita e Fernando Jansen, João Cabral Tavares e Antônio Malta. Esses eram já adultos e muito colaboraram para que eu desse conta da missão que me foi confiada e não só desse conta, como crescesse um pouco dentro da empresa. À época, tínhamos um chefe de escritório que se chamava Frei Dionísio Muller. Nós chamávamos escritório por que não tínhamos esta divisão de contabilidade, vendas, financeiro, nada disso, era tudo feito num escritório único, onde trabalhávamos cerca de 14 ou 15 pessoas, como já disse a maioria bem jovens. O Diretor Geral era Frei Tomás Borgmeier, o Tesoureiro era Frei Cândido Schutstal e tinha o Frei Inácio Hinte, que a essa altura se ocupava quase que exclusivamente da gráfica e acabamento, como chefe desses dois setores.

Marcelo: Frei Frederico Vier chegou por essa época...

Ildefonso: Ah! Frei Frederico também, quando eu cheguei ele já estava na Vozes. Frei Frederico Vier era o gerente e era um chefe de revisão (um censor); por ele passavam todos os originais, que recebiam dele um “imprima-se” final. Dos chefes não tem hoje mais nenhum vivo e dos colegas têm ainda alguns poucos vivos. Depois, vieram outros colegas que hoje ainda estão vivos e são, na sua quase totalidade, meus amigos.

Marcelo: Como era a sua convivência com os frades?

Ildefonso: A minha convivência com eles era muito boa, especialmente com Frei Frederico, que ficou na Vozes ainda por muito tempo e por quem eu tinha um grande

respeito, uma grande admiração, pelo trabalho que exercia, Frei Cândido, tesoureiro, com quem depois eu tive que conviver um pouco mais estreitamente, já que por volta de 1947, eu me encarreguei, ainda que por um período, do departamento de livros estrangeiros que existia na Vozes. Toda a documentação para desembaraço desta mercadoria era feita por Frei Cândido que ia ao Rio duas vezes por semana para exercer atividades em bancos, despachantes e tal, já que todo o movimento bancário da Vozes era feito por um banco com agência no Rio de Janeiro. Então, daí a minha convivência maior com Frei Cândido, no desembaraço destes livros que vinham da Itália, que vinham da Argentina, de Portugal, alguns também da França...

Marcelo: Estes livros importados faziam parte do “Catálogo” da Vozes?

Ildefonso: Sim, na parte final do Catálogo. Eles recebiam a denominação de “Livros Importados”. Esses livros eram importados da Argentina, do mercado da América Latina, tinha também de Portugal, onde já havia o tradicional livro “Confissões”, de Santo Agostinho, tinha uma outra série muito grande de livros portugueses fornecidos pela Livraria do Apostolado da Imprensa, que me parece que ainda existe hoje. Agora, o grande momento do livro estrangeiro na Editora Vozes foi quando a Vozes se ocupou da importação, da Itália, de missais, de vários tipos, vários modelos, vários tamanhos, mas especialmente o missal para o celebrante. A grande fornecedora desses missais era a Editora Marietti, localizada na Itália. Esse foi o período áureo da Vozes no que diz respeito à importação de livros.

Marcelo: E a condição feminina? Na época, existiam mulheres trabalhando na Vozes?

Ildefonso: Não. As mulheres aqui na Vozes, na Sede, elas só começaram a aparecer no fim da década de 60, mais precisamente, 67, 68, por aí, que elas começaram a ser admitidas.

Elas começaram primordialmente no administrativo, no escritório. Quando eu entrei tinha uma funcionária que era Gerente da nossa filial de São Paulo, D. Alba Zagallo. Logo depois, veio para cá trabalhar no controle de livros importados, uma senhora, irmã da D. Alba Zagallo, não deve ter nada a ver com o ex-técnico da seleção brasileira.

Marcelo: Fale, por favor, sobre os períodos e os setores nos quais o senhor trabalhou... Até 1947 o senhor trabalhou mais no Escritório.

Ildefonso: É. Em 48 eu tive uma breve saída por sete meses, para cumprir o serviço militar. Não me desliguei da Editora, porque isso não era necessário. Quando eu voltei já não era mais tão intenso o trabalho de livros estrangeiros e tinha outra pessoa e eu voltei para o Escritório Geral. E aí ocupei as mais diversas funções. De faturista passei para o controle de assinaturas de revistas, participei da Contabilidade, que na época era mais lançamentos de débito e crédito e também tive uma passagem bem longa como correspondente. O que era correspondente? Era aquele que respondia as cartas aqui chegadas. E observe-se que na época a Vozes recebia cerca de 140 a 150 cartas diárias. Naturalmente nem todas elas mereciam uma carta de resposta, já que para a grande maioria a resposta era o atendimento ao pedido. Mas em todo o caso, nós tínhamos (quando digo nós é porque eu trabalhava junto com uma outra pessoa nesse setor que era o Sr. Henrique José Rabaço, a quem até hoje eu sou grato por ter me ensinado o pouco que eu sei de Redação Comercial) aí um número regular de cartas a serem respondidas que atingia a marca de 50 ou 60 cartas por dia. O Sr. Henrique José Rabaço foi meu grande professor na redação, e a respeito desse cidadão cito um fato curioso. Esse cidadão tinha tanta técnica na máquina de escrever, que uma coisa me impressionava: ele colocava o papel na máquina de escrever e depois ele não olhava mais para a máquina, ele só ficava lendo a carta que vinha e a resposta que ela merecia, tudo isso ele fazia sem voltar a olhar para a máquina de escrever. Só voltava a olhar

para a máquina na hora de tirar o papel da carta. Tal a habilidade, a agilidade que ele tinha, ele dominava inteiramente a máquina de escrever. Ele foi um dos melhores datilógrafos que eu conheci, com quem eu convivi e cujo trabalho eu tive oportunidade de apreciar.

Bom, depois dessa função de correspondente eu passei por outras e tal. Havia sempre um rodízio, não ficávamos sempre na mesma função, para que todos soubéssemos fazer alguma coisa e evitar problemas, seja por ocasião de férias, seja por ocasião de doenças ou coisa parecida. Quando foi em 1962, um civil assumiu a Chefia de Vendas do Escritório e nessa ocasião eu fui convidado para substituí-lo nos impedimentos. Como o sub-chefe do escritório. Em 1963, esse cidadão fez uma viagem ao Nordeste, viagem que se prolongou por dois meses, e nesses dois meses eu me ocupei de desembaraçar todas as correspondências, eu ocupei interinamente a chefia do Escritório de Vendas.

Marcelo: O Sr. lembra o nome desse cidadão?

Ildefonso: José Klôh Filho. Um ex-vereador, que trabalhou anteriormente na Fábrica de Tecidos Werner, uma fábrica tradicional de Petrópolis. Assim fiquei até fins de 67, como sub-chefe do escritório de vendas. Pouco depois o Sr. José Klôh foi transferido para o setor Editorial e eu assumi a condição de chefe do escritório de vendas.

Posteriormente, em julho de 1968, fui convidado por Frei Ludovico para fazer uma viagem ao Nordeste, para um trabalho de promoção e venda de nossos produtos. A principal finalidade era tentar retomar a venda da Folhinha do Sagrado Coração de Jesus (FSCJ), que anteriormente tinha chegado a um número recorde um milhão duzentos e cinqüenta, um milhão duzentos e sessenta, e caiu para 650 mil exemplares em 1967. Iniciamos essa viagem exatamente no dia 15 de julho de 1968, saindo daqui, passando por Minas, pela Bahia, e fomos subindo, chegando até Fortaleza. Nessa viagem

corríamos não só as capitais, mas especialmente o interior, onde se concentrava a maior quantidade de clientes da FSCJ. Levamos 35 dias de viagem, voltamos exatamente no dia 19 de agosto. Fui eu, acompanhado de um motorista, Aloísio Barbosa, e, até Recife foi conosco um frade que à época chamava-se Frei Günter que foi fazendo um trabalho específico de promoção da revista SEDOC, recém lançada. Ele foi até Recife e depois continuamos eu e o Aloísio e essa tarefa de promoção da SEDOC também passou para minha responsabilidade até Fortaleza. Essa viagem foi muito difícil para mim nos primeiros dias, porque eu jamais tinha me ausentado de casa mais de três dias, e deixei duas filhas, uma com 14 anos e a outra com 10, ficaram com minha esposa e com a minha mãe e eu só podia com elas me comunicar através de correspondência, porque eu não tinha telefone em casa. Não existia DDD. Para você fazer uma ligação para a Vozes, você tinha que ir à telefônica e, além da fila, aguardar uma ligação que demorava miseravelmente de 20 a 30 minutos. Então, era muito difícil. Mesmo por correspondência também era difícil. Eu mandava cartas quase que diariamente e só recebi notícias por duas ocasiões. Em Recife, e em Teresina. Por que Teresina? Porque curiosamente em Teresina havia a família de uma funcionária da nossa filial do Rio que muito gentilmente colocou o endereço da família à disposição para que para lá fossem enviadas as cartas a mim endereçadas. Mas, apesar de todo esse fato que me deixava assim numa situação um pouco difícil, tristonho, porque eu nunca tinha me separado da família, foi uma viagem muito proveitosa para mim, eu aprendi muito nessa viagem. Eu comecei a ver em loco, pessoalmente, como era querida, como era respeitada, como era admirada a Editora Vozes. Em todo o lugar que você chegasse a receptividade era a maior possível. Se você chegasse nas livrarias, mesmo que o dono ou o comprador tivesse ocupado com outro vendedor, ele priorizava o atendimento a mim, no caso, à Vozes. Outra coisa era, por exemplo, quando você chegava junto ao público religioso,

paróquias, dioceses, seminários, colégios,... a maneira como você era recebido. Você merecia um tratamento especializado, um tratamento que nós diríamos hoje um tratamento VIP. Foi uma experiência muito positiva. Quando eu voltei, no dia seguinte eu tive uma conversa com Frei Ludovico e ele me deu os parabéns pelo resultado e, três dias depois, me chamou no gabinete dele, com aquele jeitinho maroto, aquele jeitinho todo especial e disse-me: “É, eu gostei da viagem ao nordeste, do resultado, e eu pensei que poderíamos fazer uma outra para o Sul”. Frei Ludovico, quando pensava alguma coisa ele pensava longe, porque praticamente ele já tinha arquitetado. E em outubro eu fui para o Sul fazer uma viagem idêntica. Percorri os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de antes dar uma passada por algumas cidades do interior de São Paulo que ficavam na rota da Rio-São Paulo. Nessa viagem eu levei cerca de 30 dias e, devo dizer que foi uma boa viagem, muito produtiva, porque nós aproveitamos para desenvolver um trabalho em favor da série de livros recém-lançada de ensino de inglês e de português. A Vozes fez uma incursão pelo didático e nós recebemos a incumbência de divulgá-los nos três estados do Sul.

Marcelo: Otília Arns era uma das autoras?

Ildefonso: Otília Arns era uma das autoras. Ela tinha uma série de livros de inglês, e os de português eram de Maria Helena Silveira. Então, foi um trabalho duro, porque trabalhávamos também aos sábados, domingos já que a gente tinha que aproveitar os domingos para fazer visitas às paróquias, seminários,... e os dias da semana ficavam mais dedicados ao comércio livreiro, às escolas. Isso foi em outubro de 1968.

Marcelo: O mesmo motorista lhe acompanhou?

Ildefonso: O mesmo motorista. Em todas as viagens que eu fiz, eu tinha o acompanhamento do Aloísio Barbosa que, diga-se de passagem, ele não era só um

motorista. Como motorista eu conheci bem poucos que se iguallassem a ele. Como figura humana, como caráter, como colega, ele foi fundamental para que eu pudesse exercer as minhas atividades de promotor, de vendedor. Por que? Porque toda a outra parte, as despesas que nós fazíamos por dia, seja de alimentação, de combustível, lanches, enfim, eu pagava e entregava a ele as notas para que ele as guardasse juntamente com o troco. Porque eu, obviamente saindo, entrando numa loja, entrando aqui e acolá, eu não podia ficar carregando dinheiro, notas e tal, já que eu tinha que me ocupar muito com a promoção e com a venda. Pois bem, à noite, quando nós nos sentávamos no quarto para dar um balanço das atividades e que eu me ocupava também de um pequeno relatório, ele vinha prestar contas até do cafezinho, do suco que ele tinha tomado e o dinheiro estava rigorosamente certo. Então, veja bem, era um elemento de extraordinária confiança, de absoluta seriedade e isso me deixava tranqüilo. Não havia a menor preocupação para mim. Eu sou muito agradecido a ele por essa colaboração e como amigo ele foi espetacular, nas horas mais difíceis, com o carro enguiçando e tal, ele sempre muito tranqüilo, e com isso me deixava também tranqüilo, eu que era calouro. Bom, essa viagem se repetiu nos anos de 1970, 71, 72, 73 para o nordeste. Para o sul eu fiz mais duas, sendo que uma vez no Paraná e Santa Catarina, não chegamos ao Rio Grande do Sul e outra sim, fomos até Rio Grande, Pelotas,... no Rio Grande do Sul.

Marcelo: O senhor acha que a idéia de expansão comercial já estava na cabeça de Frei Ludovico, já vinha sendo discutida internamente na Vozes?

Ildefonso: Evidentemente já tinha alguma coisa. Por que o Frei Ludovico tinha sempre alguma coisa além. Como eu disse, quando eu entrei na Vozes tinha as filiais do Rio e de São Paulo. No período em que Frei Aurélio foi Diretor, foi inaugurada a filial de Belo Horizonte, em 1958. Dez anos depois, em 1968, foi inaugurada Porto Alegre. Depois de Porto Alegre, aí veio em 1975 a filial de Recife. Talvez essas viagens que nós

fizemos tenham influído um pouco para a abertura dessa filial. Não só as viagens que eu fiz, as viagens que anteriormente o Sr. José Klôh fez também. Porque a gente foi sentindo que havia necessidade da Vozes se aproximar bem mais do público nordestino, daquele público sofredor, daquele público que recebia os nossos livros, a nossa folhinha, com relativo atraso, com custos elevadíssimos de frete e de correio. Então, em 1975 o Frei Ludovico concretizou um sonho, abrindo uma filial em Recife. Sobre essa filial em Recife, uma coisa me deixou até hoje grato a Frei Ludovico. É que ele foi, escolheu o local, logo depois me fez um convite para junto com ele ir conhecer o local e evidentemente dar uma opinião e qual não foi a minha surpresa quando, no dia em que estávamos em Recife, mostrando o local, ele me faz um convite para quase que ficar responsável pela montagem dessa filial em Recife. Eu passei lá um mês, montando a filial, procurando carpinteiro, procurando pedreiro, comprando prateleira, etc., enfim. No final eu tive a ajuda do gerente que para lá iria que foi o Adolfo Tiscosky. Era um rapaz que trabalhava em São Paulo e que nos últimos 15 dias de montagem ele passou lá comigo. Então foi muito importante, e eu tenho até hoje muito carinho por essa loja porque, digamos assim, eu me considero quase que um padrinho.

Marcelo: Qual o endereço?

Ildefonso: O endereço inicial era Rua Conselheiro Portela, no Bairro do Espinheiro. Era uma casa, porque era um bairro eminentemente residencial e por isso até foi muito criticado que a Vozes lá se instalasse, mas o Frei Ludovico achou que nós deveríamos começar modestamente. Era uma casa normal que ele transformou. De uma sala e um quarto, ele fez depósito, de outra sala, ele fez um pequeno *show-room*, mostruário, enfim, ele adaptou-a de tal maneira que os padres que vinham do interior lá chegavam e tinham condição de descansar um pouco, tomar um banho reparador, tomar um cafezinho, tomar um suco. A acolhida foi enorme. Existia na época a Livraria das

Paulinas, muito bem localizada, mas a loja, eu diria, nem tanto loja, muito mais depósito do que loja da Vozes, ela era tão agradável, que a maioria dos padres que vinham de outras cidades, de Natal, Aracaju, Maceió, eles iam primeiro à Vozes fazer suas compras, lá deixavam a mercadoria, iam nas outras livrarias, Paulinas e Casa Roma, que era uma casa especializada em artigos religiosos, faziam suas compras, voltavam à Vozes para lá pegar o restante da mercadoria e aí se dirigir ao seu local de origem.

Marcelo: Frei Ludovico tentou adaptar a livraria à necessidade dos padres...

Ildefonso: Foi muito importante. Eu me lembro bem que na inauguração desse espaço nós tivemos a presença de cinco bispos da região, dois de Recife, que eram Dom Hélder Câmara e Dom Lamartine, tivemos a presença de Dom Antônio Costa, de Natal e dos bispo de Maceió e de João Pessoa. Foram cinco bispos que lá estavam e foi uma cerimônia muito importante e que marcou definitivamente a chegada da Vozes no nordeste. Depois de Recife, nós tivemos a inauguração da loja de Curitiba, essa era também muito mais depósito do que loja, no ano seguinte, depois nós tivemos Fortaleza, a seguir Salvador e Cuiabá. Essas foram as lojas que Frei Ludovico abriu. Em 1979, Frei Ludovico abriu uma livraria no centro de Recife. Aí ficamos então com dois pontos. Frei Ludovico abriu uma livraria bonita, muito bem montada, no centro de Recife, na Rua da Concórdia. Eu tive a felicidade de participar da abertura de todas as livrarias e os depósitos. Apenas a uma inauguração eu não pude ir. Eu fui com Frei Ludovico escolher o local para a instalação do nosso depósito-livraria em Fortaleza. Lá passamos 3, 4 dias na escolha do local e aí começaram as obras e, na inauguração, por incrível que pareça, eu não fui, eu senti o quanto Frei Ludovico estava pesaroso por não me levar para a inauguração. Mas ele não me levou, e eu compreendi plenamente, apenas por um fato: passávamos por uma crise, o mercado não era tão receptivo e uma viagem ao Nordeste, evidentemente, trazia custos. Então, Frei Ludovico limitou a duas

peessoas, importantes na época, para acompanhá-lo que eram Rose Marie Muraro, chefe do Editorial Cultural, e Leonardo Boff, do Editorial Religioso. Foram apenas essas duas pessoas e eu me lembro que ele pediu que eu entendesse a razão da minha ausência na hora. Depois, por ocasião da Administração de Frei Arcângelo, várias loja foram abertas, em Juiz de Fora, Bauru, Blumenau, outra loja em Recife, Pelotas, Bragança Paulista. E a todas elas eu tive a felicidade de ser convidado para participar.

Marcelo: O senhor comentou que o gerente da filial de Recife veio de São Paulo. E nas outras filiais?

Ildefonso: Curitiba foi um ex-funcionário de Porto Alegre. Aliás, na época Porto Alegre era um celeiro de craques. Tinha um time de promotores e vendedores da melhor categoria e vários deles foram aproveitados para gerenciar outras lojas. O Alcindo Lorenzetti era promotor em Porto Alegre e foi para Curitiba. De Cuiabá, foi um ex-balconista de uma das lojas de São Paulo: Serafim dos Santos Marchi, ele era balconista da loja da Haddock Lobo e foi para Cuiabá. A filial de Campo Grande foi gerenciada por um ex-vendedor de Porto Alegre, Mário Hammerschimidth.

Marcelo: Depois, em Salvador, quando sai o Primo, também foi um ex-promotor de Porto Alegre...

Ildefonso: Aí foi o Sérgio Uchascki, que tinha passado anteriormente por Pelotas. Veja que a Vozes sempre teve uma filosofia de aproveitar os bons elementos de seu quadro, que era vastíssimo. O seu quadro de vendedores e promotores era muito grande. Porto Alegre, por exemplo, tinha cerca de 4 ou 5 promotores e vendedores e, dessa safra, inúmeros foram aproveitados. Alcício foi para Fortaleza, Alcindo foi para Curitiba, Sérgio foi para Pelotas e posteriormente para Salvador, Mário foi para Campo Grande, Néilson foi para Novo Hamburgo, Luís Carlos Crócoli foi para Recife e... agora não me

lembro o nome. Inúmeros balconistas, promotores, vendedores foram promovidos e muito bem aproveitados em novos postos de vendas, em novas filiais... .

Marcelo: E a escolha desses primeiros, por exemplo, Porto Alegre, Belo Horizonte, o senhor acredita que foi influenciada por que motivos?

Ildefonso: Veja bem. A escolha do gerente de Porto Alegre foi muito mais voltada para a fidelidade, para a seriedade, para a confiança depositada no homem do que propriamente voltada para o comercial. Porque ele (Frei Ludovico) escolheu uma pessoa que ele conhecia, um ex-frade, e em quem ele depositava confiança. E, naturalmente, o gerente tinha a liberdade e a responsabilidade de montar um bom quadro de funcionários onde se incluíam promotores e vendedores, aí era de livre escolha do gerente, naturalmente tinha a aprovação final do Diretor, mas era de escolha absoluta do gerente. A filial de Recife foi uma das pessoas que o Frei Ludovico recrutou alguém que não era do quadro de funcionários da Vozes. Ele, por indicações de amigos, porque ele se cercava muito de amigos, de assessores, coisa e tal, ele fez a escolha de um jovem, Adolfo Tiscosky, que por incrível que pareça trabalhava num frigorífico, tinha sido seminarista e que estava fazendo faculdade de administração em São Paulo. Esse jovem foi transferido para Recife e ficou lá até 1985 e foi uma escolha felicíssima. O Adolfo foi, por muito tempo, um dos principais gerentes da Vozes, um dos mais competentes gerentes da Vozes.

Marcelo: Depois de Recife, o Adolfo passou por alguma outra filial?

Ildefonso: Não, ele pediu demissão porque montou seu próprio negócio, veio para Taubaté, no estado de São Paulo e hoje está em Curitiba. O Adolfo até hoje é meu amigo, com quem eu mantenho contato telefônico, e nas poucas vezes que depois fui a Curitiba, onde ele hoje está radicado, eu sempre faço questão de visitá-lo, ele quer

muito bem à Vozes, ele hoje é um empresário vitorioso, mas tem um carinho muito grande pela Vozes. Aliás, isso acontece com quase todos os que passaram pela Vozes. A Vozes tem um carisma muito grande e é muito difícil você se desligar totalmente dela.

Marcelo: Voltando ao passado, fale sobre a Escola Gratuita.

Ildefonso: Quando eu vim para a EGSJ, ela era quase que uma porta de entrada da Vozes. Grande parte dos funcionários da Vozes, na época, tinha passado pela EGSJ. Então, logicamente todos os que por lá passaram e trabalhavam aqui na Vozes, tinham também um carinho muito grande pela Escola, vizinha aqui, chegando ou saindo, nós pela sua porta tínhamos obrigatoriamente que passar, então, guardávamos uma lembrança muito boa dos seus professores, dos seus diretores, por eles tínhamos um respeito e um carinho muito grande. Era a principal escola de Petrópolis.

Marcelo: Fale sobre alguns funcionários que o senhor conheceu...

Ildefonso: Tinha o Jorge Deister. Era uma figura admirável, sob todos os aspectos. Ele foi o idealizador e o redator da Folhinha do Sagrado Coração de Jesus. Uma figura extraordinária, um temperamento bom, amigo, sempre pronto a ajudar quem quer que fosse e competentíssimo. Ele era competentíssimo e além de tudo ele tinha um amor por essa empresa que era algo admirável. Ele foi professor da Escola Gratuita São José. Tinha o Joaquim Deister, tinha também um outro professor que veio a ser funcionário da Vozes, que eu me referi a ele no início da fala, que era Francisco Inácio Schmidt. Ele foi professor e depois funcionário da Editora Vozes. E o Antônio Nicolay, que é um dos ex-funcionários Vozes que eu digo com respeito, foi um dos grandes baluartes dessa empresa e, baluarte quase que anônimo. Ele tinha uma dedicação extraordinária pela Vozes, tinha um carinho, sentia-se nele amor verdadeiro pela Vozes e orgulho de nela trabalhar. Como também Francisco Silveira D'Ávila... . O Sr. Antônio Nicolay exercia

as funções de chefe do setor gráfico e o Sr. Francisco Silveira D'Ávila de chefe do setor de acabamento, ambos foram duas figuras importantes na vida, na história da Vozes.

Marcelo: Eu queria que o senhor falasse um pouco mais sobre os frades, iniciando com Frei Inácio Hinte.

Ildefonso: Minha ligação com o frei Inácio Hinte era muito restrita, porque quando eu entrei o Frei Inácio se ocupava quase que exclusivamente do setor de produção que envolvia a área gráfica e a área de acabamento. Então, poucas vezes eu me relacionava com ele. Mas era uma figura muito estimada, uma figura que, sem deixar de ser chefe conseguia ser amigo. As poucas vezes em que eu me relacionava com ele, ele sempre dava um tratamento muito cortês, muito gentil, muito amigo.

Marcelo: E outros freis?

Ildefonso: Thomas Borgmeier era Diretor quando eu cheguei e ele ficou até a chegada de Frei Aurélio. Mas houve um período em que ele, por razões de saúde, apesar de ser o Diretor, não estava aqui com muita frequência. E além de ser o Diretor da Vozes ele era entomólogo, ele se ocupava muito com insetos: formigas, moscas, etc.

Marcelo: O senhor teria como caracterizar a direção de Frei Tomás na Editora?

Ildefonso: Bom, ele foi muito importante. Muito embora tenha se ocupado quase que exclusivamente na área religiosa, ele deu um grande impulso à Vozes. Ele se ocupava muito também com as revistas. Ele era redator também da REB, da qual ele foi fundador. Ele projetou a Vozes na área religiosa. Foi dele a iniciativa de trazer missais da Marietti, foi dele a iniciativa de imprimir nos EUA o “Meu missal dominical”, que a Vozes imprimiu 100.000 exemplares e espalhou pelo Brasil inteiro. No tempo dele, “Maná”, “Manual da Paróquia”, “Manual de Santo Antônio”, “Manual das Filhas de

Maria”, “Devoto Josefino”, enfim, uma série de devocionários, tinham tiragens consideráveis, vendiam para o Brasil inteiro e em grande quantidade. Todos esses devocionários eram encadernados e com uma encadernação primorosa, feita no nosso setor de acabamento. Frei Tomás deu um impulso muito grande à Vozes.

Marcelo: Como o senhor acha que acontecia a tomada de decisões. Ele tinha um certo diálogo ou ele era um pouco autoritário?

Ildefonso: É. Ele era centralizador e autoritário. No tempo em que eu convivi com ele estava bem claro que era ele o Diretor. Naturalmente, na área gráfica, a execução, ficava com Frei Inácio e os outros. Mas a nível de Editorial, a decisão era dele. Tinha, naturalmente, seus conselheiros, seus assessores, mas a decisão era dele. Se ele dizia: “Vamos fazer isso!”, estava resolvido.

Marcelo: Ele contava com a assessoria de leigos ou só com religiosos?

Ildefonso: É, veja bem, tinha o Ascânio Dá Mesquita Pimentel. Quando eu cheguei na Vozes ele era o redator da Revista “Vozes de Petrópolis”. Bem, como figura humana, eu tinha muita admiração por ele. Ele era um homem culto, competentíssimo, de uma humildade franciscana e de uma devoção muito grande à Vozes, ele se dedicava bastante à Vozes, especialmente à Revista Vozes. Era um homem muito piedoso, integrante da Ordem Terceira franciscana.

Marcelo: Os textos de homenagem da Vozes ele redigiu.

Ildefonso: Ele, por ocasião dos 50 anos da Vozes ele foi o redator de um histórico da Vozes que eu tenho ainda um exemplar guardado. Ele era, também, em situações delicadas, um conselheiro do Frei Tomás.

Marcelo: A gestão de Frei Tomás foi até 1956, quando veio Frei Aurélio. Por favor, fale sobre Frei Aurélio.

Ildefonso: Olha, o Frei Aurélio se caracterizou muito por atender, como Diretor, muito mais a área editorial, ele se ocupava muito mais dos lançamentos Vozes. A administração da Vozes ficou muito mais nas mãos de Frei Matias Heidemann, Frei Aurélio naturalmente era o Diretor, mas ele ficou mais ligado ao Editorial, e ele além de Diretor ele era o redator da Revista de Cultura Vozes.

Marcelo: Nessa época já começaram a surgir livros culturais?

Ildefonso: Não. A época de ouro do livro cultural foi com Frei Ludovico. Os primeiros grandes assessores de Frei Ludovico nessa área do livro cultural foram o casal Osmar e Neusa Fávero, que lançaram a coleção “Educação e Tempo presente”. Foi a entrada da Vozes na linha cultural. Depois eles foram trazendo outras pessoas que foram criando outras coleções, outros títulos. Mas esse casal foi um dos primeiros assessores do Frei Ludovico. Era um casal muito ligado ao Movimento Familiar Cristão ou um destes movimentos de Igreja. Eu não saberia dizer quem os indicou a Frei Ludovico.

Marcelo: Parece que Frei Ludovico desde o início busca assessoria com leigos. Ele marca um distanciamento do convento...

Ildefonso: À medida que Frei Ludovico chegou, foram gradativamente deixando funções os frades. O Frei Matias, por exemplo, ele era contador-geral da Editora Vozes. Pouco depois da chegada de Frei Ludovico, ele foi substituído por um leigo. O primeiro contador leigo que a Vozes teve, chamava-se Antônio Lázaro Ferreira. Esse rapaz teve uma passagem relativamente breve pela Vozes, mas foi muito importante na organização da contabilidade da Vozes. Porque à época a Vozes tinha assim uma

contabilidade mais caseira, mais familiar. O Frei Ludovico deu à Vozes um caráter de empresa, deixou de ser uma firma religiosa, para ser uma empresa, na realidade. E esse Antônio Lázaro Ferreira foi o contador que resolveu uma série de problemas e de situações que poderiam criar problemas para a Vozes no futuro. Então, ele foi muito importante para a Vozes. Depois ele foi embora para Brasília. Em 1974, tive a ocasião de encontrá-lo na inauguração da filial de Brasília. Quando cheguei em Brasília, tive o trabalho de procurar no catálogo telefônico, porque eu sabia que ele estava lá: “Antônio Lázaro Ferreira”, e tinham dois ou três e o primeiro que eu liguei era o próprio. Convidei-o para ir à inauguração, ele foi e foi um momento em que ele voltou a mostrar todo o carinho que ele continuava sentido pela Vozes. Ele foi muito importante. Eu disse isso só para mostrar como que os frades foram sendo substituídos. O único que ele manteve mesmo foi o Frei Frederico Vier, como revisor, como censor, porque, afinal de contas, sabia da competência e da dedicação de Frei Frederico. Não que os outros não fossem dedicados, não fossem competentes, mas é que nas outras funções os outros freis poderiam facilmente ser substituídos por leigos, o que não acontecia com o velho Fritz, o Frei Frederico Vier.

Marcelo: Eu gostaria que o senhor falasse mais sobre Frei Frederico

Ildefonso: Frei Frederico Vier era uma figura extraordinária. Tenho um respeito absoluto por esse homem, homem de um temperamento explosivo, mas de um coração magnânimo, enfim, de competência ímpar. Ele era um conhecedor profundo desse mecanismo de lançamento de livros, ele era o censor, quem dava efetivamente o “imprima-se” no livro. Notadamente, na área religiosa, era perfeito, não saía heresia, não saía blasfêmia, não saía nada errado, porque o Fritz era de um cuidado extremo.

Marcelo: O apelido dele era Fritz?

Ildefonso: É. Ele tinha um outro apelido que eu não vou declinar aqui, por respeito, mas ele jamais se incomodava que o chamassem pelo apelido. Então, quando a molecada via que ele chegava, e começavam a gritar o apelido, ele acenava, com um sorriso, ele era uma figura espetacular.

Marcelo: Parece-me que ele tinha uma postura um pouco conservadora...

Ildefonso: Sim, bem conservadora. Tanto é que quando Frei Ludovico chegou nós funcionários apostávamos na eminente saída do Fritz. Para nós, era carta marcada de que os dias ou os meses de Frei Frederico estavam contados na Vozes, com a chegada do Frei Ludovico. Porém, nos enganamos redondamente, ele continuou aqui, fazendo o trabalho dele, e teve lá os seus momentos de destemperamento e tal e coisa, mas era uma figura a quem o Frei Ludovico se apegava muito.

Marcelo: Por um tempo, mesmo com o Frei Ludovico ele ainda exerceu o cargo de gerente. Por exemplo, em 64, eu tenho uma cópia do cartaz que ele fez convidando a todos os funcionários para participar da missa de ação de graças pelo Golpe Militar.

Ildefonso: Foi uma coisa, um pequeno detalhe. Por ocasião do golpe (ele ainda não estava totalmente consolidado) um sindicalista ou presidente de um sindicato ligou para cá querendo que a Vozes se manifestasse contrária ao golpe, então o Fritz sem muita paciência deu uma resposta não muito agradável e o sindicalista respondeu: “vamos botar uma bomba aí dentro, a Vozes apóia os militares”. Foi o Fritz quem atendeu ao telefone. Nessa época ele ainda era o gerente. Depois é que houve uma modificação e aí

o Frei Ludovico passou a assinar como Diretor-Gerente, encarnou a figura do gerente e do diretor.

Marcelo: Como era a convivência dos frades com os funcionários?

Ildefonso: A convivência dos frades com os funcionários era quase que paternal... . A Vozes era uma empresa muito familiar. Depois, à medida que ela foi crescendo ela teve que se organizar como uma empresa efetivamente. Ela não podia continuar sendo uma empresa paternal, uma empresa familiar.

Marcelo: Parece que ela tinha uma preocupação com a vida social do funcionário...

Ildefonso: Tem um fato que revela a preocupação da Vozes com o social. Na época não existia 13º salário. Um belo dia, 24 de dezembro, estávamos nós trabalhando, quando chegou o Frei Cândido. Ele distribuía o pagamento no escritório, de mesa em mesa; na gráfica, de máquina em máquina. Ele tinha uma caixa, lá de seus, digamos, 40x40, com subdivisões. Então, ali dentro de cada subdivisão vinha o soldo de cada um com um papeluche mostrando horas extras e faltas e coisa parecida, o chamado “olerith” de hoje. Naquele dia 24 de dezembro, Frei Cândido subiu as escadas com aquela famosa caixa, e para nós foi uma surpresa, porque não era dia de pagamento, não era dia de vale (o vale era no dia 15) e passou de mesa em mesa, entregava e dizia: “Boas Festas”, com aquele sotaque holandês: “Boas festas”, “Boas festas”. Agora você pode imaginar o impacto disso no grupo de funcionários que teriam um natal que o pouco do salário que sobrava lhes permitiria. Então, o camarada recebe “um salário” como festas de natal. Eu falei isso para mostrar a preocupação da Vozes com o social, com o bem estar do funcionário. Virou tradição, tradição essa que se modificou depois de 2 ou 3 anos, aí eles passaram a dar metade no Natal e metade na Páscoa, mas ganhávamos um salário adicional, ganhávamos um 13º sem que ele tivesse instituído.

Marcelo: E como eram os aumentos?

Ildefonso: Eram espontâneos. Eram aumentos por produtividade, por merecimento, eram aumentos setorializados, de acordo com o desempenho do setor, de cada um. Mas existiam aumentos coletivos também.

Marcelo: E quanto à questão médica?

Ildefonso: Não, isso não tinha. Porque à época, os institutos de previdência (porque eram vários, o Instituto de Previdência e Pensão dos Industriários; dos comerciários,...) ofereciam um atendimento médico bom. Eu mesmo fiz uma operação de apêndice através do Instituto dos Industriários e fui atendido muito bem. Depois é que bagunçou.

Marcelo: Outra coisa, parece-me que teve a questão da construção da casa própria...

Ildefonso: Sim, eu fui um dos beneficiários. Foi no início da década de 50, quando surgiu a idéia de adquirir um terreno para iniciar um trabalho de construção de casa própria para funcionários. Nesse terreno hoje tem lá 14 ou 15 casas, algumas não são mais de funcionários porque já morreram e a família vendeu, mas entre eles, eu fui um que tive a oportunidade de fazer a minha casa com financiamento da Vozes. Era descontado na folha de pagamento, mas era um desconto que nos permitia viver dignamente, naturalmente com um pouco de aperto, mas era um desconto perfeitamente compatível com o nosso salário.

Marcelo: O senhor lembra os nomes de outros funcionários?

Ildefonso: Teve o Oscar de Barros Guimarães Cotia (que ainda é vivo), os irmãos Leonardo, Humberto e Fernando Pereira, teve um outro cidadão também, Francisco

Nicolay, o João Mosna que era o chefe da linotipia e depois foi vereador na cidade... . Teve também um cidadão que eu respeito muito que foi responsável pela clichéria, que era o Alberto Bastos. No setor de revisão, tinha o Joaquim Afonso Rocha, teve um outro também que trabalhava na revisão e que era professor na parte da manhã e trabalhava na revisão na parte da tarde, Paulo Borges da Silva, enfim, foi tanta gente.

Marcelo: E na parte de loja em Petrópolis, já existia um ponto de venda, tipo o *show-room*?

Ildefonso: No *show-room*, quando eu entrei, quem se ocupava dele era o antigo gerente, Sr. José Machado Costa e Silva, pai do Dr. Paulo Machado. Ele se ocupava à época do que se chamava de livraria, mas era muito mais um *show-room* e que era o local onde as pessoas que vinham para a Vozes, autores, etc. Era a portaria, digamos. Era uma livraria com as funções de portaria, com as funções de *show-room*, tinha uma sala ali para receber autores e tudo o mais.

Marcelo: O Sr. acha que ele foi um dos primeiros gerentes? Fica um pouco confusa para mim a figura dele e do Frei Frederico.

Ildefonso: Bom, me parece que ele foi o único gerente leigo e, depois, então, quando o Frederico chegou, ele foi nomeado gerente, porque a partir de uma orientação o gerente deveria ser frade.

Marcelo: Quando o senhor começou a trabalhar aqui na frente já era asfaltado?

Ildefonso: Não, era chão e pedregulho. Para você ter uma idéia, na hora do almoço a gente jogava futebol aí. De vez em quando lá ia um sapato embora, lá ia um tênis. Era terra e pedregulho. O gol era marcado com duas pedrinhas.

ANEXO B-8

Entrevistado: Jair Canizela, ex-funcionário

Data: 26 de outubro de 2000

Marcelo: Jair, como você começou a trabalhar na Vozes?

Jair: Na verdade a minha trajetória na Vozes começou com 13 anos. Quem me trouxe para Vozes foi o presidente de uma Congregação Mariana na época, Álvaro, é que eles precisavam de um *office-boy*. O meu primeiro serviço na Vozes foi de *office-boy*, fazendo entrega na capital, um caipira nascido em Olímpia e perdido em São Paulo, na primeira entrega até chorei. Foi em 1954, por um registro de menor aprovado pelo juizado de menor. E na época não assinava a carteira profissional. Eu fui registrado na Vozes em 1/5/55, ainda como *office-boy*. Nessa época era uma filial, na loja da Rua Senador Feijó, 168, uma loja pequena onde todo mundo fazia de tudo. Com o passar do tempo a Vozes contratou um novo *office-boy* e eu fazia o serviço de balconista e vendedor praticista. Saía de manhã fazia a praça, lá visitava livrarias que hoje não existem mais, entre elas a Freitas Bastos, Francisco Alves, Palácio dos livros,

Brasiliense e as atuais, que ainda estão aí, que são as grandes livrarias de hoje, Saraiva, Siciliano e outras.

Marcelo: Quem era a pessoa responsável pela loja na época?

Jair: Nosso gerente desde o início sempre foi o senhor Hermes, ele era um pai, professor e amigo. E o nosso diretor na época foi o Frei Aurélio, logo um ano depois, sem precisar data, o Frei Ludovico como provincial gerenciava a Vozes de São Paulo. Um ano a dois anos depois ele foi para Petrópolis e de lá continuou gerenciando.

Marcelo: Além do senhor Hermes, lembra nomes de outras pessoas que trabalhavam na filial na ocasião?

Jair: Todos eles. Nós temos pessoas que foram funcionários durante muito tempo, só não vou lembrar sobrenomes. Tinha o Álvaro, Vivi Chain, Diva Cardoso, Valter, esses nessa época .

Marcelo: E eles faziam diversos serviços?

Jair: Todos faziam de tudo, era uma loja pequena, acredito eu com 60 metros quadrados, com depósito e loja. Vozes sempre foi uma livraria eclética, ela sempre trabalhou no atacado só Vozes. Na livraria ela sempre trabalhou com livros nacionais e livros estrangeiros. Na época a Vozes era a principal importadora de livros portugueses. Eram livros importantes como: Breviário em Latim, Bíblia Matos Soares em quatro volumes. Não existia Bíblia no Brasil.

Marcelo: Havia outras áreas além do religioso?

Jair: Não, a Vozes nesta época era essencialmente religiosa.

Marcelo: Você foi o primeiro vendedor pracista?

Jair: Fui o primeiro. Eu trabalhava meio dia fazendo a praça, voltava, separava, fazia a nota e o Valter entregava. E aí neste tempo a gente trabalhava no balcão ou arrumando a loja, varrendo, espanando. Era obrigatório nas lojas você arrumar o livro, ele ficar redondinho. Aí o tempo foi passando sempre nesse ritmo, até a gente contratar um vendedor para a capital, que foi o senhor Matias, que ainda está vivo, e o senhor Rafael Ananias para o interior. Este senhor tem uma estória muito bonita dentro da Vozes, ele morreu com 70, 75 anos, viajando pela Vozes. Foi um desastre em que morreram duas pessoas que trabalhavam na Vozes, senhor Pedro Queçada e o senhor Rafael Ananias. O senhor Rafael Ananias viajou a vida inteira de ônibus e trem e em certo momento ele estava cansado, começou a viajar com o senhor Pedro. Um dia, na Itararé, na trilha da fome, ele sofreu um desastre e morreram os dois trabalhando pela Vozes.

Marcelo: Você era vendedor balconista e pracista. Como veio a ser gerente?

Jair: O acontecimento foi assim: o senhor Hermes era um senhor que começou a ficar muito doente. Ele se afastava e eu assumia a loja sem ser gerente, como líder. A coisa foi caminhando, ele foi piorando e em um certo momento ele faleceu. Aí houve um questionamento muito grande para saber quem seria o gerente de São Paulo, porque eu era solteiro e o meu diploma não era universitário, meu diploma era de arquiteto, mas técnico. Então começou o questionamento, que o gerente tinha que ser universitário e a coisa foi caminhando, até que um certo momento chegou uma carta do Frei Ludovico me colocando como gerente. Como ele fez isso, porque ele fez, eu não sei analisar.

Marcelo: Lembra o ano?

Jair: Acho que foi em 1966, a data exatamente eu não sei, a carta eu não tenho, eu casei em 66, deve ter sido em 65, e ele me colocou quebrando o tabu porque não se admitia gerente solteiro. Se ele não me colocasse como gerente, ele não teria mais um funcionário. Depois de você ser gerente cinco meses sem ser gerente seria impossível aceitar alguém de fora. Seria muito difícil. Ele foi muito sensato nessa decisão, entendeu? E me efetivou, porque ele conhecia o trabalho, ele sabia que aqui não havia nenhum doutor, mas havia gente que trabalhava muito para Vozes.

Marcelo: Descreva um pouco esse novo período.

Jair: A partir deste momento da gerência começou um caminhar. Havia uma loja só, a loja era pequena, havia uma expansão comercial, o que se fazer? A Vozes começou a editar livros de lingüística, de comunicação, de sociologia, de psicologia. Como ela iria editar livro de psicologia e de comunicação se você não tivesse para vender, por exemplo, o livro de “Comunicação e Prosa Moderna” de outra editora? Aí começou a situação de questionar o gerente. Ou você punha livro de lingüística das outras editoras ou você não vendia o da Vozes. Ou você punha livros de comunicação de outras editoras ou você não vendia o da Vozes, ou você punha psicologia... Nós editamos nessa época por exemplo “O Homem à procura de Si” livros extraordinários, só que o público não vinha na loja só para esses livros, então aí começou a criatividade do gerente dele trazer uma linha de lingüística. A Vozes por exemplo fez a maior linha de lingüística do Brasil até hoje, se você não colocasse outros livros você não venderia, então você foi obrigado a criar uma seção de lingüística, você foi obrigado a criar uma seção de comunicação, uma seção de psicologia. Em pedagogia por exemplo a Vozes criou uma linha que tinha Pierre Furter e os maiores pedagogos do Brasil na época. Como ela

poderia vender esses caras se ela não tivesse outros pedagogos, outros livros na linha? Então você foi obrigado a fazer a linha crescer e a loja ficou pequena, ela não comportava essa expansão. Então aí havia um bar no meio, entre a loja 168 e a 158 da Rua Senador Dantas, que hoje é uma farmácia, já foi barbeiro e não foi para frente, acho que deve ser da Vozes no futuro. E a partir daí, nós começamos a trabalhar para alugar o bar, mas como não deu certo o bar, nós pegamos aonde é a farmácia hoje, montamos a maior loja universitária que a Vozes já teve.

Marcelo: E então surgiram novos funcionários?

Jair: Sim. Nessa época os funcionários de destaque foram o senhor Henrique Rodolfo Valentim, que era um funcionário da Editora Herder que eu contratei para ser subgerente. Foi um cara que prestou bastante serviço para a Vozes, foi uma pessoa que desbravou o Brasil de ponta a ponta com o Frei Almir, Frei Clarêncio, Frei Moser, Frei Orlando e acho até que vale a pena você conversar com esta pessoa. Nós tivemos a gerente que foi a Rosa, casada e tem filhos. Da loja 168 teve o senhor Almir, o senhor Antônio de Castro que trabalhou uns trinta anos na Vozes, sempre na 168. Depois pulando para a 158, teve o Emílio, que hoje é o diretor-gerente da Editora Unesp, tivemos a Sueli que hoje é dona de uma livraria em Batatais, tivemos o Rogério que hoje é gerente da Livraria Loyola, o Giovane, que foi gerente da filial de Bragança.

Voltando atrás, quando nós criamos a linha de lingüística, comunicação e tal, nós contratamos dois funcionários para a divulgação, que no futuro se tornaram gerente da própria Vozes, que foi o senhor Lessa e o senhor Giovane. O Lessa foi gerente de Brasília, e o Giovane foi gerente da Bragança. Por quê foi criado Bragança e por quê foi fechado Bragança? É a minha pergunta hoje. Bragança foi criado não para dar lucro, foi criado para ajudar culturalmente a Universidade São Francisco. Eu fui procurado pelo

Frei Constâncio e o Frei Ludovico para abrir a filial em Bragança. Nós abrimos sabendo que a filial iria dar prejuízo, prejuízo relativo, mas era um prejuízo. Se abrimos a filial em uma loja cedida, com o caminhar a loja não sustentava, nós sugerimos ao Frei Ludovico e ele aceitou que a gente abrisse uma filial na cidade. Isso foi feito, nesse momento a filial passou a não ter mais prejuízo. Na minha opinião é lamentável o fechamento da filial de Bragança, porque ela tinha uma função cultural, não uma posição financeira.

Depois disso começamos a procurar um depósito. O senhor Henrique um dia viu um espaço, passando lá no colégio São Luís da Rua Haddock Lobo, e chegou para mim e disse que lá tinha 1.200 metros quadrados e eu disse: “Você é maluco pegar 1.200 metros quadrados para Vozes?”. Mas aí ele disse: “Vamos lá conversar”. Fomos conversar, eles aceitaram dividir o depósito, então abrimos um espaço para frente com a Haddock Lobo e com saída para a Luís Coelho. Na Luiz Coelho nós fizemos o depósito e na Haddock Lobo fizemos a loja. Aí como fazer a loja? O Frei Ludovico perguntava sempre: “Você quer fazer? Mas você tem dinheiro?” Então aí foi a busca do dinheiro. Nesse momento foi lançado um livro na Vozes que se chamava: “Fogão de Lenha”. Em um contato feito com o banco do Estado nós conseguimos fazer uma venda de 10.000 exemplares desse livro, mas a venda se prolongou e nós tínhamos trinta dias para entregar o livro. Foi nessa época que nós tivemos uma pessoa em Petrópolis, que a gente nunca pode esquecer: o senhor Arnaldo. Ele fez esse livro em vinte dias para a gente entregar para o banco do Estado e nós entregamos e com esse dinheiro foi feito a Haddock Lobo.

Marcelo: Na época a administração era descentralizada?

Jair: Sempre descentralizada. A Vozes no meu tempo não foi centralizada. No meu tempo a Vozes era assim: você devia, depositava, pagava as suas contas e pagava a sua cota. Nessa época a Senador Feijó era uma das melhores lojas de livro do Brasil, havia o Emílio, o Serafim, que foi funcionário da Nobel durante vários anos, Jair, Henrique e Rogério, uma equipe muito boa. Tinha também o Raul, que foi também um grande divulgador, e o Jorge. Nessa época por exemplo da Haddock Lobo já se criou um escritório separado. Quando se inaugurou a loja 158 já se separou a administração.

Marcelo: E funcionava em qual endereço?

Jair: Na Brigadeiro Luiz Antônio. O contador era o senhor Pascal, o subcontador era o Manuel e os auxiliares era Manézinho e Maribel. Eu tô falando esses nomes porque são pessoas que trabalham comigo hoje.

Marcelo: Quem começou o trabalho na Haddock Lobo?

Jair: Serafim Marchi, mas lá já se criou uma empresa. Era um funcionário que foi indicado por mim para gerenciar, por mim claro com a aprovação do Frei Ludovico etc... com todas as pessoas consultadas normalmente, porque não era nada feito do jeito que todo mundo pensa, era tudo consultado, tudo muito claro. Então foi indicado e aprovado como gerente da Haddock Lobo.

Marcelo: Ele formou uma equipe ou você ajudou nesse trabalho?

Jair: Sabe, o nosso tipo de administração era compartilhado, isto é, contratar os funcionários, nunca indicamos uma pessoa só, junto com o Serafim foi a Lenir, junto com a Lenir foi a caixa que eu não sei quem é, então, o quê que a gente fez? Indicou um

gerente, uma subencarregada e uma caixa. A partir daí nós contratamos pessoas. A base nós levamos. Séria, honesta e aí o resto nós contratamos. Nesse tempo por exemplo eu contratei o Derli, que foi gerente da Leopoldo mais de dez anos depois que saiu da Vozes. Eu contratei por exemplo o Geraldo, que foi gerente da Cultura durante oito anos, mas que começou comigo como balconista. Então foram pessoas que cresceram comigo como balconista e foram para outras empresas. A Haddock Lobo já foi uma coisa profissional, eu acho que a partir daí a Vozes se profissionalizou, ela tinha um departamento de loja, ela tinha um departamento de promoção, um departamento de contabilidade, onde tinha cobrança, onde tinha a contabilidade. Nesta época, por exemplo, nós atendíamos o colégio São Luís e a Faculdade São Luís. A loja abria às 8:00 horas e fechava às 22:00 horas com duas equipes. O gerenciamento no período do Serafim e o fechamento da Lenir à noite, nós tínhamos um movimento onde você atendia na época seiscentos clientes por dia. Isso está em livros de registros das lojas qualquer um pode ver. O atendimento para o livro alheio era de nível nacional. Essa foi a base da coisa, só que isso com o passar do tempo não comportou, a filial São Paulo se tornou tão pesada que a estrutura criada foi pequena novamente.

Marcelo: E chegou a ter quantos funcionários nesta época?

Jair: Cem funcionários. Esse é o número de funcionários da Loyola distribuidora hoje. Eu sozinho não teria feito nada, teve uma equipe mesmo. Tivemos uma equipe muito forte em Petrópolis que nos apoiou, eu estou falando desde 55 até quando eu saí de Petrópolis nunca faltou apoio. Teve lá o senhor Ildefonso, a dona Ivanir, teve rapazes que o Ildefonso me perdoa, porque eu não vou lembrar todos os nomes, mas passou por lá o engenheiro Nilson, passou o Arnaldo, passou o Xavier lá no o Rio de Janeiro, passaram pessoas maravilhosas na nossa estrutura. A Vozes lá no Rio usava uma transportadora que se chamava comissário Hugo, e para São Paulo ela usava o Expresso

Ring, sabe como vinha para o Rio e como ia para São Paulo? Em umas caixas de madeira, com cadeado, então no Rio ou em São Paulo tinha um cadeado e o cadeado tinha uma chave que você trancava, botava aquilo na transportadora, essa transportadora trazia e entregava em São Paulo, aqui abria à tarde ou no dia seguinte de acordo com a necessidade e a transportadora vinha pegar a caixa vazia, e então o que se fazia? Como não havia essas caixas hoje padronizadas para embalagem de riscos, todo o papel que era usado na embalagem era colocado dentro da caixa de volta para Petrópolis para ser reaproveitável na nova remessa. E a Ring era pontual, sempre. Ela punha mercadoria em São Paulo no dia seguinte às 8:00 horas.

Marcelo: A reunião de Ipanema foi a primeira reunião de todos os gerentes?

Jair: Não, não foi a primeira, mas a mais importante . Nessa reunião foi onde começou a administração Frei Ludovico. Nesse momento ele contratou uma editora, Rose Marie Muraro, certo? Naquela época, ele contratou um administrador de empresa, Eduardo Chuahy que hoje é o presidente do Detran, ele contratou um gerente gráfico; o Nilson de Almeida, que foi para a Alemanha. Aí nessa reunião estava o Edgar Orth, o Dr. Machado, estavam os gerentes do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre. Era Jair, era Lucílio, era Lídio, era Orlando e era o Euclides Guimarães. Procurados dados que esta reunião foi a base. Nesse dia inclusive o Ludovico assumiu o compromisso de dar uma Bíblia para a Vozes. Depois dessa reunião surgiu o *Ordinário da Missa*.

A Vozes fez um ordinário da missa completamente diferente, nós acreditamos que tenha vendido uns três milhões, o que solucionou os problemas financeiros da editora. O Papa aprovou que a missa podia ser celebrada em português, então foi aí que a Vozes criou o *Ordinário da Missa* que existe até hoje. Foi o grande trunfo da Vozes, ela vendeu nessa

época 3.000.000 de exemplares. Nós recebíamos 20.000 e tínhamos pedido de 100.000. Nós pegávamos os pedidos e mandávamos 100 para cada um, para que ninguém desistisse de adotar e aí vinha outra semana, o Ildefonso me negava eu brigava com ele porque ele mandava pouco para mim, ele era pão-duro, mas eu tinha uma técnica toda especial, eu brigava com ele que era para no mesmo dia ou no dia seguinte ele ligar para fazer as pazes.

Esse *Ordinário da Missa* a gente mandou muitas e muitas vezes trinta exemplares para uma Igreja para ela não mudar e não adotar de outra Editora, para manter o nosso, porque a máquina não estava dando conta, porque era muito, o Brasil inteiro queria.

Marcelo: O quê ele tinha de diferente ?

Jair: Ele tinha bonequinhos que indicavam que deveria sentar, ficar em pé, ajoelhar, porque o texto não havia diferença, ele era azul e as respostas eram em vermelho. Esse bonequinho foi sugestão do Frei Carmelo. Agora foi uma loucura total, porque lá na Vozes o Frei Ludovico tinha uma política, que hoje não é adotada, de ter sempre um depósito de papel lotado, não faltava papel na Vozes, tinha dinheiro comprava papel. Para o ordinário quase que foi esvaziado o depósito de papel, já não importava mais em que papel ia ser impresso, importava o papel que tinha, chegava lá, recolhia e colocava na máquina.

Marcelo: E como vocês viram essas mudanças que aconteceram na Igreja, como o Concílio Vaticano II?

Jair: Eu acho que a Vozes em termos de Concílio foi a maior tranquilidade, porque ela foi a Editora do Concílio e a maior Editora do mundo, não do Brasil. Só um detalhe, o Frei Boaventura foi Secretário do Concílio, então tudo ele mandava para lá. A Vozes

publicou uma série de cinco volumes e um compêndio dos Documentos do Concílio, os livros eram publicados pela Vozes e traduzidos em sete línguas simultaneamente. Na Vozes existia o Kopplenburg, existe o Baraúna e o Frederico, estas três pessoas foram básicas, essa época para nós foi tranqüila. O que não foi tranqüilo, foi essa transição pós-Concílio com a Teologia da Libertação. Com o lançamento de “Jesus Cristo Libertador” começou o grande questionamento da Editora Vozes. Nesse momento é que surgiu o público mais avançado que foi denominado de Teologia da Libertação, e aí que nós tivemos que administrar. Mas o momento mais forte, o mais problemático foi “Igreja Carisma e Poder”. Aí foi que a vaca pegou, mas não porque nós não queríamos, não aceitássemos; eu estou contando a história porque se a história se repetisse eu aprovaria mais ainda.

Marcelo: Como era o time dos gerentes na época?

Jair: Tinha o Lídio, de Porto Alegre, que era um gerente intelectual da nossa época, era um homem com quem que nós discutíamos o conteúdo do livro, só que ele aproveitava os conhecimentos comerciais meus e do Ildefonso. Ele era esperto, ele sabia ser intelectual e ser comercial. Nós tínhamos, por exemplo, nosso chefe de venda em Petrópolis, senhor Ildefonso, que só sabia usar as estatísticas dele para criar mais vendas. Por exemplo, o Lucílio, que era um gerente mais calmo, mais mineiro, muito esperto. O Lucílio, por exemplo, foi o homem que começou a fazer lançamento de livros na Vozes. Tinha o Lorenzetti, de Curitiba, um homem bom. Nós tínhamos o Alício, que foi para Fortaleza e o Adolfo, de Recife, que foi um gerente extraordinário. Os dois deram uma abertura enorme para a Vozes no Norte e no Nordeste. No Rio de Janeiro tínhamos o Senhor Euclides, em Brasília o Lessa, em Cuiabá o Serafim e em Campo Grande o Henrique. Era um bom time. Foi o maior time de gerentes de qualquer Editora ou qualquer distribuidora, nosso time de gerentes era constantemente assediado

por outras editoras. A grande vantagem nesse grupo é que era um grupo que conhecia a empresa, que gostava do que fazia, gostava do livro, gostava da Vozes. Havia uma regência, como uma orquestra, ela era regida pelo Frei Ludovico em Petrópolis,

Marcelo: Conte mais sobre o Frei Ludovico.

Jair: Conheci o Frei Ludovico aos 14 anos. Ele era um diretor bravo, aquele homem carrasco, que todo mundo falava que era durão, todo mundo tomava benção e etc... Esse é o Frei Ludovico que eu conheci em 55, isto se passou, e entrou o Frei Aurélio. Aí veio o Frei Ludovico para a Vozes que foi o homem que eu conheci. Este era um administrador, este era um diretor, este era um homem que tanto era amável como era duro, conselheiro e amigo, mas quando ele dizia não, ninguém discutia porque não. A minha convivência com ele foi de muitos anos; mais de trinta anos, chegou ao ponto até da gente fazer empréstimo bancário em São Paulo para Vozes e eu chegar para ele e dizer: “Ó Frei, hoje o 388, que é o empréstimo é ruim vamos sair?” Ele chegava e dizia assim: “Vamos. Você tem dinheiro?” “Tenho.” “Então vai lá e paga.” Então ele era um homem que ouvia, ele era um homem sábio, inteligente; duro mas inteligente.

Marcelo: Ele dava autonomia?

Jair: Claro, ele ouvia, se era bom ou não ele é quem decidia, ele era o diretor, mas ele ouvia. Não quer dizer que se mandava nele, você propunha a ele, e se ele dizia: “Filho”, você ficava quieto, porque se ele dissesse não a coisa era ruim. Infelizmente o Frei Ludovico ficou doente nós tivemos as indicações dos novos diretores.

Marcelo: Depois que Frei Ludovico saiu a administração da Vozes passou para Frei Arcângelo Buzzi e seus assessores. Comente um pouco esse período.

Jair: Falar da equipe é muito difícil. Frei Arcângelo Buzzi viajamos juntos, Frei Orlando viajamos juntos, são excelentes pessoas. Cada um no seu trabalho, eu não tenho o que comentar. Quanto ao Frei Arcângelo ele mudou a administração, foi uma administração de aprendizado, e na minha opinião quando ele estava favorecendo ele saiu.

Marcelo: O quê mudou com a chegada dele?

Jair: O Frei Ludovico era um homem experiente e o Frei Arcângelo era um homem inexperiente administrativamente. Ele era um filósofo, amigo, dialogamos muito, ele foi até muito bom, porque ele conversou muito, porém eu não sei o que aconteceu lá em Petrópolis, com nós, gerentes, não havia nada. Ele mudou os editores e também mudou as pessoas, e aí enquanto no período do Frei Ludovico havia um editor leigo e um religioso, no período dele ficou apenas o Frei Neylor assumindo os dois editoriais. Agora a grande diferença entre o editorial A, B ou C era o diretor. Frei Ludovico tinha experiência, o Arcângelo não tinha. Acho que isso define, entendeu, um cara que joga bola há vinte anos e o cara que joga bola há um ano. Se eu fosse fazer uma comparação entre o período do Ludovico que era um diretor único, ele era Diretor-Geral, ele era Administrativo, ele era Comercial, ele era Editorial, ele era tudo. Ele tinha naturalmente os seus colaboradores mas ele era o diretor. Quando veio o Arcângelo, veio o Nader posteriormente e veio Neylor. A última palavra, digamos assim, na área editorial não era do Arcângelo, era do Neylor. Não veio o Arcângelo só, veio uma tríade. Para nós se passou que eles três decidiam e para eles também ficou que eles mandavam. Com Frei Ludovico era diferente. Frei Ludovico dizia: “Vocês propõem, eu aceito.” Por quê não

mandam dois provinciais? Por quê que na Editora mandam três e na Província manda um? Não estou desmerecendo nem a Província, nem a Editora, eu estou falando isso administrativamente, entendeu? Na Loyola são sete sócios mas um manda, os outros obedecem, porque não pode ser desse jeito, todos mandarem igual. Os homens não procedem assim.

Marcelo: O colegiado não aconteceu.

Jair: O Nader mandou, o Arcângelo mandou, e mandou até bem, só que houve um momento em que ele não soube administrar o salário de Petrópolis. Eu posso dar uma testemunha, ele me chamou para uma reunião em Petrópolis, eu, Lucílio e Fernando. Nesse momento lá se decidiu que, por exemplo, você não podia comparar gerente com administrador, com contador. Mas havia em baixo o Zanatta com uma greve. Nessa greve se decidiu um acordo com a direção do grupo líder em Petrópolis, então fez-se um acordo. Eu estava presente. No dia seguinte veio o pedido de demissão do Arcângelo. Isso de colegiado não existe, porque na verdade ninguém manda e alguém tem que mandar, entendeu? A província ela muda o que ela quiser, mas ela nomeie um diretor. Como se elege um provincial, se eleja um diretor que responda pela Vozes como diretor, errando, acertando e respondendo, leigo ou não, frade ou não, mas eleja um diretor.

Marcelo: Então o senhor tem uma opinião contra o colegiado?

Jair: Completamente contra. Não dá para eu responder assim por pessoa. Eu respondo para alguém e esse alguém diz assim: “Demita o Jair.” “Não, o que vocês acham?” “Vamos demitir o Jair?” “Demita o Ildefonso” “O que vocês acham? Vamos demitir o Ildefonso?” “Não, o Ildefonso tem essa, essa virtude”, O outro diz: “Não, ele é ruim”. O outro: “Mas ele é bom”. Isto é um colegiado, mas alguém tem que mandar. Na minha

empresa mando eu. Nós somos sete sócios mas na minha empresa mando eu, na hora que eu não mandar eleger-se um segundo diretor para mandar. Essa é a minha opinião, e a Vozes é uma empresa.

ANEXO B-9

Entrevistado: Jorge Loureiro Pinto, Supervisor da Editora Vozes em Manaus

Data: 9 de outubro de 2000

Marcelo: Jorge comece se apresentando...

Jorge: Meu nome é Jorge Loureiro Pinto, tenho 42 anos, estou cursando o 4º período do curso Análise de Sistemas (matrícula trancada, devido à mudança para Manaus). Minha família, mãe, irmã e um irmão. Sou solteiro, nasci em Petrópolis. Estudei na comunidade Santa Rita de Cássia, no começo, depois eu fui para o Colégio Santa Isabel, que é um colégio de freiras, fiz parte do segundo grau lá e o terceiro ano eu fiz no Liceu Municipal e agora eu estava cursando o terceiro grau na UCP.

Marcelo: Que imagem você tinha da Vozes antes de vir trabalhar nela?

Jorge: Bom, eu entrei guri para a Vozes, como diz o gaúcho. Como a maioria dos petropolitanos, eu não tinha noção do que era a Vozes em Petrópolis. Então, a Vozes foi uma das três empresas que na época me ofereceram uma oportunidade. Eu optei por ela. Era a Sanitária Petrópolis, era a Ferraria Petrópolis, que era nome em Petrópolis, e era a

Vozes. Aí eu olhei para a Vozes e gostei da Vozes assim. Fui mais na intuição. Então eu fui para a Vozes. Isso em 77.

Marcelo: Foi logo depois que terminou o segundo grau?

Jorge: Não, eu ainda estava terminando. Por causa do batalhão. Eu trabalhei na Antártica. Saí da Antártica e fui para o batalhão, então eu estava terminando o batalhão e ia voltar para a Antártica, mas eu estava pensando em não ficar muito tempo em uma empresa, eu não queria voltar para a Antártica, porque desde os 14 anos eu estava na Antártica, meu pai trabalhou lá por mais de 28 anos. Como eu não queria ficar muito tempo em uma empresa, então eu fui para a Vozes. E agora já estou na Vozes há 23 anos....

Iniciei na Vozes com o seu Ildefonso. Fiz uma prova no Departamento de Pessoal e fui selecionado. Trabalhei no Departamento de custos, por um período de dois meses, depois fui transferido para o seu Ildefonso. O setor do seu Ildefonso era a parte de vendas, o depósito, a expedição e as lojas. O setor comercial era todo com ele naquela época. Lá nós atendíamos todas – antigamente não tinha tanta filial como tem agora, tinha só quatro ou cinco – as cartas. Nós recebíamos cerca de 100, 150 cartas por dia. O serviço era abrir essas cartas, protocolar; a carta ia para a secretaria, vinha para a gente, pegava a carta e colocava um número do cliente, porque cada cliente tinha um número, tinha uma pasta do cliente com o número e atendia o cliente através de um transcrito (que seria hoje um romaneio). A gente fazia o pedido dele em um transcrito, mandava o transcrito para o depósito, o depósito preparava o material e mandava para o cliente. Nessa época trabalhava com a gente o Reinaldo, que hoje ainda continua na Vozes, o José Roberto não tá mais na Vozes, a Jô, que era a secretária, o Edinho (já falecido), que era responsável pelo Departamento de Vendas.

Era muito engraçado nessa época a gente recebia muitas cartas do pessoal do interior. Eles mandavam uma cartinha, as garotas mandavam fotos, tem uma foto que eu lembro até hoje, a garota debaixo de um pé-de-goiaba, aquela menininha bonitinha assim... E nós que recebíamos as cartas. E mandavam dinheiro também. Esse, logicamente, a gente repassava para a Igreja. Eles mandavam como uma doaçõzinha para a Igreja. Agora as fotos a gente não passava não. Deixava lá, tinha um muralzinho que a gente botava lá: “namorada de fulano, namorada de sicrano...” Era muito divertida aquela época. Inclusive eu atendia uma loja lá de Manaus, a Livraria Nacional, e hoje eu conheço o dono. Eu a atendia em 77. Depois eu fui conhecendo esses pontos que eu atendia as cartas, porque mais tarde eu viajei por todo o Brasil.

Marcelo: Voltando um pouco, Jorge, conta como foi teu início na Vozes... o pessoal te recebeu bem?

Jorge: Recebeu, sim. O pessoal do DP me levou para fazer visita às outras salas, fazer um passeio pela sede. Logo depois, fui encaminhado para a sala. Quando fui para o setor do seu Ildefonso, a primeira coisa que o pessoal falou quando cheguei lá foi: “seu Ildefonso é brabo pra caramba, cuidado com ele!” Mas eu nunca tive problemas com ele nesse ponto não. Aí eu trabalhei na área de vendas e logo no ano seguinte começou minha projeção um pouquinho. Um dia seu Ildefonso chegou pra mim e disse: “Jorge, eu estava precisando ir a São Paulo, hoje, levar um livro que está sendo lançado em São Paulo e os exemplares ainda estão aqui na gráfica. Você tem medo de avião?” Respondi que não, nunca tinha viajado de avião mesmo. Aí eu fui para São Paulo, ele me deixou no aeroporto, veio de fusquinha. O fusquinha da Vozes era um fusquinha verde. Aí ele veio, até o pai do Ricardo que trabalha no financeiro é que era o motorista. Logo depois disso eu comecei a fazer trabalho lá dentro da Vozes. Quando ele precisava de alguma coisa na expedição, conferir o estoque, ele me mandava. Quando a secretária do Frei

saía de férias, a Dona Lúcia, eu ficava no lugar dela. Eu fazia serviço aqui no Rio também. Quando a Dona Maria José, que era secretária do Frei aqui na Carioca, ela saía de férias, eu também cobria. Descia e ficava a semana toda recebendo o pessoal aqui no Rio, abrindo correspondências, sabe como é, os serviços de secretaria. Conclusão, em pouco tempo eu tinha feito quase todo tipo de serviço dentro da empresa. Isso em 1978, 79, 80... Aí em 81 surgiu o endereçamento. Seu Ildefonso chegou pra mim e disse: “Vou te promover para o setor de endereçamento”. Lá tinham umas máquinas com umas chapinhas que faziam o endereço. Eu fazia a chapinha com o endereço da pessoa e botava na gavetinha lá e mandava.

O endereçamento começou a crescer e aí começou a época do computador e surgiu o contrato com a Universidade Católica de Petrópolis (UCP). A universidade prestava serviço de mala-direta a terceiros. Aí nós pegamos todo o nosso cadastro de clientes e mandamos para a UCP, isso em 83. Os clientes eram cadastrados e a mala-direta já vinha em forma de etiquetas... Depois, eles começaram a controlar nosso estoque. Nesse meio-tempo, eu comecei a fazer um curso no Rio de programação, era a RPG. Eu comecei a fazer por etapas, para depois trabalhar essa parte da informática. Eu e o Carlos Alberto (hoje também é falecido) começamos a fazer esse curso, fazendo um elo da Vozes com a UCP. O controle de estoque também começou a ser feito pelo computador. Como? Todas as notas fiscais emitidas pelas filiais vinham aqui para a gente. A gente tinha um controlezinho manual que pegava as notas fiscais e anotava lá: livro vendido, tudo em padrão de perfuração, que na época usávamos cartões de perfuração para o computador, era preenchido, agrupava tudo, mandava para a UCP, o pessoal digitava e no final do mês tínhamos um relatório. Nós preparávamos o serviço, eles digitavam. Em 1983, a Vozes começou a pensar em um computador próprio. Aí que surgiu o SID 5900. O HD é de 300 MB, dessa altura, tem que pegar com vontade,

tem que ser um cara forte. Aí com o SID começou-se a transferir todo o serviço para cá. Aí que entrou contabilidade, controle de estoque nosso. Isso foi bem trabalhado, 83, 84 e 85. Foi uma época que trabalhei até 10 horas, 11 horas da noite, de segunda a sábado, trabalho, trabalho, trabalho, ... Eu trabalhava com a linguagem COBOL. Com a COBOL você escrevia um livro para fazer um programa. Não tinha muito recurso, porque era editor de linha...

Marcelo: Você pegou essa parte de programação no início?

Jorge: Sim, foi no início. Mas tinha técnicos de fora. A pessoa que coordenou isso aí foi o Rogério, que veio como analista, trazendo a experiência de como fazer o processo de transferência e eu trabalhava ligado a ele. A gente recebia a informação e começava a trabalhar a informatização da Vozes. A contabilidade foi para esse sistema, o faturamento e o controle de estoque também foram para esse sistema. Pode-se dizer que foi nessa época, 84, 85, que a Vozes começou na informática.

Marcelo: E as máquinas com “margaridas”, você conheceu?

Jorge: Sim, a “Composer”, foi em 1985. Aí começou os investimentos na área de editoração. A “composer” era tipo uma máquina de escrever. Ela tinha umas margaridas que você digitava o texto aí e o texto já saía no papel poliéster, no vegetal, já saía um filme. Quem trabalhou com ela primeiro foi a Rosângela Lourenço. A composer funcionava tipo uma máquina de escrever... ela ajudou mais na qualidade de impressão para fazer o filme. Antes, era linotipia. Quando foi desativada a linotipia, aí que começou a renovação e entrou a composer. Ela foi o início de tudo.

Mais tarde começaram a surgir os micros, os SID 502. Era um microzinho com 5 Megabytes de Winchester. Antes de chegar os micros, o SID (grande) tinha 6 terminais

burros. Tinha três terminais na contabilidade, tinha 2 na expedição... Ele trabalhava com uma placa multisseria, saía dos terminais-burro e ia lá para o setor, quer dizer, o micro não tinha HD, não tinha nada, só o visor e o tecladozinho. Aí começaram a chegar os microzinhos, com 5 MB, os XT, depois começaram a chegar os PCs., e aí a editoração foi informatizada mesmo. A maioria das coisas que tinha que mandar fazer fora, começaram a ser feitas no PC. Isso foi em 1985, mais ou menos.

Saiu a linotipia, entrou a margarida (a composer), ela teve uma vida curta, porque ela era um pouco problemática. Depois veio o SIDzinho, com 5 MB, que já quebrava um galho, e depois, quando começaram a chegar os PCs., aí sim, começou-se a ter mais flexibilidade. Depois os PCs. começaram a entrar em linha também, aí começou a ter terminais-burro e os PCs. também em rede. A informática começou a tomar um novo rumo dentro da Vozes.

Marcelo: Como você viu a administração de Frei Ludovico ?

Jorge: O Frei Ludovico tinha um tratamento pessoal com todos na Vozes. Ele passava todos os setores, para ele não tinha hierarquia, ele como Diretor e os funcionários. Ele chegava nos setores, conversava com todo mundo, conhecia todo mundo, brincava com todos, assim, dentro da medida, determinadas brincadeiras. Ele sempre virava pra mim e dizia: “Filho, você trabalha aí?” Ele sempre perguntava isso para mim e para outros também. Então, ele foi uma pessoa assim sensacional. Quando o pessoal precisava de alguma coisa lá dentro, por exemplo, um carro emprestado para mudança, ele fazia isso, logicamente dentro do poder dele... ele gerenciava isso perfeitamente. Ele tratava o pessoal muito bem. Ele fazia empréstimo, se alguém precisasse ele ajudava. Mas, tinha que pagar. Eu trabalhei quase dez anos com ele e esse período realmente foi muito bom.

A Vozes era uma grande família. Como ela ainda é hoje em dia, mas ela tinha um perfil mais de família. Tinha gente lá com 40 anos, 50 anos ...

Marcelo: Você falava diretamente com o Frei Ludovico, por exemplo sobre a informatização?

Jorge: Não. O Frei Ludovico nessa época ele tinha pessoas de confiança dele. O seu Ildefonso, por exemplo, respondia também pelo setor de informática. Como ele era responsável pelo setor de endereçamento, quando começou-se a mudar para a informática, ele continuou responsável pelo setor. Depois mudou. O Schaffer foi para lá. Antônio Schaffer. Ele era o chefe da produção, antes do José Luis. Depois foi o Rogério, depois foi o Alex. Então, quando o Frei Ludovico queria saber sobre algum setor, ele chamava a pessoa responsável e perguntava. Ele era mais um paizão para os funcionários do que um chefe. Mas ele era rígido também. Todo mundo respeitava ele. Ele era uma pessoa muito legal.

Marcelo: E a idéia de Manaus, como surgiu?

Jorge: Surgiu numa conversa, num bate-papo com o Silvinho. Ele falou: “Jorge, você já andou por essas lojas todas aí, se um dia a gente te mandasse para tal lugar, um lugar longe, tu iria?” Aí eu falei: “Claro que eu ia”. Aí esfriou o assunto, continuamos tomando cerveja. Morreu o assunto. Até que um dia o Frei Volney me chamou e falou: “Jorge, tô precisando de uma pessoa num lugar assim... você topa?” Aí eu falei: “Quanto tempo que eu tenho para dar uma resposta?” O Frei falou: “Uns dois dias”. Aí eu fui, pensei, conversei em casa e eu aceitei. Aceitei porque a única coisa que eu não tinha feito ainda na loja era assumir a loja totalmente, porque os outros trabalhos eu já tinha feito.

Marcelo: Carregou caixa alguma vez?

Jorge: Carreguei só o 8º andar da Distribuidora de São Paulo. Foram 8 caminhões 608 de caixas nas costas. Então, eu só não tinha feito o gerenciamento da filial. E é um gerenciamento diferente. Eu tô lá em Manaus, sem ninguém conhecido, sem nenhum vendedor, sem nenhum promotor, sem nada. E tem que garimpar tudo...

ANEXO B-10

Entrevistado: José Luiz Castro, Gerente da Divisão Industrial

Data: 10 de outubro de 2000

Marcelo: Favor falar seu nome, idade e outros dados pessoais...

José Luiz: Meu nome é José Luiz Castro e tenho 54 anos. Estudei até o 2^a grau, Técnico em Contabilidade, depois comecei a fazer um pequeno curso de jornalismo que eu não terminei. Sou nascido em Petrópolis. Minha mãe é mineira e meu pai é capixaba. Sou o mais velho de três irmãos, casado, pai de um menino de 5 anos.

Marcelo: Que imagem você tinha da Vozes antes de vir trabalhar nela?

José Luiz: Eu estudei nos Canarinhos e durante os seis anos de Canarinhos que eu fiz, uma coisa que já me marcava era o livro com o qual eu estudei chamado *Ars Latina*, que era exatamente editado pela Vozes. E o colégio Canarinhos (ou Escola Gratuita São José, seu nome antigo) era vizinho da Vozes. Então eu estou subindo essa rua exatamente há 41 anos, ou seja 36 de Vozes e mais 5 de Canarinhos. E meu livro de latim, o *Ars Latina* era impresso na Vozes. E um dos autores desse livro era o diretor da

Vozes, o Frei Ludovico Gomes de Castro, que foi um marco na Editora Vozes. Quando eu cheguei na Vozes eu comecei a trabalhar com ele.

Marcelo: Quando você começou a trabalhar na Vozes?

José Luiz: Em 1965. Eu cheguei na Vozes pela mão do Arnaldo, amicíssimo nosso, um irmão mais velho do Ildefonso, que todo mundo conhece. O Arnaldo que me trouxe e eu agradeço muito a ele pelo que sou hoje na Vozes.

Marcelo: Como foi a recepção do pessoal quando você chegou?

José Luiz: Quando eu cheguei na Vozes eu conhecia a Vozes pelo nome dela e pelo número de funcionários e o Arnaldo disse o seguinte: “Olha, José Luiz, você vai ter muito contato com o Frei Frederico”. Frei Frederico era o gerente que nós tínhamos. O nome dele todo era Frederico José Leopoldo Vier, carinhosamente chamado de Frei Fritz. Então o Arnaldo disse: “Olha, você vai ter muito contato com o Frei Fritz. Não se apavore porque tem hora que ele é pavio curto, mas é uma pessoa boníssima, é o jeitão dele”. Tudo bem, era para trabalhar, então vamos enfrentar os desafios. Nesse meu primeiro dia de trabalho, meia hora depois o Arnaldo me chama e me dá minha primeira tarefa: “José Luiz, pega essa prova aí e leva para o Frei Fritz dar o imprima-se”. O Fritz conferia a prova do livro e quando ele liberava tinha que botar um carimbo de imprima-se, ou seja, a ordem para imprimir. E nesse meu primeiro dia eu peguei a primeira prova de um livro para ele dar o imprima-se. Chegando lá, pedi licença, ele não respondeu, eu entrei e já disse pra ele: “É para o senhor pôr o imprima-se aí”. Ele começou a olhar o livro, porque ele olhava todas as folhas porque depois de autorizado era a última etapa para imprimir. Aí ele olhou para mim e disse: “Pega a almofada”. Eu olhei, olhei as cadeiras e eu estava vendo que ele passava as folhas, o livro era grosso, e eu não via nenhuma almofada. Estava vendo que ele estava chegando ao final e eu não via

almofada. Já comecei a tremer e pensei: “Qual é a almofada que ele está querendo? Tem uma cadeira aqui e não tem almofada, tem outra cadeira ali e não tem, ele está sentado em uma cadeira que não tem...” Quando ele terminou ele já berrou comigo: “Pega a almofada!” Aí eu fiquei mais nervoso ainda: “Frei, eu não estou vendo almofada nenhuma”. “Seu burro, eu estou falando almofada para eu botar o carimbo”. Era aquela almofada de botar o carimbo e eu jamais imaginaria que aquilo se chamava almofada, eu não tinha experiência de trabalho, era meu primeiro emprego. Em meia hora de trabalho eu levei a primeira bronca na Vozes e cresci com a bronca. Depois nós nos tornamos imensamente amigos. Para ter uma idéia, Marcelo, eu guardo até hoje esse carimbo de imprima-se.

Marcelo: Como era a Vozes na época que você começou a trabalhar aqui?

José Luiz: Quando eu cheguei no departamento gráfico eu era o *boy* e nesse setor éramos quatro. O departamento era composto da linotipia, da paginação, da impressão plana, do corte, do acabamento e da flexografia, onde a PAVEMA imprimia a folhinha. Então eram cinco setores que nós tínhamos. O Arnaldo na verdade era o sub-chefe. Quem era o chefe quando eu cheguei na Vozes era o Raul Lopes, depois vinha o Arnaldo, vinha um rapaz que trabalhou conosco, Henrique Volker Filho, orçamentista, e eu. Quer dizer, a estrutura para gerenciar esses cinco departamentos eram quatro pessoas. É evidente que não tinha o movimento que tem hoje. Hoje está tudo informatizado, modernizado. Antigamente era muito manual, era um artesanato. A Vozes era um SENAI. A Vozes era uma escola de artes gráficas. Por quê?

Por que ela tinha uma linotipia que era o ponto principal. Na linotipia eram nove máquinas. O chefe era José Antônio da Rocha Filho, conhecido como Rochinha, em viva memória porque ele está vivo até hoje. E nós tínhamos entre esses nove

funcionários alguns funcionários que se destacavam pela limpeza da prova e tinha dois funcionários aqui que não tinham erro de prova. Um chamava-se Mário Gardezano e o outro Edgard Münch. Com esses dois linotipistas, a prova era limpa. O revisor nunca encontrava erro. E numa geração mais recente nós tivemos um também chamado Orlando Moreira da Silva, que foi aluno do Mário Gardezano. O Orlando aprendeu tudo. Até os detalhes de arrumar a gaveta ele aprendeu com o Mário.

Na paginação era uma pessoa também que está viva hoje, saudosa e de grande memória nossa, saudosa no sentido de que não está conosco trabalhando mas está viva: o Oscar de Barros Cotia. Aprendi muito com o Oscar, muito, muito mesmo. O Oscar eu chamava até de professor Cotia porque ele era um exímio paginador, um paginador de mão cheia e eu aprendi muito com ele. E antigamente, eu lembro disso perfeitamente, quando você paginava uma página você pegava do granel (granel era uma caixa de madeira onde nós colocávamos as composições) e você ia compondo e tirava uma prova chamada primeira prova de paquê. Era uma prova sem paginação. Depois nós pegávamos essa prova e paginávamos o livro. Hoje usando a linguagem moderna do século XX, formatávamos o livro. Lá era paginado no chumbo, então a habilidade dele era paginar uma página tipográfica com uma régua de cíceros, onde você tinha largura e a altura. Hoje são paicas, como tem no computador da Valderes, mas no nosso tempo eram cíceros.

Então ele formatava a página para dar o formato do livro. Para um livro americano que tem o formato 14x21 então era 40 cíceros de altura, um livro de 16x23 eram 44 cíceros de altura com a paginação ou 40 sem a paginação. Paginação é aquele numerozinho que todo mundo sabe que vem embaixo da página. Então o Oscar era um mestre nisso, trabalhava com ele o Leonardo Pereira que também foi outro grande nome da Vozes, junto com Alfredo Eckart e Alcides Cabo Viana. Toda essa turma era só trabalho

manual. A única máquina que existia no setor deles era uma serra para cortar o lingote de chumbo. Quando precisava você cortava. O resto, meu amigo, era tudo manual, até a prova de prelo era manual. Depois compramos um prelo automático, mas quando eu cheguei na Vozes isso era tudo manual.

Saindo da paginação, até mesmo por ordem de seqüência, você entrava na impressão tipográfica onde o chefe chamava-se Ivo Lischt, na impressora tipográfica. Você imagina um livro igual ao *Missal Romano*. A primeira impressão do *Missal Romano* foi feita na impressão tipográfica, eu acho que são 1.152 páginas e com muitas cores, tudo rodado na impressão tipográfica. Então a gente rodava tudo que era preto e tirava as linhas como se faz hoje na impressão *offset*, só que hoje você tem máquina bicolor então você roda as duas cores ao mesmo tempo. Nós rodamos o livro todo, com uma tiragem de mais de 3.000 exemplares tudo em tipografia com duas cores. Primeiro a gente imprimia tudo que era preto depois voltava pra máquina pra imprimir só as chamadas, as notas de rodapé às vezes aquelas entradas em vianegro que era a cor tradicional.

Como seção da impressão tipográfica nós tínhamos o acabamento. O princípio do acabamento hoje é o mesmo que 35 anos atrás. Claro que hoje está muito mais automatizado, mas você dobra, você alceia, você costura. Naquele tempo você fazia muito livro encadernado e aquilo era tudo feito na mão. Você não tinha tanta brochura como tem, então você dobrava, você alceiava, costurava quando o caso exigia, encadernava e era tudo manual. Foi só em 72 que nós compramos a primeira máquina colocadora de capa, aí realmente avançamos muito naquela ocasião. Hoje nós temos duas.

E tinha também a chicheria. Hoje você tem um retrato seu você vai fazer um fotolito, você escaneia. Quando eu cheguei na Vozes se você quisesse um retrato seu você fazia

um clichê. O que é um clichê? Clichê é um zinco geralmente de espessura de um ponto e meio de milímetros que você colocava numa base de madeira. Então a gente fotografava o seu retrato, fazia o negativo dele e depois gravava para o positivo mas isso era aquela gravação bem artesanal.

Um trabalho enorme para a chicheria era quando tinha a revista *Studia Etmologica*, editada pelo Frei Tomás Borgmeier. Era uma revista restrita, uma faixa muito, muito qualificada em determinado grupo de estudiosos que lia toda essa revista. Eram 500 páginas e 500 exemplares só de tiragem, por aí você vê que era um grupo muito específico. As asinhas, as perninhas das formigas tudo era clicheria e como o Frei Tomás era tudo muito detalhista, você imagina uma prancha desse tamanho que ele montava pra reduzir para um formato de página de 16x23 então a redução era muito violenta e aquelas asinhas, aqueles chifrinhos das formigas às vezes, aquelas perninhas tinha que fazer com uma caneta de pena. Você colocava nanquim e usava uma lente para ampliar isso na chapa. O rapaz da chicheria, o Jaime ainda era obrigado a desenhar na chapa os contornos das asinhas das formigas. Você pode comprovar isso nos livros do nosso arquivo. Agora cada tipo de papel tinha que usar uma retícula, então por exemplo, papel encorpado você tem que usar uma retícula para não entupir porque senão na hora de imprimir você chapava aquilo tudo. Muitas vezes o cara estava imprimindo, o clichê ficava entupido. Aí abríamos a rama, a rama era o lugar onde você colocava as páginas na tipografia para você imprimir, abria a rama, tirava o clichê, ia na clicheria que era no 3º andar, para que o cara pudesse fazer uma limpeza, passar um *tinner* ou passar uma gasolina com querosene para depois melhorar e quando não melhorava só tinha um recurso, refazer.

Marcelo: Você acompanhou de perto a publicação do livro *Brasil Nunca Mais*.

Conte-nos como foi esta experiência.

José Luiz: No dia que o livro ia ficar pronto, Frei Leonardo Boff foi na minha sala e disse: “José Luiz, como é que está o livro *Brasil: Nunca Mais*? Eu respondi: “Frei, amanhã ele sai. Vamos encapá-lo hoje e amanhã de manhã estará pronto”. Ele falou: “Não sei, não... Vamos na sala do Ildefonso telefonar”. Eu não tinha telefone na minha sala, só interfone. Chegando na sala o Ildefonso pediu uma ligação para o Rio. Era uma quinta-feira e Frei Ludovico ficava todas as quintas e sextas-feiras atendendo na loja do Rio de Janeiro. Frei Leonardo pediu licença a mim e ao Ildefonso para falar em alemão e disse ao Frei Ludovico que o livro estava saindo e ele sugeria que levássemos a edição para o convento. Ele tinha medo de que os militares invadissem a Vozes, porque o livro diz os nomes dos torturadores, cita os porões da ditadura, detalhes das torturas e etc. Então Frei Ludovico respondeu: “O livro fica na Editora Vozes. E qualquer eventualidade liguem para mim, se tiver que prender alguém, que prendam a mim”.

Outra coisa que nos marcou muito e também a gente tem uma certa honra nesse sentido de produção foi a Bíblia Sagrada. Frei Ludovico Garmus, que coordenou toda essa edição. Isso tudo para nós foi apoteótico porque hoje a Vozes tem uma logomarca da Bíblia Sagrada.

Marcelo: Como era o trabalho para preparar um livro de música, como o *Cecília*?

José Luiz: As pautas tinham que ser compostas numa máquina que nós tínhamos aí, que chamava-se *musical right* e o texto era na tipografia, então você imagina conjugar para harmonizar uma página você colando pauta com durex ou com uma cola e mais o texto em 700 páginas era uma coisa de louco. Depois de tudo paginado, você entregava

isso à paginação, a paginação pegava o chumbo e deixava com guarnições o espaço em branco em cima ou embaixo ou no meio que ali entraria a pauta musical que já era outro sistema. Os livros de lingüística também eram um problema.

Esse Chomsky, por exemplo, tinha livros com muitos acentos diferenciados, quer dizer, às vezes é um circunflexo ao contrário e nós não tínhamos na máquina da linotipia. Então você tinha que pegar aquela página, o revisor marcava, e eu, pegava o trecho onde tinha uma palavrinha só para colocar três acentos tinha que ser com aquela famigerada caneta nanquin.

Marcelo: José Luiz, cite o nome de algumas pessoas importantes para a Vozes nesse tempo.

José Luiz: Nosso parque não era aberto a impressão de terceiros. Se nós tivermos que citar quem introduziu na Vozes o trabalho gráfico de terceiros chama-se Eduardo Chuahy, o atual Presidente do DETRAN. Foi o homem que desafiou e acreditou na possibilidade de quando nós não estivéssemos imprimindo para nós, estávamos imprimindo pra outros. E como funcionava isso? Era composto fora da Vozes, vinha paginado e a nossa missão era imprimir e acabar. E o primeiro cliente que nós tivemos nessa fase chama-se Fundação Getúlio Vargas.

E a primeira revista que nós imprimimos para a Fundação Getulio Vargas chamava-se Revista de Direito Administrativo, RDA. Marcelo, isso era pego no Rio de Janeiro numa linotipia. Eram quatro toneladas de chumbo; a revista era um calhamaço. E saber que hoje você põe tudo num disquete.

Isso vinha no nosso caminhão. Vinha página por página colocada na carroceira do caminhão e aqui descarregava uma a uma. Um livro de 700 páginas. Você tinha que ter

um cuidado danado que aquelas páginas eram amarradas, se caísse uma página daquelas no chão tinha duas situações na linguagem gráfica: ou empastelava, e daí você tinha que depois montar a página novamente ou amassava. Se amassasse você tinha que mandar refazer a linha no Rio, porque a tipologia não era igual a nossa. Muitas vezes eu estava imprimindo uma revista dessas, chegava o chefe na minha sala e dizia: “José Luiz, amassou uma linha da RBA”. Aí eu olhava a linha, passava a mão assim no rosto e dizia: “Cacetadas!”. Interromper essa impressão para mandar uma linha para o Rio de Janeiro não tem condições aí olhava aquilo, chamava o chefe de linotipia na minha sala e falava com ele “Amassou essa linha aí de baixo o que é que eu vou fazer com essa linha”? Imagine: uma página tem 50 linhas, uma linha está com problemas lá no meio do texto. Vamos fazer o seguinte: compõe esta linha na nossa tipologia!”. Quantas vezes eu fiz isso pra não interromper a impressão.

Marcelo: E o cliente percebia?

José Luiz: Nunca recebi uma reclamação que tinha enfiado naquele texto uma linha, por exemplo, com corpo 10 dele mesclado com corpo 10 nosso. Porque tinha uma semelhança grande. Só quem era catedrático ou muito citado naquilo que poderia descobrir que aquilo era uma linha forjada.

A máquina Intertype fazia tudo. Ela transformava a linha de chumbo em letrinhas que caíam dentro de uma caixa e essas caixas caíam dentro de um espaço chamado compoledor, iam para uma caldeira de chumbo que fazia a fundição e o pote de linha caía e depois um braço pegava as letrinhas e jogava para dentro outra vez nas suas casinhas de A a Z. Era um negócio fantástico para a época. Por exemplo, quando nós fizemos a Bíblia nós importamos a fonte para a impressão da Itália. Era um corpo chamado corpo 9, ionite, é o nome do corpo, e as suas variações. Então quem tinha

corpo 9 tinha que ter corpo 7 para as notas, 12 para um título maior e assim por diante. Nós compramos tudo isto.

Marcelo: De todas as máquinas que você viu chegar a que mais marcou para você?

José Luiz: Foi a *Planeta Super Variant*. A diretora da América Latina, quer dizer a diretora da Planeta hoje da América Latina que veio acionar o botão. Eu estava do lado dela quando ela veio acionar o botão. Estava o Frei Ludovico, o chefe do setor; essa foi a primeira máquina instalada na América Latina. Essa máquina somou muito para a Vozes pelo formato dela, de folha inteira. Naquele tempo o formato da folha inteira era 8 x 114, então possibilitava rodar 32 páginas na frente e 32 no verso, então ela te dava já um caderno de 64 páginas.

ANEXO B-11

Entrevistado: Lídio Peretti, Editor Cultural

Data: 3 de novembro de 2000

Marcelo: Favor começar apresentando-se...

Lídio: Meu nome é Lídio Peretti, nasci em 11/08/48, sou filho de Alice Vanzozi e Alberto Peretti. Nasci em Nova Araçá, RS, e com 2 anos fui residir em Xavantina, SC. Tenho treze irmãos (8 irmãos e 5 irmãs). Sou naturalizado cidadão italiano.

Aos 11 anos fui estudar no Seminário Menor de Peritiba, SC (1961). Em 1963 fui para Chapecó, ano de inauguração do Seminário Menor da Diocese de Chapecó. Em 1970 fui para Viamão, RS, para cursar Filosofia e Teologia. Em 1972, saí do seminário.

Cursei Filosofia, Teologia (incompleta); Administração de Empresas (incompleta) e Direito. Sou casado com Beatriz Salton Peretti. Temos dois filhos: Luís Alberto e Elder, e também uma filha de criação, Jéssica Salton da Cruz.

Marcelo: Que imagem você tinha da Editora Vozes antes de vir trabalhar nela?

Lídio: Conhecia apenas alguns livros. Manual de orações, catecismo, História Sagrada e Breviário. Lia a *Revista de Cultura Vozes*. Lembro de alguns livros de teatro da coleção Palco Juvenil (no seminário fazíamos muito teatro).

Marcelo: Como foi seu início na Editora?

Lídio: Como precisava ganhar algum dinheiro para me sustentar e não querendo mais do pouco dinheiro do meu pai e dos meus irmãos, durante o seminário resolvi buscar alguma fonte de recursos próprios. Junto com um colega do seminário fundamos uma livraria (Livraria Cura D'Ars) nas dependências do seminário para vender livros aos seminaristas e padres da casa. Buscávamos na cidade (Porto Alegre) os livros nas edições Herder, Paulinas, Duas Cidades e Vozes. Durante 2 anos buscávamos livros e vendíamos.

Conheci a Vozes e seus livros mais detalhadamente a partir de 1971. Lembro de alguns títulos que eram sucessos daquela época: *Casarão Mágico* e *Pé de Pilão*, de Mário Quintana, na área infantil. *Perfil do futuro*, de Arthur Clark, *Inteligência do Universo*, *Pílulas de Otimismo 1, 2 e 3*, *Automação e Futuro do Homem*, de Rose Marie Muraro e *Mística Feminina*, de Betty Friedan. *Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff, a *Coleção Educação e Tempo Presente*, etc.

Marcelo: Em que setores (ou locais) você trabalhou? Que funções desempenhou?

Em que períodos você desempenhou estas funções?

Lídio: O Ênio Furlan, então gerente da Vozes, sabendo de minha saída do seminário, convidou-me para ocupar a vaga do vendedor da época, Airton Martins, demissionário. Iniciei na Vozes em 16 de Julho de 1973, na função do promotor e vendedor para

capital e interior. Em 30 dias de Vozes fiz minha primeira viagem. Saí de Porto Alegre num ônibus e fui a Joinville, SC para de lá, voltando em direção a Florianópolis fazer vendas até Porto Alegre, passando por Tubarão, Criciúma, Araranguá, Torres e Osório.

Fui vendedor e promotor no interior e na capital até 1974. Em Janeiro de 1975 assumi a função de gerente no lugar do Ênio Furlan. Fui gerente até 1996. Em 1997 assumi a função de editor cultural.

Marcelo: Como você caracterizaria os diferentes períodos (ou fases) que a Editora Vozes atravessou durante esse tempo que você trabalhou nela?

Lídio: De 1973 a 1992 as lojas Vozes chamavam-se filiais e os responsáveis eram gerentes. A administração era descentralizada e as filiais tinham autonomia de gestão e prestavam contas à sede representada por um frade.

No período de Frei Ludovico Gomes de Castro e mesmo de Frei Arcângelo Buzzzi a administração teve uma marca que era a confiança pessoal do diretor com o gerente. Neste período, a filial de Porto Alegre cresceu de uma loja na Riachuelo, 1280 para 4 pontos: Rua Ramiro Barcelos (distribuidora); Rua Riachuelo (loja), Pelotas e Novo Hamburgo (lojas). De 5 funcionários chegamos a ter uma equipe de 45 funcionários em 1992.

Marcelo: Favor citar nomes de pessoas (frades e leigos) que marcaram sua passagem pela Editora Vozes.

Lídio: Marcaram de forma profunda e humana a minha trajetória na Vozes a determinação, liderança, sensibilidade, coragem, correção e tenacidade de Frei Ludovico Gomes de Castro. Homem duro e exigente, mas capaz de chorar ao emocionar-se com a vida.

Outros nomes (autores): Gaudêncio Frigotto, Emir Sader, Miguel Arroyo, Hugo Assman e Ladislav Doubor, etc.

Pessoas que marcaram minha trajetória: Frei Ludovico Gomes de Castro, Frei Clarêncio Neotti, Frei Arcangelo Buzzi, Frei Leonardo Boff, Frei Almir Guimarães, Frei Neylor Tonin, Eduardo Chuay, Nilson de Almeida, Ildefonso e Rose Muraro.

ANEXO B-12

Entrevistado: Milton André Lischt, Supervisor do Setor de Acabamento

Data: 4 de outubro de 2000

Marcelo: Seu Milton, quando o Senhor começou a trabalhar na Vozes?

Milton: Entrei em janeiro de 1951 e com dois meses de experiência assinaram a minha carteira, no dia 06 de março de 1951, em 2001 vou completar 50 anos de Vozes.

Marcelo: Favor falar seu nome completo e outros dados pessoais...

Milton: Meu nome é Milton André Lischt. Sou casado, desquitado e viúvo, fiquei viúvo a dois meses atrás. Tenho três filhos. Uma filha com 40 anos, completou no dia 25 de outubro passado. Uma filha com 23 anos e um garoto com 19 anos.

Marcelo: O senhor estudou na Escola Gratuita São José?

Milton: Estudei. Fiz o primário, que eram 5 anos de estudo, aqui na Escola Gratuita São José. Aconteceu o seguinte: os alunos que se interessavam mais pelo estudo, a própria

Vozes procurava esses alunos para começar a trabalhar aqui, e quando eu terminei, vim logo para Vozes procurar o meu emprego aqui. Pedi emprego, sozinho, criança, calça-curta, cheguei aqui e pedi que chamassem o diretor. Quem me atendeu foi a pessoa que era de uma nova parte industrial, essa pessoa que falava conosco. Quando foi mais ou menos uma hora de entrevista, perguntou de onde eu era e se meus pais estavam trabalhando. Ele me atendeu muito bem, conversou comigo mais ou menos uma hora.

Marcelo: Qual era o nome dele?

Milton: Frei Boaventura Hormurth, um alemão, eu já conhecia ele antes de eu pedir serviço, pelas missas do Sagrado. Nesta entrevista eu estava muito nervoso porque ele não decidia se eu ia trabalhar ou não. Aí de repente ele disse: “Amanhã você pode trazer sua marmitinha”, Teve um período de 17 anos até hoje que sou responsável pela sessão, peguei a sessão ainda garotão mais tudo correu muito bem. Com 17 anos de Vozes me deram oportunidade de três meses de experiência como chefe, depois de 20 anos é que fui perguntar se eu tinha passado na experiência.

Marcelo: Eu gostaria que o senhor contasse um pouco como foi esse período na Vozes, o senhor começou em que setor?

Milton: Na 1ª semana, trabalhei como ajudante na máquina de dobra, só fiquei uma semana e nunca mais fui ajudante, já me deram a oportunidade e o serviço naquela ocasião era a maior parte de livros encadernados, aprendi a fazer as capas duras, como consegui desenvolver bem deixaram que eu ficasse ali e a outra parte de 1951 até 1957 trabalhei na Folhinha do Sagrado Coração de Jesus. Ela era feita no setor do acabamento, era feita em bloco, era alceada em caderno e depois transformada em bloco, trabalhei uns seis anos neste tipo de trabalho. Quando a Folhinha foi transferida para a Pavema, aí fui para máquina de costura durante 12 anos mais ou menos. Lá eu

tinha hora para entrar mas não tinha hora para sair, porque tudo era costurado naquela ocasião, não tinha esse processo PB. Ou era grampeado ou costurado e a maior parte dos livros eram encadernados e já eram costurados na própria máquina.

Marcelo: O que é PB?

Milton: É um grampo serilhado cortado. É esse processo que estamos usando hoje. E assim foi passando o tempo, hoje tenho a minha função aqui, procuro fazer por onde, para mim sempre é meu primeiro dia que entro dentro da Vozes, sempre é um dia novo, o dia que vou enfrentar todos os problemas e tudo o que vai acontecer durante o dia.

Marcelo: Lembra dos nomes das pessoas que trabalhavam em seu setor quando o senhor começou?

Milton: Na ocasião meu chefe chamava Francisco Silveira Ávila. Ele me ensinou muitas coisas, principalmente na parte de encadernação, era uma pessoa muito exigente e depois a idade dele foi avançando e ele já não tinha mais condições de assumir a posição dele. Havia uma pessoa para substituir e essa pessoa infelizmente não deu certo, e eu fui convidado a assumir esta posição e estou até hoje. Eu trabalho no sistema democrático, não no sistema autoritário, acho que a pessoa tem que ter a responsabilidade, porque eu penso que o sistema autoritário não funciona mais. Eu tenho experiência própria, desde o início eu fiz por intuição e hoje eu tenho conhecimento. Logo no início eu procurei separar a seção por setores, porque a seção é muito grande. E nesses setores eu sempre coloquei uma pessoa de minha confiança, responsável e sempre funcionou bem. Inclusive o próprio Frei Ludovico quando eu fiz isso me deu os parabéns pela decisão que eu tinha tomado. Hoje pelos cursos que já fiz, vejo que as empresas modernas funcionam mais ou menos assim. Sempre existe um líder e um auxiliar. E em cada setor eu tenho um líder e esse líder fica responsável pelo

grupo e eu fico responsável pelo geral. Quando eu entrei aqui existiam muitas pessoas idosas e eu pela minha vontade de ficar na Vozes era muito agarrado com essas pessoas. Na hora do almoço sentava perto deles e ouvia as histórias deles, tenho na lembrança algumas histórias. Por exemplo, Luiz Becker ele trabalhou uns 44-45 anos na Vozes. Ele era um sub-chefe na ocasião, eu era subordinado a eles. Tinha o Pedro Pereira, era um senhor de idade que era muito respeitado pelos próprios padres, era uma pessoa muito bacana, responsável, muito religioso, trabalhava no acabamento e depois foi trabalhar junto comigo sendo subordinado, nunca tivemos problemas. Teve muitos que não me lembro.

Marcelo: Quando o senhor assumiu a chefia, começou a nomear líderes. Lembra de alguns que se destacaram?

Milton: O 1º foi Luiz Geraldo Brand que tomou conta do setor de encadernação. Na parte de dobra foi Augusto Afonso Vieira, na máquina de costura foi Édio Furtado da Costa, na parte central normalmente quem olha sou eu, na colocação de livros também. Tem sempre uma pessoa que na minha ausência comanda, hoje quem está comandando é o Márcio. Na minha ausência ele comanda a seção. Na ocasião que eu entrei, quem comandava comigo era Édio Furtado da Costa. Ele fazia as duas funções, era responsável pelo setor de costura e na minha ausência ele comandava. Depois que ele saiu da Vozes, teve o Pedro Aurélio Moreira que trabalhou também como sub-chefe.

Marcelo: O senhor poderia contar um pouco como que eram os vários tipos de trabalho que existiam na encadernação naquela época e o que mudou?

Milton: Naquele tempo para hoje mudou completamente. A encadernação funcionava da seguinte forma: as capas que a gente fazia eram feitas muitas de duas cores. Na ponta da capa era colocada uma cor na lombada, a mesma cor da ponta e naquele meio

trabalhava com outras cores, isto dava muito trabalho pra gente. Esses livros: *Imitação de Cristo*, *Filotéia*, *Cecília*, eram pintados ou dourados. Hoje se faz douração com spray, tinta, mas naquela época se trabalhava com pó de ouro e gema de ovo. Ainda tem a ferramenta aqui. A pessoa que trabalhava, trabalhava muito isolada, ela não passava seu conhecimento para os outros, era um serviço que tinha de trabalhar num quarto fechado por causa do pó de ouro, por causa da ventilação, era um serviço que era dourado mesmo, hoje não, é mais pintado. Os livros pintados de cor grená eram pintados e depois lustrados, depois foi desenvolvendo. A Vozes conseguiu crescer quando Frei Ludovico e Dr. Nilson assumiram. Desenvolveu bastante. Eles começaram a pegar livros de terceiros, aí começou a crescer. Eu considero a Vozes uma escola de aprendizagem, éramos garotos e aprendemos muito, a Vozes era considerada uma escola. Depois que fui promovido para sub-chefe eu cresci.

O serviço tem uma seqüência. A gente recebe a folha impressa, a folha tem que ser transformada em livro, então a primeira operação é a dobra. Depois que dobrou todos os cadernos, o livro é alceado. Depois de alceado vai para costura, depois é colada a lombada dele. Isso era colado manualmente, hoje é máquina, mas na época não era. Dali passava por uma prensa, era todo prensado, ia para guilhotina, depois voltava e a gente colocava as brochuras manualmente. Na ocasião se trabalhava com 50% encadernado e 50% brochura. Às vezes ficava o ano inteiro fazendo as capas duras. Hoje já mudou muito o serviço, o que era feito manual, foi transferido para máquina, mas ainda exige muita mão-de-obra para utilizar as máquinas. Livros com orelhas por exemplo, para passar na máquina tem que ter pelo menos três pessoas, duas dobrando a orelha e uma batendo e colocando nas pilhas direitinho para ir para a guilhotina. Ainda temos uma porcentagem bem alta de trabalho manual.

Marcelo: E o processo hoje como é?

Milton: É o mesmo, a única coisa que transformou é que o serviço que fazíamos manual passou para máquina. A colocação de capa hoje é na máquina, o alceamento é na máquina, a dobra na máquina, antes era tudo manual. As máquinas de costura eram muito antigas, a maior parte das máquinas eram margeadas, não eram automáticas. A pessoa pegava a folha, empurrava a folha para dentro da máquina. Hoje está tudo modificado.

Marcelo: Eu gostaria que o senhor comentasse um pouco sobre os freis com os quais o senhor conviveu na Vozes. O Frei Boaventura Hormurth logo faleceu. E depois?

Milton: Depois dele veio Frei Inácio, que voltou para cá depois depois do falecimento do Boaventura. Houve um caso bem interessante, na questão da Folhinha. Ele me escolheu para formar aqueles blocos. Quando ele ficava me olhando trabalhar pegava no sono, acho que era por causa da idade dele. Enquanto eu trabalhava ele dormia mesmo, só me olhando trabalhar. Ele não ficava ali para nos repreender, ficava só olhando a gente trabalhar. Depois teve o Frei Anselmo Thiele, ele trabalhou algum tempo aqui. Depois passou a ter civis na parte industrial. Inclusive depois do Frei Anselmo veio um holandês o Dr. Prates. Depois foi Raul Lopes, Arnaldo Fecher, ele que me colocou na chefia, depois o Dr. Nilson (engenheiro), depois Antonio Shaeffer e o José Luiz, que está até hoje.

Marcelo: E os freis que trabalhavam em outros setores?

Milton: Tinha o Frei Frederico (editorador), Frei Matias (contabilidade), Frei Cândido (tesoureiro), mas ficou pouco tempo, ele já era idoso. Frei Aloisio Sharf (depósito, expedição) e Frei Tomás (diretor).

Marcelo: O que o senhor achou da gestão de Frei Ludovico?

Milton: Frei Ludovico era uma pessoa durona, não admitia ser enganado por ninguém, mas sabia perdoar na hora que errasse. Neste período que eu trabalhei com ele tive liberdade de decisão. Se a pessoa se omitisse para ele não estava bom, então tinha que decidir. Até teve algumas decisões que eu tomei e pensei que iria ser mandado embora, porque naquela época tinha pouca experiência. Ele estava sempre correndo dentro das seções, o que ele visse que estava fora do lugar, que não estivesse de acordo, ele chamava a atenção. Nesse período todo que trabalhei com ele, só me chamou atenção por causa de coisas insignificantes. Quando eu passei a chefe, por exemplo, nós tivemos um erro. Foi quando um funcionário trocou um caderno no livro. Nós estávamos fazendo um livro de inglês e com a pouca experiência, trocamos. Quando foi 21:00 horas ele entrou na sessão, eu me dirigi a ele e falei: “Frei eu errei. Trocamos o caderno e errei”. Ele falou para mim: “Filho, vai dormir, que amanhã é outro dia, amanhã a gente acerta”. Aquilo me deu uma mão-de-obra tremenda, tivemos que tirar o grampo, acertar e conseguimos acertar todo o livro.

A gente falava com ele e muitas vezes, ele não dava a resposta na hora. Ficava olhando e ia embora. Quando ele voltava, já tinha decidido. Às vezes você nem lembrava mais. Eu tive a sorte de trabalhar todo esse período com ele, durante 20-21 anos, nunca me chamou atenção seriamente, sempre me tratou bem e quando ele foi embora, ele me deu

os parabéns. Era uma pessoa super bacana, todo mundo gostava dele. Ele chamava todo mundo de filho. Sempre naquele tom de voz baixo, não gritava com ninguém, chamava às vezes a gente para conversar, nunca entrava no assunto direto, sempre conversava um pouquinho, às vezes marcava com ele e dificilmente começava no assunto, conversava um pouco e depois perguntava o que a gente desejava. Ele foi um diretor que marcou muito aqui dentro, um pouco pelo tempo que ele ficou e outro pelo o que ele passou para gente também. Nós aprendemos muita coisa. Em questão de salário, a gente chegava para ele e ele dizia: “Preciso de x. Vocês me prometem fazer com que eu vá ganhar x, para poder passar para vocês?”. Naquela ocasião os chefes que trabalhavam comigo prometiam e procuravam ajudar e ele retribuía. Ele criou um prêmio de produção e isso fez com que a Vozes crescesse bastante. Tinha funcionário que o que fazia durante o dia, a gente fazia em uma hora, pois ele ficava enrolando o dia todo.

Marcelo: Algum fato marcante que o senhor queira relatar...

Milton: O que marcou muito, me deixou feliz foi o próprio Frei Ludovico. Lembro com saudade das excursões que ele fazia com os funcionários. Minha filha, uma menina de 10 anos, me acompanhava sempre. Certa vez, nós fomos à praia de Itaipú, em Niterói. Chegando lá a gente estava apanhando sol e Frei Ludovico sempre junto, colocava sua sunga e participava. Ele chegou pra mim, conversou, mexeu com a minha filha e disse: “Cuidado para não se queimarem demais”. Outra vez na Barra da Tijuca. Levamos chopp, tudo que era bebida, naquele dia estava vazio e apareceu um grupo de 4-5 pessoas e a pessoa que estava servindo ficou sem autoridade de servir aquele grupo e o Frei Ludovico vinha passando e ouviu, pegou esse grupo e levou lá. São coisas que marcaram muito, ele era muito legal com a gente.

ANEXO B-13

Entrevistado: Orlando Bissoli

Data: 6 de novembro de 2000

Marcelo: Seu Orlando, o senhor pode começar se apresentando...

Orlando: Meu nome é Orlando Bissoli. Entrei na Vozes no dia 25 de julho de 1975. Nasci em Mar de Espanha, MG, no dia 13 de novembro de 1924. Sou casado com Maria Tasse Bissoli, pai (adotivo) de Janaína Martins Rodrigues. Vim para Petrópolis em 1947. Trabalhei, morei no Hotel Dom Pedro durante 28 anos. Saí em 1975.

Fui indicado para a Vozes pelo Sr. Ildfonso, meu vizinho. Fiz uma entrevista com Gilson Gióia, lá dentro do refeitório, que era aqui em cima. Dias depois mandaram me chamar. Comecei a trabalhar na portaria.

Meu primeiro mestre foi o Ataliba, que também era porteiro. A portaria era muito acanhada. Tinha um corredorzinho simples, onde ficava o porteiro. Era um corredor feito com tábuas, que tinha um visor que dava para a loja (*show-room*). Então, quando a funcionária da loja, na época a Marilene, saía, o porteiro ajudava a cuidar da loja. Na

portaria tinha um telefone, uma cadeira, um armariozinho de 4 gavetas e uma mesinha muito modesta. Eu sempre falava: “Acho que deveriam fazer uma reforma aqui, pois a portaria é um cartão-de-visita”.

As cargas desciam da expedição, com as faturas, e o porteiro ficava responsável pela entrega das cargas. O porteiro tinha que conferir tudo. O horário era de 6:00 às 14:00 horas, de segunda à sexta. O outro porteiro entrava às 14:00 horas e ia até as 22:00 horas. Depois, passamos a trabalhar aos sábados. Às vezes, eu pedia para alguém ficar cuidando da portaria e levava o visitante até a sala. Não tinha cartão magnético como hoje. Era anotado o nome da pessoa em um formulário e era entregue no fim do dia com o movimento da portaria.

Marcelo: O senhor poderia contar qual foi o fato mais marcante desse período na portaria da Editora Vozes?

Orlando: Foi um assalto. É possível que os assaltantes já estavam vigiando, estudando o local há mais tempo. O Zé tava na portaria. O cara chegou e falou: “É um assalto, mas não vai te acontecer nada. Me leva lá no caixa”. O assaltante subiu com o Zé e quando chegou lá em cima mandou todo mundo se abaixar (todos os que estavam por perto) e pegou o dinheiro do caixa, malote, tudo e levou embora. É que todo o dinheiro da folha de pagamento vinha em um malote e cada funcionário recebia um envelope com seu ordenado na seção onde trabalhava. Depois disso logo o banco passou a trazer o dinheiro, mas aí com carro-forte e seguranças.

Marcelo: O senhor recorda do acidente com o motorista da Vozes, em 1980?

Orlando: O Guaracy estava com um ajudante e a este não aconteceu nada durante o acidente, onde o fusca da Editora, guiado por Guaracy, chocou-se com um caminhão. Guaracy, o motorista da Editora, foi fatalmente ferido no acidente, falecendo na hora.

Marcelo: Cite um momento feliz para o senhor...

Orlando: Era quando tinha churrasco entre os funcionários e eu ajudava a preparar o churrasco.

Marcelo: Conte sobre os lugares onde o senhor trabalhou na Vozes.

Orlando: Depois de trabalhar uns 12 anos na portaria, eu fui chamado para ser o encarregado da limpeza. Depois, o Ricardo Couto pediu para que eu cuidasse do café. Eu falei que precisava de um ajudante. Então falei com a Isabel, do DP, e indiquei a ela o Ferrin, porque eu já conhecia o serviço dele. Aí começamos a servir o café às 7 horas, porque o Ferrin era muito pontual.

Marcelo: Comente sobre os diretores da Vozes.

Orlando: Quando eu comecei era o Frei Ludovico Gomes de Castro. Ele foi uma ótima pessoa. Ele estacionava o carro na garagem que era perto do refeitório, saía do refeitório, passava pelo acabamento, corria todas as seções e só depois vinha para a sala dele.

Frei Arcângelo foi muito bom para a Vozes, porque quando ele saiu deixou a Vozes com 5 milhões de dólares aplicados. A Vozes podia viver só com os juros das aplicações. Para os empregados ele foi duro. Um dia ele falou em uma reunião que o

peçoal tinha que gostar mais da Vozes do que da própria família. O peçoal não gostou. Mas eu não me ofendi, porque entendi que ele pedia para valorizar a empresa.

Em dezembro de 1991 entrou o Frei Vicente. Ele lembrava de cada aniversário e vinha dar o abraço. Toda vez que ele ia para a Alemanha ele sempre lembrava de mim e da Cléa. Eu tinha muito contato com ele, porque ele pedia para fazer serviços particulares para ele. O Frei Vicente transformou a Editora. “Eu vim para dirigir a Vozes, não para celebrar missa”, ele disse. E eu só vi ele celebrando uma vez, na missa de corpo-presente do irmão da Cléa. Ele reformou, tirou o refeitório do segundo andar, modificou tudo, tirou corredor, mudou sala,... A Vozes era só máquina de escrever, ele trouxe computadores para todos, deixou a Vozes equipada.

Depois, entrou o Frei Estêvão. Esse viajava muito. Nas reuniões da CIPA que eu participava eles falavam que o Frei Estêvão estava trabalhando para livrar a Vozes das dívidas, que logo depois ele iria investir nos funcionários. Pena que ficou pouco tempo...

O Frei Gilberto era uma ótima pessoa. Mas foi para a Vozes um desastre. Não foi feliz na administração dele. Acho que ele veio de outra realidade. Ele já chegou querendo modificar tudo. Fez a obra lá em cima, reformou todos os banheiros, sempre com pedreiros de fora, de São Paulo. Depois, demoliu a carpintaria e trouxe um japonês para fazer um jardim no morro, com flores e tudo o mais vindo de São Paulo, inclusive jardineiros. Todas as obras que ele fez não deram nenhum retorno para a Vozes, só aumentaram as dívidas. E não era preciso trazer gente de fora. O peçoal da casa poderia ter feito, uma coisa de cada vez. Outro grande problema é que ele dispensou pessoas ótimas que trabalhavam aqui, como por exemplo o Ademir, do serviço de terceiros e o Valdair, da Contabilidade. E colocou outras pessoas de fora, com salários altíssimos,

gente incapacitada para a função, trouxe até um enfermeiro para ser assessor de *marketing*. E não deu resultado nenhum...

A nova diretoria dos quatro freis merece os parabéns porque fez uma coisa que eu e o Zé que trabalhávamos na portaria sempre dizíamos: “A Vozes tem que ter uma loja na Avenida”. Esse quarteto é mão-de-ferro. Mas estava na hora. Alguém tinha que tomar uma medida, senão a Vozes tinha acabado. E eu lembro bem. Um mês depois da saída do Frei Gilberto, fizeram uma reunião no refeitório e o Frei Moser falou: “Chegamos a um momento em que só nos restam três alternativas: ou nós fechamos a Vozes, ou fazemos só serviços de terceiros ou tentamos recuperar a Vozes, porque ela tem mais um mês de vida”.

Marcelo: Seu Orlando, como foram seus últimos tempos na Vozes antes de se aposentar?

Orlando: Eu nunca recusei nenhum horário. Nos últimos anos mudaram meu horário das 7:00 para as 6:00 horas da manhã, para preparar o café para todos os setores. Eu levantava às 4:00 horas, fazia a barba, tomava meu café, às 5:00 horas pegava o ônibus e no máximo 5:15 eu chegava na Editora. Em 25 anos de trabalho, um dia eu perdi a hora. Dei corda no despertador e esqueci ele travado. Cheguei dez minutos atrasado. Cheguei às 6:10 na portaria e assim que o Gilson Gióia chegou fui comunicar o fato a ele.

ANEXO B-14

Entrevistada: Rose Marie Muraro, ex-editora cultural

Data: 13 de dezembro de 2000

Marcelo: Rose Marie, comece contando a imagem que você tinha da Editora Vozes antes de você antes de trabalhar nela.

Rose: Como eu trabalhava na Conferência dos Bispos, que era o lugar mais progressista que eu já vi no século XX, com Dom Hélder, o grande profeta do futuro, tudo da Vozes parecia coisa do passado. Eu achava que a Editora Vozes antes de Frei Ludovico se identificava com a Igreja conservadora. Tinha aquela série “Vozes em defesa da fé”, que era contra o mundo moderno, que era contra os comunistas, que era contra os protestantes.

Marcelo: Como você foi convidada pelo Frei Ludovico para trabalhar na Vozes?

Rose Marie: Frei Ludovico chegou na CNBB e me convidou. Eu tinha quatro filhos pequenos e precisava de dinheiro e ele era muito simpático. Ele me convidou para fazer trabalhos para a Editora Vozes. Aí eu vim pra cá trouxe pra ele editar o jornal *Painel*

Brasileiro. Na época trabalha com a Ação Católica Francesa e trouxe uma pequena agenda, que começou a vender bem, com fotos e frases. Vendeu 50.000 exemplares. Eu comecei a organizar coleções para a Vozes. Uma do Pe. Gregori que era o catecismo da Igreja Progressista, uma de Educação, uma com o Milton Carlos que era de Política Externa Independente, e também uma chamada *Perspectivas do Futuro*, e tinha uma com Sílvio Gomes de Almeida que era sobre a narrativa, e vendia bem. Em 1964, quando os bispos fecharam com os militares (Dom Eugênio Sales, o Dom Agnelino Rossi, etc.) e Dom Hélder foi exilado em Recife, eu fui expulsa da CNBB e vim pra Vozes, onde escrevi o meu primeiro livro chamado: *Mulher e a construção do mundo futuro*, que vendeu 10.000 exemplares em três meses.

Marcelo: Conte como foi sua chegada na Vozes. Como você foi recebida?

Rose: Muito bem! Por causa da Conferência dos Bispos, os padres não tinham problema comigo nem Frei Frederico Vier, nem Frei Paulo Evaristo e nem Frei Aurélio. Eles me receberam muito bem. O Frei Ludovico, que era um gênio, viu que eu sabia editar, viu que já havia editado na Forense, que eu já havia editado na Fundação Getúlio Vargas e ele assinou a minha carteira em julho de 1969. Aí ele ficou muito preocupado por causa dos outros padres que não estavam muito contentes em ter uma mulher chefiando o editorial, porque eu dava os pareceres como eu dava na Fundação Getúlio Vargas, eu sugeria os livros, mandava fazer eu já tinha um contato muito grande com a mídia internacional por causa da CNBB, que foi a grande escola da minha vida. Ela começou os grandes movimentos sociais do século XX. Eu tinha contatos com grandes escritores da época, Dr. Alceu Amoroso Lima, Heloneida Studart, e grandes jornalistas.

Os militares acabaram proibindo meu livro em 65. Eles viam que *A Mulher construção do mundo futuro* estava sendo muito adotado. Era Nossa Senhora no céu e dona Rose na

terra. Ele estava sendo adotado pelos colégios católicos porque ele era um livro muito confessional e era também vindo da Vozes que foi um produto que estava fazendo a revolução silenciosamente. Nos últimos anos, no último quinquênio dos anos 60 ela gestou, ela estava nas catacumbas debaixo da terra criando raízes, ela só aparece depois de 1970 quando vem a tortura e o regime militar e chega o Leonardo Boff. O Leonardo chegou querendo publicações alemães aí eu disse: “Rapaz, vai pra favela e você vai ver que isso aqui não tem nada a ver com a Europa!”. Então ele foi e conheceu o pessoal de JUC da AP e voltou com o livrinho chamado *Jesus Cristo Libertador* e eu vi que o rapaz era um gênio. Nunca mais ninguém conseguiu me controlar, porque eu tinha um grande aliado que era o Leonardo

Marcelo: Conte como foi o lançamento do livro *Mística feminina*, de Betty Friedan, no Brasil.

Rose: Foi uma comoção no país que não tem idéia! O país inteiro até hoje fala dessa mulher, fala do que aconteceu naquela época. Aqui no Brasil dos militares, em que tudo era reprimido e que estava pronto pra fazer a revolução das mentalidades que começa nessa época. Foi exatamente nessa época que começou a *Teologia da Libertação*, com *Jesus Cristo Libertador*, e nasceu o movimento feminista comigo, com *Mística feminina* e *Libertação sexual da mulher*.

Marcelo: Frei Ludovico apoiava sempre?

Rose: Sim. Tudo o que eu falar de Frei Ludovico é pouco, porque ele tinha uma humildade. Ele sabia mais do que todos nós aonde aquilo ia dar. Não tinha Leonardo, não tinha Rose Muraro, não tinha nada se Frei Ludovico não tivesse feito aquilo, não tinha aquela Bíblia da Vozes maravilhosa que era tudo que ele queria fazer em termos eclesiais. Ele era um grande superior, ele era um grande frade, meu Deus! Várias vezes

ele me salvou a minha vida, principalmente junto dos militares. Salvou a vida de muita gente. Um secretário que eu tinha, que era o antigo Frei Chico, dominicano, ele acolheu na Editora Vozes. O Sinval... era muita gente que era clandestina ele acolheu aqui, como Dom Evaristo depois fez com a madre Cristina. Dom Evaristo ia lá pro DOPS queimava a ficha da madre Cristina. Nessa época que eles fizeram “*Brasil nunca mais*”.

Marcelo: Você poderia citar publicações que tiveram problemas com a censura na ditadura militar?

Rose: Em 1969 Alfredo Buzaid veio aqui e tirou a nossa agenda de bolso. Nela eu tinha uma carta dos bispos da Ásia dizendo que o comunismo era mais próximo de nosso Senhor Jesus Cristo que o capitalismo. Então ele disse que era coisa mais perigosa do Brasil veio aqui e confiscou a agenda. Depois eu perguntei: “Frei Ludovico, o Sr. vai me mandar embora?” Ele disse: “Imagina, filhinha. Isso é assim mesmo”. Eu trouxe o Darcy Ribeiro, Roland Corbizier, esse pessoal de esquerda perigoso e ele acolhia. Em 68, quando Darcy Ribeiro foi preso, ele estava com nossos livros debaixo do braços.

Nos anos 70 foi a grande revolução no mundo editorial feita pela Vozes, porque a gente começou a dar um voto de confiança num novo pensamento brasileiro que estava nascendo. Era o Nelson Werneck Sodré, que veio pra cá, Darcy Ribeiro, Álvaro Vieira Pinto, que esteve aqui escondido por muitos anos, traduzindo livros com o nome de Alfredo Magalhães. Nos anos 70 o que aconteceu foi que nasceu também a “*Teologia da Libertação*” que a gente participou dos grandes movimentos contra a ditadura militar. Nós publicamos “*Comissão Trilateral*”, que tinha uma maçã mordida na capa. Foi um grande livro daquela época, denunciando o que veio ser mais tarde a globalização. Nos anos 50 você tinha as multinacionais, nos 60 elas eram transnacionais, nos anos 70, fizeram a comissão trilateral para os países abrirem a

economia, já tinha o FMI, já tinha o Banco Mundial, então eles já estavam começando a fazer aquela chantagem com o terceiro mundo. Havia a revolução das mentalidades e a Vozes participando com livros como: “*Vida contra a morte*”, de Norman Brown, “*Contra-Cultura*” do Rosnack; que foi indicado pelo Bresser Pereira.

Marcelo: E a relação com as universidades?

Rose: Começou em 1970 com a USP. Editamos com a USP. Procuramos o Mário Ferri e co-editamos vários livros com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), publicamos muita coisa, sempre a ponta avançada do conhecimento, muitas coisas tecnológicas porque eu vinha da área tecnológica, então eu tinha interesse. Teve aquela série que publicamos nos anos 60 que tinha o “*Homem câncer da terra*”, o “*Meio Ambiente*” que era profética, teve também “*Perspectivas do Futuro*”. Publicamos o Arthur Clark, com “*Inteligência do Universo*”. Teve também o meu “*Automação e o Futuro do Homem*”; eram coisa que seriam de ponta ainda hoje.

Marcelo: E os bestsellers começam a ser publicados quando?

Rose: Nos anos 80 com “*Queda para o alto*”. Eu conheci a Sandra Mara e quando ela soube que o livro ia ter um grande sucesso, ela se matou porque ela não agüentaria. Ela era uma menina de rua, lésbica. Depois veio o Rennè Dreifuss, com o livro “*1964: a conquista do Estado*”, que denunciava todas as instituições que tinham colaborado com o IBAD. O Rennè era meu amigo aos 16 anos de idade. Foi pra mim que ele entregou a tese, foi um impacto monumental na sociedade brasileira. Depois do Rennè vieram os arquivos da Marta Suplicy, do “TV Mulher”, com o livro “*Conversando sobre sexo*”. Depois veio o meu “*Sexualidade da Mulher Brasileira*”, depois vieram os livros sobre os grandes homens, sobre Teotônio Vilella feito pelo Márcio Moreira Alves; sobre Tancredo Neves feito pela Magda Neves trazido pelo Lucílio, “*Os senhores das*

Gerais”, sobre general Mourão, do Nelson Werneck Sodré sobre a globalização. E o último antes de eu ser expulsa foi o “*Brasil nunca mais*”. Depois realmente só teve um besteseller da Vozes que foi “*O jogo da direita*”, depois não teve mais nenhum. Quem trouxe o “*Minutos de Sabedoria*” foi o Eduardo Chuahy, também naquela época, em 1982.

Marcelo: Você poderia citar outras pessoas que participaram dessa efervescência cultural?

Rose: Foi o Eduardo que trouxe o pessoal da Civilização Brasileira, porque o Ênio estava falindo, sendo bombardeado pelos militares, não podia receber empréstimo de banco e estava falindo. Trouxe Pierre Weil, trouxe Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré, trouxe muita gente. Eduardo Chuahy que era meu colega da Fundação Getúlio Vargas e era um bom homem de finanças. Foi ele que ajudou Frei Ludovico no começo dos anos 70 a fazer dessa editora de padres uma editora profissional. Ele era muito bom para essas coisas, um bom estrategista.

Marcelo: Como acha que era vista pelos frades?

Rose: Havia uma manifestação surda contra mim. Aquele frade que você sabe, eu não vou dizer o nome dele, tinha não só uma resistência surda, como muita intriga, principalmente quanto ao feminismo, à sexualidade. Era uma perseguição. Eu tive que ir a Frei Estêvão e dizer: “Olha Frei, isso é uma coisa muito séria que a gente está fazendo, nós não somos loucos, a gente está iniciando um movimento social que é muitíssimo importante. Frei Estêvão era provincial nos anos 80. Quando saiu minha entrevista na Palyboy, Frei Ludovico disse: “Vai lá que você eu tenho certeza que você vai se entender com ele”. E eu me entendi muito bem com Frei Estêvão. Até que eu escrevi “*Erótica cristã*”, com os melhores teólogos do Brasil que jamais você saberá

quem foram. Eu disse: “Frei, o Vaticano vai me expulsar daqui, mas vou dar motivo. O senhor deixa eu publicar esse livro “*Erótica Cristã?*”. Ele autorizou e eu peguei os maiores teólogos do Brasil e fizemos eles ficarem no mais absoluto anonimato. “*Erótica cristã*” vendeu de cara 8.000 até o Vaticano saber. Quando o Vaticano soube mandou retirar e o Frei disse “eu não vou retirar, não, só não faço a segunda edição”. Continuou e em 87 aquilo não tinha mais nada, aquilo foi um rebuliço diante da Igreja e eu quero que grave isso. Os primeiros trabalhos de gênero que se fizeram no Brasil foram na minha época, com a Marta Suplicy e outras grandes feministas que publicaram aqui. E trabalho de gênero era uma coisa acadêmica, não tinha nada a ver com a teologia moral.

Marcelo: Como você viu a Vozes depois de 1968?

Rose: Não sei, não sei! Porque começaram a publicar o Ratzinger, começaram a publicar o Amílcar Lobo e eu levei um susto, perdeu a cara que tinha nos anos 70 e parece que houve muitas dívidas. Eu estava tão doída. Eu tive câncer por isso, então eu não queria saber muito da Vozes. Acho que ela ficou conservadora, junto com a Igreja. Felizmente, hoje a área progressista toma formas mundiais. Você vê de um lado crescer a globalização de uma maneira monumental e de outro lado crescer a resistência. É sempre Davi contra Golias, sempre, sempre. Eu acabei de escrever um artigo para o “Correio Brasiliense” dizendo o seguinte: Como é que se tira um modelo novo dentro do modelo velho? É a mesma fórmula de como os cristãos acabaram com o Império Romano. Na primeira geração eles organizaram os escravos, deram comida, deram sentido de vida, depois auto-estima que eles não tinham porque eram escravos. Depois, na geração seguinte eles ensinaram a ler pra entender a Bíblia, na outra geração eles já tinham competência suficiente para pegar os encargos subalternos do Império Romano, na outra mais tarde eles já tinham os empregos de ponta quando se fez a última

perseguição contra os cristãos caiu o Império Romano. É esse o modelo que Dom Hélder formou e a Vozes ajudou muito depois.

Marcelo: Você quer deixar uma mensagem para futuros editores da Vozes?

Rose: Se a editora quiser sobreviver, ela tem que pegar esse novo modelo sócio político econômico como ele é. Ser porta-vozes dele como ela foi no tempo do Frei Ludovico. Pegar a grande linha da Igreja, dos pobres, é assim que se faz. A Igreja durante todos esses 2000 anos ela foi também o lugar de liberdade contra opressão, apesar de tudo. Apesar da inquisição, das cruzadas e tudo sempre teve essa linha, teve São Francisco de Assis e outros santos que pregavam futuro. Se a Igreja ficar só com essa linha ela volta, se ela pegar a linha conservadora ela está liquidada e perdida. A globalização é o Satanás. Jesus Cristo dizia que Satanás era o príncipe desse mundo. Eu estava nos Estados Unidos passando muito mal com a cultura americana e disse para a mulher que me trouxe, que era uma rabina e lésbica, uma mulher inteligentíssima: “Rebeca, eu estou muito mal aqui, principalmente porque eu estou vendo esses horrores todos, porque vocês reprimiram a sua profundidade e ela disse: “Nós não reprimimos, nós vendemos a nossa profundidade em troca de poder e de dinheiro”. “Vocês fizeram a aposta do Dr. Fausto, venderam a alma ao diabo?”. Ela disse: “Vendemos”. Quando o diabo tentou Nosso Senhor Jesus Cristo, ele disse assim: “Eu te darei todos os reinos da Terra”. Nosso Senhor Jesus Cristo não aceitou, mas os norte-americanos aceitaram. Eles até morrem por causa do dinheiro.

ANEXO B-15

Entrevistada: Rose Marie Muraro, ex-editora cultural

Data: 3 de janeiro de 2001

Marcelo: Você dizia que o Frei Ludovico foi herdeiro direto dos movimentos sociais iniciados com Dom Hélder...

Rose: A prática foi soberana e pouco a pouco se construiu uma teoria e toda ela se construiu na Editora Vozes, graças a Frei Ludovico. Frei Ludovico segurou com seus braços os militares, o Vaticano, a Ordem Franciscana e a própria Editora Vozes. Ele segurou e deixou que a gente fizesse. Por isso que eu digo que ele é maior produtor cultural do século XX, porque tudo que ele fez hoje está aí concretizado seja nesse Fórum Mundial em Davos, seja nas grandes prefeituras das dez capitais que a esquerda tomou em São Paulo. Isso tudo não nasce do marxismo, isso tudo nasce de um movimento exatamente oposto, que é um movimento de justiça social que vem de baixo pra cima, vem por consenso, vem pelo trabalho de formiga, um a um, e não como fez o marxismo, de cima pra baixo de uma maneira autoritária, a mesma maneira tradicional, convencional de governo dos últimos 8 mil anos. O que se fez aqui foi algo

radicalmente novo no mundo. Hoje Dom Hélder é considerado um santo tão grande quanto Mahatma Ghandi. Quando eu digo que Frei Ludovico foi um dos maiores produtores culturais do século XX, só teve dois ele e o Ênio Silveira porque José Olympio, Francisco Alves, esses todos foram pessoas setoriais que só estimularam a literatura dissociada da realidade política.

Quem fez um estímulo da consciência política do povo brasileiro antes dele foi o Ênio Silveira, nessa linha tradicional marxista. O Ênio era o encarregado cultural do comitê central do partido comunista. Quando ele nos procurou em 1964, ele procurou a CNBB porque ele viu que os cristãos tinham conseguido fazer coisas que eles não tinham. Então o diretor do comitê central do Partido Comunista chamou a mim pra fazer uma editora com a Heloneida Sturdart pra fazer as Encíclicas de João XXIII, pra fazer literatura política que fosse uma integração do cristianismo e do marxismo, isso ainda estava sendo feito pela JUC e por eles. Mais tarde o Leonardo tomou do marxismo a teoria de classes, mas rejeitou a hegemonia do Estado, rejeitou o materialismo dialético, rejeitou a organização político-autoritária só sobrou pra nós a teoria de classe de Marx e a gente refez tudo.

A Vozes chegou a ser produtora e reprodutora da ideologia católica progressista do mundo daquela época, desde o Concílio Vaticano II até a chegada de João Paulo II, que foi o Papa planejado, que foi uma negociação entre o Reagan e o Vaticano. Foram as grandes instituições de pensamento americano porque os americanos (isso está no livro do René Dreiffus *A Internacional Capitalista*, eu não estou inventando nada), desde o começo do século pensavam a economia em termos globais e pensavam a política em termos globais ligados ao Império britânico. Foi assim que eles tomaram a hegemonia do império britânico e em muitos países havia uma filial dessas grades instituições. No Brasil foi o IBAD, em 64. Todos os países que não tinham essas filiais foram para o

mundo socialista e os que tinham ficaram no mundo capitalista. No Brasil tinha, e então foram eles que fizeram toda essa ideologia que permitiu que nos anos 50 se fizessem firmas multinacionais, que nos anos 60 elas se transformassem em transnacionais e em 1980 deram origem à abertura das economias, ao consenso de Washington, à flexibilização na área de trabalho e à emergência dessa teoria política que veio a dar na globalização. O Papa João I Paulo I foi um Papa da Teologia da Libertação. Ele chamava Deus de mãe, porque ele tinha lido o livro do Leonardo *O rosto materno de Deus* e foi assim que ele foi assassinado. Eu não vou dizer que foram as Cúrias que assassinaram, isto está no meu livro, eu acredito que foi a máfia, porque foi a lavagem de dinheiro da máfia. O Reagan chamou a Conferência dos Bispos dos Estados Unidos para ajudar ele a acabar com o comunismo e eles não quiseram por causa do belicismo dele. Depois ele foi falar com Emílio de Castro, em Genebra, que era do Conselho Mundial de Igrejas e o Emílio de Castro botou ele pra correr também. E o Papa João Paulo II aceitou. Ele foi eleito graças uma negociação entre o Departamento de Estado e o Conscistório dos cardeias. Eles queriam um Papa que fosse do Norte europeu, católico, carismático, de preferência polonês e ele era o homem que caía exatamente nas condições que a Igreja precisava pra acabar com o comunismo. E foi assim que o Reagan pagou todas as dívidas do Vaticano e ainda trocou a Nicarágua e o aborto pela Polônia. Foi assim que eles conseguiram um mundo unipolar.

Marcelo: Frei Ludovico sempre apoiava você e o Leonardo Boff?

Rose: Não, não apoiava. Era diferente, ele estimulava. Ele dizia pra mim: “Vai, vai e faz”. Dizia pra mim, o meu tema era muito mais perigoso, que era área de sexualidade, de gênero. Hoje os países que você vê maior índice de desenvolvimento humano são os países que tem o maior índice de desenvolvimento de gênero. São os países que tem o menor índice de corrupção do mundo. Os países onde a mulher está no poder não tem

criança na rua, tem maior esperança de vida, tem renda melhor distribuída. Não são os maiores países do mundo, mas os três países da Escandinávia, a Bélgica, a Holanda e o Canadá.

Marcelo: Você poderia nos contar como começaram essas publicações na área de gênero, da sexualidade. Qual foi o primeiro livro que você publicou sobre o assunto?

Rose: Foi *Sexualidade humana*, de um grupo do 1970, que fazia a história da sexualidade dentro da Igreja. Eu comecei publicando o primeiro livro feminista *Mulher e a sociedade de classe*, porque do na época ainda não se falava em sexualidade. A primeira a falar sobre sexualidade foi a Marta Suplicy e foram dois *bestsellers*: *De Mariazinha a Maria* e *Conversando sobre sexo*. Mas o grande livro foi o livro que nós fizemos, *Sexualidade da mulher brasileira*, que hoje é considerado no mundo inteiro o melhor livro nessa área. Isso foi dito pelo Félix Guatari e Giles Deleuze, que são os grandes pensadores, os mais importantes pensadores do mundo no século XX. Depois veio Betty Friedan, com o livro *Mística Feminina*. Quem me deu esse livro foi a Madre Cristina, porque consegui convencer as freiras de que se a Igreja era pioneira na libertação do homem a Igreja tinha que ser pioneira na libertação da mulher. Assim eu ganhei as freiras da Igreja Progressista. Só que a sexualidade foi de tal maneira reprimida que quando eu publiquei *Sexualidade da mulher brasileira* e dei a entrevista para a *Playboy*, a Conferência dos Bispos inteira veio sobre mim.

Marcelo: Vocês publicaram bastante coisa ligada ao feminismo. A Vozes era a única Editora brasileira que fazia isso na década de 70?

Rose: Tinha a Civilização Brasileira, que publicou a Carmen da Silva, só. Que eu saiba não tinha mais nada. O feminismo era altamente maldito. Depois, só quando a gente

começou na Vozes que veio a Eva Blai, a Ruth Cardoso, a Marta Suplicy, a Carmen Barroso, a Cristina Tusquini, tudo no começo dos anos 70.

Marcelo: E a vinda da Betty Friedan no Brasil?

Rose: A Beth Friedan foi chamada por mim porque na época eu era diretora editorial e a gente disse assim: “Frei, vamos trazer um escritor internacional?” Eu pensei no Norman Brown, eu pensei no Michel Foucault mas a primeira pessoa que eu telefonei foi Betty Friedan e ela disse que vinha só pela passagem e a estadia. Eu disse: “Frei, ela disse que vem só pela passagem e pela estadia, uma mulher que está famosa no mundo inteiro”. Aí ele mandou vir. Ela teve as páginas amarelas da VEJA, ela deu uma entrevista para o Pasquim, quase matou o Millôr Fernandes, mas olha, a TV GLOBO fazia enquetes de opinião pública em cada esquina do país, tal era o interesse e o medo que a população brasileira tinha das feministas. Eles diziam a aluna da Betty Friedan no Brasil é a dona Rose, então dona Rose é sapatona, é contra os homens. Isso em plena revolução das mentalidades. Eu trabalhava no Instituto Vila-Lobos e era onde os egressos de todas as Universidades iam, porque eram os resistentes, era a nova cabeça do século XXI que estava se formando. Eu levava Frei Ludovico pra lá. Fiz o lançamento do *Automação e o futuro do homem* no Vila-Lobos, e Frei Ludovico foi. Ele se divertia muito comigo, porque eu estava no meio dessas coisas todas, por causa do feminismo. Frei Ludovico não estava nem aí. Ele dizia que “Sexualidade não é pecado, pecado é o poder”. Isso é uma tirada de gênio que só muito mais tarde as pessoas vieram a entender. Eu só vim entender quando morei nos Estados Unidos e vi como a ética protestante manipulava a sexualidade dos americanos pra fazer com que eles trabalhassem obsessivamente.

Marcelo: A partir dessas primeiras publicações foram surgindo outras pesquisas nessa área?

Rose: Aí começou o movimento feminista no Brasil. Ele estava restrito à USP e às Universidades, era um movimento acadêmico até 1975. Em 1975 nós fundamos o Centro da Mulher Brasileira, com uma festa na ABI que a ONU teve que patrocinar senão éramos todas presas. Em 72 nós tentamos fazer o Congresso Feminista e era eu, a Romi Medeiros e a Zuzu Angel. Aí os militares queriam me prender e a Romi pegou todas aquelas mulheres de classe dominante e disse: “Se ela for presa nós todas vamos juntas”. Eles ficaram apavorados e aí eles resolveram desqualificar o Congresso. Os valores tradicionais estavam sendo transgredidos por todas as mulheres e eu fui a primeira, então eu sofri todas as conseqüências disso. Hoje essa modificação da moral convencional já é coisa do passado. Naquela época trabalhar na Igreja do jeito que eu trabalhava e fazer o que eu fiz foi uma coisa violentíssima.

Marcelo: O livro da Heloneida Strudart, *Mulher, objeto de cama e mesa* também provocou também bastante polêmica...

Rose: É. E no entanto era um livro tão bem comportado. A Heloneida é muito bem comportada, então ela é aceita por todos. Eu não sou bem comportada, porque eu abro o jogo. A Heloneida é uma pessoa que tem toda uma ideologia política progressista e tem um comportamento conservador, então, ela consegue ser aceita por gregos e troianos. Eu era maldita, eu só era aceita pelo Frei Ludovico. O outro livro dela, *Mulher, brinquedo do homem*, que eu publiquei antes desse, naquela época era violentamente renovador. Tenta ler. Mas tem que ver com o olho da época. Hoje a gente vai muitíssimo mais fundo, a gente vai nas bases radicais de tudo, mas quando a gente começou a gente tinha que começar por fora. Todo trabalho de transformação da

sociedade brasileira se fez na Vozes. Não tenho idéia de nenhuma editora que tenha tido esta cara e graças à Igreja. A Igreja existe há 2.000 mil anos e ela é muito radical. Quando ela se transforma, se transforma também de maneira radical. Ela resistiu às Cruzadas, resistiu à Inquisição, ao Nazismo. Toda cúpula da Igreja era mancomunada com o poder. No entanto a base da Igreja, que é o povo de Deus, ela nunca foi mancomunada com o poder. É por isso que não consigo ser materialista. Alguma coisa muito misteriosa tem aí.

Marcelo: Além das publicações do feminismo, vocês também publicaram muito de Ciências Sociais...

Rose: É. Nós começamos a Teoria de Sistemas, que era radicalmente desconhecida. Nós começamos a dar uma força à nova cultura brasileira que renasceu de uma maneira radicalmente diferente de antes da ditadura militar. Publicamos teses de mestrado e doutorado importantíssimas. Fomos os primeiros, ninguém fazia isso. Não tinha editora no Brasil que tivesse coragem. Eu peguei os maiores intelectuais do Brasil e dava assim 2% sobre o preço de cada livro que eles trouxessem e que a gente fizesse. O negócio cresceu loucamente. E em 10 anos a Vozes saiu de uma editora desse tamanho pra ser a 2ª editora do Brasil. E só depois desse período de maturação dos anos 70 é que começaram a vir os grandes *bestsellers*, os grandes intelectuais para a Vozes como os marxistas, como Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré, Roland Corbisier e todo mundo que era válido veio pra Vozes, que era o único espaço de liberdade, graças a Frei Ludovico.

Marcelo: E nesse período de polêmicas e de crises, como era convivência tua com o Leonardo e com o Ludovico? Vocês se ajudavam?

Rose: Era da maior profundidade, mística talvez, era uma relação de cumplicidade. Quando o Frei Ludovico colocou um padre era para me controlar, porque os padres não estavam satisfeitos de ver uma mulher no editorial religioso. Aí a primeira pessoa que ele trouxe foi Edgar Orth, que nem tomei conhecimento. O segundo foi aquele padrezinho que veio da Europa, o Leonardo, e em cinco minutos eu me entendi com ele, nunca mais eu tive problema na Ordem. Quando você é radical você arrebenta tudo. E o Leonardo era tão radical quanto eu, quanto Frei Ludovico. Nós três nos entendemos profundamente, direto, sem nenhuma mediação. Primeiro eu me entendi com Frei Ludovico direto, ele pertenceu à minha família.

Marcelo: Eu queria que você comentasse um pouco mais sobre o trabalho cotidiano de vocês.

Rose: Eu era mais famosa que Leonardo naquela época, ele passou a ser famoso nos anos 80. A Teologia da Libertação ainda não tinha saído de dentro da Igreja e o feminismo transbordava, era uma coisa da sociedade inteira. Depois abriu a Teologia da Libertação e o Leonardo foi o grande inquirido do século XX. Foi a grande pessoa tocada pela inquisição do século XX, foi uma espécie de Giordano Bruno. Olha aí o nível das coisas que faziam naquela época. Depois daquilo nunca mais aconteceu nada na Vozes. Me diga um grande nome que tenha vindo depois. Tem? Tem não. Leonardo dava palestras no mundo inteiro, porque ele foi formado na Alemanha, então ele tinha uma caixa de repercussão internacional que eu só estou começando a ter agora, por incrível que pareça.

Eu conversei muito com o Philip Evanson, que fez o livro *Memórias de uma mulher impossível* comigo. Ele me dizia: “Eu sou americano, eu sou brasilianista e tudo o que a gente vê são os latino-americanos falando da sua realidade. Vocês tiveram coragem de, a partir do ponto de vista da América Latina, apresentar um ponto de vista universal”. Nós fomos os únicos fora do mundo desenvolvido que desenvolvemos uma teoria a partir do subdesenvolvimento, fui eu na parte de mulher e o Leonardo na parte da Igreja. Se nós não tivéssemos tido um pensamento universal a *Vozes* não tinha sido o que foi, quer dizer, essa é nossa parte. Nós estávamos no lugar certo na época certa. Nesse momento é que eu vejo a mão de Deus. É muito misterioso, parece uma trama sendo tramada. Como essas pessoas se atraíram ali e não outras? Frei Ludovico tentou colocar vários antes da gente para ser sucessor dele, mas, com perdão da palavra, eram todos umas bestas. O Frei Carmelo parecia um cardeal da Idade Média; Frei Clarêncio idem, não deu certo, Frei Boaventura idem. O que deu certo foi eu, Leonardo e Frei Ludovico. Aqueles que eram convencionais não se davam com Frei Ludovico. Ele estava muito à frente, inclusive de mim e do Leonardo. Ele não era um intelectual, então ele sentia no nível da intuição sem passar pela racionalidade o que era do futuro e o que era do passado. O que acontecia é que por baixo de tudo havia uma reação surda do pessoal que fazia intrigas no Vaticano e a gente sentia que fora isso era uma aceitação monumental. Sabe o que dava impressão? Que o Brasil inteiro ficava agarrado na gente com única possibilidade de respirar por causa da censura e da ditadura militar. Nós estávamos pouco ligando para a repressão. Nós éramos rigorosamente irresponsáveis, a gente procurava falar a verdade e fazer a verdade, não importava o que acontecesse.

Marcelo: Como vocês faziam a captação dos originais para serem publicados?

Rose: Aí que está a diferença da *Vozes*, eu fazia isso com os intelectuais de universidades e os grandes escritores. Os gerentes, na sua humildade, iam pelo interior e

catavam originais. A nossa compreensão (minha e do Leonardo) foi de pegar esses originais humildes do interior e dar uma repercussão nacional. Foi isso que fez a Vozes. Ela fez a nova cultura brasileira. E isso tudo vinha porque a gente tinha opção preferencial pelos pobres. Depois de *Queda para o alto*, por exemplo, eu disse: “Vou começar uma galeria de mulheres emblemáticas”. Eu peguei um livro sobre uma prostituta no Recife, chamado: *A difícil vida fácil*, era a história de uma moça que foi ser prostituta para ver como era. E aquilo virou objeto de estudo de muita gente. A moça era ingênua, era isso que tinha que fazer; não era um livro intelectual para ser julgado pela elite dominante. Teve o Adão Preto, poeta popular do Rio Grande do Sul, o Patativa do Assaré, do Ceará. E eram os próprios gerentes que traziam, os padrezinhos lá de baixo que traziam .

Marcelo: Vocês tinham a preocupação em editar bons livros.

Rose: Quando você vai procurar uma namorada você não encontra nada que preste, quando você vai procurar um livro que vende, não encontra nada que preste. Vai fazendo a coisa que você acha que presta que ela acaba vendendo. A Vozes começou a sair da falência quando os livros encontraram um inconsciente coletivo e todo mundo começou a comprar, comprar porque o inconsciente coletivo da Igreja queria a opção preferencial pelos pobres se não quisessem não vendia nada. O Leonardo nada mais foi que um captador. O pensador nada mais é do que aquele que capta o inconsciente do povo, nada mais. Por isso que eu digo que eu vejo a mão de Deus aí. A única média que a gente tem é ter essa ligação inconsciente com o inconsciente dos outros que nem todo mundo desenvolve, só os místicos. E o grande místico era Frei Ludovico.

Marcelo: Eu ouvi que ele tratava os funcionários de uma maneira toda especial.

Você acompanhou isso?

Rose: Eu vi a Editora crescer. Eu vou comparar a Editora Vozes com a Record. Na Record, como o Sérgio Machado é odiado, todo mundo sabota um pouquinho e ele pára. No tempo de Frei Ludovico aqueles funcionários diziam: “Gente, se a gente não trabalhar por essa Editora a gente não come, porque isso aqui é muito bom, a gente não vai encontrar nada melhor”. Então eles não só faziam o que deviam, como eles vestiam a camisa da Editora e faziam muito mais do que era pedido. Foi assim que a Editora cresceu como um fermento. Você entendeu a diferença? Ele tinha o apoio total dos funcionários, porque ele governava pelo consenso dos funcionários. Ele era até mão aberta com dinheiro, comprava máquina, pagava os direitos autorais direitinho, ele investia tudo para os funcionários. Aí ele me levava para almoçar nos grandes restaurantes, porque ele dizia “Olha ao invés de dar isso para o governo corrupto, vamos comer bem”. Até isso ele tinha. Até o desejo de ter uma vida pessoal bem realizada. Ele não era um cara masoquista, não.

Marcelo: Numa recente entrevista para a Folha de São Paulo você falava em neofeminismo acontecendo mais nos Estados Unidos. Você acha que no Brasil também isso acontece?

Rose: É mais avançado que nos Estados Unidos dez vezes! O feminismo no Brasil não é só é comportamental. Ele é gênero, como ele é política, é classe. Ele nasceu assim e continua assim, tanto que a gente quer engendrar o Estado. Eu estou fazendo a reforma do Estado com recorte de gênero no estado do Amapá, no Estado do Mato Grosso do Sul, e com 86 prefeitos no Nordeste de São Paulo. Eu estou ensinando gênero pra rede pública do Estado do Rio de Janeiro de ensino fundamental. Eu estou fazendo isso em

Brasília também, espontaneamente. Eles querem fazer a reforma do Estado do ponto de vista do gênero. Você quer mais que isso? Você acha que as americanas vão fazer isso? Vão nada! As mulheres americanas perderam a chama, perderam a estrela porque elas só falam em assédio sexual e pornografia e não sei mais o quê e se esquecem dos grandes problemas da exclusão social. Nós não, nós temos tudo isso muito claro.

Michel Foucault, que era nosso editado, dizia que o feminismo era o movimento mais importante do século XX e no fim do século ele ia se transformar em políticas públicas e também na chave de todos os problemas de desenvolvimento porque ele tinha a chave da super população na mão. Quem me falou também que era o grande movimento do século XX foi Barbosa Lima Sobrinho com 103 anos de idade. Pelo o que eu conheço do século XX, a coisa mais importante que aconteceu foi o movimento de libertação das mulheres, que começou na Vozes. Nossa preocupação era libertadora, não era uma preocupação individualista, apenas com a satisfação sexual. A satisfação sexual individual foi resultado de um questionamento muito mais profundo, de um questionamento libertador. Para nós, a sexualidade era totalmente secundária. A gente se preocupava com a exclusão em geral. A gente já sabia que dentro dos excluídos havia alguém mais excluído que o homem, que era a mulher.

A Vozes também publicou muita coisa étnica, como, por exemplo, o *Quilombismo*, de Abdias do Nascimento; *Contos Crioulos da Bahia*, do Mestre Didi; tudo isso era tão importante quanto o feminismo. Éramos contra racismo e sexismo. Enquanto não se mexesse nessas duas coisas, não se libertaria o pobre. A gente tinha que fazer, para não ser hipócrita e servir ao sistema. Você tinha que fazer as transformações e agüentar as conseqüências, senão não seria real.

Quando eu fiz *Erótica Cristã*, ele foi um dos livros mais revolucionários da Vozes. Esse livro eu fiz em 85. Eu já sabia que ia ser expulsa, eu fiz em 85 pra dar motivo para eu ser expulsa. Eu peguei os maiores teólogos do Brasil, nós discutimos sexualidade como *Erótica cristã*. Eu disse: “Vocês discutem comigo e eu dou absoluto anonimato pra vocês e agüento as conseqüências” Aí nós falamos o que quisemos sobre aborto, sexualidade, divórcio, transgressão e eu tive a visão teológica. Frei Ludovico vendeu 8.000 exemplares daquilo num instantinho e o Vaticano proibiu o livro. Frei Ludovico disse: “Eu não vou tirar esse livro das livrarias, eu só não faço uma 2ª edição”. Ele era fantástico! Eu jamais direi os nomes dos teólogos, nunca! Esse livro é que deu aparentemente origem à minha expulsão, mas eu já sabia! Não deu origem nada, eu sempre fiz por questão de provocar. Eu vou dar de graça? Eu não.

ANEXO B-16

Entrevistado: Sílvio César Lopes Pinto da Silva

Data: 10 de outubro de 2000

Marcelo: Sílvio, comece apresentando-se...

Sílvio: Meu nome é Sílvio César Lopes Pinto da Silva, tenho 48 anos, sou natural de Petrópolis. Sou casado com Valdete Pencinato Pinto da Silva – natural de Bemposta, Distrito de Três Rios, RJ, com quem tenho três filhos: Tobias, Natanael e Silva Maria, todos nascidos em Petrópolis.

Marcelo: Que imagem você tinha da Vozes antes de trabalhar nela?

Sílvio: Antes de vir trabalhar na Editora, já ouvia falar sobre a mesma, pois tinha dois vizinhos que trabalhavam na Editora: José Sérgio Weber (Aprendiz de Encadernação) e Hélio Weber (Auxiliar de Impressor *Offset*) isto nos anos 60. Pelos comentários, já sabia que era uma empresa familiar e franciscana.

Marcelo: Quando você começou a trabalhar na Vozes? Quais as funções que você exerceu?

Sílvio: Eu fui admitido em 20 de outubro de 1971. Comecei na função de Auxiliar de Escritório, no Departamento Pessoal. Em 28 de março de 1983 fui promovido a escriturário do Departamento Pessoal. Em 10 de fevereiro de 1987 fui promovido a sub-chefe do Departamento e no dia 1º de maio de 1992 a chefe do Departamento Pessoal. No dia 1º de junho de 1994, com a mudança do organograma, passei a exercer a função de chefe do Departamento de Recursos Humanos, função que exerço até hoje.

Marcelo: Como foram seus primeiros tempos de trabalho na Vozes?

Sílvio: Quando do início de meus trabalhos em outubro de 1971, no setor de pessoal existiam três funcionários: Gilson José Gióia, que era o chefe do departamento, o Nilton de Jesus, que era um auxiliar do departamento e eu é claro. Cuidávamos dos serviços pertinentes à área de pessoal: portaria, serviços gerais, telefonista, refeitório e ainda controlávamos serviços referentes à AFEV, como: pagamentos a médicos, controle da conta corrente dos funcionários, pagamentos de eventos, enfim, todo o controle de caixa.

Entrei justamente em uma época de crescimento da empresa, não só em maquinários como também em número de funcionários.

Marcelo: Como era o relacionamento entre os funcionários?

Sílvio: Era como uma família. Sabe por que? A resposta é simples. Existia um entrosamento, companheirismo, não só entre os funcionários de um setor como também de um setor para com o outro. Existia um bom relacionamento da Diretoria com as

chefias e subordinados. Era um ambiente de responsabilidade, comprometimento e satisfação. Existia e ainda existe oportunidade de crescimento na empresa.

Por estes e outros motivos, era raro ouvir: “Hoje vai ter uma dispensa” e até mesmo um pedido de demissão, pois era e ainda é gostoso trabalhar nesta empresa. Eu mesmo, nos anos 70, recebi proposta para trabalhar em um banco, na área de pessoal, com salário bem maior, mas não quis, pois me sentia muito bem e sabia que poderia crescer na Editora Vozes.

E nestes longos anos, me formei, casei, criei meus filhos e hoje ainda os ajudo. Isto tudo aconteceu pelo comprometimento e o profissionalismo entre Editora e minha pessoa.

Marcelo: Sílvio, o que você achou da administração de Frei Ludovico?

Sílvio: Frei Ludovico às vezes tinha um certo hábito. Ele passava por você ou solicitava que você comparecesse à Diretoria, e lhe fazia uma pergunta simples a respeito de seu setor, ou mesmo perguntas sobre as quais ele já tinha até conhecimento, mas perguntava apenas para saber se você sabia a respeito do assunto. Um dia eu estava no guichê do setor de cobrança, quando ele passou, abaixou próximo a mim e pegou um pedaço de papel do tamanho de uma borracha (papel em branco) e me perguntou se aquele papel era meu. É claro que na verdade ele só queria saber o que eu estava fazendo ali.

Nos anos 70, Frei Ludovico já colocava em prática um organograma bem moderno, onde não existiam funções como: Assessor de Presidência, Diretor Financeiro, Diretor Industrial, Diretor Editorial, Diretor Comercial, Gerente Administrativo, Diretor Auditor e outros cargos de chefes de departamento. Com ele era Encarregado do Setor de Vendas, Encarregado do Departamento Pessoal, Engenheiro Industrial e Redator Consultivo. Este era Frei Ludovico, muito esperto e conhecedor de tudo.

Um fator muito importante para a familiarização na empresa sem sombra de dúvida, foi a AFEV, que de 1970 até 1992 funcionava a todo vapor, prestando assistência social em diversas áreas como: Assistência Médica, pois não havia convênio com a UNIMED. Esportes: Disputava na cidade campeonatos de diversas modalidades entre as Indústrias (futebol, vôlei, tênis de mesa e outros). Muito importante era o comparecimento de funcionários até com seus filhos e esposas para assistir as competições. Passeios: Excursões a praias com até 10 ônibus, passeio para assistirem shows no maracanãzinho. Festas: Como confraternização de final de ano. Apoio: na compra de remédio, na compra de presentes para filhos de funcionários no natal, na compra de materiais escolares e na compra de ovos de páscoa.

No Biênio 1984/1985, fui presidente da AFEV, com uma seleção de Diretores como: João Pedrosa de Miranda, Carlos Alberto Drumonnd Costa, Ademir Simões de Paiva, Paulo José de Oliveira e vários colaboradores. Foi neste biênio que também aconteceram grandes eventos promovidos por esta Diretoria, a destacar: As primeiras Festas Caipiras, em 1984 e 1985; os primeiros Festivais de Choop, também em 1984 e 1985 e, no mesmo biênio, a primeira disputa de jogos internos entre setores (futebol de salão, soçaite, vôlei masculino e feminino, tênis de mesa, sinuca, cartas, dama e corridas), fazendo com que todos os funcionários tanto do sexo masculino como feminino e de qualquer idade pudessem participar. Conquistamos ainda o título de campeão geral dos jogos entre indústrias, promovidos pelo SESI e promovemos várias excursões a praias com diversos ônibus lotados. É claro que com tudo isto, só poderia ser uma família.

ANEXO C

Correspondências

ANEXO C-1

Modelo de correspondência padrão enviada



EDITORA VOZES

Petrópolis, 27 de setembro de 2000.

Caro (a) _____

O Projeto “Vozes 100 anos” está organizando, entre outras coisas, os arquivos históricos da Editora Vozes e um livro comemorativo sobre estes 100 anos de atividade editorial. Além disso, estou preparando uma dissertação de mestrado em Comunicação sobre a gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro como diretor. Pretendemos contar, no livro e na dissertação, não apenas a história dos diretores, autores ou colaboradores que marcaram este centenário, mas também dos trabalhadores que, em diferentes locais e funções, protagonizaram esta trajetória.

Nosso desejo era realizar uma entrevista pessoal com cada uma das pessoas que, assim como você, foram(são) de fundamental importância para a história da Editora. Mas, como o tempo e a distância nem sempre nos são favoráveis, vimos por meio desta convidá-lo para enviar, por escrito, sua colaboração, respondendo as seguintes questões:

1. Nome, dados pessoais (idade, estudos, naturalidades, família, filhos, netos, pais, etc.).
2. Que imagem você tinha da Editora Vozes antes de trabalhar nela?
3. Como foi seu início na Editora (dia, mês, ano, função, ...)
4. Em que setores (ou locais) você trabalhou? Que funções desempenhou? Em que períodos (principalmente os anos) você desempenhou estas funções?
5. Como era o seu trabalho, o seu dia-a-dia? Quem eram os seus colegas no setor (filial)? Como era o trabalho deles?
6. Como você caracterizaria os diferentes períodos (ou fases) que a Editora Vozes atravessou durante esse tempo que você trabalhou nela?

7. Favor citar nomes de pessoas (frades ou leigos) que marcaram sua passagem pela Editora Vozes.
8. Favor citar fatos curiosos, momentos de dificuldades, de alegrias, de realizações que ocorreram durante o período em que você esteve (está) trabalhando na Editora;
9. Favor citar livros ou outras publicações desse período que marcaram sua vida na Vozes.
10. Alguns acontecimentos conjunturais (Guerras Mundiais, Concílio Vaticano II, Conferência de Puebla, Ditadura Militar, crises econômicas, advertências romanas, compra de máquinas novas, mudanças de endereço, reformas, trocas de Diretores,...) influenciaram bastante na atividade editorial da Vozes. Você deve ter testemunhado a maioria destes acontecimentos. Na sua opinião, como a Vozes e, por extensão, seus funcionários, se comportou diante destes acontecimentos?
11. Outros fatos, relatos, testemunhos e mensagens que você julgar relevantes para os leitores interessados em conhecer a história da Vozes.

O roteiro acima é apenas uma sugestão. Você tem toda a liberdade para segui-lo ou para ignorá-lo, respondendo da maneira que julgar mais conveniente.

Favor encaminhar sua colaboração pelo correio para Marcelo Ferreira de Andrades – Projeto “Vozes 100 anos” (Rua Frei Luís, 100 CEP 25689-900 – Petrópolis, RJ; ou pelo e-mail: 100anos@vozes.com.br), até o dia 30 de outubro de 2000.

Ficamos à disposição para as informações que se fizerem necessárias.

Agradecendo desde já a atenção dispensada, despedimo-nos, com um forte abraço.

Cordialmente,

Marcelo Ferreira de Andrades

Coordenador do Projeto

“Vozes 100 anos”

ANEXO C-2

Correspondência de Frei Aloísio Scharf

ANEXO C-3

Correspondência de Frei Carmelo Silva

ANEXO C-4

Correspondência de José Lucílio de Castro

ANEXO C-5

Correspondência de Frei Boaventura Kloppenburg

Ajudas e vicissitudes

Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Novo Hamburgo, RS

1. Possivelmente sem a Editora Vozes eu não seria franciscano.

Em 1940 eu era ainda seminarista (estudante de filosofia) no seminário central de São Leopoldo, RS, da diocese de Pelotas. Minha família morava no município de Bagé, então parte daquela diocese. Nunca tinha visto franciscano. Mas durante o estudo da filosofia em São Leopoldo de tal maneira me interessei pelas publicações da Editora Vozes, que me tornei seu representante comercial. Em 1941 começaram a editar a *Revista Eclesiástica Brasileira* (já com este título), publicação trimestral, com apresentação imponente, arrojada, em grande formato, ao nível das grandes revistas congêneres, com claras feições de uma revista séria e até internacional, dos padres e para eles, tendo cada número (“fascículo” se dizia então), cerca de 280 páginas. Não só guardo, como ainda consulto aqueles volumes. Cada número era um livro atualizado sobre questões teológico-pastorais da época. O tempo e as comunicações eram difíceis: estávamos em plena segunda guerra mundial. Já então arranjei várias assinaturas para padres e seminaristas.

Terminados os estudos da filosofia, resolvi ficar franciscano e estudei teologia em Petrópolis, onde estava a Editora Vozes. Os estudantes de teologia tinham então em Petrópolis uma boa revista teológica interna chamada *Cruzeiro do Sul*. Fui seu diretor. Como se pode ver pela lista de meus artigos maiores (sempre entre 20 e 30 páginas), comecei então a publicar naquela revista artigos do tipo teológico. Na REB meu primeiro artigo (1946, pp. 246-269) foi sobre Santo Antônio, então proclamado Doutor da Igreja. Depois de ordenado, em 1946, me mandaram para Roma e me especializasse em teologia dogmática e, estudante ainda, desde Roma, publiquei vá-

rios artigos sobre a questão do nexó entre pecado e morte (*immaculata ergo assumpta*), em íntima colaboração com meu melhor professor de teologia, Frei Contantino Koser.

Quando em 1950 voltei para Petrópolis para ensinar teologia, encontrei logo as boas graças de Frei Tomás Borgmeier, O.F.M., o fundador da REB, que estava procurando um sucessor. De fato, desde 1951 ajudei a trabalhar na direção da REB no próprio escritório de Frei Tomás, que para mim era um grande senhor. Estava em casa! Em artigo editorial fiz questão de declarar formal e publicamente: “é nossa intenção, obedecendo a um desejo expresso do Santo Padre, continuar naquela orientação segura e positiva que até hoje tem distinguido, inspirado e guiado estas páginas. Não faremos nenhuma modificação substancial. O lema ao qual a REB obedeceu desde seu aparecimento, continuará o mesmo: revista do clero, feita pelo clero, para o clero”.

Assim entrei no grupo do pessoal franciscano que trabalhava na Editora. Na verdade, eram poucos e bem pobres. Mas lá estava então Frei Frederico Vier, O.F.M., que, embora não fosse o diretor, atuava mais ou menos nesta condição. Posso dizer que durante mais de vinte anos, até sua inesperada morte, ficou meu melhor amigo e colaborador. Nosso trabalho em comum era da mais pura e desinteressada amizade. Cada um no seu ramo (ele era mais filólogo, com especialidade no grego, latim e português), um competia com o outro e o ajudava. A pontualidade com que se publicava a REB era impressionante. De três em três meses, quando se editava mais um número, todos os outros trabalhos eram suspensos. A REB tinha absoluta preferência. E nos meus vinte anos saiu sempre com absoluta regularidade. Cada seção da revista tinha seu número de páginas. A REB não tinha secretário. Um ou dois dos estudantes de teologia me ajudavam. Eu podia escolher entre os melhores confrades estudantes da comunidade do convento franciscano. Nem todos eram iguais. Mas todos trabalhavam. E, claro, de graça, como eu também nada recebia nem queria. Para nós frades não havia carteira de trabalho, que veio bem depois.

Com o Concílio Vaticano II a REB entrou de cheio e com entusiasmo naquele importante encontro episcopal. Mas posso dizer que em todos aqueles anos difíceis do Concílio não tive nenhum problema pessoal particularmente grave nem com o episcopado, nem com a nunciatura, nem com Santa Sé. Pelo contrário: recebíamos louvores e reconhecimento. Basta ver, por exemplo, o sempre crescente número de assinaturas, certamente o mais evidente sinal de aprovação. Duplicamos ou até triplicamos. Nem conheço os números. Devem estar por lá no arquivo da Editora.

2. Tão rica e desinteressada colaboração durou até fins de 1971.

Resolvi então renunciar à direção da REB, para entregá-la a mãos mais jovens. A própria direção da Editora mudara. Frei Ludovico Gomes de Castro, O.F.M., era o novo diretor. Tinha ele outros colaboradores, projetos e planos. Era diferente. Eu não cabia naquele esquema. Frei Leonardo Boff, O.F.M., que como diligente e atencioso estudante de teologia em 1964 muito me ajudara, desde 1970, quando retornou doutor da Alemanha, trabalhava ao meu lado e sob minha direção na direção da revista. Ele seria o novo chefe. Desde que voltara da Europa não me entendia mais com ele. Como consta literalmente do meu diário de 30 de novembro daquele ano, “não combino com o modo de pensar dele. Para mim seria praticamente impossível continuar a trabalhar com ele, sem que nos desentendamos em coisas fundamentais. E assim, para não brigar, é melhor que eu me vá. Creio sinceramente que ele está errado em sua orientação teológica. Mas é dominante. Quero vê-lo daqui a vinte anos. Eu disse ao Frei Ludovico que, se, em mais alguns anos, a REB andar para trás em matéria de assinantes (pois desconfio que com a nova orientação vai perder leitores), e se então necessitarem outra vez de uma mão firme e ortodoxa, estarei disposto a ajudar ou a retomar a direção. Mas faço votos que isso não aconteça. Nos meus vinte anos de REB não tive nenhum problema grave com autoridades eclesiais, apesar dos tempos difíceis e delicados pelos quais passamos”.

No dia seguinte, 1º de dezembro de 1971, em carta ao Padre Provincial Frei Valter Kempf, O.F.M., que tinha sido meu colega de curso e casualmente estava em Petrópolis, expliquei: “Não consigo mais acompanhar os avanços da teologia no nosso ambiente petropolitano e não quero lançar a Revista numa direção reacionária.” Observe-se que então (estávamos em 1971) nem se mencionava a teologia da libertação, palavra que ainda não era corrente. Já no Discurso de abertura da Conferência de Medellín em 1968 nos dizia o Papa Paulo VI: “Sabemos como a fé é insidiada pelas correntes mais subversivas do pensamento moderno. A desconfiança que, inclusive nos ambientes católicos, se difundia acerca da validade dos princípios fundamentais da razão, ou seja, de nossa *philosophia perennis*, nos deixou desarmados diante dos assaltos, não poucas radicais e capciosos de pensadores da moda; o *vacuum* produzido em nossas escolas filosóficas pelo abandono da confiança nos grandes mestres do pensamento cristão é invadido freqüentemente por uma superficial e quase servil aceitação da filosofia da moda, muitas vezes tão simplistas quanto confusas; e estas sacudiam nossa arte normal, humana e sábia de pensar a verdade; estamos expostos à tentação de historicismo, de relativismo, subjetivismo e neopositivismo, que no campo da fé criam um espírito de crítica subversiva e uma falsa convicção de que, para atrair e evangelizar os homens de nossos dias, temos que renunciar ao patrimônio doutrinal, acumulado durante séculos pelo Magistério da Igreja, e de que podemos moldar, não em virtude de maior clareza de expressão, mas de mudança de conteúdo dogmático, um cristianismo novo, à medida do homem e não à medida da autêntica palavra de Deus. [...]. Hoje alguns recorrem a expressões doutrinárias ambíguas, arrogam-se a liberdade de enunciar opiniões próprias, atribuindo-lhes aquela autoridade que eles mesmos, mais ou menos abertamente, discutem a quem por direito divino possui carisma tão formidável e tão atentamente guardado; inclusive consentem que cada um na Igreja pense e creia aquilo que quiser, indo cair dessa maneira no livre exame, que rompeu a unidade da própria Igreja, e confundindo a legítima liberdade de pensamento que freqüentemente se equivoca por insuficiente conhecimento das verdades religiosas”.

Era esta a atitude em boa parte dominante no teologado, sobretudo entre os estudantes, de Petrópolis. Sentia-me dia a dia mais estranho em tal ambiente, como se fosse um superado. Assim sendo, era melhor deixar a REB em mãos mais novas.

O Padre Provincial, aceitando o pedido na carta de 4 de dezembro, me respondeu: “Não quero, todavia, esconder meu pesar porque, com toda a franqueza, você vai deixando um trabalho sempre bem feito, que nunca desmereceu a confiança irrestrita da Província, que não sabe como agradecer-lhe o serviço prestado com tanta dedicação, esmero, senso de responsabilidade, espírito de sacrifício. Em nome de todos, cúpula e base da Província da Imaculada, quero expressar meu grande e sincero ‘muito obrigado’, Frei Boaventura”.

E assim abandonei minha querida Editora Vozes de Petrópolis. Meus livros começaram a ser retirados do catálogo. Não só não quiseram mais publicar outro livro, mas a própria REB ficou terminantemente proibida de mencionar meu nome na lista de artigos meus publicados em outras revistas. Fui rigorosamente censurado pela própria Editora e simplesmente silenciado. E não apenas por um silêncio obsequioso. A exclusão foi total e brutal e durou anos.

Como Reitor do Instituto Pastoral do CELAM, fundei em 1975 outra revista, “de teologia y pastoral para América Latina”, chamada *Medellín*, nos mesmos moldes da REB, mas fora do Brasil e em espanhol, que funciona até hoje.

3. Logo que iniciei minha atividade de professor de teologia em Petrópolis apresentou-se com gravidade o problema dos movimentos religiosos livres no Brasil. Eram as numerosas denominações protestantes, agressiva e hostilmente anti-católicas e os movimentos do tipo espiritualista, principalmente em sua forma spiritista, geralmente tolerantes com relação à Igreja Católica. Na época também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) iniciou suas atividades, principalmente por iniciativa do Padre Helder Câmara. E os movimentos religiosos livres, então chamados também “seitas”, foram uma de suas primeiras preocupações. Alguma

coisa devia ser feita. O Cônego Agnelo Rossi tomou a si a preocupação com os movimentos protestantes e eu fiquei encarregado com o esclarecimento dos católicos sobre os espiritualismos. E a Editora Vozes se abriu generosamente aos dois movimentos. Vale a pena reproduzir aqui a carta que Helder Câmara então me escreveu, publicada na REB de 1953, p. 655:

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1953.

Prezado Amigo Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M. A Exma. Nunciatura Apostólica confiou ao Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a honrosa e agradável incumbência de transmitir a V. Revma., em nome da Secretaria de Estado de Sua Santidade e da Sagrada Congregação do S. Ofício, aplausos à sua Campanha contra a heresia espírita, conduzida com segurança doutrinária, espírito de fé e zelo pelas almas. Apraz-me também informar-lhe que na 1ª Reunião Ordinária da CNBB o Exmo. Episcopado adotou, oficialmente, uma Campanha Nacional contra a heresia espírita, em grande parte firmada nas sugestões numerosas dos artigos de V. Revma. publicados na Revista Eclesiástica Brasileira. Permita, ainda, que aproveite o ensejo para convidar V. Revma., em nome do Exmo. D. Vicente Scherer, presidente do Secretário Nacional de Defesa da Fé e Moral, para chefiar a Secção Anti-espírita desse Secretariado. Por todos esses motivos, Deus há de multiplicar Suas melhores bênçãos sobre V. Revma. Disponha sempre, meu caro Frei Boaventura, do amº em J.C. (ass.) † Helder Câmara, Secretário Geral.

Tomei o convite a sério. Com isso entrávamos numa nova fase de luta contra o Espiritismo, que tanto mal espiritual e psíquico e tanta confusão religiosa e doutrinária vinha produzindo entre os milhões de fiéis a nós confiados. Com a decisão dos Bispos tínhamos uma base segura e orientação uniforme. Era necessário agir. Nunca me faltou esta vontade. A mesma condenação do Espiritismo que os Bispos agora reafirmaram já estava na Pastoral Coletiva de 1915. Mas então permanecera letra morta. Agora não será assim. Procurei traduzir a letra que aí está –

clara, enérgica, escrita pelas Autoridades Eclesiásticas que souberam cumprir com seu dever – em ação imediata, sem demora, sem impossíveis compromissos, sem pecaminosas contemporizações.

O programa proposto pelo Episcopado foi publicado pela REB de 1953 pp. 764-766. O leque de atividades é enorme. Lembro aqui alguns que foram imediatamente executados com a pronta ajuda da Editora Vozes, principalmente de Frei Frederico Vier:

1. Esquemas de pregações sobre a heresia espírita.
2. Material sobre o Espiritismo para os cursos de formação doutrinária previsto para catequistas e participantes do apostolado dos leigos.
3. Refutação das acusações mais gerais que os espíritas movem contra a Igreja.
4. Esclarecimento sobre o pecado da magia, sobre as superstições e o sentido dos sacramentais.
5. Sugestões concretas sobre o modo de aproveitar o Dia de Finados e as Missas de defuntos, para a instrução sobre a morte e a vida eterna.
6. Folhetos de divulgação, entre o povo, sobre a inutilidade e a proibição divina de evocar os mortos.
7. Artigos, sueltos e noticiários para jornais, católicos ou não.

E muitas outras sugestões deste tipo.

Sem arte (não dispúnhamos de artistas), os folhetos, os cadernos e os estudos foram sendo publicados pela Editora Vozes sem arte, com muita simplicidade. Mas eram edições em grande quantidade. Só do folheto (16 páginas) *Por que o católico não pode ser espírita* tiramos mais de um milhão de exemplares. E alguns cadernos eram bastante grandes. Todos receberam várias edições. Não só o espiritismo, mas o espiritualismo em geral (esoterismo, teosofia, rosacrucianismo, maçonaria e ocultismo) foi objeto de esclarecimentos. Por vezes com obras bastante extensas, como *O Espiritismo no Brasil* (com 455 páginas), *A Umbanda no Brasil* (com 264 páginas), *O Reencarnacionismo no Brasil* (com 215 páginas), *A Maçonaria no Brasil*

(com 368 páginas (a quarta edição, em 1956, teve uma tiragem de 10.000 exemplares). Publicamos uma série de mais de 50 cadernos (entre 40 e 70 páginas) com o título geral de “Vozes em defesa da fé” (folhetos, cadernos, estudos). Trabalhava de dia e de noite e era ao mesmo tempo professor de teologia dogmática (todas as minhas preleções eram previamente elaboradas à mão) e Prefeito de Estudos (não tínhamos Reitor).

Foi sem dúvida uma atividade extraordinária. Mas foi repentinamente interrompida com o Concílio Vaticano II que, como então se pensava, com o método do diálogo iria resolver nossos problemas.

4. Eu mesmo, então, nomeado pelo Bem-aventurado Papa João XXIII para ajudar na preparação do Concílio Vaticano II, dediquei a este máximo acontecimento eclesial do século todas as minhas energias. Oficialmente nomeado perito (experto em questões teológicas), participei daquele encontro do princípio ao fim. E a Editora Vozes publicava cada ano um grosso volume (ao todo cinco) meu de crônicas e comentários sobre o Concílio. Era a máxima divulgação que no Brasil se podia fazer.

Terminado o Concílio e o período imediatamente posterior, com mais algumas publicações minhas, em livros e artigos, comecei a sentir-me, desde 1970, superado por uma avassaladora onda teológica crítica, que parecia deixar apenas cacos de teologia em minhas mãos.

Saí então, ou melhor tinha que ser afastado da minha querida Editora Vozes, que ignorou completamente o pluralismo teológico e se colocou agressivamente do lado crítico e negativo desta teologia, sobretudo quando começou a designar-se “teologia da libertação”, com declarados amores pela solução socialista dos problemas sociais que o comunismo internacional vinha impondo, com a crítica marxista do capitalismo e sua análise de produção. Queriam que a gente fosse especialista em sociologia, economia e política. Tinha-se a impressão que sumira a teologia, mesmo a que estava tão maravilhosamente presente nos documentos do Vaticano II. Sentia-me isolado, sobrando.

De repente, como por um milagre, tudo mudou. Com a implosão do comunismo ateu, em 1989, tudo está tomando outros rumos.

5. Entrementes fiquei velho. Retorno agora, uns vinte anos depois, já serenados os ânimos, com júbilo, e reencontro a “minha” Editora, a dos meus sonhos, não sem entusiasmo, já como professor e bispo emérito, esperando dar o último suspiro a fim de entrar na existência humana definitiva, sem cansaço nem repouso, mas com plena felicidade e alegria, para participar na eterna circulação do Amor entre o Pai, o Filho e Espírito Santo.

O endereço do autor:

Cúria Diocesana. Fax: (021 51) 594-6073.

Caixa Postal 583

Rua Joaquim Nabuco 543

93301-970 Novo Hamburgo, RS

Aos que estiverem mais interessados nas boas aventuras teológico-pastorais de Frei Boaventura, recomenda-se o belo livro, com 448 páginas, do historiador Prof. José Alfredo Schierholt: Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.; 80 anos por Cristo em sua Igreja. Rua Olavo Bilac. 491. Fone: (021 51) 714-3695. CEP: 95900-000 Lajeado, RS, Brasil

ANEXO C-6

Correspondência de Frei Almir Ribeiro Guimarães